

PESQUISAS

Antropologia nº 33

Ano 1982

Pedro Ignacio Schmitz
Irmhild Wüst
Sílvia Moehlecke Copé
Ursula Madalena Elfriede Thies

ARQUEOLOGIA DO CENTRO-SUL DE GOIÁS **Uma fronteira de horticultores indígenas no** **Centro do Brasil**

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. – Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. – Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. – Coordenador para Zoologia

— — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor. Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**

We ask for exchange with publications of similar character.

— — — —

Registro nº 634 – P. 209/73 da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Composto e Impresso na Gráfica UNISINOS

PESQUISAS

Antropologia n° 33

Ano 1982

Pedro Ignacio Schmitz, IAP, UNISINOS, bolsista CNPq
Irmhild Wüst, UCG, bolsista CNPq
Sílvia Moehlecke Copé, IAP, UNISINOS, bolsista CNPq
Ursula Madalena Elfriede Thies, IAP

ARQUEOLOGIA DO CENTRO-SUL DE GOIÁS **Uma fronteira de horticultores indígenas no** **Centro do Brasil**

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo, RS — Praça Tiradentes, 35 — Brasil

Dedicamos este volume a

Altair Sales Barbosa, Diretor do IGPA, UCG

Avelino Fernandes de Miranda, UCG

Mário Arruda da Costa, UCG

Ítala Irene Basile Becker, IAP

José Proenza Brochado, UFRGS

Ellen Fensterseifer Woortmann, IAP

Lenine de Oliveira

Herval Santana

Maria Aparecida de Souza

Júlia Issy

Nara Neide Gonçalves

Luiza Maria Mendes

Dulce Madalena Rios Pedroso, UCG

Wilson Ferreira da Cunha, UCG

Clóvis N. Savi, IAP

Liane A. Kohlrausch, IAP

Ivone T. Verardi, IAP

Clifford Evans e Betty J. Meggers, Smithsonian Institution

José Carlos Vaz, S.J., UCG

Os seus nomes estão estreitamente ligados a esta obra.
Deus lhes pague!

I. OBJETIVOS, MÉTODO, HISTÓRICO DA PESQUISA. AMBIENTE. OCUPAÇÃO DA ÁREA.

1.1. O PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS e a história dos projetos de pesquisa

1.1.1. Informações gerais

Quando, em princípios de 1972, o reitor da Universidade Católica de Goiás nos convidou para implantar um programa de pesquisa arqueológica no estado de Goiás, pouco mais que nada se conhecia da pré-história goiana.

Nesse momento uma grande parte dos estados litorâneos do Brasil já conseguira um primeiro panorama da sua pré-história, resultado de sete anos de pesquisa intensa, coordenada e sistemática no PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) e em outros projetos. A partir desses resultados se começava a olhar para o interior do Brasil em busca de explicações. Goiás, que confina com uma parte desses estados, e se localiza no centro do Brasil, passou a ser visto como área importante, na qual deveriam ser encontradas ao menos algumas das respostas para os problemas no litoral.

Os conhecimentos buscados nos estados litorâneos referiam-se à tecnologia desenvolvida pelos habitantes pré-históricos em confronto com o ambiente, suas técnicas de abastecimento e as formas de assentamento resultantes, juntamente com a razão das mudanças e das migrações. Objetivos históricos marcavam, portanto, fortemente essas pesquisas, que se preocupavam com a distribuição temporal e espacial dos fenômenos. Uma metodologia adaptada ao tratamento dos problemas havia sido desenvolvida (Meggers e Evans, 1970; Ford, 1962). Terminologias haviam sido unificadas (Diversos, 1976; Laming-Emperaire, 1967). Havia-se criado um mapa arqueológico para a denominação uniforme dos sítios descobertos; também Goiás acabava de receber semelhante mapa (Melo e Breda, 1972).

Dentro dessa perspectiva surgiu o programa Arqueológico de Goiás, visando conseguir dados comparáveis e complementares aos conseguidos nos demais estados. Por isso procurou estabelecer padrões tecnológicos, de abastecimento e assentamento das sociedades humanas pré-históricas, sua distribuição no tempo e no espaço, e a razão das mudanças, acomodações e migrações. Para o estabelecimento dos padrões tecnológicos, de abastecimento e assentamento o estudo de populações indígenas, remanescentes na periferia do Estado, pode, em certos casos, oferecer subsídios preciosos (Wüst, 1975). Mas as demais respostas teriam de ser conseguidas utilizando uma metodologia apropriada aos problemas em foco.

Fomos colocados diante de uma imensa área arqueologicamente desconhecida.

Como qualquer outro pesquisador, em circunstâncias semelhantes, passamos a calcular as possibilidades que a região nos ofereceria. Só então poderíamos estabelecer a nossa estratégia.

Afora o conhecimento de uns poucos sítios isolados, distribuídos pelo estado, nada mais existia sobre qualquer uma das regiões. Começamos, portanto, a procurar informações que fundamentassem nossas opções.

Um mapa físico da América do Sul nos mostraria imediatamente que Goiás está no centro do imenso planalto brasileiro, de paisagem pouco diferenciada, comportando o divisor de águas do baixo Amazonas (no norte), do Paraná (no sul) e do São Francisco (no leste). A impressão do planalto é, nesse mapa, a de um terreno ondulado, que tem as bordas trabalhadas pelo tempo. Nenhum rio ou corredor liga essa região às áreas de desenvolvimento cultural maior nos Andes ou no Alto Amazonas. No baixo curso dos rios mencionados, que têm sua origem nesse planalto, existem locais ecologicamente talvez mais ricos e diversificados, que poderiam sustentar um desenvolvimento técnico maior; esse desenvolvimento poderia acompanhar os rios, chegar às suas nascentes ou mesmo as ultrapassar, continuando ao longo de outro rio que se desloca em direção oposta, criando ao longo dos rios faixas de mais potência que os interflúvios. Nesse sentido os rios Araguaia, Tocantins e Paranaíba, deveriam ser examinados em busca de migrações ou adaptações locais.

Fixando-nos depois num mapa das formações vegetais do Brasil, as possibilidades de conexões com outras áreas do território

nacional se tornaram mais claras: os cerrados de Goiás estão ligados aos de Minas Gerais e Bahia, no leste; aos do Mato Grosso do Sul e do Norte no oeste; o cerradão e a mata tropical goiana continuam igualmente através do Mato Grosso; a mata tropical da beira dos rios se alarga em direção ao sul, e, por outro lado, desemboca na floresta de terra firme do baixo Amazonas.

Diante disso e das informações etnográficas e etnohistóricas (cap. 3), fizemos uma previsão do que poderia ser encontrado: nas áreas de cerrado esperávamos descobrir populações mais fortemente caçadoras-coletoras, que, no período recente, deveriam desembocar nos grupos indígenas conhecidos como Jê. Na floresta tropical, e talvez no cerradão, culturas de horticultores. Com exceção do grupo Karajá, que pode ter-se desenvolvido nessa mesma região, as demais culturas não pareceriam restringir-se à área, mas ocupar regiões maiores fora do estado, donde seriam originárias. Com isso uma grande parte das culturas observadas representariam fenômenos periféricos, cujos centros estariam localizados no sul, no norte, no leste ou no oeste. Em se tratando de área periférica, a maior parte dos grupos teriam chegado aí tardiamente e, numa área mais pobre que a de origem, ter-se-iam simplificado, sofrido aculturações e acomodações. Isso porque o ambiente ótimo, ou original, de cada um dos grupos não mais se realizaria e os contatos recíprocos das populações, cada uma buscando explorar até o extremo a sua área, teria provocado acomodações mútuas.

Essas novas tecnologias poderiam ter sido transportadas por populações colonizadoras que, a partir do seu território nuclear, passariam a ocupar regiões novas, ou seu conhecimento e uso ser difundido além das fronteiras do grupo originário sem maiores movimentos populacionais. Supúnhamos que as diversas tecnologias tenham apresentado tendências de expansão até encontrarem barreiras de natureza geográfica ou social.

Como se disse, o programa está endereçado à identificação das tecnologias e dos padrões de abastecimento e assentamento, sua distribuição no tempo e no espaço, as suas mudanças, acomodações e migrações. Para conseguir essas respostas escolhemos, dentro do estado, locais adequados para responder às nossas perguntas. Nessa escolha evitamos lugares que criassem excessivas dificuldades, quer por serem insalubres, quer por serem excessivamente afastados ou desprovidos de recursos, de modo que o dispêndio de tempo e dinheiro fosse compensado em termos de re-

sultados. O programa inicial, com 5 projetos deveria ser executado em 7 anos, de 1973 a 1979.

Toda a atividade está sendo realizada numa colaboração entre a Universidade Católica de Goiás, o Instituto Anchieta de Pesquisas e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sendo os financiadores principais o Conselho Nacional de Pesquisas, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Governo do Estado de Goiás e as instituições participantes.

Todo esse trabalho inicial seria feito por amostragem, escolhendo regiões no estado, locais dentro das regiões, sítios dentro dos locais e amostras dentro dos próprios sítios.

As regiões de cerrado, que deveriam fornecer elementos para a história de grupos mais fortemente caçadores ou coletores, estão representadas principalmente pela Serra Geral, divisor de águas entre o Tocantins e o São Francisco e limite leste entre o estado de Goiás e o estado da Bahia.

A floresta tropical, que poderia veicular influências amazônicas, está representada por uma área no Alto-Araguaia, limite com o Mato Grosso do Norte, onde pensávamos captar a influência do Xingu e talvez a evolução dos Karajá; outras áreas, no Médio-Tocantins e Uru/Almas, poderiam captar as influências do Baixo Amazonas.

A floresta tropical, que poderia veicular influências sulinas, está representada por uma área do Paranaíba, no limite com Minas Gerais.

Cada uma dessas regiões tem dimensões suficientes para ser subdividida em três ou quatro localidades separadas, de modo a manifestar a distribuição dos fenômenos culturais no espaço.

Em cada um dos locais se identificariam sistematicamente os sítios, com informações de casa em casa, até completar de 8 a 15 sítios contíguos, suficientes para indicar o que estaria acontecendo no local. Dessa maneira, em cada região, localizaríamos entre 30 a 40 sítios.

1.1.2. Objetivos:

Coletar amostras indicadoras da variação cultural da área, com vistas a uma reconstrução histórica dos antigos grupos indígenas e de uma primeira aproximação quanto às adaptações ecológicas das diversas tradições e fases culturais.

Estabelecer tradições e fases tecnológicas ou culturais, sua distribuição espacial, sua posição cronológica, seus limites e inter-relações, a partir de uma classificação modal dos artefatos, bem como do contexto geológico, geográfico e ecológico dos sítios e sua forma de implantação.

Traçar um quadro de cronologia relativa, confirmada por datações absolutas das tradições e fases, para mostrar o seu desenvolvimento cultural e as possíveis tendências de expansão ao longo dos cursos d'água ou por cima dos chapadões.

1.1.3. Métodos e técnicas de campo:

Com o objetivo de coletar amostras da variação cultural dos grupos pré-históricos das regiões escolhidas nos projetos, dividiu-se cada área em locais distanciados entre si 30 a 50 Km; em cada um deles se pesquisaram de 8 a 15 sítios aproximadamente, sempre que possível.

Com o objetivo de delimitar o sítio e de confeccionar um croqui detalhado das concentrações cerâmicas para evidenciar a morfologia do sítio, percorreu-se sistematicamente toda a área de sua implantação, como as áreas adjacentes. As concentrações cerâmicas foram marcadas com estacas. Nem em todos os sítios foi possível delimitar toda a extensão da deposição arqueológica por se encontrar parcialmente sob pastos ou vegetação de cerrado e mata. Em alguns dos sítios a ação prolongada do arado impossibilitou a demarcação de concentrações cerâmicas significativas, enquanto em outras as evidências arqueológicas não parecem ter sofrido maiores perturbações.

A observação minuciosa do material arqueológico nas concentrações, como também da localização das mesmas, levou à escolha das áreas destinadas às coletas sistemáticas de superfície. Estas se realizaram basicamente dentro de uma área não maior que 10 x 10 metros, de modo que as amostras fornecessem 100 a 150 fragmentos cerâmicos, quantidade necessária para um tratamento quantitativo. Devido à abundância de material arqueológico na maior parte dos sítios, realizaram-se em geral 2 coletas sistemáticas de superfície para possibilitar uma verificação da representatividade das coletas.

Com o propósito de facilitar a reconstrução das formas e a fim de captar outros elementos culturais importantes, como o lítico

e material cerâmico raro (rodela de fuso, cachimbos, apêndices etc) realizaram-se também, quando necessário, coletas não sistemáticas, pouco volumosas, destes elementos.

Nos sítios que evidenciaram ainda, em certas áreas, uma camada arqueológica intata, realizaram-se cortes estratigráficos, nos quais foram empregados níveis artificiais de 10 cm aproximadamente, uma vez que as camadas arqueologicamente férteis nunca ultrapassaram 30 cm. Nesta oportunidade também coletaram-se amostras de carvão para datação pelo método do Carbono 14. Os sedimentos escavados eram revisados com a colher de pedreiro, ou, quando conveniente, peneirados em malha suficientemente fina. Em nenhum dos cortes foi possível recuperar restos alimentares, devido à acidez do solo e ao intenso intemperismo.

O mapeamento de cada sítio indica, além da configuração das concentrações cerâmicas, a vegetação atual do local e das proximidades, a rede hidrográfica próxima, estradas, instalações da fazenda, a orientação do sítio e, quando possível, também o relevo a partir de curvas de nível ou perfis.

Todas as atividades de campo foram acompanhadas por um relatório em forma de diário, no qual registraram-se os dados sobre a localização, vias de acesso, aspectos geográficos e geológicos (topografia, hidrografia, solos, formações geológicas etc), a fauna e flora atuais e originais a partir das observações e entrevistas com os moradores antigos do local, a ocupação histórica e a presença do elemento indígena em tempos recentes. Com a finalidade de documentação e de subsidiar um estudo ecológico posterior fotografaram-se todos os sítios como também os seus arredores.

Desenharam e fotografaram-se também todas as peças cerâmicas e líticas encontradas pelos proprietários e trabalhadores no local do sítio.

Estudaram-se as coleções particulares na área pesquisada que, em geral, são constituídas de material lítico das proximidades. Todas as peças foram desenhadas, descritas e fotografadas.

A arte rupestre dos sítios localizados nessas áreas foi copiada em tamanho original, empregando lâminas de plástico. Descreveram-se seus motivos minuciosamente e mediram-se as profundidades dos sulcos e o tamanho das figuras representadas.

Além disso confeccionou-se um croquis detalhado da localização e do contexto ambiental dos petroglifos. Estes petroglifos já estão publicados integralmente (Schmitz, Moehlecke, Barbosa, 1979).

1.1.4. Métodos e técnicas de laboratório:

Após a limpeza e numeração dos artefatos, estabeleceram-se as fases e tradições culturais a partir das suas características, levando em consideração também a localização, a implantação e a morfologia dos sítios.

Empregaram-se para a análise da cerâmica os métodos e técnicas elaborados por Ford (1962), que foram aperfeiçoados por B.J.Meggers e C. Evans (1970).

Como se trata em geral de uma cerâmica simples, não decorada, buscaram-se critérios para o estabelecimento de uma seqüência seriada a partir dos diversos antiplásticos utilizados. Este tratamento quantitativo, para a obtenção de uma cronologia relativa, não é um objetivo final, mas um recurso para a formulação de problemas sobre o desenvolvimento cultural e os processos culturais.

A partir do desenho das bordas e bases em tamanho natural reconstituíram-se modelos das formas dos vasilhames, sendo que estes também foram submetidos a diversos tratamentos quantitativos. A descrição das formas foi baseada no esquema proposto por A.O. Shepard (1961).

Quanto ao tratamento do material lítico utilizou-se o vocabulário e esquema classificatório proposto por Laming-Emperaire (1967).

1.1.5. Histórico dos projetos Alto-Tocantins, Alto-Araguaia I, Centro Sul

O projeto Alto-Tocantins foi o primeiro realizado dentro do Programa Arqueológico de Goiás, abrangendo uma região do vale do rio Uru e das Almas e uma pequena parte das nascentes do rio Claro, aproximadamente entre os paralelos de 14° a 16° de latitude sul e 48° 15' a 50° 20' de longitude oeste de Greenwich.

Durante o período de maio a junho de 1973 foram localizados pelos professores Altair Sales Barbosa e Mário Arruda da Costa, 49 sítios cerâmicos em uma parte da área estabelecida, compreendendo os municípios de Mossâmedes, Heitoraí, Uruana, Car-

mo do Rio Verde, Jaraguá, Itapaci, Hidrolina, Petrolina, Taquaral e Itaguaru.

A pesquisa sistemática dos sítios se realizou durante o período de 3 a 31 de julho de 1973, sob a chefia do Prof. Pedro Ignacio Schmitz, com os seguintes integrantes da equipe: pesquisadores Altair Sales Barbosa, Ítala Irene Basile Becker, Irmhild Wüst; auxiliares Maria Aparecida de Souza, Herval Santana, Júlia Issy, Lenine de Oliveira.

A análise de laboratório do material coletado realizou-se ao mesmo tempo no Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo, e no Gabinete de Arqueologia da Universidade Católica de Goiás, sob a orientação geral do Prof. P.I. Schmitz, durante o período de agosto de 1973 a fevereiro de 1975, estando a cargo dos seguintes pesquisadores: P.I. Schmitz, Irmhild Wüst, Ellen Fensterseifer (do Instituto Anchietano de Pesquisas), Altair Sales Barbosa e suas auxiliares Nara Neide Gonçalves e Luiza Maria Mendes (Universidade Católica de Goiás).

Os recursos financeiros provieram das seguintes instituições: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação INCA de Cultura, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Universidade Católica de Goiás.

O projeto Alto-Araguaia foi realizado, abrangendo uma área do oeste, quase na fronteira com o Mato Grosso do Norte, aproximadamente entre os paralelos de 15° a 16° 30' de latitude sul e os meridianos de 50° 40' a 52° de longitude oeste de Greenwich.

Durante os meses de maio e junho foram percorridos os vales dos rios Vermelho e Claro e parte do Almas e Caiapó, na área mais próxima do leito dos rios, pedindo informações de fazenda em fazenda sobre a existência de sítios arqueológicos. Como a maior parte da região vive da criação de animais e a população mantém reduzido contato com a terra, a localização, em termos gerais, apresentou dificuldades. Na margem do Araguaia, devido à densidade da mata, que recobre as margens, não foi possível localizar nenhum sítio. Mas por outro lado, foi possível localizar sítios nas margens dos lagos próximos ao Araguaia na região de Britânia e áreas vizinhas.

Depois de percorridos 3.800 Km, haviam sido localizados 38 sítios arqueológicos, a serem estudados na segunda etapa. Os tra-

balhos de localização estiveram a cargo dos seguintes pesquisadores, ligados ao Gabinete de Arqueologia da UCG: pesquisadores Altair Sales Barbosa e Mário Arruda da Costa, auxiliados pelos alunos Nara Neide Gonçalves, Luiza Maria Mendes e Herval Santana.

A pesquisa sistemática em 32 desses sítios realizou-se durante todo o mês de julho, sob a coordenação de Pedro Ignacio Schmitz, pelos pesquisadores Altair Sales Barbosa, Irmhild Wüst, José Proenza Brochado, auxiliados pelos alunos Nara Neide Gonçalves e Herval Santana.

A análise, em laboratório, do material coletado realizou-se simultaneamente no Instituto Anchieta de Pesquisas por Sílvia Moehlecke, Úrsula Madalena Elfriede Thies, Ellen Fensterseifer e no Gabinete de Arqueologia da UCG por Irmhild Wüst, Altair Sales Barbosa e suas auxiliares Nara Neide Gonçalves e Luiza Maria Mendes, sob a coordenação de Pedro Ignacio Schmitz.

Os recursos financeiros para a realização do projeto provieram do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Universidade Católica de Goiás e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

O projeto Centro-Sul foi realizado para complementar informações sobre os dois projetos anteriores, voltando em parte às áreas pesquisadas e acrescentando uma outra localizada entre os paralelos de 16° 20' e 18° de latitude sul e entre os meridianos de 48° e 50° de longitude oeste de Greenwich. Foi dividido em 3 localidades.

A localidade 1 abrange as sub-bacias dos rios Turvo, dos Bois e Meia Ponte, afluentes do Paranaíba, nos seus cursos alto, médio e médio-inferior, abrangendo os municípios de Goiânia, Trindade, Guapó, Aragoiânia, Varjão, Nazário, Anicuns, Palmeiras de Goiás, Edeia, Pontalina, Aloândia, Joviânia e Goiatuba. 14 sítios levantados.

A localidade 2 abrange a sub-bacia do rio dos Pilões, bacia do Araguaia, município de Fazenda Nova. 7 sítios levantados.

A localidade 3 abrange a sub-bacia do rio Corumbá, afluente do Paranaíba, no seu curso médio, concentrando nos municípios de Urutaí e Ipameri. 2 sítios levantados.

A localização dos sítios nas áreas 1 e 2 iniciada em 1975 por Irmhild Wüst foi continuada em janeiro e fevereiro de 1977, sob a

direção de Altair Sales Barbosa e participação de Avelino Fernandes de Miranda e Lenine de Oliveira. A prospecção dos sítios na área 3 foi feita por Profs. Wilson Ferreira da Cunha e Avelino Fernandes de Miranda.

A pesquisa foi complementada e aprofundada em julho de 1977 por Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Sílvia Moehlecke, e a aluna Dulce Madalena Rios Pedroso, sob a direção de Pedro Ignacio Schmitz.

O trabalho de laboratório foi realizado em Goiânia por Sílvia Moehlecke, Avelino Fernandes de Miranda e Pedro Ignacio Schmitz.

No texto aparecem referências também a outros projetos:

O projeto Alto-Araguaia foi retomado nos anos de 1979, 1980 e 1981, estudando-se a bacia do Caiapó, onde apareceram sítios de horticultores da fase Mossâmedes (trad. Aratu), da tradição Uru e da tradição Una, além de sítios líticos das fases Paranaíba e Serranópolis.

O projeto Paranaíba, incompleto ainda, foi realizado nos anos de 1975, 1976, 1978, 1980, com fases de horticultores Jataí (trad.Una) e Iporá (trad. Tupiguarani) e líticos Paranaíba e Serranópolis. Sobre o material há várias publicações (Schmitz, Barbosa, Wüst, ed., 1976; Schmitz, 1980; Schmitz, Barbosa, Ribeiro, 1981a, b, c; Wüst, Schmitz, 1975).

O projeto Médio-Tocantins foi começado em 1978, encontrando-se no estágio inicial. Foi definida a fase cerâmica Pindorama (Schmitz, Barbosa, MS).

1.1.6. O texto final

Antes de se chegar a esta redação final, diversos relatórios parciais e monografias haviam sido realizados. Estão acessíveis no Instituto Anchieta de Pesquisas. Contêm todas as manipulações do material, através das quais chegamos aos resultados aqui apresentados. Irmhild Wüst estudou e redigiu as fases Mossâmedes, Uru, Uruaçu, Itaberaí e também compilou as informações sobre as populações etnográficas da área em 1975/6. Sílvia Moehlecke estudou e redigiu a fase Jaupaci. Úrsula Madalena Elfriede Thies estudou e redigiu as fases Aruanã e Itapirapuã. Ellen Fensterseifer estudou e descreveu a fase Iporá.

Com o acréscimo de sítios e uma compreensão melhor do material, as fases Mossâmedes, Uru, Uruaçu, Itaberaí e Jaupaci foram completamente repensadas, refeitas e naturalmente reescritas. Este trabalho foi realizado por Pedro Ignacio Schmitz, Irmhild Wüst e Sílvia Moehlecke, que redigiram este texto final.

1.1.7. Resumo dos resultados

O Centro-Sul de Goiás aparece neste momento como uma fronteira de vários grupos horticultores indígenas, como se pode ver no mapa anexo.

Os dois grupos maiores são os da tradição Aratu/Sapucaí e da tradição Uru, que se limitam ao longo do rio Uru/Almas, formador do Tocantins e do rio Claro, afluente do Araguaia, ficando os primeiros para o leste e os segundos para o oeste. A tradição Aratu/Sapucaí tem o seu domínio nos estados de Minas Gerais, Bahia e áreas vizinhas, como o Espírito Santo, o norte de São Paulo, o Piauí, talvez também Pernambuco; pertence aos horticultores do Planalto. A tradição Uru, ligada aos horticultores amazônicos, é conhecida até agora só do oeste de Goiás.

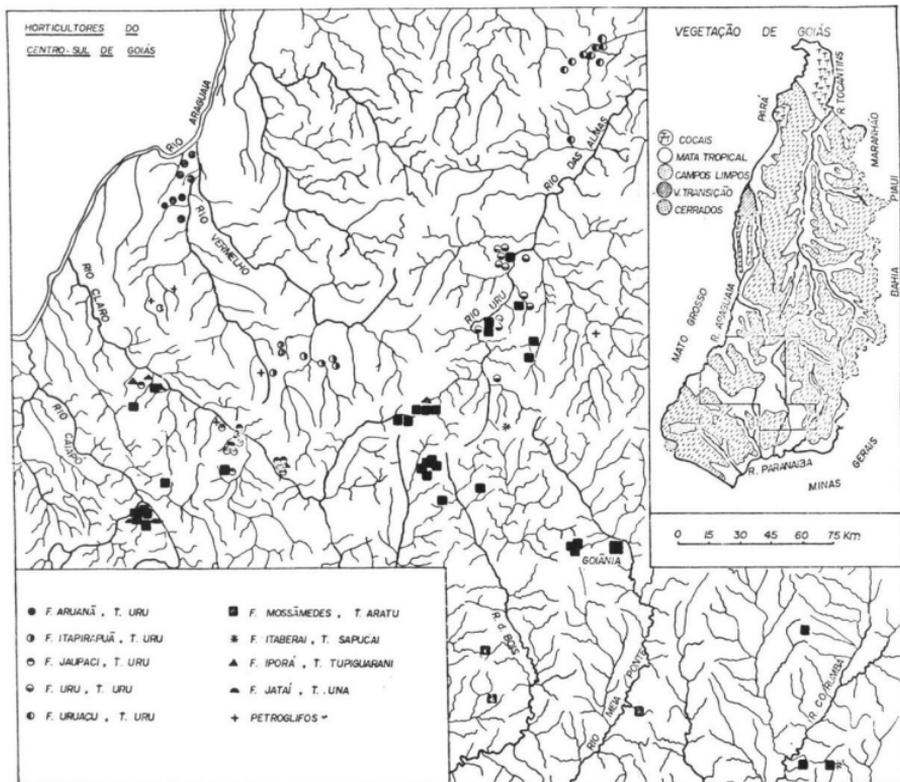
Ao sul destes temos dois outros grupos: o da tradição Tupiguarani, ao longo do Paranaíba e do rio Claro do Araguaia, e a tradição Una, como um cinturão ao longo das altitudes maiores do Sudoeste goiano. O Tupiguarani tem a sua concentração maior ao longo do Paraná e do Uruguai, no sul do Brasil e países vizinhos; a tradição Una forma uma faixa do Araguaia ao Atlântico, ao sul da tradição Aratu/Sapucaí.

São ao menos 4 tradições cerâmicas, ligadas aparentemente a outras tantas tradições culturais ou tecnológicas, que se encontram e limitam no grande divisor de águas entre as bacias amazônica, paranaense e sanfranciscana.

Como os diversos grupos de horticultores aí se encontraram, os contatos entre eles devem ter sido variados e complexos, como acontece nas outras fronteiras humanas. Arqueologicamente percebemos algumas situações, como incorporações de parcelas portadoras de uma tecnologia na aldeia de outra, substituição de uma tecnologia por outra no limite entre os grupos, perda de pequenos territórios de um grupo em favor de outro etc. Aparentemente também há grupos mais fracos, que aceitam mais facilmente elementos e tecnologia de outros ou que perdem pequenos espaços; e ou-

tros, que não aceitam nada de seus vizinhos e avançam sobre os seus territórios.

O trabalho refere-se principalmente aos grupos das tradições Aratu, Sapucaí e Uru, sendo esta última exclusiva da área. Os dados sobre as duas outras tradições (Tupiguarani e Una) estão parcialmente publicados e parcialmente ainda se encontram em análise.



1.2. O AMBIENTE

A região pesquisada está compreendida entre 48° e 51° 30' de longitude oeste de Greenwich, 14° 30' e 18° 40' de latitude sul. Abrange a margem direita do Alto Araguaia (rios Caiapó, Almas, Claro, Vermelho); o Uru/Almas formador do Tocantins; o Corumbá, o Meia Ponta, o Verde, afluentes da margem direita do Paranaíba. É o divisor de águas entre a bacia amazônica e a do Paraná, formado ali pelas altas chapadas das serras do Caiapó, Dourada e dos Pireneus, que podem alcançar cotas de mais de 1000 m de altitude.

A maior parte dos sítios (excluída só a fase Aruanã) se encontra em terrenos dos contrafortes baixos ou do sopé dessas serras, em cotas altimétricas de 350-800 m, junto aos córregos afluentes da parte alta ou média dos mencionados rios. A fase Aruanã está na parte baixa mais próxima ao Araguaia, em altitudes ao redor de 200 m.

Geologicamente toda a área (menos a da fase Aruanã, que está em sedimentos quaternários), está dentro do Pré-Cambriano indiferenciado com predominância de gnaisses e granitos ou o grupo Araxá, predominantemente com micaxistos e quartzitos. Localmente afloram arenitos do grupo Paraná ou Campos Gerais. (Dantas e Botelho, 1966: II-2).

Geomorfologicamente abrange cristas e regiões onduladas e pediplanadas. (Dantas e Botelho, 1966: II-2).

O solo (menos fase Aruanã) é predominantemente o Latossolo. Latossolo Vermelho-Escuro textura argilosa e textura média e Latossolo Vermelho-Amarelo textura argilosa e textura média são os solos preponderantes nesta associação, os quais, combinados com Areias Ácidas Vermelhas e Amarelas, compõem a feição pedológica monotona marcante das superfícies das chapadas e das áreas de relevo suave, muito difundida nessa unidade. Nas áreas de relevo montanhoso, nas encostas íngremes das secções do Planalto e nas áreas dissecadas de entalhamento de vales, constata-se inclusões de Solos Concrecionários Lateríticos indivisos, Litosolo, ocasionais Afloramentos de Rocha e, em alguns locais, Podzólico Vermelho-Amarelo. Na paisagem natural dessa unidade constitui traço típico a presença de veredas de buritis, dominando aí os Solos Orgânicos e Gley Húmico. Ainda como solos de várzeas, menos freqüentes nessa unidade cartográfica,

registram-se o Gley pouco Húmico e a Laterita Hidromórfica. (Carmargo, Bennema, Silva, 1966:II-5).

Junto ao Araguaia temos solos aluviais.

A circulação atmosférica é grandemente responsável pelo clima.

No verão domina a massa Equatorial continental (mEc), originária da zona aquecida do continente, caracterizada pela presença de florestas e savanas, onde predominam as calmarias do regime depressional continental. Nessa época o continente é um centro quente para o qual afluem de norte e leste os ventos oceânicos, oriundos da massa Equatorial norte (mEn) mais fria, vindo constituir, em terra, a massa Equatorial continental. Na depressão térmica produz-se acentuada ascensão, que, dada a falta de subsidência, empresta-lhe um caráter de instabilidade convectiva. Em virtude da forte turbulência e fluxo vertical do vapor, a umidade específica se distribui mais uniformemente com a altura; e, por se tratar de massa constituída de ventos oceânicos e sujeita a frequente condensação, a umidade relativa é elevada, propiciando abundante chuva.

No outono a mEc é empurrada para o interior do continente pela massa equatorial atlântica (mEa), originária do Atlântico sul, que vai dominar no inverno. Essa massa é constituída pelos alíseos do SE do Atlântico. Compõe-se de duas correntes, uma inferior fresca e carregada de umidade, oriunda da evaporação do oceano; a outra superior, quente e seca, de direção idêntica, mas separadas por uma inversão de temperatura, a qual não permite o fluxo vertical de vapor, assim barrado, assegurando bom tempo. (Nimer, 1966:II-6).

A temperatura média anual é de 20 a 22° C nas áreas mais elevadas, de 22 a 24° C em altitudes intermédias, sendo de 24 a 26° junto ao Araguaia. A média das máximas anuais é de 28 a 30° C nas áreas mais altas e de 30 a 32° C em áreas mais próximas ao Araguaia. A média das mínimas anuais é de 15 a 17° C na metade meridional e 17 a 19° C na metade setentrional da área. (Nimer, 1966:II-7).

A precipitação anual é de 1750 a 2000 mm. (Nimer, 1977:46).

O mês mais quente é setembro ou outubro, o mais frio é julho; a amplitude térmica, de 3 a 5° C. O tempo mais seco é de ju-

nho a agosto, quando praticamente não chove; o tempo mais chuvoso é de dezembro a fevereiro, quando as chuvas são constantes; durante o ano há 70 a 130 dias de chuva; a umidade relativa do ar é de 70 a 80%. (Nimer, 1966: II-7).

Há duas estações bem marcadas: a da seca, de inverno, com uma duração média de 4 a 5 meses; o índice xerotérmico é de 40-100, isto é, de 40 a 100 dias por ano a evaporação é maior que a precipitação. (Nimer, 1977:49).

A caracterização da região climática, segundo Gaussen, é 4cTh, ou tropical quente de seca atenuada, ou termoxeroquimênica e corresponde ao cerrado. Segundo Koeppen é Aw — de Savanas Tropicais (Galvão, 1959:90,91).

A vegetação da área abrange florestas mesófilas (ou florestas estacionais latifoliadas subcaducifólias tropicais pluviais), cerradões (florestas estacionais latifoliadas subcaducifólias tropicais xeromorfas), cerrado (formações não-florestais herbáceo-arbóreas com árvores perenifólias. (Lima, 1966: II-11).

No interior do Planalto Central, no espaço dominado literalmente pelos cerrados, destaca-se a presença de manchas de Mata Tropical, que são representantes de uma floresta dissociada do mundo amazônico e talvez correlacionada à da fachada florestal atlântica. Tal é o caso da área florestal conhecida por "Mato Grosso de Goiás", além de outras que estão sobre o Araguaia e o Paranaíba. Estas áreas florestais têm relevância na economia regional, atual e pré-histórica, por corresponderem a solos férteis. Mas por outro lado perdem expressão pela descontinuidade entre elas, restringindo-se a ilhas de mata isoladas no domínio dos cerrados.

Não parece haver dúvida de que a Floresta Subcaducifólia Tropical do interior seja mais relacionada a condições edáficas e de lençol d'água do que a fatores climáticos.

Waibel (1948) a distingue em mata de primeira classe, representante de terra melhor para cultivo, e de segunda classe, correspondendo a solos menos férteis. O "Mato Grosso de Goiás", que em 1948 ainda abrangeria 20.000 Km², segundo Waibel, está localizado num espaço de estrutura cristalina e de ocorrência de gabros e dioritos, submetido ao ataque erosivo remontante dos afluentes do Araguaia e do Tocantins. A mata recobria os vales e interflúvios, assumindo a especto de mancha compacta.

Sua organização supõe três estratos, sendo dois arbóreos e um herbáceo-arbustivo, mas forma uma associação mais aberta e rala do que a mata amazônica. As árvores mais altas pairam entre 25 e 30 m de altura, dominando o conjunto. Durante a quadra da estiagem cerca de 40% das espécies arbóreas mais altas perde a folhagem, o que implica em permitir que maior quantidade de luz se filtre e atinja as camadas inferiores, favorecendo a associação. O segundo estrato, também arbóreo, de folhagem mais persistente, forma uma camada ao nível de 5 a 15 m de altura. Finalmente, em nível mais baixo, com 1 a 2 m, aparece o estrato constituído de arbustos e ervas, que no tempo da seca ainda apresenta a folhagem verde e com seiva.

O caráter caducifólio proporciona que o chão fique recoberto pelas folhas secas desprendidas das árvores, formando no fim da estação de estiagem, um verdadeiro tapete. Este material é excelente para a formação de húmus.

As árvores mais altas apresentam troncos retilíneos e de casca fina, e entre as espécies predominantes estão o jatobá (*Hymenea* sp.) e a palmeira guariroba (*Cocos* sp.) Os caules dos elementos do segundo estrato são menos retos do que os das árvores da camada mais alta. Seus componentes arbóreos contam com o óleo vermelho (*Copahyba officinalis*) o jacarandá (*Machaerium* sp.), a canela (*Ocotea* sp.). No estrato mais baixo, arbustivo-herbáceo, é comum um bambu, cuja altura varia de um a dois metros.

Além das matas de primeira classe do "Mato Grosso de Goiás" existem as ditas "de segunda classe", relacionadas a solos mais desprovidos de húmus, menos férteis e menos profundos, ficando muito escassos de água durante o período de seca, afetando assim o aspecto geral da vegetação, que parece então um "mato seco", como é localmente chamado. Os solos onde se assentam tais "matos secos" são predominantemente argilo-arenosos, de cor avermelhada. Tal tipo de vegetação ocorre no espaço caracterizado pelo "Mato Grosso de Goiás", mas localiza-se nos interflúvios e na periferia da floresta.

Sua flora inclui espécies arbóreas freqüentes nas matas de primeira, mas apresenta árvores menos comuns naquelas associações. Assim é o caso do angico (*Piptadenia* sp.), da aroeira (*Schinus* sp.), da canela (*Nectandra* sp.), da sucupira vermelha (*Bowdichia* sp.), do óleo vermelho (*Copahyba* sp.).

Nas consideradas "matas secas" o estrato mais alto é constituído de árvores, cujas copas se situam entre 15 e 20 m de altura e formam um conjunto mais aberto. Assim, torna-se mais franca a passagem de luz solar, proporcionando condições para que o tapete rasteiro, constituído de gramíneas e ciperáceas, seja mais denso e o sub-bosque mais fechado. A deciduidade é mais acentuada, de maneira que cerca da terça parte das árvores perde as folhas na estiagem. Segundo Waibel o solo deste tipo de mata se esgota mais depressa, quando submetido a cultivo, sendo, pois aproveitado mais usualmente para formação de pastos. Estas matas não se restringem, contudo, ao chamado "Mato Grosso de Goiás" e outras áreas mais densas assinaladas sobre o Araguaia e o Paranaíba, pois também aparecem em pequenas manchas ou capões, que formam as depressões rasas, que a erosão provoca nas cabeceiras dos córregos e rios, podendo às vezes se unirem entre si, dando ensejo a matas mais extensas. (Santos, Innocencio, Guimarães, 1977:59 ss).

Nas matas do centro-sul de Goiás as espécies frutíferas mais comuns são o jaracatiá (*Carica* sp.), a pitanga preta (*Eugenia* sp.), a marmelada de cachorro (*Sterculia striata* St. Hil. et Naud.), a mutamba (*Guazuma ulmifolia* Lam.), o arará felpudo (*Psidium oleracea* Becc.) e o jerivá (*Syagrus romanzofiana* Chamisso).

Também são numerosas as palmáceas como a guariroba (*Syagrus oleracea* Becc.), o jerivá (*Syagrus romanzofiana* Chamisso), o palmito (*Euterpe edulis* Mart.), o babaçu (*Orbignya* sp.), a macaúba (*Acrocomia* sp.), o bacuri (*Scheelea phalerata* (Mart.) Burret.), o tucum (*Astrocarium* sp.), a guerovinha do pântano (*Syagrus* sp.), a buritirana (*Mauritia* sp.), que fornecem cocos, algumas palmito, além de material para cobertura de casas e fabricação de cestos e esteiras.

A taboca (*Bambusa* sp.) e o taquari (*Panicum* sp.) fornecem materiais variados.

O **Cerrado**, por força de seu importante estrato arbóreo, aproxima-se da formação florestal, ainda que de baixo porte, enquanto que, por outro lado, dado o espaçamento entre as árvores e arbustos e a presença de um tapete rasteiro, constitui-se numa vegetação aberta e que contém uma fase campestre na sua estrutura.

À vista de tais condições pode-se situar o Cerrado como uma formação intermédia entre a Floresta Tropical semi-úmida e outras formações vegetais menos evoluídas e mais abertas.

Os Cerrados se apresentam com fisionomias diversas, segundo gradação estrutural, que vai do tipo arbóreo xeromorfo aos tipos herbáceo-arbustivos (campo sujo, cerradinho, cerrado ralo). Estas distinções estão relacionadas, principalmente, a diferenças pedológicas e topográficas.

O Cerrado típico é constituído de árvores relativamente baixas (até cerca de 10 metros de altura) e menos numerosas do que os arbustos. As árvores são tortuosas e acham-se disseminadas em meio a arbustos, subarbustos e vegetação baixa constituída, em geral, de gramíneas, as quais atingem quase 1 metro de altura.

A estrutura do Cerrado compreende, basicamente, dois estratos. O superior, formado pelas árvores e arbustos e o estrato inferior composto por um tapete de gramíneas. O estrato arbóreo é caracterizado por indivíduos de troncos e galhos retorcidos, de caule grosso e recoberto de casca espessa, esta, às vezes, suberosa. As folhas não são pequenas e, segundo a espécie, se apresentam grossas, coriáceas e ásperas, podendo atingir comprimento superior a 30 cm e largura maior que 20 cm; são raros os espinhos.

Como é grande o espaçamento entre as árvores e arbustos, resulta que as copas não se tocam, e desta forma não impedem que a luz solar penetre facilmente ou se filtre através da folhagem. Este estrato superior, arbustivo-arbóreo, é, portanto, aberto.

Na sua maioria, os elementos do estrato superior são dotados de raízes profundas, que lhes permite atingir o lençol freático, situado a cerca de 15 a 20 metros de profundidade. Tal circunstância lhes confere melhores condições de sobrevivência ao longo do período de estiagem, o qual é marcante na caracterização do clima regional. É notório o fato de as árvores e arbustos do Cerrado, em grande parte, perderem as folhas, normalmente ao longo do período seco.

Já o estrato inferior, de gramíneas, de aspecto rasteiro, se ressentem, nitidamente da estiagem. Suas raízes são curtas para alcançarem o lençol d'água subterrâneo, e as plantas fenecem, entrando num estado de latência ou morte aparente, de caráter sazonal. Nesse tempo, o tapete rasteiro parece feito de palha, mas, após as primeiras chuvas, quando lhes fica ao alcance a obtenção d'água, tudo reverdece e viceja.

Registra-se, no Cerrado, considerável variedade botânica, merecendo destaque, pela ocorrência comum e fácies característi-

cas, as seguintes espécies arbóreas: lixeira (*Curatella americana*), pau-terra (*Qualea* sp.), pequi (*Caryocar brasiliensis*), pau-de-colher-de-vaqueiro (*Salvertia convallariodora*), pau-de-santo (*Kielmeyera coriacea*), barbatimão (*Stryphnodendron barbarimao*), quineira branca (*Strychnos pseudoquina*), manga-beira (*Hancornia speciosa*). No estrato inferior sobressaem as gramináceas e as ciperáceas, geralmente formando tufos, mas proporcionando uma cobertura regular.

Numa gradação supostamente intermediária, entre o Cerrado e a Mata, situa-se o **Cerradão**. Levando em conta tão somente a estrutura e a flora, alguns autores, consideram o Cerradão como um tipo de floresta xeromorfa, natural do Planalto Central, isolada dentro do quadro da flora brasileira. O Cerradão é usualmente mais baixo do que as "matas secas"; mostra uma altura média de 8 a 12 metros, podendo, às vezes, subir a 18 metros ou baixar a 6 metros, em contraste com as "matas secas" que geralmente apresentam-se entre 18 a 20 metros.

Ocorre a perda das folhas, as quais recobrem o solo. Quando sobrevém o período chuvoso acelera-se o processo de decomposição do tapete foliar acumulado sobre um solo úmido e que apresenta fina camada de humo, fato que aproxima o Cerradão das formações florestais. A despeito do espaçamento entre árvores, suas copas se tocam e a luz solar não chega plenamente ao chão, mas o deslocamento no interior do Cerradão é relativamente fácil.

No cerradão distinguem-se três estratos, além daquele das árvores emergentes, de altura em torno de 15 metros. O primeiro estrato arbóreo, com 10 a 12 metros de altura, é constituído, na maioria, de espécies próprias do Cerrado; apenas 1/3 é de espécies da Mata. As árvores relativamente altas não são tortuosas como no Cerrado. O segundo estrato, arbustivo, alcançando altura de 1 a 3 metros, é mais ou menos denso, apresentando, em proporção apreciável, elementos esclerófilos. Finalmente o terceiro estrato herbáceo, de aspecto reduzido e com os elementos esparsos, de molde a não recobrir todo o solo, é formado por gramíneas, ciperáceas e bromeliáceas.

Os Cerrados surgem implantados, com relativa indiferença, em vários tipos de solos desenvolvidos sobre estruturas geológicas diversas, fato que induz à consideração de que tal formação vegetal desenvolveu-se e alcançou seu optimum em condições naturais

pretéritas, não mais vigentes, e que atualmente encontra condições tão-somente de manutenção.

Já tem sido assinalado, e com justiça, por diversos observadores, que o Cerrado tem sua área de ocorrência coincidente com níveis altos de superfícies aplainadas, mas convém deixar explícito que no interior de tais superfícies o Cerrado recobre ondulações, que constituem subníveis esculpidos no conjunto desses altos níveis ou altos platôs.

Associados a tais áreas acham-se solos que variam do vermelho ao cinza claro, mas que se apresentam pobres em nutrientes minerais (latossolos e lateritos), quase sem húmus, via de regra arenosos, profundos, mas drenados, abundantes d'água e com lençol subterrâneo que se aprofunda a cerca de 20 metros na estação da estiagem. Neste período os 2 primeiros metros da camada de solo podem mostrar-se com pouca água, mas normalmente, em qualquer época, a partir de 1 metro, o volume hídrico aumenta pouco a pouco até chegar ao nível freático. Este último, por sua vez, oscila naturalmente, refletindo a alternância dos períodos de chuva e estiagem.

A retomada da erosão fluvial, levando ao reentalhamento das superfícies elevadas do Planalto Central, tem proporcionado condições favoráveis à expansão da floresta, às custas de perda de área pelos Cerrados. (Santos, Innocencio, Guimarães, 1977:59 ss).

No tocante ao potencial do Cerrado, no que se refere às possibilidades de abastecimento, há uma grande incidência de plantas frutíferas. Relacionamos algumas, da lista organizada por Binômio da Costa Lima, referentes aos recursos de subsistência do Centro-Sul de Goiás. (Lima, 1976/7:131-166).

Referentes à alimentação sobressaem o araticum (*Annona* sp.), o araticum cabeça de nego (*Annona* sp.), o caju (*Anacardium* sp.), a mangaba (*Hancornia speciosa* Gomez), a curriola (?), o pequi (*Caryocar brasiliensis* Camp.), o jatobá do campo (*Hymenaea stigonocarpa* Mart.), a marmelada do campo (*Alibertia* sp.), o bacopari (*Rheedia* sp.), o murici (*Byrsonima* sp.), o arazá do campo (*Psidium* sp.), a pitanga amarela (*Eugenia* sp.), a gabiropa de árvore e a rasteira e a cabeluda (*Campomanesia* sp.), além das palmeiras buriti (*Mauritia vinifera* Mart.), a indaiá (*Attalea* sp.), o coqueirinho de jataí, a açumã (*Syagrus flexuosa* Mart.), o coqueirinho de espinho (*Syagrus* sp.) e buritirana (*Mauritia* sp.), que ofere-

cem também material para construção de casas e fabricação de cestos.

Plantas utilizadas como medicamentos são inúmeras, muitas delas legadas e incorporadas à farmacopeia popular dos civilizados, sobretudo nas zonas rurais.

Do ponto de vista zoogeográfico esta parte do Planalto não parece ter uma fauna própria e está ligada à amazônica, chaquenha e paranaense. Os dados seguintes foram compilados por Miranda (1980:165-183).

Os mamíferos, que ocorrem com mais freqüência no Cerrado são: o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla* Lin.), o qual segundo Cabrera (e Willink, 1973), pesa cerca de 20 Kg; o tapiti (*Sylvilagus brasiliensis* Thomas); o veado do campo (*Ozotoceros bezoarticus* Lin.), que alcança 1,45 m de comprimento e 80 cm de altura e talvez uns 40 Kg; o veado-virá ou catingueiro (*Mazama gouazoubira* G. Fischer), que deve atingir entre 30 e 40 Kg; o tatupeba (*Euphractus sexcinctus* Desmaret), que pesa uns 3 Kg; o tatu galinha (*Dasyus novemcinctus* Lin.), que pesa uns 3 Kg.

Estes animais encontram condições ecológicas favoráveis à adaptação, como a ocorrência de formigueiros e de cupins (termiteiros), que se constituem na caça predileta dos tatus e do tamanduá-bandeira; grande número de plantas de folhas e flores tenras e frutos, como o pequi, a boca-boá, a caraíba, entre outras, muito apreciados por vários mamíferos.

A fauna avícola tem como espécies mais significativas a codorna (*Nothura maculosa* Temminck); a ema (*Rhea americana* Rothschild & Chubb.), que pesa em média 30 Kg; a perdiz (*Rinchoetus rufescens* Temminck), que alcança 1 Kg; a seriema (*Cariama cristata* Lin.), que alcança 2 Kg.

A fauna da floresta tropical deveria ser abundante e variada no passado. Os mamíferos principais são: a anta (*Tapirus terrestris* Lin.), que vive nas partes mais fechadas, perto dos cursos de água. Pasta e come frutas do mato, também invade roças. Ihering registra um exemplar com 1,82 m de comprimento e 170 Kg, mas Cabrera relaciona uma com 250 Kg. É uma caça muito apreciada. O veado-caucica ou bororó ou caracu (*Mazama rufina* Hensel), mede entre 73 cm de comprimento e 45 cm de largura; embora não tenhamos encontrado informações sobre o peso, deve situar-se em torno de 25 Kg. O veado galheiro ou cervo (*Blastocerus di-*

chotomus Illiger) é a maior espécie da América do Sul, pois atinge 2 m de comprimento e 1,30 m de altura; a galhada atinge quase 50 cm de comprimento. Não dispomos de informações concretas sobre o seu peso, que deve girar em torno de 60 Kg. Gosta de regiões entrecortadas por rios ou banhados ou pântanos. O veado mateiro (*Mazama americana* Thomas) mede cerca de 1,40 m de comprimento e 90 cm de altura e deve pesar aproximadamente 45 a 50 Kg. Vive nas florestas e também prefere pastar de madrugada ou à noite; dorme de dia, no mais denso da floresta. O porco-do-mato-queixada (*Tayassu albirostris* Illiger) e o porco-do-mato-cateto (*Tayassu tayacu* Lin.) devem ter um peso médio de 25 Kg, andam em varas de até 100 indivíduos, percorrendo a mata ora de dia, ora de noite em busca de alimentos como frutos, raízes e talos suculentos ou mesmo pequenos animais. O coati (*Nasua Schinz*) pesa uns 5 kg, anda em bandos de 10 a 20 indivíduos, em geral sobre árvores. Sua alimentação consiste de pássaros, ovos, insetos, frutos e, freqüentemente, revolve o húmus à procura de larvas e vermes. A cotia (*Dasyprocta azarae* Thomas) deve pesar também uns 5 kg; passa a maior parte do dia no esconderijo que é uma toca, e à tarde sai à procura de alimentos, tais como frutos, raízes e tudo o que for vegetal. A irara (*Eira barbara* Lin.) pesa cerca de 5,50 kg; à noite sai à procura de pássaros, ovos, pequenos mamíferos (até o coati) e, principalmente, mel de abelha. A paca (*Agouti paca* Lin.) pesa aproximadamente 10 kg e vive preferencialmente nas capoeiras, dormindo de dia nas tocas e à noite sai em busca de raízes e frutos.

As aves da floresta tropical abrangem o inhambu xitã (*Crypturellus tataupa*) e o xororó (*Crypturellus parvirostris*); este gosta mais de capoeira; a Jaó (*Crypturellus noctivagus*), a juriti (*Leptotila verreauxi* Gigl. & Salvador), todos pequenos, sobressaindo a jaó, que pode pesar cerca de 1 Kg. O mutum (*Graz sclateri*) pesa em torno de 2,50 a 3 Kg. Outras espécies como papagaios e gaviões, entre outras, podem ser citadas.

Na listagem dos peixes existentes nas águas do norte (bacia do Araguaia e Tocantins) e na do Sul (bacia do Paranaíba), organizada por Lima, nota-se a ocorrência de espécies comuns às duas bacias, como o pintado (*Pseudo-platystoma fasciatum*), que pode pesar entre 12 e 15 Kg; o Jaú (*Paulicea lutkeni*), com 8 a 10; o barbado (*Pinirampus pinirampu*), com a 5 a 7 Kg; o piau (*Leporinos fasciatus*), com 2 Kg; o curimatã (*Prochilodon corumbata*), com

1,50 Kg. Constatam-se algumas espécies típicas do Araguaia, como o pirarucu (*Arapaima gigas*), em torno de 100 Kg; a traíra (*Hoplias malabaricus*), com 2 Kg; e outras típicas do Paranaíba, como o surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*), de 12 a 15 Kg; o dourado (*Salminus maxillosus*), de até 4 Kg e a cachorra (*Acestrorhynchus hepsetus*), em torno de 2 Kg. (Miranda, 1980; Lima, 1976/7).

Se, finalmente pensamos o ambiente em termos de possibilidades agrícolas indígenas temos de reconhecer que os Cerrados, tomados isoladamente, parecem ser "áreas sem potencial agrícola", ao passo que a floresta tropical é uma "área de potencial agrícola limitado", segundo B.J.Meggers (1977, 1954).

A limitação desta última parece estar ligada a vários fatores: solos que se esgotam rapidamente, longa estação seca impedindo cultivos durante metade do ano, seguida de uma estação de chuvas intensas causadoras de profunda erosão; falta de animais domésticos fornecedores de proteína, tração e transporte.

Só a combinação de cultivos com intensa exploração dos recursos do cerrado, mais a caça e pesca, parece ter permitido uma economia indígena de subsistência razoável, acompanhada de uma relativa sedentariedade, mas que era incapaz de acumular recursos e capitalizá-los e com isso estava limitada a reproduzir o grupo e o seu modo de vida sem o aumentar ou melhorar, movendo-se dentro de uma área de condições ecológicas semelhantes.

Os cultivos só podem ser feitos a partir das primeiras chuvas, entre fins de setembro e começos de outubro, podendo-se conseguir produtos verdes a partir de fevereiro, e colheitas de frutos amadurecidos ao redor de março/abril, quando começa a estação seca. As plantas cultivadas mais comuns nessa região, em tempos indígenas, eram milho, mandioca, amendoim, batata doce, inhame, cará, cucurbitáceas, leguminosas, urucum, fumo, algodão. Os frutos maduros da maior parte dessas plantas têm de ser colhidos tão logo estejam maduros, ao passo que tubérculos e raízes geralmente se conservam no chão por mais tempo, estando com isso disponíveis em qualquer estação. A maior parte dos produtos permite pouca conservação depois da colheita.

Exatamente no tempo em que a agricultura ainda não permite colheitas, entre outubro e dezembro, os frutos do cerrado são mais abundantes; os do mato são mais distribuídos pelo ano. De

fevereiro a abril, quando se fazem as colheitas das roças, os frutos naturais são escassos. (Miranda, 1980:173)

No tempo da seca, quando os frutos naturais são escassos e os produtos da agricultura vão desaparecendo, os peixes são abundantes na bacia do Araguaia e o jabuti e o tracajá põem os seus ovos. No fim do período seco há mel. Os tempos mais apertados podem ser cobertos com caça. (Ver Wüst, 1975:95 ss).

Assim consegue-se fechar um ciclo anual razoavelmente, mas implicando em planejamento e execução cuidadosos do aproveitamento dos recursos naturais e cultivados estacionais. A estacionalidade implica em riscos altos que podem ser reduzidos pela transformação de produtos naturais ou cultivados abundantes, como a mandioca ou o pequi, preservando-os para as épocas ou momentos de carestia; implica também em deslocamentos da população toda ou em parte, em busca dos recursos dispersos.

A combinação de recursos do cultivo, caça, pesca e coleta talvez explique porque são encontrados sítios grandes em áreas com solos agriculturáveis escassos, mas com grande abundância dos outros recursos e como talvez seria tão difícil sustentar uma aldeia em pleno cerrado como em plena mata.

1.3. OCUPAÇÃO DA ÁREA PELO BRANCO E A PRESENÇA DE GRUPOS INDÍGENAS EM TEMPOS HISTÓRICOS

1.3.1. Dados históricos do povoamento e os aldeamentos indígenas São José de Mossâmedes e Dona Maria I

As primeiras penetrações do homem branco no Centro Oeste Brasileiro ocorreram nos fins do século XVI por grupos de bandeirantes vindos de São Paulo.

Segundo um "mapa bandeirante" da 3ª década do século XVIII, as Minas de Goiás foram descobertas por Sebastião Marinho em 1592, no Reinado de Felipe II (Brasil, 1961:25). Seguiram inúmeras outras bandeiras durante os séculos XVII e XVIII em busca de ouro e de mão de obra, sendo que muitas bandeiras levaram consigo grande quantidade de indígenas aprisionados.

Já antes do século XVIII os contatos entre bandeirantes e a população indígena local levou a uma dizimação da mesma e a crescente hostilidade entre brancos e índios veio dificultar a fixação e a penetração do elemento colonizador.

Observa Pohl (1951, 1:298), nos anos 20 do século passado, que: "Goiás foi habitado por várias tribos selvagens, algumas das quais já não existem, como, por exemplo, os Goiás e os Crixás por terem sido exterminados ou civilizados."

Seguindo o roteiro de Manoel Correia, Bartolomeu Bueno da Silva penetrou em 1683 nesta região chegando até o rio das Mortes e às cabeceiras do rio Vermelho. Em 1722 seu filho, com o mesmo nome do pai, chega, depois de ter perambulado muito pelos sertões, à área do atual município de Goiás, onde encontra vestígios da roça de seu pai, no local que hoje se denomina Buenolândia e onde deparou com os índios da nação Goiás. (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958, XXXVI: 196). Segundo Saint-Hilaire (1937, 1:283), porém, se trata do local do antigo povoamento Ferreiro, situado a 1 légua de Vila Boa.

A descoberta de ouro no interior de Goiás resultou num grande afluxo de povoadores durante a primeira metade do século XVIII. Foi nesta época que surgiram também, na área em estudo, uma série de arraiais como Ouro Fino, Ferreiro, Curralinho (atual cidade de Itaberaí) e Sant'Ana, a futura sede de administração governamental, que, em 1736, foi elevada à categoria de vila, recebendo o nome de Villas Boas de Goiás, e que em 1818 se tor-

nou cidade. (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958, XXXVI:196).

A decadência da exploração aurífera no final do século XVIII acarretou um forte despovoamento, incentivando a agricultura e a pecuária, que até hoje são as atividades econômicas predominantes do estado.

Para assegurar a região e as principais estradas dos ataques indígenas, estabeleceram-se na região de Mossâmedes dois aldeamentos indígenas seculares no século XVIII: a aldeia São José de Mossâmedes e a aldeia Dona Maria I.

O aldeamento de São José de Mossâmedes se localiza a 8 léguas da cidade de Goiás nas proximidades do rio Fartura, sobre o mesmo local onde hoje se encontra a cidade de Mossâmedes, conservando esta no seu plano urbanístico, como praça central, o pátio do aldeamento indígena.

Saint-Hilaire (1937, II:107) descreve o aspecto do povoamento de Mossâmedes em 1819 da seguinte forma:

“Essa povoação situada no cume de uma collina, e dominada pela Serra Dourada, é rodeada por morros que não são mais altos do que a propria collina; os edificios, que a constituem, estão dispostos ao redor de um vasto terreiro de 145 passos de comprimento por 112 de largura, e apresentam um conjunto de regularidade perfeita. A igreja, edificio singelo e de bom gosto, occupa o meio de um dos pequenos lados desse quadrilatero alongado. Em cada angulo do polygono está um pavilhão de dois pavimentos; as outras construções constam apenas do rez-do-chão. Estas ultimas servem, em parte, de morada aos soldados encarregados da guarda dos Coyapós; o general tem ahi também um alojamento muito agradavel, e por traz desse ha um jardim bastante grande, regado por um córrego que foi desviado para o serviço da aldeia; outra porção, enfim, é utilizada como celeiro, e nelle se deposita a colheita das plantações communaes. O resto das construções, originariamente reservado para os indios, está hoje em dia (1819) em parte vago, e em parte occupado por uns cincoenta agregados...”

A aldeia de São José de Mossâmedes, que tem o nome do seu fundador, Capitão-General Governador da Capitania de Goiás, D. José de Almeida Vasconcelos Soveral de Carvalho, depois Barão de Mossâmedes (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros)

ros 1958, XXXVI:292), foi erguida em 1755 para abrigar inicialmente os índios Akroá, que se encontravam antes na aldeia do Duro, nas margens do rio Tocantins, mas que lá tinham promovido um levante, na ocasião do estabelecimento de uma guarnição militar, causando a sua transferência. (Chaim, 1974: 120-121).

Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958, XXXVI: 292) o aldeamento foi reconstruído em 1774 e em seguida habitado pelos índios Kayapó. Pohl (1951, I: 360) nos relata somente a construção da igreja e indica a data de 1780. Saint-Hilaire (1937, II:110) marca a data de 1775 como ano de reconstrução do aldeamento, mas até hoje consta sobre o portal principal da igreja a data de 1774.

Diversas fontes nos relatam sobre os vários grupos indígenas que foram abrigados neste aldeamento. Conforme Alencastre (in Chaim, 1974: 121) trata-se de mais de 8.000 índios de diferentes nações entre os quais Akroá, Xavante, Karajá, Javahé, Karijó e Naundez. Não foi possível identificar a que grupo lingüístico pertencem os Naundez, também chamados em outras fontes Naundó. Quanto aos Karijó pode se tratar de um grupo Tupi-Guarani, uma vez que nos séculos XVI e XVII as tribos Tupi foram conhecidos sob o nome de Carijó ou Cario. (Métraux, in Steward, 1948, III:69).

“Os Akroás não tardaram a extinguir-se ou dispersaram-se e, por cerca de 1781, foram substituídos pelos Javaês e Carajás, que se fizeram vir da Aldeia Nova Beira, situada ao norte da província, e que em breve desapareceram por sua vez.” (Saint-Hilaire, 1937, II:104). Ehrenreich (1891:5) relata a transferência de 800 índios Karajá e Javahé do aldeamento de Nova Beira da Ilha do Bananal, para a aldeia de São José de Mossâmedes, fato que ocorreu, segundo o autor, no ano de 1782.

Após a extinção dos Karajá e Javahé neste aldeamento, transferiram-se em 1813 os índios Kayapó da aldeia Maria I para São José de Mossâmedes, “permanecendo este grupo indígena ali até o século XIX, quando fugiram para os matos, abandonando aquele aldeamento”. (Chaim, 1974:123). Tinham sido catequizados por Damiana da Cunha, neta do cacique Kayapó, e foi ela que conseguiu trazer de volta ao aldeamento grande número de índios, que haviam fugido. Porém em 1828, dois anos antes do seu falecimento, a população indígena deste aldeamento já se tinha reduzido a 129 pessoas. (Chaim, 1974:153).

Quando Pohl (1951, I:361), em 1818, visita este aldeamento, o mesmo já estava perto da decadência e era habitado além de índios Kayapó apenas por 16 soldados e algumas outras pessoas.

Observa Saint-Hilaire (1937, II:118) sobre a dizimação dos índios na aldeia de São José de Mossâmedes, quando passa por ali em 1819, o seguinte: "No mesmo local que habitavam os Coyapós, por ocasião da minha viagem, tinham vivido, como já se viu, outros índios, os Acroás, depois os Carajás e os Javaês; cinquenta anos bastaram para fazê-los desaparecer a todos, e, em trinta os próprios Coyapós foram reduzidos de seiscentos, que eram inicialmente, a duzentos."

O outro aldeamento na região foi o de Maria I, localizado na margem direita do rio Fartura a onze léguas ao sudoeste de Vila Boa. O aldeamento está, segundo o mapa reproduzido em Chaim (1974:234), logo após a confluência do córrego Pissarrão e a 8,8 braças do Rio Fartura. Pohl (1951, I:367) descreve a situação geográfica deste aldeamento da seguinte forma: "Está edificado sobre uma colina baixa, por trás da qual se entende, à meia légua de distância, na direção leste para oeste, uma cordilheira, a cujo sopé corre o Rio dos Pilões." Trata-se, segundo este autor (1951, I:367) de uma área fértil com abundância de caça e pesca. A aldeia Maria I se destinou a abrigar os índios Kayapó, datando a sua construção do ano de 1780. Na pacificação e atração destes índios grande mérito cabe ao chamado "soldado Luís". Presenteando e persuadindo estes índios, que vivem na região do rio Claro, sua expedição conseguiu atrair em 1780 trinta e seis destes indígenas, que foram solenemente recebidos em Vila Boa. Depois de oito meses alguns guerreiros Kayapó, que tinham voltado para a mata, regressaram com mais 237 índios. Para aldeá-los foi erguida a aldeia Maria I. "E o bom tratamento que lhes dispensaram teve a consequência de que pouco depois chegavam 88 caiapós e mais tarde 200, somando aos primeiros perfaziam o número de 600 pessoas atraídas." (Pohl, 1951, I:316-317).

Escreve Alencastre (1854, XXVII:148, in Chaim, 1974:152): "Logo que se construiu o aldeamento este contava com 412 índios. Em poucos anos seu número elevou-se a mais de 5.000 silvícolas, em 1813 contava somente com 129 indivíduos que foram transferidos para São José de Mossâmedes."

E quando Pohl e Saint-Hilaire visitam seis anos após esta data aquele lugar encontram-no totalmente abandonado e em ruínas.

nas. Descreve Pohl (1951, I:367-368) este aldeamento já abandonado como segue: "Consiste de duas casas térreas de 43 passos de comprimento e 16 de largo, construídas de madeira e barro e cobertas de telhas." Uma destas casas foi destinada a moradia do governador e a outra para o administrador e os soldados, servindo também como igreja. Em frente à residência do Governador havia uma sala de dança, coberta, para os índios. A uns cem passos ao sul é o paiol para guardar as colheitas. "As antigas cabanas dos índios, pobremente construídas de madeira e fibra de palmeiras, formavam um círculo em torno do paiol sendo enfileiradas uma ao lado da outra." (Pohl, 1951, I:367-368). Contava a aldeia ainda com um engenho de açúcar, fábrica de aguardente e pilação de milho.

1.3.2. Observações etnográficas sobre os Kayapó no aldeamento São José de Mossâmedes

Em seguida tentamos resumir e sistematizar as observações etnográficas feitas pelos naturalistas João Emanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire que ambos visitaram o aldeamento de São José de Mossâmedes e Maria I em 1818 e 1819 respectivamente.

Damos principal ênfase às observações que possam ter interesse para a pesquisa arqueológica, seja dos sítios estudados, seja dos aldeamentos, nos quais se prevêem escavações futuras.

Uma vez que correlações etnográficas diretas se tornaram quase impossíveis devido à extinção destes grupos indígenas na região, os dados históricos e etnográficos existentes podem trazer certos subsídios para um futuro estudo dos grupos ali aldeados, entre os quais os Kayapó merecem principal destaque, por serem provavelmente os habitantes originais da região do rio Fartura, e por terem ocupado esta área até o século XIX. Eram os únicos sobreviventes da aldeia São José de Mossâmedes quando Pohl e Saint-Hilaire a visitaram.

Atividades de subsistência

Os Kayapó vivem de caça e de pesca que abunda nas matas, vivem de raízes, de mel silvestre etc. e cultivam um pouco de milho de grão negro e azul que preferem a qualquer outra variedade como o mais rico em farinha. (Pohl, 1951, I:363-364). Aprenderam a cultivar e fiar algodão somente com os portugueses.

(Saint-Hilaire, 1937, II:120). Observa Saint-Hilaire (1937, II:109): "... os dois dias livres aproveitam para caçar ou tratar de pequenas plantações particulares de inhames (*Caladium esculentum*) e batatas (*Convolvulus batatas*). Quando o mesmo autor (1937, II:111) visita as suas roças observa mulheres colhendo espigas de milho.

Pohl (1951, I:364) nos informa que comem cobras, apesar de terem grande medo das mesmas, e gafanhotos também fazem parte da dieta destes índios. Como animais de caça Pohl (1951, I:365) cita ainda: onças, tapires, tamanduás e macacos. Sobre bebidas temos somente a notícia de que "antigamente faziam uma beberagem forte com pimentas". (Saint-Hilaire, 1937, II:122).

Quanto à preparação da comida relata Pohl (1951, I:364) o uso de forno de pedras para assar carne:

"Puseram no chão, bem juntos uns dos outros seixos de tamanho de um punho e sobre eles fizeram uma grande fogueira que foi alimentada até que as pedras ficassem candentes. Então o fogo foi retirado rapidamente e a carne posta sobre as pedras aquecidas e cobertas com grandes folhas de árvores. Três horas depois retiraram essa cobertura cuidadosamente e a carne estava bem assada e tenra..."

O mesmo fato foi observado com algumas pequenas divergências também por Saint-Hilaire (1937, II:122):

"Não é todavia, no interior da casa que se cozinha a carne. As mulheres que se encarregam disso, cavam buracos na terra, põem pedras no fundo e por cima accendem o fogo, que retiram quando as pedras estão vermelhas. Colocam, então sobre estas os pedaços de carne que querem fazer assar; depois cobrem um leito de folhas, e a terra acaba de encher o buraco".

Segundo Lowie (in Steward, 1946 a:478) as casas nas antigas aldeias foram dispostas em círculos.

Em São José de Mossâmedes os índios Kayapó preferem as suas antigas casas às cobertas de telhas. "Construíram-nas do lado ocidental da aldeia e também nas plantações denominadas roças, a uma légua de distância." (Pohl, 1951, I:360-361). Segundo a descrição de Saint-Hilaire (1937, II:108) as choupanas dos Kayapó se localizaram próximas ao aldeamento e somente foram em nú-

mero de oito a dez; mas a uma légua de São José, nas suas plantações se encontra a maior parte das moradas. Nenhum dos autores indica a localização exata destas roças e Saint-Hilaire (1937, II:111) somente se refere a um local em frente da Serra Dourada que se alcança após uma légua e após ter atravessado quase sempre matas de pequena altura e pouco vigorosas. "... foi neste local que os Coyapós construíram suas casas. Estão dispersas entre as árvores, são cobertas de sapé, pequenas, baixas e edificadas como as da aldeia."

Quanto à construção das casas dos Kayapó, esta é descrita por Saint-Hilaire (1937, II:107-108) como segue: "O tecto destas últimas é de sapé; a estrutura é feita (...) com espeques verticaes fixos na terra e longos bambus presos transversalmente a esses espeques por meio de cascas flexíveis (embiras); mas enquanto que os portugueses costumam encher, com barro amassado, os intervalos que ficam vazios entre essas taquaras, os Coyapós contentam-se em passar folhas de palmeira, como o fazem outros índios que procuram imitar as construções européas."

"As casas não tem janelas; a entrada é muito estreita e se fecha com folhas de palmeira." (1937, II:111).

Quanto ao interior da casa, Saint-Hilaire (1937, II:111 e 121) observa um tipo de fogão feito de pedras e como único mobiliário relata cestas (jucunus) e às vezes giraus e/ou esteiras.

Artesanato

Nenhum dos viajantes nos relata a manufatura da cerâmica, e Saint-Hilaire (1937, II:121) afirma:

"Os Coyapós que vivem nos matos não conhecem outra indústria além de fazer arcos, flechas e a espécie de balaio que chamam jucunu."

Confeccionam também giraus, a fiação e a tecelagem de algodão aprenderam com os portugueses. (Pohl, 1951, I:363).

Os jucunus, usados para transportar carga são feitos de folhas de buriti e têm uma forma elíptica. Às vezes podem alcançar uma altura de 4 pés ou mais. As mulheres os carregam passando uma alça pela cabeça. (Saint-Hilaire, 1937, II:121-122). Formam este tipo de cesta com esteiras, também trançadas de buriti, que enrolam em forma de um cilindro e para aumentar o seu tamanho usam uma segunda. (Saint-Hilaire, 1937, II:121 e Pohl, 1951, I:363).

Pohl (1951, I:365) relata o uso de um grande arco chamado itsché, com um comprimento de 6 pés; flechas chamadas "caschonné", compostas de várias canas de bambu, alcançando um comprimento de 12 a 15 polegadas. A ponta é feita de um junco ou de um pedaço de madeira dura de 12 polegadas, e para a caça de macacos as pontas são equipadas com farpas entalhadas.

Um outro instrumento, a maça, denominada "Kó" é usada para matar os adversários.

Para apanhar pássaros usam flechas com uma cabeça romba. (Pohl, 1951, I:365-366).

Ainda relata o mesmo autor (1951, I:366) o uso de uma flecha de 8 polegadas de comprimento que tem na ponta uma farpa de quartzo com uma saliência em forma de botão, que é utilizada para atirar sobre a testa quando sentem dor de cabeça ou para sangrar veias.

Adornos

Utilizam urucu e genipapo para pintar o corpo na ocasião das festas.

No lábio inferior introduzem pedaços de madeira de uma polegada e a própria Damiana da Cunha foi vista por Pohl (1951, I:363-364) usando "pedacinhos de pau" na orelha.

Enterro

O morto é enterrado em posição sentada numa cova. Colocam-se no túmulo alimentos, como também arco e flecha do falecido. (Pohl, 1951, I:363-364).

Jogos e Danças

Pohl observa uma festa denominada por ele quebra-cabeça.

Saint-Hilaire (1937, II:112 e 123) relata a corrida de toras e danças de urubu e de onça.

Acompanham as danças com cantos e usam também instrumentos musicais como cabaças curvadas ou instrumentos de sopro, feitos de madeira, com embocaduras de chifre de boi. (Pohl, 1951, I:362).

Sistema Social

Poucas notícias existem sobre o sistema social:

“Em estado selvagem, vivem em poligamia... e as moças frequentemente se casam com oito anos.” (Pohl, 1951, I:363).

A liderança é exercida por um cacique geral que tem sob suas ordens vários capitães. (Saint-Hilaire, 1937, II:130).

1.3.3. Os grupos indígenas em tempos históricos no centro e sul da capitania de Goyaz

Nesta parte tentamos compilar, a partir dos dados etnográficos deixados pelos viajantes do século XVIII e XIX e por outras fontes, as informações sobre os diversos grupos indígenas que habitavam em tempos históricos no Centro-Sul de Goiás.

Esta breve exposição tem como objetivo fornecer alguns subsídios para correlações etnográficas que podem contribuir de maneira significativa para a reconstrução histórica da ocupação desta área no período pré-cabralino.

Limitamo-nos aqui basicamente aos dados referentes à classificação lingüística e às áreas ocupadas por estes grupos.

O mapa anexo foi confeccionado principalmente a partir dos mapas de Curt Nimuendaju (Nimuendaju, 1942; Nimuendaju, 1946 a, in Steward, 383), Colbacchini e Albisetti 1962; 1942: 23) e dos dados bibliográficos acessíveis no momento.

Grupos Jê do Norte

Segundo Nimuendaju (1942) os Jê do Norte se dividem em Canela e outros Timbira orientais, Apinayé ou Timbira ocidentais, Kayapó do Norte, Kayapó do Sul e Suyá.

Kayapó do Sul

Conforme a classificação de Loukotka (1968:79) a língua Kayapó pertence ao tronco lingüístico Jê. E segundo o autor a língua Kayapó ou Ibirayara foi originalmente falada no interior do Estado de Goiás. Cita ainda um dialeto da língua Kayapó: o Uxikrin, que antigamente foi falado no rio Vermelho, ao sul da tribo Karajá no estado de Goiás.

Loukotka (1968:79) classifica a língua dos Kayapó do Sul como pertencente ao grupo central do tronco lingüístico Jê, originalmente falada nas áreas situadas ao sul do estado de Mato Grosso, nos rios Turvo, Corumbá, Meia Ponte (no estado de Goiás) etc.

Segundo Nimuendaju (1942:1) os Kayapó do Sul pertencem aos Jê setentrionais.

Lowie (1946 a, in Steward, 478) localiza os Kayapó do Sul entre os paralelos 20° latitude Sul e 50° longitude Oeste de Greenwich. São conhecidos desde o século XVII em vários distritos próximos que representam uma área imensa: no sul de Goiás, ao longo do Alto-Araguaia e dos afluentes do Paranaíba; no sudeste do Mato Grosso; no noroeste de São Paulo; na parte oeste de Minas Gerais entre o rio Paranaíba e o rio Grande.

O território dos Kayapó meridionais é Caiapônia, "todo o território compreendido pelo sul de Goiás, sudeste de Mato Grosso, Triângulo Mineiro e Noroeste de São Paulo." (Ribeiro, 1970:72).

Segundo o mapa de Nimuendaju os Kayapó do Sul têm seu limite setentrional na área das nascentes do rio Claro e rio Vermelho, afluentes do Araguaia.

Consta a sua presença nas áreas do sul de Mossâmedes até a região dos cursos superiores do rio Turvo e rio Corumbá. Ao oeste de Mossâmedes se estendem até o rio Araguaia, porém, somente na margem esquerda do rio Vermelho. Nimuendaju indica a presença deste grupo nesta última área para os anos de 1726 a 1830.

Na área ao sudoeste de Mossâmedes, atingindo o rio Apuré, Nimuendaju (1946 a, in Steward, 383) indica a data de 1823. Consta ainda a data de 1774 que corresponde ao aldeamento destes índios em São José de Mossâmedes.

Hoje os Kayapó meridionais estão totalmente extintos e somente alguns acidentes geográficos ainda recordam a sua antiga presença na área de Caiapônia. (Ribeiro, 1970:74).

A presença dos Kayapó na área ao sul de Mossâmedes é confirmada também por observações de Pohl (1951, 1:308). Relata o autor a destruição, pelos Kayapó, do arraial do Bom Fim, que foi estabelecido na ocasião da procura do rio Pilões por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que porém na ocasião somente chegou ao rio Fartura.

Para combater os Kayapó se pediu auxílio a Antonio Pires Campos de Cuiabá que veio em socorro com 500 índios Borôro. "Ele exerceu contra os pobres índios inauditas crueldades... mas não se atreveu a atacar a Aldeia Grande do Caiapó, nas proximidades de Camapuã, devido o incontável número de índios ali." (Pohl, 1951, 1:311). Continua o mesmo autor (1951, 1:363) ainda em outra parte: "... o assento dos índios Caiapó fica nas extensas matas situadas ao sudeste (de Mossâmedes)".

Grupos Jê Centrais

Segundo Nimuendaju (1942) os Jê centrais se dividem em dois ramos: os Akwên e os Akroá. Os Akwên por sua vez se dividem em Xakriabá, Xavante, Xerente. Os Akroá em Akroá e Guegué.

Akwên-Xavante

Segundo Loukotka (1968:80), Akwên é sinônimo de Xavante, pertencendo ao tronco lingüístico Jê e às línguas do leste. Também é falada entre o rio Araguaia e Tocantins na Serra dos Xavantes.

Nimuendaju (1942:1) classifica os Xavantes como Jê centrais dividindo a estes em dois subgrupos: Akroá e Akwên; estes compreendem os grupos: Xavante, Xerente e Xacriabá.

Segundo o mapa do mesmo autor (1946 a, in Steward, 383), o limite meridional máximo dos Xavante é, em 1850, uma área situada a mais ou menos 40 Km da margem direita do rio Vermelho, afluente do Araguaia. A data de 1788 indica o aldeamento destes índios no Carretão. Este aldeamento, chamado Carretão de Pedro II, e em outras fontes denominado Dom Pedro II, se localiza a 22 léguas da cidade de Goiás em direção norte, nas proximidades de Crixás.

Segundo Pohl (1951, 1:318) foram aldeados, sob o Governador Tristão da Cunha Meneses, inicialmente 3.500 índios da nação dos Xavantes no Carretão. Outras fontes indicam somente 2.200 índios aldeados, sendo que em 1819 o aldeamento já estava em semi-decadência contando somente 227 pessoas. (Chaim, 1974:101). Posteriormente foram abrigados, no mesmo local grupos de índios Kayapó e Karajá vencidos em guerra. (Ribeiro, 1970:65).

Darcy Ribeiro (1970:65) descreve a situação dos Akwên no Carretão da seguinte forma:

“Anos depois, o aldeamento que dizem ter concentrado cinco mil índios, estava praticamente deserto e os Akwên reiniciaram suas hostilidades. Um grupo que denotava maior aversão ao convívio com civilizados e que passou a ser conhecido como Xavantes, começou a deslocar-se para a margem esquerda do Tocantins (1824) depois para o Araguaia (1859) acabando por se estabelecer nos campos do Rio das Mortes.”

Pohl (1951, 1:314) nos relata a presença de Xavantes nas proximidades do arraial Pilar, sendo que seus moradores muitas vezes foram assaltados por aqueles índios.

Alencastre (1854, in Chaim, 1974:121) também fala do aldeamento de Xavantes em São José de Mossâmedes.

Crixá

Para alguns autores Crixá ou Curixá significa a designação Karajá para os Xavantes. Mas Silva e Souza, como também Pohl, usam o termo Crixá para uma tribo já desaparecida que vivia na localidade de Crixás, estendendo o seu território até Tesouras. (Nimuendaju, 1942:3).

Segundo Lowie (1946 a, in Steward, 477-508) os Xavante Akwên também foram chamados Crixá ou Curixá, mas às vezes os últimos foram tratados como tribo separada originando confusão.

Segundo Chaim (1947:17) estes índios viviam nas imediações do rio Crixás, mas se extinguíram logo após os contatos com os primeiros colonizadores.

Goyá

Segundo Loukotka (1968:80) o Goyá representa uma língua do tronco lingüístico Jê, fazendo parte das línguas do leste. Hoje esta língua está extinta mas antigamente foi falada nas nascentes do rio Vermelho, no estado de Goiás.

Na época da fundação de Sant'Ana (posterior Vila Boa), os índios (provavelmente da tribo Goyá) atacaram as novas plantações. Escreve Pohl (1951, 1:305):

“Procedeu-se suavemente contra os selvagens, eliminando as barbarias praticadas anteriormente, para viver em paz com eles. Não deu resultado completo: e os índios, percebendo que os ameaçava serem inevitavelmente escravizados ou expulsos de seus antigos sítios pelos recém-chegados, prepararam-se para oferecer resistência. Ergueram fortificações na confluência do Rio Vermelho com o Rio dos Bugres; mas não puderam resistir.”

E mais adiante (305-306) continua o mesmo autor:

“A tribo aborígine dos Goiás foi, afinal, totalmente expulsada destas paragens. Eles rumaram para a mata virgem, uniram-se, em parte, com outras tribos e perderam-se, por fim, de modo que o seu nome não foi mais achado.”

O mapa de Nimuendaju (1946 a, in Steward, 383) já indica a data de 1731 para a presença da tribo Goyá no curso superior do rio Vermelho, na sua margem esquerda. Segundo informações locais provavelmente não ultrapassavam o limite natural formado pela Serra Dourada ao sudoeste.

Xakriabá

Nimuendaju (1942:1) os classifica entre os Jê centrais e pertencentes ao subgrupo dos Akwên.

Segundo o mesmo autor (1946 a, in Steward, 383) o habitat destes índios compreende a parte sul, entre as bacias do rio São Francisco e o Tocantins. No seu mapa localiza-se entre os rios Preto e Urucuia, afluentes do rio São Francisco no século XVII, e na margem direita do Tocantins entre o rio da Palma e o rio Paranã.

Em 1751 os Xakriabá foram aldeados em São José do Duro, também chamado Formiga e em 1775 foram transferidos para a aldeia de Sant'Ana nas margens do rio das Velhas no Triângulo Mineiro. (Chaim, 1974:117).

Akroá

Segundo a classificação lingüística de Nimuendaju (1942:1), os Akroá representam uma das duas grandes subdivisões dos Jê centrais.

Hoje estão extintos. Habitavam a região entre o São Francisco e o Tocantins nas proximidades dos arraiais de Natividade, Carmo e Chapada. O rio Manoel Alves de Natividade, afluente do

Tocantins foi cenário de ataques dos Akroá e Xacriabá durante o século XVIII. Foi nesta região que em 1753 se construiu a aldeia de São Francisco Xavier do Duro ou simplesmente Duro, para abrigar os índios Akroá. (Chaim, 1974:55). Em 1755 foram aldeados estes Akroá em Mossâmedes.

Segundo Arthur Ramos (1941:111, in Chaim, 1974:53), o habitat dos Akroá são as nascentes do Rio Paranaíba.

O mapa de Nimuendaju (1946 a, in Steward, 383) indica como área ocupada pelos Akroá, no século XVIII, a que se encontra entre as proximidades do rio Corrente, braço direito do rio São Francisco e o rio Manoel Alves de Natividade, afluente do médio Tocantins.

Os Karajá

Os Karajá pertencem ao tronco Macro-Jê, mas constituem ainda uma família lingüística não classificada, segundo Melatti (1970:48).

Eles têm o seu habitat ao longo do rio Araguaia, na margem direita. Seu limite meridional se localiza perto de Leopoldina (atual cidade de Aruanã), na confluência do rio Vermelho com o Araguaia. (Nimuendaju, 1946 a, in Steward, 383).

Os Borôro orientais

Loukotka (1968:84) classifica a língua dos Borôro como um tronco lingüístico à parte.

Os Borôro orientais são também chamados Orarimudoge ou erroneamente Coroados. (Lowie, 1946 b, in Steward, 419).

“Ocupavam os Bororos todo o leste e sudeste de Cuiabá, o vale do Rio São Lourenço e afluentes da bacia platina; todas as terras banhadas pelo alto curso do Rio Araguaia, Rio das Mortes e seus tributários da vertente amazônica. Conseguiram transpor o Araguaia e dominar vasta zona do Estado de Goiás.” (Colbacchini e Albisetti, 1942: 19).

A expansão máxima dos Borôro, em meados do século XIX, é indicada, pelo mesmo entre os paralelos de 15° — 20° de latitude sul e de cerca de 51° — 57° de longitude oeste de Greenwich. (Colbacchini e Albisetti, 1942:19). Com isto o limite oriental dos Borôro está situado no estado de Goiás numa área entre o rio Claro e

o rio Vermelho, porém, sem alcançar o atual município de Mossâmedes.

Em 1741 foram trazidos Borôro do rio Porrudos para as aldeias de Sant'Ana, Pizarrão, Lanhoso e Rio das Pedras, no atual Triângulo Mineiro para proteger o sul da Capitania contra os ataques dos Kayapó do sul. Em 1811 parte da aldeia das Pedras foi transferida para a ilha do Bananal, sendo hoje todos estes Borôro extintos. (Lowie, 1946 b, in Steward, 419).

Grupos Tupi

Canoeiros

Segundo Nimuendaju (1942:4) os Canoeiros são um grupo Tupi que habitava a área do Alto Tocantins em direção à ilha do Bananal. Aparecem somente na região depois de 1780 quando os Xavante já tinham desocupado esta região.

Martius os julga descendentes de hordas Tupi da foz do Amazonas. (Nimuendaju, 1942:4). Segundo Couto de Magalhães (1946:99) os Canoeiros são descendentes dos Carijó (Tupi) trazidos por Ortiz de São Paulo e que fugiram para os matos, formando depois o grupo dos Canoeiros. Também Taunay (1950:72, in Chaim, 1974:54) tem a opinião de que os Canoeiros não são mais do que os descendentes dos Carijó do séquito do Anhanguera, miscigenados com os quilombolas.

Pohl (1951, II:90) atribui o nome da tribo às canoas que usam, sendo estas "feitas por troncos de árvores nas quais navegam audaciosamente e habilmente, mesmo o caudaloso Rio Maranhão".

A morada mais constante dos Canoeiros são os sertões de Tesouras entre o rio do Peixe e o rio Tesouras. (Magalhães, 1946:95). O mesmo autor (1946:96) relata a destruição dos arraiais de Tesouras (da freguesia de São Félix), Cocal, Água Quente e Amaro Leite, hoje Mara Rosa, como também a dizimação da população de Crixás e da Vila de Pilar por estes índios.

Segundo Pohl (1951, II:90) os Canoeiros "Vivem nas matas próximas do Rio Maranhão, dos Rios Paranã, Manoel Alves e da Barra do Palma onde têm suas aldeias. Possuem, além do Rio Maranhão, ao oeste, os descampados até Amaro Leite e Piedade." E ainda na ocasião da sua viagem de Traíras a São Félix, este grupo

indígena foi combatido pelos brancos no rio Maranhão. (Pohl, 1951, II:89).

Quando se fez, em 1789, uma tentativa de alcançar o Grão-Pará a partir do caminho fluvial do rio Tocantins

“os aprestos foram feitos no porto de Santana no engenho de Capim Puba no Rio Uruú.” ... “e que viviam à esquerda do Rio Maranhão e haviam aniquilado quase todos os habitantes deste rio.” (Pohl 1951 I:318).

Quando Pohl regressa a Traíras lhe contam o êxito de uma chacina contra os Canoeiros na região:

“De volta à Vila da Palma chegaram eles (os guerreiros) a uma vereda que leva de Amaro Leite para o Rio Maranhão. Seguiram a vereda e chegaram, na margem oposta do Rio Maranhão, no Rio das Almas, a uma aldeia de índios com uma grande roça de milho de quatro alqueires, que acabava de ser plantada.” (Pohl, 1951, II:92).

A aldeia foi cercada, os índios mortos e em parte aprisionados.

Segundo o mesmo autor (1951, II:90), porém, a aldeia principal dos Canoeiros fica entre as montanhas de além do Duro, onde nunca penetravam os habitantes brasileiros.

Couto de Magalhães (1946:95) também relata a presença de Canoeiros perto do rio Claro, afluente do Araguaia: “No Rio Claro, foram mortos há poucos anos alguns (Canoeiros) que nos atacaram.”

Segundo o mapa de Nimuendaju (1946 a, in Steward, 383) os Canoeiros se localizam, em 1824, na margem direita do Araguaia, ao sul do rio Crixás, e na margem esquerda do rio Tocantins, entre este e o rio Santa Tereza, em 1824 — 1844.

Tapirapé

Os Tapirapé são classificados como um grupo Tupi que habita hoje a margem esquerda do rio Araguaia ao norte do rio Tapirapé, porém não alcançando a área da desembocadura daquele rio no Araguaia. (Wagley e Galvão, 1948, in Steward, III:167).

Temos notícias sobre os Tapirapé em território goiano por Silva e Souza. Após o relato sobre a chegada de Antonio Pires de

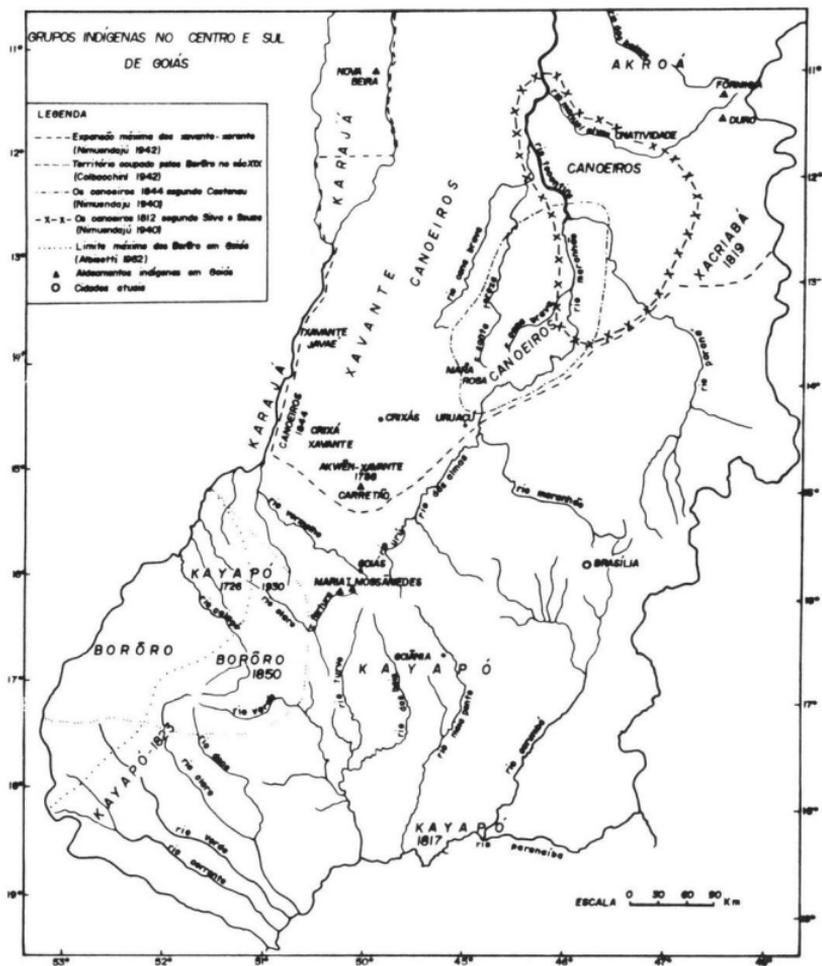
Campos com 500 Borôro para lutar contra os índios Kayapó, ele escreve:

"O capitão-mor João Godois Pinto da Silveira succedeu na mesma diligencia com as mesmas promessas, porém não resultou das suas entradas mais utilidade que a preza de cem Tapirapez, que todos morreram, talvez à mingua, n'esta vila (Vila Boa)". (Souza 1874:510).

Em Saint-Hilaire (1937:274) encontramos mais uma referência a estes índios, quando se refere ao povoamento da aldeia de Sant'Ana, no Triângulo Mineiro.

"As tradições unanimes dos índios Boróros attribuem aos jesuitas a primeira fundação da aldeia Sant'Anna, e, segundo as mesmas tradições, o povoado foi a principio habitado por índios do litoral. A esses Antonio Pires reuniu, como vimos acima, alguns índios Carajás e Tapirapés, habitantes das margens do Araguaya, ao norte da província."

Com estas citações e as notícias sobre os Canoeiros parecem se ter esgotado todas as referências bibliográficas quanto à presença de grupos Tupi no sul e centro da antiga Capitania de Goiaz em tempos históricos.



2. TRADIÇÕES E FASES ARQUEOLÓGICAS

2.1. TRADIÇÃO ARATU

A tradição cerâmica Aratu, estudada anteriormente por Calderón (1969, 1971, 1974) e Perota (1971, 1974), foi definida como tradição em 1968 (Brochado *et alii*, 1969) e mais claramente caracterizada na reunião final do PRONAPA (Washington, 1972).

Denomina uma tradição cerâmica de grupos horticultores do Nordeste e Centro do Brasil, ligada ao horizonte agrícola ao qual também pertence a tradição Sapucaí, que se identifica praticamente pelos mesmos elementos gerais, a ponto de se propor a fusão das duas tradições (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, ed., 1981c).

Caracteriza-se por ter vasilhames predominantemente simples, produzidos com antiplástico mineral e formas esféricas e ovóides grandes, geralmente não associados à transformação da mandioca tóxica em alimento humano.

Foi encontrada, até agora, na Bahia, Espírito Santo, Goiás (fase Mossâmedes), acreditando-se que possa exis-

tir também no Piauí e outros estados nordestinos e no norte do estado de São Paulo.

2.1.1. Fase Mossâmedes

2.1.1.1. Ambiente geral e ocupação

Os sítios cerâmicos da fase Mossâmedes localizam-se numa extensa área abrangendo várias micro-regiões, em especial a do Mato Grosso de Goiás, a do Sudeste de Goiás, a do Meia Ponte e Alto Araguaia Goiano, entre os meridianos de 48° 10' e 51° 25' de longitude oeste de Greenwich e os paralelos de 15° 25' e 17° 30' de latitude sul, correspondente à borda baixa das serras do Caiapó, Dourada e dos Pireneus. Abrange um grande número de municípios, como Edéia, Ipameri, Orizona, Goiatuba, Trindade, Anicuns, Taquaral, Itaguaru, Heitorai, Mossâmedes, Jaupaci, Diorama, Montes Claros, Caiapônia.

Geologicamente encontram-se predominantemente sobre o Pré-Cambriano; geomorfologicamente são terrenos ondu-

dos na proximidade de cristas e escarpas; os solos são predominantemente latossolos, com pequenos trechos de brunizem avermelhados.

A altitude predominante vai de 600 a 800 m.

A vegetação predominante parece ter sido a mata ampla ou a mata de galeria entre áreas de cerrado ou cerradão.

Conforme a qualidade da terra ela é usada hoje para cultivos de arroz, milho, feijão, banana, mamona, amendoim ou mandioca, ou para a criação extensiva de gado. Uma parte das lavouras já está mecanizada, exatamente nas terras que são melhores e onde a densidade dos sítios é alta.

2.1.1.2. Os sítios (quadro 1)

A fase Mossâmedes se estende, no momento atual de nossos conhecimentos, por uma área que vai no oeste até Montes Claros de Goiás e Caiapônia, no leste até Orizona e Ipa-meri; no sul até Edéia; no norte até Heitoraí. Em grandes linhas corresponde a terrenos da borda inferior da Serra do Caiapó, da Serra Dourada, da Serra do Pireneus e outras menores.

Esta área pertence a três grandes bacias: a do Araguaia, através dos rios Claro, Almas e Caiapó; do Paranaíba, através

dos rios Claro, Turvo, dos Bois, Meia Ponte e Corumbá; do Tocantins, através dos rios Uru/Almas e Sucuri. Ocupa mais densamente a parte alta desses cursos de água e os interflúvios correspondentes. Nenhum dos sítios encontra-se na borda de nenhum rio mas sobre córregos de águas perenes ou eventualmente ribeiras dos quais distam entre 70 e 500 m.

Estão localizados em colinas ou chapadas, quase sempre utilizando para a implantação da aldeia um declive suave e largo em direção ao córrego, raramente o topo da chapada ou da colina.

Os terrenos nos quais se encontram as aldeias provêm da decomposição de gnaisses e granitos do Pré-cambriano; de micaxitos e quartzitos do Grupo Araxá; raramente, no oeste da área, de arenitos do Grupo Paraná.

A vegetação da maior parte dos locais dos sítios parece ter sido mata, não se excluindo áreas de cerradão e de cerrado na proximidade de matas de galeria. Nos locais ainda hoje se vêem os testemunhos dessas vegetações, embora a maior parte dos locais se tenham transformado em lavouras, ou, às vezes, em pastos. É possível que dentro dos cerrados, que cobrem as chapadas e os divisores de água de grande

parte da área, haja muito mais sítios do que parece indicar o quadro, mas a sua localização seria mais difícil e demorada porque eles ainda não foram desmatados.

A terra é usada hoje para plantios variados: arroz, milho, feijão, pastos.

A área está em desbravamento, utilizando-se em geral, tanto para o desmatamento, quanto para a preparação das sementeiras, grandes tratores, que em pouco tempo reduzem a nada os restos arqueológicos. Na quase totalidade dos sítios já não se conservam as camadas arqueológicas, capazes de fornecer materiais nos seus estratos naturais. Quando existem, esses estratos são extremamente finos, constituindo-se o horizonte de uma camada de 10 a 20 cm de espessura, onde existem abundantes cacos de cerâmica e grânulos de carvão. Esta é a razão por que só se realizaram três cortes estratigráficos.

Com o primeiro levantamento feito em áreas amplas, realmente não se pensou em reconstituir com detalhes a morfologia dos sítios e as medidas apenas indicam a superfície dentro da qual se encontrou material arqueológico; geralmente não representa a extensão total do sítio, mas a área dentro da qual os materiais se

encontravam visíveis, na superfície, devido ao trabalho do homem atual; como se trata de pequenas áreas cercadas por pastos, cerrados ou mata, geralmente o sítio deve ser considerado maior, mas sem sabermos exatamente quanto.

O material encontra-se na superfície em concentrações que devem indicar o lugar das habitações. O número de manchas ou concentrações de material é bem variado.

Os sítios são grandes, com numerosas concentrações, aparentemente dispostas ao redor de um espaço vazio. Ao menos num dos casos a aldeia parece ter uma forma elíptica.

Os poucos sítios levantados numa primeira prospecção não podem ser tomados como amostra da distribuição e densidade em nenhuma das áreas estudadas.

Quando olhamos a distribuição espaço-tempo dos sítios hoje conhecidos, observamos que no começo o espaço geográfico ocupado parece ter sido maior, coincidindo praticamente com o espaço integral anteriormente assinalado para a fase; mais tarde a ocupação parece ter-se restringido mais ao centro e leste, o que é compreensível, uma vez que uma parte do espaço a oeste passa a ser ocupado por outras fases, especialmente Jaupaci e Uru,

que se estabelecem nas áreas mais próximas aos rios Claro e Uru, permanecendo os grupos Mossâmedes entretanto em áreas acidentadas na bacia do Caiapó. O centro e leste parecem pouco atingidos pelas influências da tradição Uru, que avança do oeste, chegando até o rio Uru/Almas.

Com relação à cronologia da ocupação: se no meio da seriação temos datas do século IX, o início deve ter-se dado provavelmente vários séculos antes, com o que chegaríamos ao século II ou talvez ainda antes. Por outro lado, a data do século X pertence a um sítio cuja posição na seriação está predominantemente para cima do anterior. Como na área centro e leste da fase Mossâmedes praticamente não aparecem sítios de outras fases, acreditamos que a fase Mossâmedes deve ter chegado até a Conquista europeia, como veremos no fim do relato.

A seguir oferecemos a descrição de alguns sítios, com os respectivos croquis, como ilustração mais concreta do quadro acima: GO-RV-06, GO-NI-32, GO-JU-04/05, GO-JU-36, GO-CP-02.

GO-RV-06

O sítio está localizado no município de Anicuns, em ter-

reno suavemente inclinado para o córrego Jasmim, distante 300 m. Está voltado para leste.

O local antigamente era mata, da qual sobram testemunhos.

O terreno já foi arado com trator e o material se encontra na superfície, não restando nada significativo dos estratos.

Um parte do sítio foi quadriculada em setores de 4 m de lado, do que resultaram aproximadamente 1200 amostras ainda não analisadas, mas que indicam a forma geral do sítio, que se apresenta claramente em elipse ao redor de um espaço vazio; os pormenores da distribuição das casas não são mais visíveis.

Anteriormente haviam sido feitas 3 coletas sistemáticas, que localizam a ocupação na parte baixa da seriação.

Bem próximos estão vários outros sítios, como GO-RV-07, que dista uns 600 m e GO-RV-08, que dista apenas 300 m.

GO-NI-23

O sítio encontra-se a 3.200 m de Heitorai, em direção sul, na mesma chapada em que está a cidade. Inclina suavemente para o córrego Capim Puba, do qual dista 210 m. O córrego tem apenas 1 m de largura no tempo da seca, mas no tempo

da chuva se espria uns 10 m. Está voltado para o sul.

A vegetação antiga era mata, da qual restam vestígios.

O sítio está sendo arado há varios anos com trator, que destruiu as finas camadas arqueológicas; o material hoje está na superfície, podendo-se registrar apenas os pontos, onde aflora; em alguns pontos ainda se distinguem manchas mais escuras; conseguimos registrar 9 concentrações de cerâmica, maiores e mais densas no centro, menores e com menos material na periferia. Mas estamos certos de ter registrado só parte do sítio que continua no pasto e provavelmente também no bananal e poderia ter a forma do anterior.

Realizamos três coletas sistemáticas superficiais em pontos diferentes do sítio.

Um dos peões nos informou ter encontrado rodela de fuso, em cerâmica.

O sítio apresenta amostras distanciadas na seriação, sendo uma aparentemente antiga, as outras duas aparentemente recentes. Das explicações, que ocorrem, que seriam duas ocupações sucessivas ou uma ocupação com populações diferencialmente aculturadas, meras variações na amostragem, ou resultados de locais de trabalho funcionalmente diferen-

tes, nos inclinamos mais para esta última.

GO-JU-04/05

O sítio GO-JU-04 localiza-se no município de Mossâmedes, a 10 Km da sede do mesmo, em direção leste, sobre o topo de uma pequena elevação em frente ao sítio GO-JU-05, que provavelmente o complementa.

A água mais próxima é uma nascente que vai para o córrego Ripa ou Lagoinha, a 500 m de distância. O rio Fartura encontra-se a 3 Km.

Devido a que parte da área se encontra coberta de vegetação densa não conseguimos captar a morfologia da aldeia.

A vegetação atual das proximidades é cerrado, porém também há vestígios da presença de mata densa em tempos passados. No local do sítio encontra-se atualmente um bananal, tendo o terreno sido lavrado pela primeira vez há oito anos.

O sítio está parcialmente destruído e só pequenas manchas se prestam a escavações. O material arqueológico apresenta-se disperso sobre quase toda a área, notando-se todavia duas concentrações opostas, sem margem definida uma ao lado oeste e outra ao lado leste, sendo que entre

ambas parece se configurar um espaço com pouco material.

Caracteriza-se o sítio pela presença acentuada, de vasilhames piriformes grandes, de antiplásticos cariapé B, como também pela presença de impressões de folhas nas suas bases.

Efetuaram-se 3 coletas sistemáticas de superfície, 2 coletas assistemáticas e realizou-se um corte estratigráfico na parte central do sítio.

O corte estratigráfico foi feito numa área de 200 x 150 cm, empregando níveis artificiais de 10 cm. O primeiro nível, ainda perturbado pela ação do arado, não mostrou vestígios arqueológicos. O segundo nível, ainda intacto, teve ocorrência de cerâmica, porém só nos primeiros 5 cm, tornando-se o corte em seguida estéril. Foi recolhido carvão abaixo dos fragmentos cerâmicos, que proporcionou uma data de 960 ± 75 AP(SI-2768).

Na seriação as amostras superficiais caíram bastante em cima, ao passo que o material da escavação cai bastante em baixo, inclusive numa posição inferior às datas mais antigas do GO-CP-02. A data pode servir para datar o centro do sítio (corte e coleta B), onde há muito antiplástico mineral, mas não serve para datar as extre-

midades do sítio (amostras A e C), que na seriação são muito mais recentes. Seria reocupação?

Segundo informações dos moradores apareceram, durante a lavração da área do sítio, machados, fusos, cachimbos e um tembetá de quartzo em forma de T, que se encontra ainda em posse do proprietário e que foi desenhado e fotografado.

O sítio GO-JU-05 parece ser a continuação do GO-JU-04. Encontra-se sobre um declive suave em direção oeste e noroeste, dando para o córrego da Ripa ou Lagoinha. A distância para este é de 500 m, enquanto que o rio Fartura dista 3 Km.

A vegetação atualmente é cerrado, porém há vestígios de mata, indicando que a vegetação original era predominantemente de mata. Atualmente o terreno é plantado com arroz.

O desmatamento e o emprego do arado mecânico há um ano, destruiu parcialmente o sítio. Não se verificaram mais camadas arqueológicas intatas, o que impossibilitou um corte estratigráfico.

Verificaram-se 5 concentrações cerâmicas nítidas, uma de tamanho grande e as outras pequenas, sem porém indicar uma distribuição regular; em 4 foi verificada a presença de cerâ-

mica da fase Mossâmedes, em geral pouco abundante, enquanto que na outra, localizada no extremo nordeste do sítio (3), foi encontrada cerâmica da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada, fase Iporá (Fensterseifer e Schmitz, 1975:33).

De material lítico foi encontrado somente um machado semi-polido sem gume.

Realizaram-se duas coletas sistemáticas, uma coleta total na mancha com cerâmica Tupiguarani e a outra na concentração cerâmica grande.

Há informações sobre achados de cachimbos na área do sítio por ocasião do desmatamento.

Na seriação, a amostra cai quase no centro, na proximidade da amostra do corte do GO-JU-04.

A incorporação de pequeno núcleo Tupiguarani em sítio Mossâmedes ocorre mais vezes, como no GO-JU-36, que na seriação está bem próximo.

GO-JU-36

O sítio está localizado a 6 Km de Montes Claros, sobre o caminho para Diorama, numa chapada alta inclinada para o córrego Salobinha, distante 250 m. Está voltado para oeste.

O local era coberto de mata, da qual restam vestígios ao longo do curso de água.

O sítio está sendo arado desde vários anos com trator, que destruiu as camadas arqueológicas, encontrando-se o material hoje na superfície. Como o terreno estava todo limpo, creio termos captado bem a distribuição do material, que aparece em 13 concentrações, nas quais fizemos 3 coletas sistemáticas. A maior parte é Mossâmedes (como b), a concentração maior (a) é Tupiguarani, e uma mancha (c) tem material aculturado.

Na seriação a amostra cai aproximadamente no meio da seriação, na proximidade de GO-JU-05, que também mostra contato com Tupiguarani.

Além das coletas sistemáticas recolheram-se outros materiais em todo o sítio: 1 machado fino e largo, um machado petaloide, um machado com gargalo, lascas de quartzo e de outro material.

GO-CP-02

O sítio dista de Diorama, na estrada de Iporá, aproximadamente 6 Km. Está numa chapada alta, separada de um córrego anônimo, profundamente encaixado.

A vegetação é cerrado.

O sítio fora arado uma vez com trator, havendo poucos cacos na superfície, que foram recolhidos; as camadas ainda

estavam bastante conservadas e nos permitiram um corte de 250 x 150 cm num local onde afloravam cacos. O material foi removido em 4 níveis artificiais de 10 cm cada um. Dos 10 aos 30 cm havia bastante cerâmica e por baixo dos cacos e entre os mesmos, até 40 cm havia muito carvão.

Os materiais do corte e da coleta de superfície se localizam aproximadamente na metade da seriação.

As datas são as mais antigas da fase Mossâmedes: 1.140 ± 90 AP (SI-2770) para o nível 2; 1.070 ± 105 AP (SI-2771) para o nível 3/4. Apesar de uma pequena inversão, as datas são aceitáveis.

Não foi possível delimitar a forma da aldeia porque só uma parte estava descoberta, sendo o restante cerrado.

2.1.1.3. A cerâmica

Nos 27 sítios arqueológicos da fase Mossâmedes recolheram-se, em 56 coletas sistemáticas, 12.146 fragmentos. Há também um número bastante grande de cacos de coletas assistemáticas.

Esta cerâmica foi separada em 4 variedades de antiplásticos, ou seja, o cariapé A, o cariapé B, areia média e areia grossa. Inicialmente havíamos separado também areia fina e

mica, que, devido à dificuldade de sua separação, foram posteriormente reunidas com a areia média. Esta separação parece útil para o estabelecimento de uma cronologia, como se pode ver na seriação mais adiante.

2.1.1.3.1. Descrição geral da cerâmica Cerâmica com cariapé B

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada, sendo a largura dos roletas predominantemente de 3,5 a 5,5 cm; base provavelmente moldada.

2. Antiplástico diagnóstico: fibras vegetais silicificadas (cariapé B); a largura dos fragmentos incluídos na pasta varia de 0,5 a 3 mm e o comprimento de 1 mm a 1,8 cm, predominando um comprimento de 2 a 5 mm. As partículas geralmente não estão orientadas no sentido dos roletas. A densidade do antiplástico diagnóstico em geral é alta e bem visível em ambas as superfícies.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: poucos grãos angulosos de quartzo de 1 a 4 mm, predominando um tamanho de 1,5 mm; poucos grãos de feldspato e/ou quartzo de 2 a 5 mm; mica

muscovita fina, pouco abundante.

3. Textura: geralmente uniforme, porosa, às vezes levemente laminada. Fratura levemente irregular, freqüentemente acompanhando os roletes e macia ao tato.

4. Cor do núcleo: varia de cinza claro a cinza escuro, marrom escuro.

5. Queima: oxidante incompleta; a parte oxidada varia de 0,5 a 3 mm, sendo na parte externa em geral mais espessa do que na interna; excepcionalmente a parte oxidada pode alcançar até 1,7 cm em fragmentos com parede grossa. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 2 a 2,5 na escala de Mohs.

II. Superfície:

1. Cor da parede interna: cinza escuro, preto, ocre e ocasionalmente alaranjada; da parede externa: cinza escuro, marrom escuro, ocre ocasionalmente alaranjado. Em parte das amostras a cor da superfície interna é igual à da externa; em outras amostras parte dos fragmentos indicam uma cor ora mais escura, ora mais clara em uma das superfícies. Manchas de cocção na parede interna.

2. Tratamento: alisamento regular; na superfície interna

melhor alisamento; observam-se faixas de alisamento na superfície da borda interna com uma largura média de 1 cm.

Cerâmica com cariapé A

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; não foi possível determinar a largura dos roletes.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé A com dois elementos: uma fibra vegetal, cujo comprimento varia de 0,2 a 5 mm, tendo uma coloração cinza; pequenas partículas silicosas que alcançam 1 mm de comprimento e têm forma cilíndrica, cor branca ou às vezes preta. Ambos os elementos são pouco densos e nem sempre visíveis, na superfície, a olho nu.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: poucos grãos angulosos de quartzo de 0,5 a 1,5 mm; poucos nódulos ferruginosos de 0,5 a 1 mm; mica muscovita fina, pouco abundante.

3. Textura: não é muito uniforme; levemente porosa e macia ao tato. Fratura: um pouco irregular; acompanha às vezes os roletes; suave ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza clara e cinza escura, às vezes marrom.

5. Queima: oxidação incompleta; a parte oxidada varia,

na parede externa, de menos de 0,5 a 6 mm e, na parede interna, de menos de 0,5 a 3 mm. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 2 a 2,5 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna: cinza clara (esbranquiçada), cinza escura, ocre; da parede externa: as mesmas tonalidades como na parede interna; em geral as cores de ambas as superfícies são iguais, porém há maior ocorrência de tonalidades mais claras na superfície externa.

2. Tratamento: alisamento regular; irregularidades nas espessuras da parede; não se observaram vestígios de alisamento.

Cerâmica com areia média

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; base provavelmente moldada; predomina uma largura dos roletes que vai de 2 a 3 cm.

2. Antiplástico: areia fina e grãos angulosos de quartzo ou feldspato de 1 mm. Em poucos casos atinge 3 mm. A areia fina é abundante, os grãos de quartzo são pouco densos e podem estar ausentes. O antiplás-

tico nem sempre é visível na superfície.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: mica fina geralmente de 0,2 mm, ocasionalmente até 2 mm; raros nódulos ferruginosos de 1 a 2 mm, ocasionalmente até 4 mm; raros restos vegetais carbonizados, menores que 3 mm.

3. Textura: uniforme e compacta, às vezes levemente laminada. Fratura irregular, às vezes acompanhando os roletes; áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: predominam cores de cinza médio, cinza escuro, e marrom; ocasionalmente cinza claro, ocre e cor de tijolo e tons avermelhados.

5. Queima: oxidação geralmente incompleta; a espessura da parede oxidada varia de menos de 0,5 mm a 1,3 cm; predomina uma espessura de menos de 0,5 a 1 mm. A pasta está parcialmente fundida.

Dureza: 2,5 a 3 escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna: predominam as cores de ocre escuro e alaranjado; ocasionalmente cor de cinza, marrom ou esbranquiçada; da externa: geralmente as mesmas cores

da superfície interna, às vezes mais vivas e claras.

2. Tratamento: alisamento bom a regular; observam-se algumas faixas de alisamento com uma largura de mais ou menos 0,5 cm nem sempre paralelas à borda. Na parede interna há estrias de alisamento com menos de 3 mm de largura. Em raros casos há faixas de alisamento com uma largura de até 0,5 cm, na parede externa, nem sempre paralelas à borda.

Cerâmica com areia grossa

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; base provavelmente moldada; a largura dos roletes varia de 2,5 a 4 cm.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina com abundantes grãos de quartzo e feldspato de até 1 cm; predominam as partículas de 2 a 4 mm. A densidade do antiplástico é relativamente alta; em geral é bem visível em ambas as superfícies.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: poucos restos vegetais carbonizados; pouca mica muscovita fina de aproximadamente 0,2 mm e excepcionalmente de até 6 mm; mica preta fina; poucos nódulos ferruginosos de menos que 2 mm.

3. Textura: não muito uniforme; compacta; início de laminação. Fratura: irregular, acompanhando em poucos casos os roletes; áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: predominam as cores cinza escura e marrom; ocasionalmente cinza claro, preto, ocre escuro e tons avermelhados.

5. Queima: oxidação incompleta; predomina uma espessura oxidada de 0,5 a 1 mm em ambas as paredes; em poucos fragmentos, provavelmente de base, a parte oxidada pode alcançar até 1,7 cm. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna: cinza claro, ocre, marrom avermelhado, alaranjado e preto; da externa: as mesmas tonalidades que na interna, com exceção da cor preta; em geral a superfície externa tem uma tonalidade um pouco mais clara.

2. Tratamento: alisamento regular; na superfície interna às vezes bom.

2.1.1.3.2. A seriação da cerâmica da fase Mossamedes (quadro 2, gráfico)

Os elementos usados como diagnósticos básicos para con-

seguir uma cronologia relativa através da seriação foram os antiplásticos cariapé A, cariapé B, areia média e areia grossa. Eles haviam sido testados previamente, usando como referência as seqüências nos cortes estratigráficos e elementos históricos difusos, como cachimbos etc. A seqüência conseguida foi confirmada pelas datações de C14.

Na metade inferior da seriação conseguida predomina absolutamente o antiplástico mineral. A partir da metade cresce o uso de antiplásticos vegetais que substituem rapidamente os outros.

Na seriação observam-se três momentos de oscilação das tendências: a primeira na altura do GO-RV-06 a GO-JU-03, a segunda na altura do GO-JU-05 a GO-JU-36, a terceira na altura do GO-NI-22 a GO-JU-04 (nº do cat. 624). Estas oscilações parecem marcar momentos de perturbação na cultura.

No primeiro momento assinalado temos os primeiros indícios da utilização de cariapé como antiplástico, o aparecimento isolado de ombros, que nunca mais reaparecem, as primeiras bases perfuradas, que continuam. São incorporações de elementos novos, mantendo a tecnologia tradicional. Supomos que esteja ligado a conta-

to com outro grupo. O território onde tais elementos se manifestam é o dos contribuintes mais altos do rio Claro, afluente do Araguaia e nos contribuintes mais altos do Turvo, da bacia do Paranaíba, que formam com os anteriores uma área contínua. O cariapé está, aparentemente, indicando para o Araguaia. Curiosamente a Serra Dourada, que separa os terrenos da bacia do Araguaia dos terrenos do Paranaíba e do Uru (Tocantins) apresenta ali uma passagem ampla, que teria permitido a passagem. O fato deve anteceder bastante o século IX.

No segundo momento assinalado temos em dois sítios a incorporação de elementos Tupiguarani, fase Iporá, sob a forma de núcleos puros dentro de sítios Mossâmedes; num deles também mistura em outros núcleos habitacionais, bem como vasilhames utilizando tecnologias dos dois grupos. Estes contatos se dão em sítios da parte média e alta do Rio Claro, afluente do Araguaia. Deve estar ligado à tentativa de o Tupiguarani em expansão se apossar desse vale. Há raros sítios Tupiguarani puros na mesma bacia, um deles bastante recente, datado ao redor dos séculos XIV e XV. O fato registrado na seriação deve ter-se dado antes do século IX.

No terceiro momento a fase Mossâmedes I se transforma na fase Mossâmedes II e se separa das fases Jaupaci e Uru. Em termos de antiplástico ela vai acentuar o uso de cariapé B em prejuízo do antiplástico mineral, sem modificar essencialmente as formas, mas aumentando o seu tamanho. As fases Jaupaci e Uru, com uma evolução parecida se especializam na utilização do Cariapé A, acompanhada de troca de formas e outros elementos tecnológicos, que nos obrigam a classificá-las inclusive numa outra tradição cerâmica (tradição Uru). Essa evolução de Mossâmedes I em Jaupaci e Uru se dá nas áreas mais ocidentais, mais próximas ao Araguaia, ao passo que a evolução para Mossâmedes II se dá em área mais afastada para leste e sul, predominantemente na bacia do Paranaíba, mas também na sub-bacia do Caia-pó. Esse fenômeno deve ter-se dado ao redor do século XI e XII, talvez mais cedo. Na seriação se percebe a utilização paralela crescente das duas variedades de cariapé, mas com oscilações também perceptíveis nos antiplásticos minerais.

Este terceiro momento parece indicar uma modificação considerável na cultura da região, mas o seu motor ainda não é conhecido. Estaria ligada

à expansão de uma tecnologia amazônica de transformação da mandioca? O seu ponto local de difusão seria a fase Itaipirapuã, que é a mais próxima e provavelmente a mais antiga das fases do Araguaia?

As datas da seriação estão colocadas um pouco acima da metade, dando entre A.D. 810 e 990.

A data da "fase Cachoeira" (Chmyz *et alii*, 1975), tipicamente do começo da Mossâmedes II, é de A.D. 1.050.

Pensamos que o topo da seriação da fase Mossâmedes deva estar ao redor dos séculos XVII e XVIII; a base da seriação deve ser vários séculos anterior ao século IX, podendo chegar ao tempo de Cristo.

No sítio GO-RV-14 temos uma amostra colocada na parte baixa da seriação, outra na parte alta. As duas concentrações no mesmo sítio, de ocupação simultânea, correspondem a áreas de ocupação diferentes? Qual delas marca a posição cronológica correta do sítio, ou nenhuma delas marca? Pensamos que é a de cima, uma vez que o cariapé é uma introdução posterior ao antiplástico mineral, que parece ser o original.

No sítio GO-NI-21 uma das amostras está na Mossâmedes, a outra na fase Uru. Ainda não temos explicação para isso.

2.1.1.3.3. As formas dos vasilhames

Para evitar longas descrições das formas, todas reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, usamos um quadro (3) com todas as informações e onde facilmente se podem ver os indicadores usados para separar uma da outra.

Este quadro vem completado com uma tabela (4) da distribuição das bordas e bases por sítios e de uma tabela (5) das modificações nos vasilhames também por sítios.

O quadro está organizado da seguinte maneira: na primeira coluna o número correspondente às formas reconstituídas. Nas quatro colunas seguintes se dá a descrição geral da forma segundo o esquema de A. Shepard, indicando se o contorno é simples, infletido ou complexo; se o vasilhame é restringido, não-restringido e, neste caso, se restringido dependente ou independente; depois a forma básica do corpo; depois os pontos. Na quinta coluna indicamos o ângulo do corpo com relação à linha horizontal que passa pela boca do vasilhame. Na sexta, se a borda é reforçada ou não-reforçada: este é um elemento muito importante na classificação da cerâmica da área, como se pode ver pelo quadro. Na

sétima, a forma da base, que, mais adiante, será explicada. Na oitava a abertura da boca. Na nona a forma do lábio. Na décima a espessura da parede da borda. Depois uma série de informações sobre a existência de modificações no vasilhame, incluindo aqui o tratamento da superfície, sempre que o mesmo não seja simples alisamento: podem aparecer perfurações, incisões, banhos, diversas variedades de apêndices e apliques. Depois há uma coluna sobre a presença das formas nos sítios, segundo a tabela anexa. Finalmente o antiplástico usado na confecção das bordas utilizadas para a classificação das formas.

As bases são caracterizadas da seguinte maneira:

- A — base pequena redonda, às vezes levemente aplanada ou côncava;
- B — base aplanada, sem ponto final; ângulo de inclinação da parede maior que 45°;
- C — base aplanada sem ponto final; ângulo de inclinação menor que 45°;
- C' — base plana, com ponto final; não há distinção de ângulo;
- D — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede maior que 45°;
- E — base plana com pequeno

pedestal; ângulo de inclinação da parede maior que 45° ;

F — base plana, não muito espessa, com pedestal, prolongando a sua extremidade bastante além da continuação normal da parede;

G — base plana em forma de um pedestal espesso;

H — base anular com maior ou menor altura.

As bases absolutamente predominantes são A,B,C; as demais aparecem esporadicamente. A popularidade na seriação não parece ter-se modificado grandemente do começo ao fim. Com relação ao antiplástico, acompanha a evolução deste, podendo as formas mais populares serem feitas com qualquer um dos antiplásticos, quer areia média, quer areia grossa ou cariapé B; o cariapé A, esporádico, costuma aparecer com as formas da fase Uru.

Sendo a cerâmica simples, observamos quaisquer pequenas modificações no tratamento da superfície ou na forma do vasilhame. São as seguintes: o rolete final da borda pode estar dobrado para dentro ou para fora; pode haver banho vermelho interno; o lábio pode apresentar incisões regulares com unha; junto ao lábio ou no alto da borda pode haver uma ou

duas linhas incisivas, interna ou externamente, acompanhando o perímetro da boca do vasilhame; pode haver furos na borda; pode haver bases perfuradas, geralmente sob a forma de um pequeno "crivo"; podem aparecer ombros marcados, lisos ou incisos com a unha; a borda pode ser acastelada. Sendo o número de fragmentos, nos quais aparecem tais modificações, muito pequeno, como se pode ver na tabela, seria difícil indicar tendências, parecendo mesmo haver uma distribuição com aparência de regularidade por toda a seriação.

Especialmente em vasilhames grandes, piriformes, encontram-se às vezes impressões de folhas na parede externa das bases; acreditamos que esta impressão é casual, indicando que o vasilhame foi colocado na sua fabricação sobre grandes folhas, que o isolariam das impurezas do solo.

Os apêndices são pouco frequentes, podendo se distinguir três variedades de asas, um apêndice mamilonar, um apêndice em botão, um não-classificado e uma alça. Os apêndices são mais numerosos na Mossâmedes II, quando a influência da Uru já é grande na região.

2.1.1.3.4. Outros materiais cerâmicos (quadro 5)

Os mais abundantes são os fusos, que dividimos em 4 variedades:

- 1 — a primeira caracteriza-se por haver sido feita a partir de um fragmento de parede de vasilhame, não apresentando uma forma muito regular;
- 2 — a segunda é produzida especialmente, como uma rodela pouco espessa;
- 3 — a terceira também é produzida do mesmo modo, mas é mais grossa;
- 4 — a quarta é produzida como se fosse pequeno sino de barro, com perfuração vertical.
- 5 — ainda temos um não classificado.

Os fusos estão distribuídos nos sítios desde os mais antigos até os mais novos, não se percebendo modificação na sua popularidade.

Temos ainda um fragmento de carimbo cilíndrico. (Há mais dois nos sítios da fase Mossâmedes em Caiapônia, não incluídos neste relato). Esses carimbos, tais como também aparecem nas fases Uru, Uruaçu e Jaupaci, da tradição Uru, parecem pequenos rolos de massa, em cuja parte mais grossa se acham gravadas matrizes, que

produzem impressões geométricas, diferentes. O carimbo aparece nos sítios recentes, o que corresponde ao seu aparecimento nas outras fases que são contemporâneas da segunda parte da seriação da Mossâmedes, ou Mossâmedes II.

2.1.1.4. Material lítico (quadro 6)

O material lítico não é abundante. Na categoria de material usado, sem transformação intencional, encontramos percutores de seixo, quebracocos e polidores em canaleta. Na categoria material lascado encontramos algumas lascas de debitagem em calcedônia e quartzo e raspadores laterais. O material picoteado ou semipolido e o polido são mais representativos. Na categoria de material picoteado ou semipolido encontramos o percutor picoteado, o alisador, o machado, o martelo, o prato, o pilão e a mão-de-pilão. Na categoria de material polido entram lâminas de machado com gume biselado, lâminas de machado com garganta, lâminas de machado semi-lunar e diversos fragmentos de machado, tanto do gume como do talão. Finalmente temos dois tembetás, um de corpo médio, outro de corpo longo. A maior parte do material lítico aparece nos sítios da Mossâmedes II.

2.1.2. Sítio GO-CA-03

Com material semelhante ao da fase Mossâmedes existe um sítio no município de Ipameri, bacia do Corumbá, mas que não se enquadra perfeitamente na fase assim como ela é conhecida.

Como o sítio tem outro componente da fase Itaberaí, sua descrição é feita na apresentação do material daquela fase.

A separação dos antiplásticos foi feita pelo mesmo esquema da Mossâmedes e os resultados estão na tabela da seriação dessa fase: a quase totalidade do material é feita com cariapé B; há uma pequena percentagem de antiplástico mineral, mas não aparece cariapé A, característico da tradição Uru.

As formas, em sua maior parte são como as da Mossâmedes, incluindo a forma dupla (15) e constam na tabela da mesma; o mesmo acontece com as bases; mas há um número representativo de pratos e bases planas ou em pedestal, que apontam para a tradição Uru, sem entretanto possuírem o antiplástico de cariapé A tradicionalmente ligado a elas; também há diferenças em algumas formas de pratos.

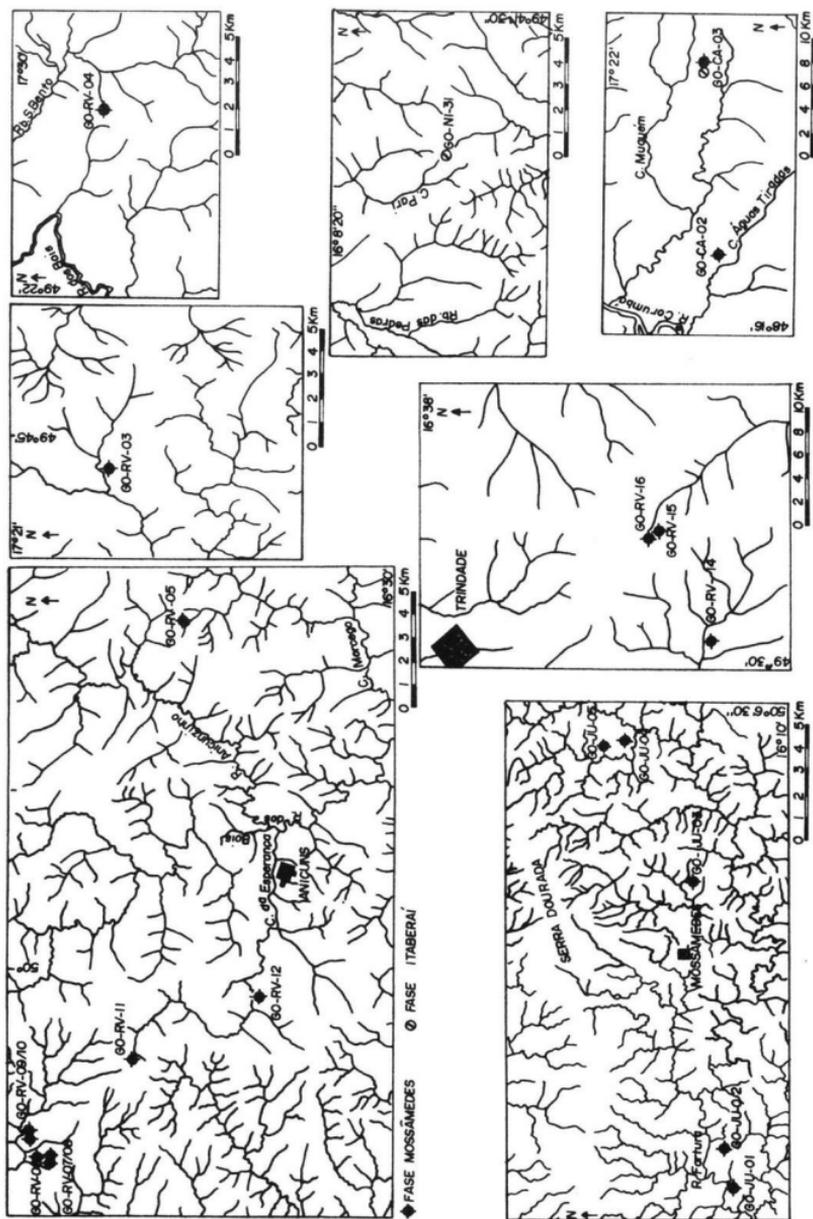
Na forma 7 há uma borda perfurada e duas com banho vermelho interno; na forma 9

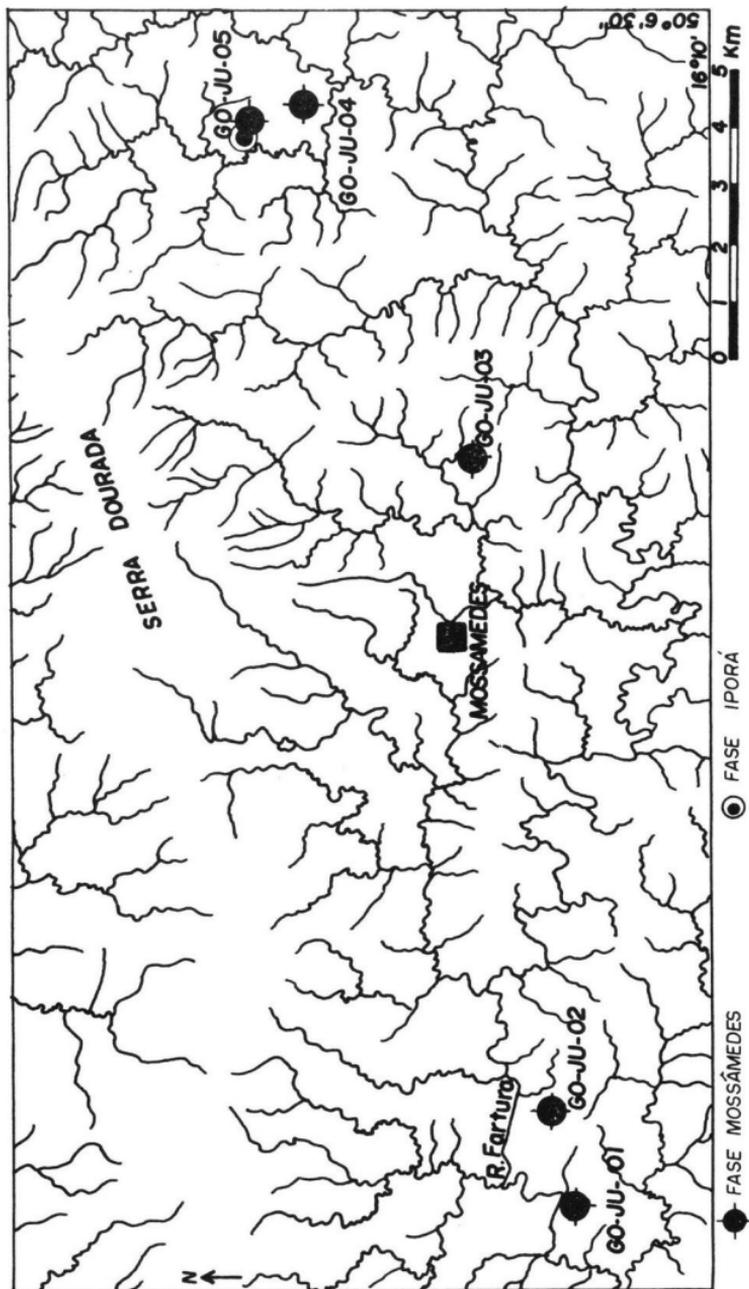
há uma borda com banho vermelho externo.

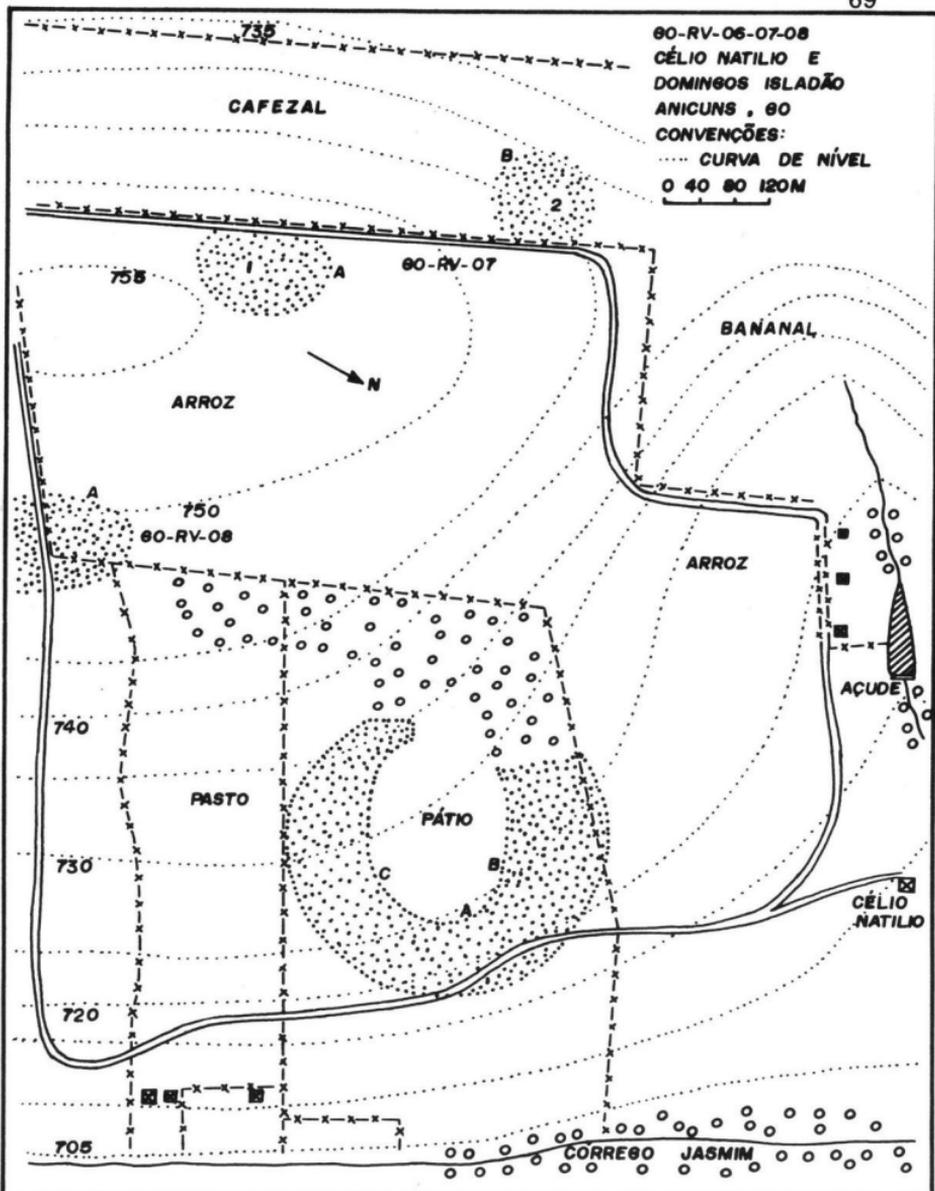
Incisões alongadas junto do lábio, ou no mesmo, aparecem nas formas 2, 3, 5 e 13; depressões elípticas no lábio aparecem na forma 13. Incisões parecidas existem nas fases conhecidas da tradição Uru, mas geralmente se encontram nas formas de contorno infletido, ao passo que aqui são mais numerosas nas formas de contorno simples.

Dos elementos da tradição Uru há um outro presente: as bases planas, mas só algumas das variedades, especialmente a E, estando ausentes ou pouco representadas outras.

Inicialmente pensávamos que GO-CA-03 poderia ser um sítio da fase Mossâmedes fortemente aculturado com elementos da fase Uru. Mas agora, por causa das grandes discrepâncias, acreditamos que se trata de outra coisa, possivelmente material de uma nova fase, para cuja definição ainda nos faltam mais sítios e a compreensão da sua área de ocupação.





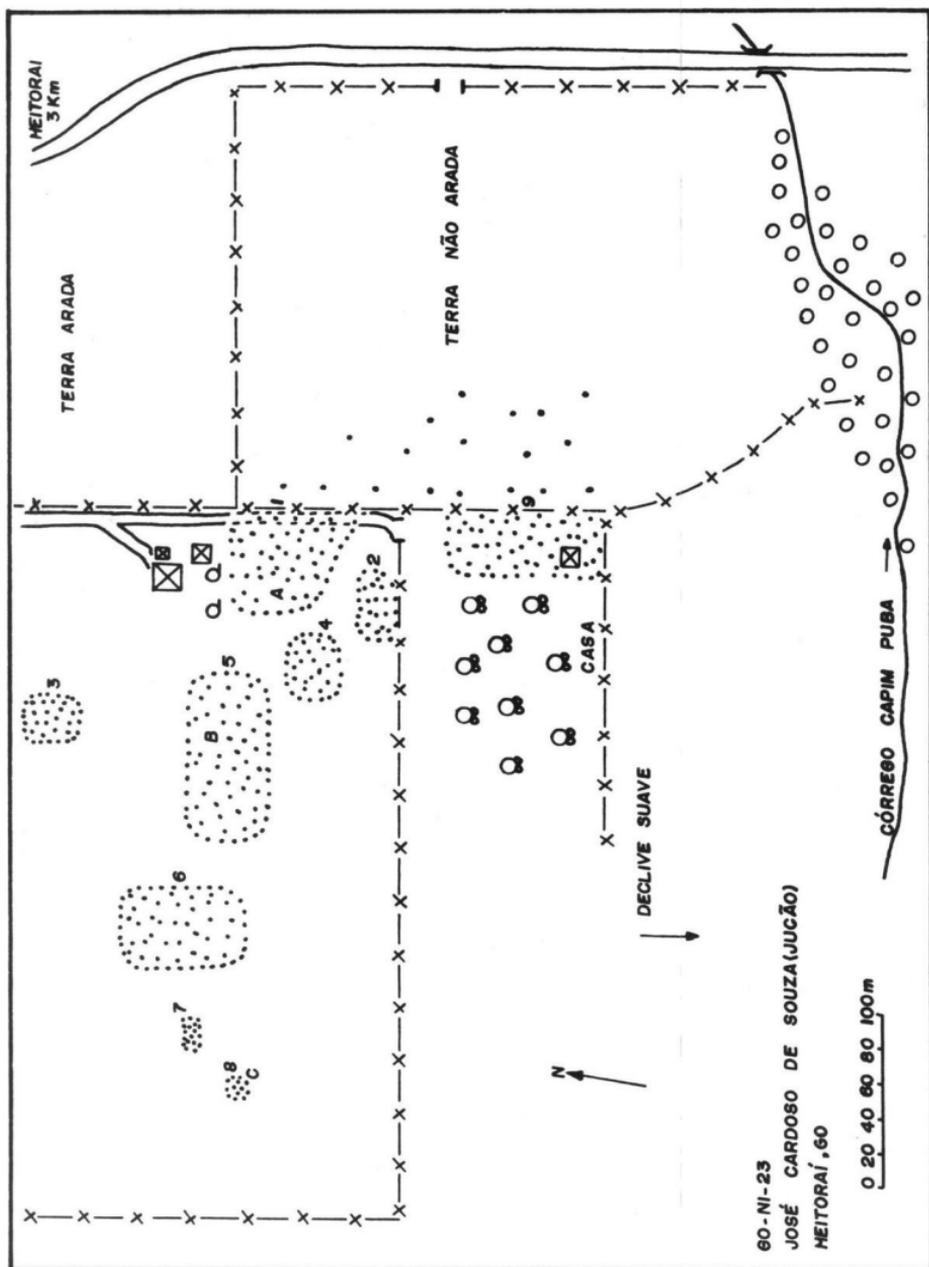


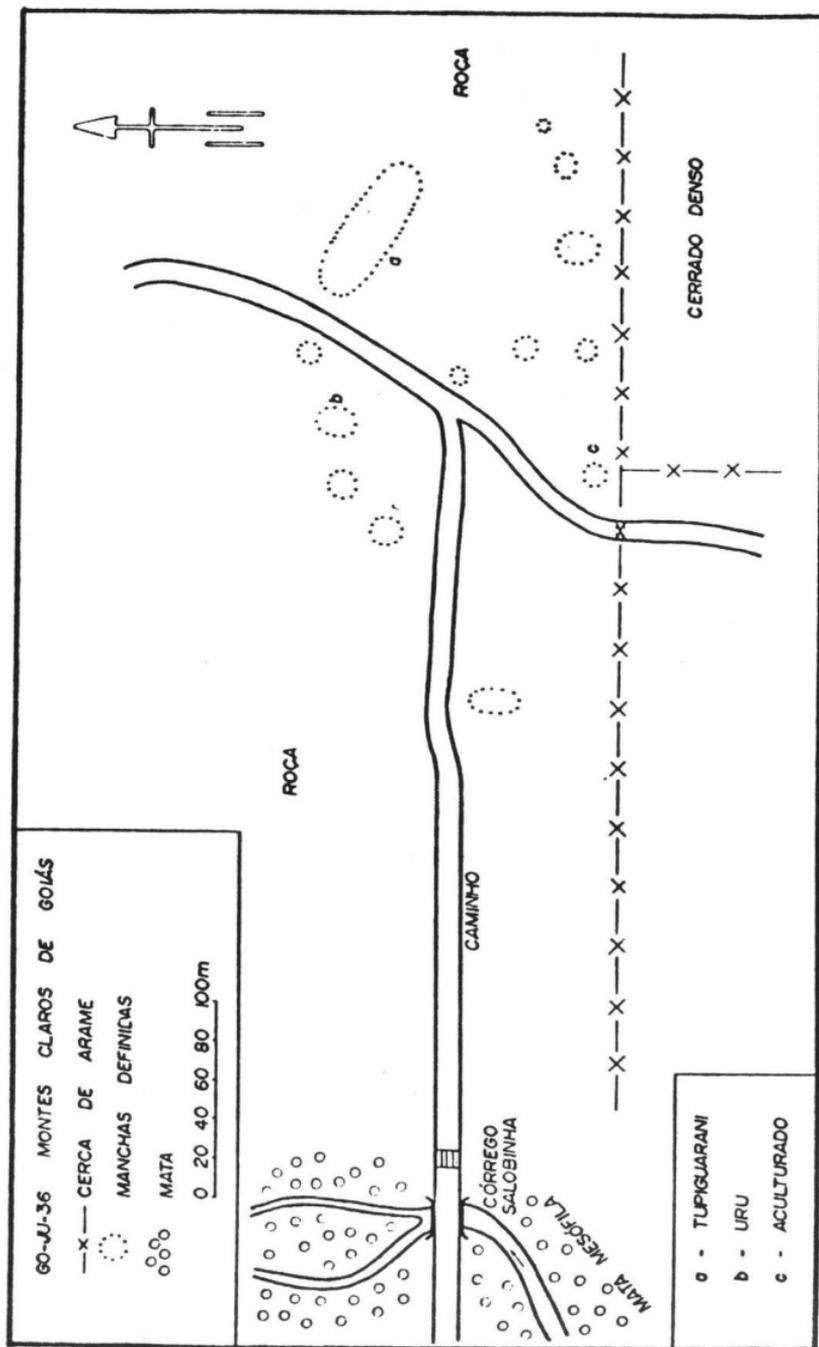
CONVENÇÕES USADAS

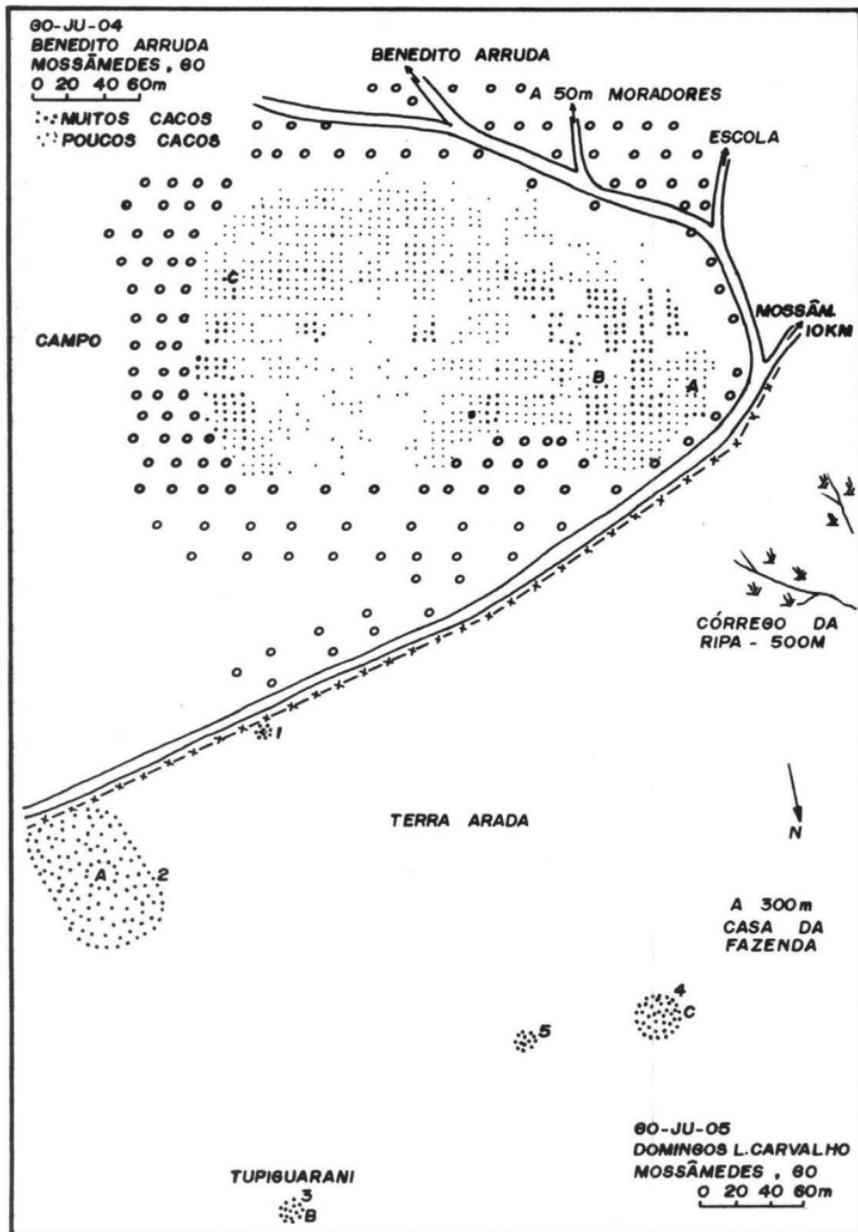
- 1 - 5 MANCHAS DEFINIDAS
A - B COLETAS
o o MATA
• • • VEGETAÇÃO ARBUSTIVA
o o CERRADO
» » ALAGADIÇO
⊙ PALMÁCEAS

NOS CROQUIS:

- o o POMAR
o o BANANAL
-X- CERCA DE ARAME
-|- CERCA DE PRANCHA
• • • MOURÕES
▣ CORTE
▣ CONSTRUÇÕES







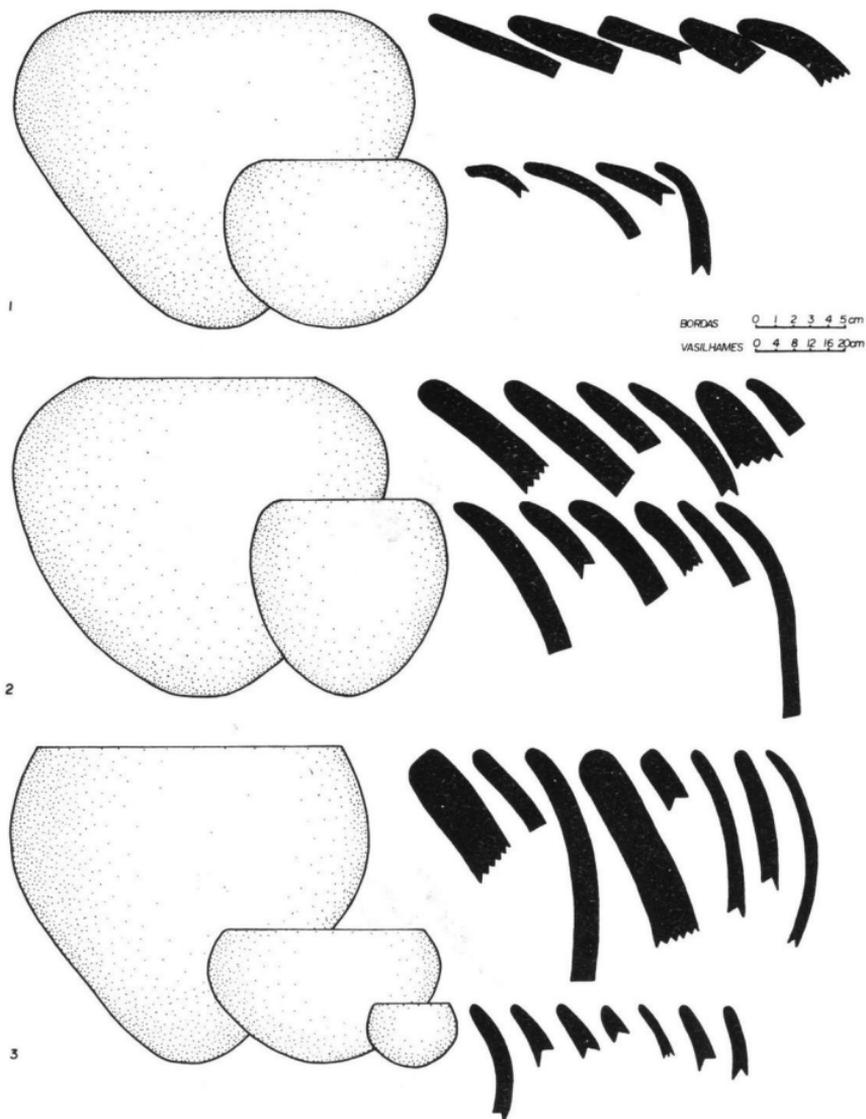
2. FASE MOSS/DEDES: Setação do Antiplástico

Sítios	Nº Cat.	Cariapé A		Cariapé B		Área Média		Área Grossa		TOTAL	Cariapé A+B		AM + AGR.	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%
GO-IV-05	325	-	-	161	98,77	2	1,23	-	-	163	161	98,77	2	1,23
GO-JU-04	7	-	-	154	95,65	5	3,11	2	1,24	161	154	95,65	7	4,35
GO-IV-14	348	-	-	176	93,62	8	4,26	4	2,13	188	176	93,62	12	6,38
GO-IV-05	326	-	-	173	86,07	12	5,97	16	7,96	201	173	86,07	28	13,93
GO-IV-15	351	-	-	228	84,13	6	2,21	37	13,65	271	228	84,13	43	15,87
GO-JU-04	8	-	-	116	83,45	18	12,95	5	3,60	139	116	83,45	23	16,55
GO-NI-25	14	-	-	75	72,82	17	16,50	11	10,68	103	75	72,82	28	27,18
GO-IV-11	341	-	-	149	68,98	10	4,63	57	26,39	216	149	68,98	67	31,02
GO-NI-21	638	2	1,02	118	59,90	32	16,24	45	22,84	197	120	60,91	77	39,09
GO-IV-07	330	2	0,42	274	58,17	68	14,44	127	26,96	471	276	58,60	195	41,40
GO-IV-11	342	-	-	118	57,84	17	8,33	69	33,82	204	118	57,84	86	42,16
GO-NI-24	643	9	4,81	91	48,66	25	13,37	62	33,16	187	100	53,48	87	46,52
GO-NI-36	635	-	-	111	48,05	31	13,42	89	38,53	231	111	48,05	120	51,95
GO-NI-23	641	6	2,82	87	40,84	87	40,85	33	15,49	213	93	43,66	120	56,34
GO-NI-56	50	-	-	65	38,69	37	22,02	66	39,29	168	65	38,69	103	61,31
GO-IV-13	346	-	-	45	34,62	47	36,15	38	29,23	130	45	34,62	85	65,38
GO-JU-03	4	3	1,63	58	31,52	85	46,20	38	20,65	184	61	33,15	123	66,85
GO-IV-13	347	-	-	37	28,24	44	33,59	50	38,17	131	37	28,24	94	71,76
GO-JU-04	624	-	-	29	24,79	53	45,30	35	29,91	117	29	24,79	88	75,21
GO-JU-02	629	-	-	34	23,61	99	68,75	11	7,64	144	34	23,61	110	76,39
GO-JU-26	401	139	19,31	44	6,11	277	38,47	260	36,11	720	183	25,42	537	74,58
GO-NI-22	640	15	10,27	19	13,01	51	34,93	61	41,78	146	34	23,29	112	76,71
GO-CP-02	434(1)	12	16,00	1	1,33	23	30,67	39	52,00	75	13	17,33	62	82,67
GO-CP-02	436(3)	34	14,53	14	5,98	69	29,49	117	50,00	234	48	20,51	186	79,49
GO-NI-22	12	7	6,86	13	12,75	33	32,35	49	48,04	102	20	19,61	82	80,39
GO-CP-02	435(2)	28	12,73	6	2,73	84	38,18	102	46,36	220	34	15,45	186	84,55
GO-CP-02	108(e)	18	7,59	4	1,69	83	35,02	132	55,70	237	22	9,28	215	90,72
GO-NI-55	637	6	3,61	12	7,23	41	24,70	107	64,46	166	18	10,84	148	89,16
GO-JU-36	92	6	3,47	3	1,73	29	16,76	135	78,05	173	9	5,20	164	94,80
GO-IV-12	344	-	-	26	5,01	123	23,70	870	71,29	519	26	5,01	493	94,99
GO-JU-05	628	6	4,76	1	0,79	59	46,82	60	47,62	126	7	5,56	119	94,44
GO-JU-26	83	3	1,56	7	3,65	96	50,00	86	44,79	192	10	5,21	182	94,79
GO-IV-02	9	11	7,24	-	-	73	48,03	68	44,74	152	11	7,24	141	92,76
GO-JU-03	623	2	1,20	1	0,60	91	54,49	73	43,71	167	3	1,80	164	98,20
GO-JU-04	625(2)	2	1,40	3	2,10	88	61,54	50	34,97	143	5	3,50	138	96,50
GO-JU-03	5	-	-	1	0,50	126	63,32	72	36,18	199	1	0,50	198	99,50
GO-IV-09	335	-	-	11	6,88	117	73,13	32	20,00	160	11	6,88	149	93,13
GO-JU-01	621	1	0,93	-	-	92	85,98	14	13,08	107	1	0,93	106	99,07
GO-IV-06	327	6	1,60	5	1,33	248	66,13	116	50,93	375	11	2,93	364	97,07
GO-IV-06	328	1	0,27	1	0,27	251	66,58	124	32,89	377	2	0,53	375	99,47
GO-IV-06	329	-	-	-	-	176	63,31	102	36,69	278	-	-	278	100,00
GO-IV-10	339	-	-	-	-	133	60,18	88	39,82	221	-	-	221	100,00
GO-IV-09	336	-	-	4	1,88	102	47,89	107	50,23	213	4	1,88	209	98,12
GO-IV-10	338	-	-	161	41,71	225	58,29	29	7,46	386	-	-	386	100,00
GO-IV-14	349	-	-	148	39,89	223	60,11	21	5,57	371	-	-	371	100,00
GO-NI-23	15	2	0,98	1	0,49	60	29,41	141	69,12	204	3	1,47	201	98,53
GO-IV-12	343	-	-	-	-	25	26,88	68	73,12	93	-	-	93	100,00
GO-IV-14	350	-	-	-	-	86	25,44	252	74,56	338	-	-	338	100,00
GO-CP-01	106	-	-	-	-	90	25,35	265	74,65	355	-	-	355	100,00
GO-CP-01	433	-	-	-	-	61	24,30	190	75,70	251	-	-	251	100,00
GO-IV-08	333	-	-	-	-	85	23,42	278	76,58	363	-	-	363	100,00
GO-CA-02	321	-	-	-	-	31	18,90	133	81,10	164	-	-	164	100,00
GO-IV-08	334	-	-	-	-	35	17,59	164	82,41	199	-	-	199	100,00
GO-IV-03	345	-	-	2	2,06	10	10,31	85	87,63	97	2	2,06	95	97,94
GO-IV-07	331	-	-	-	-	9	6,25	135	93,75	144	-	-	144	100,00
GO-JU-01	1	-	-	-	-	60	100,00	-	-	60	-	-	60	100,00
TOTAL										12.146				
GO-CA-03	364	-	-	577	99,83	1	0,17	-	-	578	577	99,83	1	0,17
GO-CA-03	324	-	-	123	85,42	6	4,17	14	9,72	144	123	85,42	20	13,89
TOTAL										722				

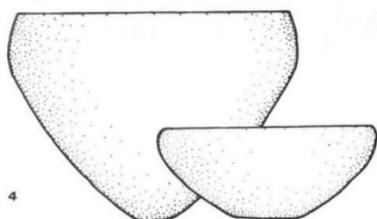
		SERIAÇÃO DOS ANTIPLÁSTICOS FASE MOSSÂMEDES					
		CARAPÉ A	CARAPÉ B	AREIA MÉDIA	AREIA GROSSA	ANTIPLÁSTICO VEGETAL	ANTIPLÁSTICO MINERAL
GO-RV05	325	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU04	7	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV14	348	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV05	326	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV15	357	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU04	8	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI23	14	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV11	341	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI21	638	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV07	330	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV11	342	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI24	643	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI56	635	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI23	641	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI56	50	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV13	346	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU03	4	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV13	347	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU04	624	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU02	629	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU26	401	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI22	640	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR02	434 (n1)	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR02	436 (n3)	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI22	12	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR02	435 (n2)	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR02	108 (sup)	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI55	637	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU36	92	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV12	344	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU05	628	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU26	83	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU02	9	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU03	623	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU04	625	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU03	5	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV09	335	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU01	621	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV05	327	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV05	328	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV05	329	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV10	339	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV09	336	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV10	338	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV14	349	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-NI23	15	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV12	343	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV14	350	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR01	105	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-CR01	433	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV06	333	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-Cq02	321	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV08	334	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV03	335	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-RV07	331	=====	=====	=====	=====	=====	=====
GO-JU01	1	=====	=====	=====	=====	=====	=====

Q 1020304050 %

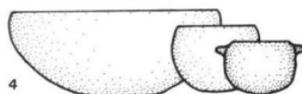
FASE MOSSÂMEDES



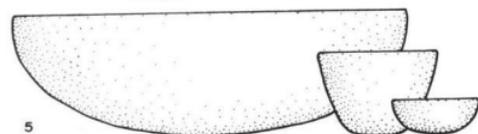
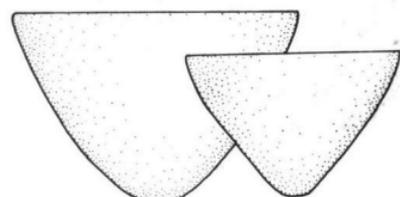
Formas dos vasilhames da fase Mossâmedes



4



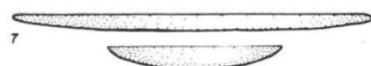
4



5



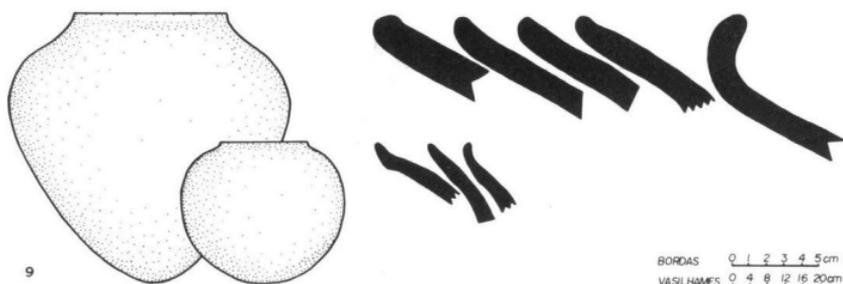
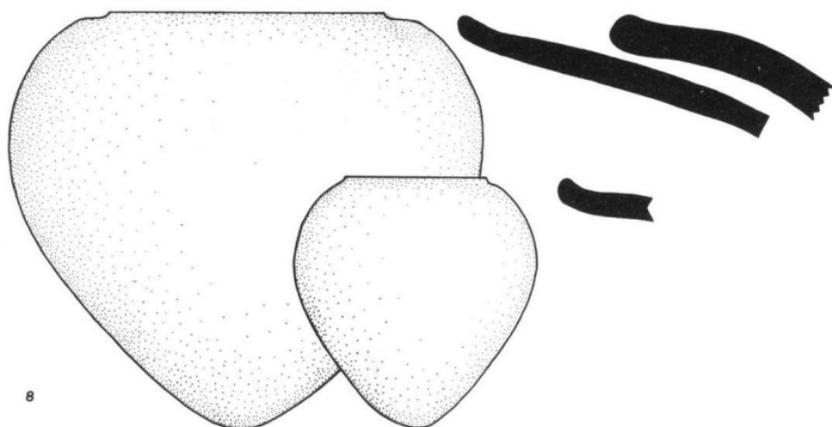
6



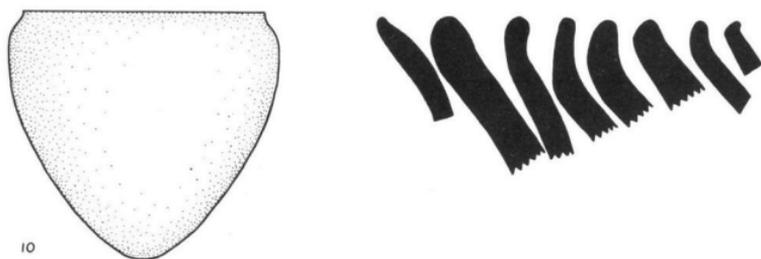
7

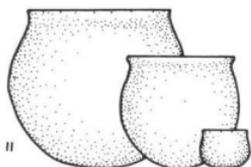
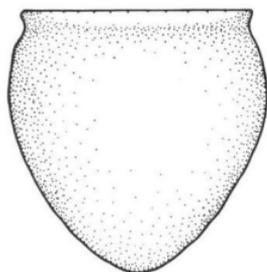


BORDAS	0	1	2	3	4	5	cm
VASILHAMES 4e5	0	4	8	12	16	20	cm
VASILHAMES 6e7	0	2	4	6	8	10	cm

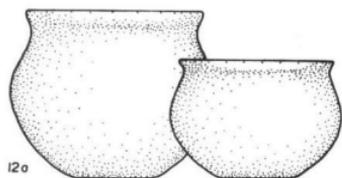


BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 4 8 12 16 20cm

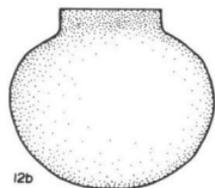




11

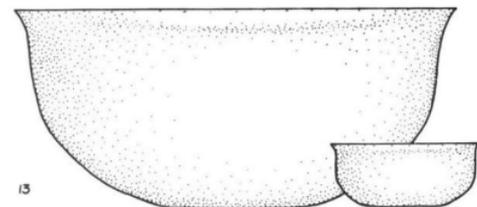


12a

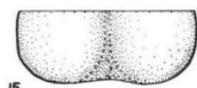
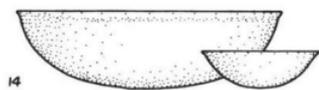


12b

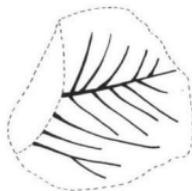
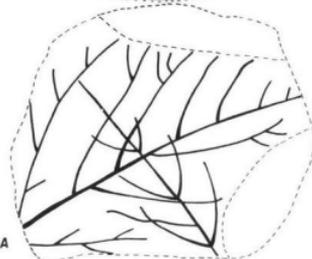
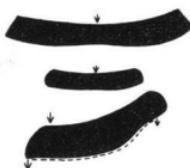
BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm
 FORMAS 11 0 4 8 12 16 20cm



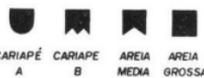
13



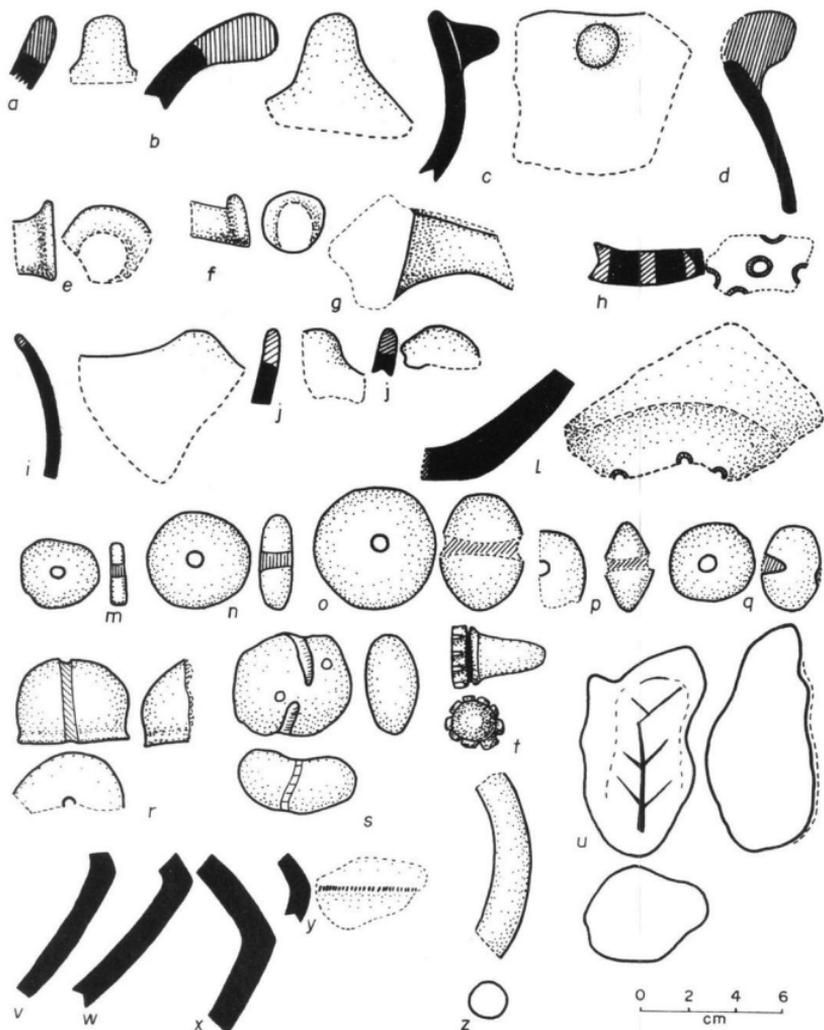
BASES



CONVENÇÕES PARA OS ANTIPLÁSTICOS

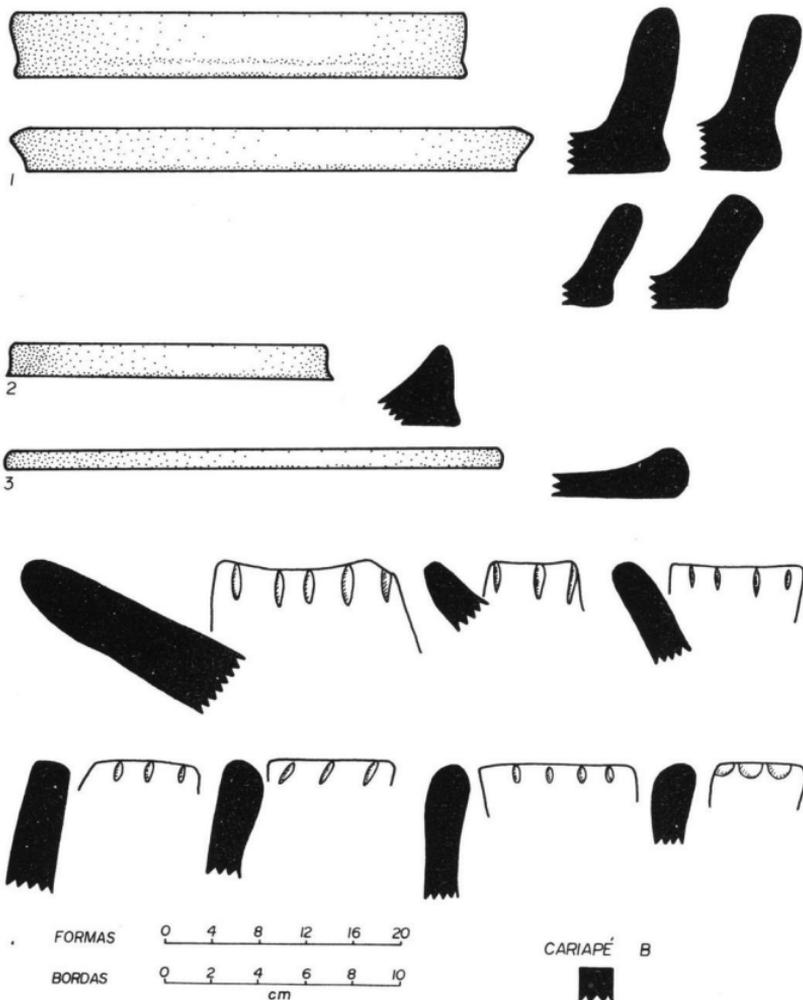


FASE MOSSÂMEDES



Fase Mossâmedes: a. apêndice em forma de asa, tipo 1; b. apêndice em forma de asa, tipo 2; c. apêndice mamilonar; d. apêndice em forma de asa, tipo 3; e, f. apêndices em forma de botão; g. apêndice não classificado; h, l. bases perfuradas; i, j, l. borda acastelada; m. fuso do tipo 1; n. fuso do tipo 2; o, p, q. fusos do tipo 3; r. fuso do tipo 4; s. fuso não classificado; t. carimbo cilíndrico; u. bolota de argila com impressão de folha; v, w, x. ombros; y. ombro com incisões de unha; z. alça com antiplástico de areia.

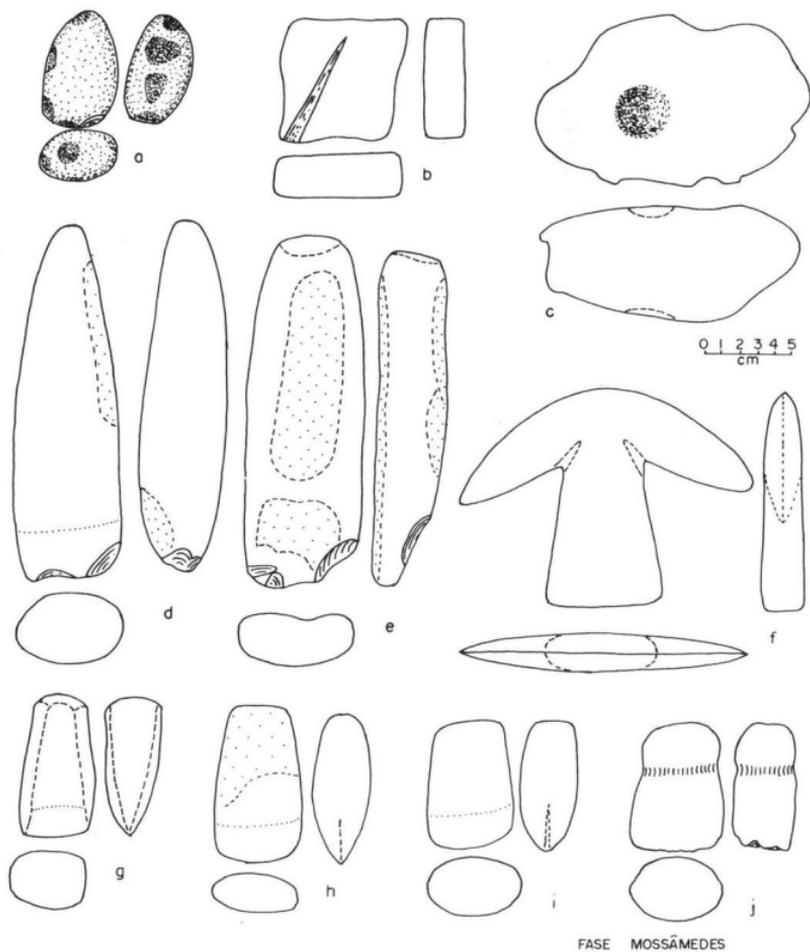
SÍTIO GO-CA-03



Sítio GO-CA-03: Formas de vasilhames diferentes dos da fase Mossâmedes. Decorações presentes.

5. FASE MENSURADORA: Quadro das Formas

Formas	Simplex	Composto	Infletido	Completo	Mesurização	Presente	P. indep.	Ovoide	Esféroid	Elipsóide	Cilíndrico	Conico	Term. boca	Term. base	Inflexão	Angular	Maguete	Reforgada	R. reforgada	Asses A B C D E F G H	Abertura cm	Lábio Apuntado	Espresso, peneira cm	Perfur.	Incl. de esta- que- lhas	Mano	Apendices	Aplicação	Posição na sérieção	Antipilático (encl., asist.,) %	
1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	180-157	x	x	10 - 58	x	v	0,6-2,0						-	1364 2273 6564	
2	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	157-135	x	x	6 - 68	x	v	0,6-2,5						-	1176 4807 4926	
3	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	135-113	x	x	6 - 68	x	v	0,5-2,7						-	932 3988 3860	
4	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	113- 90	x	x	8 - 74	x	v	0,5-3,0						-	2526 3138 4316	
5	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	90- 67	x	x	6 - 68	x	v	0,5-2,2						045 1027 4018 4911		
6	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	67- 45	x	x	6 - 44	x	v	0,5-1,4						190 1143 4952 3714		
7	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	45- 08	x	x	10 - 32	x	v	0,7-1,1						853 833 2500 2953		
8	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	180-137	x	x	30 - 60	x	v	1,0-2,2						-	2040 4000 4000	
9	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	157-135	x	x	18 - 32	x	v	0,7-2,0						-	714 2857 6429	
10	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	135-113	x	x	28 - 64	x	v	1,0-2,3						-	5000 - 5000	
11	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	113- 90	x	x	10 - 74	x	v	0,5-2,2						-	2990 3608 3102	
12 a	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	135- 90	x	x	6 - 34	x	v	0,5-1,2						223 1395 6047 2328		
12 b	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	90- 67	x	x	12 - 22	x	v	0,8							1321 1132 3396 4150	
13	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	67- 45	x	x	8 - 46	x	v	0,6-1,7							1667 1667 2556 1111	
14	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	67- 45	x	x	8 - 46	x	v	0,5-1,1						-	-	
15	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	67- 45	x	x	8 - 46	x	v	0,5-1,1						-	-	3333 6667



FASE MOSSÂMEDES

Fase Mossâmedes: material lítico.

a — seixo utilizado

b — polidor em canaleta

c — quebra-coco com duas depressões

d, e — machados picoteados com córtex e lascados no gume

f — machado semilunar

g, h, i — machados polidos com gume biselado

j — machado polido com garganta



FASE MOSSÂMEDES

- l — martelo com sinais de encabamento
 m, n — percutores picoteados
 o — alisador com facetas
 p, q, r, s — mãos de pilão picoteados
 t — prato de pedra-sabão
 u — tembetá de quartzo
 v — fragmento de tembetá de quartzo
 x — pilão de pedra-sabão
 y, z — lascas de calcedônia com retoques no bordo ativo (raspadores laterais).

2.2. TRADIÇÃO SAPUCAÍ

A tradição Sapucaí foi estudada por Dias (1969a, 1969b, 1969c, 1976/7) e a tradição definida na reunião final do PRONAPA (Washington, 1972). Os problemas da sua definição foram discutidos seriamente depois (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981c).

Denomina uma tradição cerâmica de grupos horticultores do Centro e Nordeste do Brasil, ligada ao horizonte agrícola ao qual pertence também a tradi-

ção Aratu, da qual é difícil de separar.

Caracteriza-se por ter vasilhames predominantemente simples (às vezes com banho vermelho ou laranja), produzidos com antiplástico mineral ou de cacos moídos e formas elípticas e ovoides grandes, geralmente não associadas à transformação da mandioca tóxica em alimento humano.

Foi encontrada até agora em Minas Gerais e Goiás (os dois sítios da fase Itaberaí).

FASE ITABERAÍ

2.2.1. Dados gerais

A fase Itaberaí está representada por somente dois sítios cerâmicos, um no divisor de águas entre o rio Uru (Almas), da bacia do Tocantins e o dos Bois, da bacia do Paranaíba, outro sobre o Corumbá, da bacia do Paranaíba. Os dois sítios distam em linha reta mais de 200 Km, estando na periferia da área por nós pesquisada; seu território nuclear deve estar mais para leste.

A fase recebeu o nome de Itaberaí, do nome do município, onde primeiro foi localizada, e está sendo atribuída à tradição de agricultores do Centro e Nordeste do Brasil,

denominada tradição Aratu e tradição Sapucaí, apresentando maiores afinidades com a última (Cf. resumo da reunião final do PRONAPA. Washington, 1972).

2.2.2. Descrição dos sítios

GO-NI-31

O sítio está localizado no paralelo 16° 14' de latitude sul e 50° 10' de longitude oeste de Greenwich, no município de Itaberaí, a 22 Km da sede, em direção sul. (Ver mapa p. 66).

Situa-se no topo de uma elevação com declive suave para leste, a uma altitude de 680 m.

O solo é latossolo; a formação geológica pertence ao complexo Basal Goiano, Pré-Cambriano.

A área do sítio encontra-se bem drenada por dois córregos, o Rico, que faz parte da bacia do Paranaíba e o Santa Maria, que faz parte da bacia do Tocantins, ambos numa distância de 330 m; a 380 m encontra-se ainda a nascente de um córrego sem nome, pertencente à bacia do Tocantins.

Nas proximidades encontram-se manchas de mata, enquanto mais longe parece dominar o cerrado. Os pequenos cursos de água são acompanhados de matas ciliares. Pode-se supor uma vegetação original com predomínio da mata, uma vez que a região ainda faz parte do chamado Mato Grosso de Goiás.

No momento da pesquisa estava coberto por um cafezal, cultivado há 22 anos. Nunca fora arado nem destocado, mas somente tratado manualmente para plantação das mudas de café. A camada de superfície parece ter sido removida, mas existem pontos cujas camadas profundas parecem intatas, oferecendo algumas possibilidades para futuras escavações.

A área total constatada do sítio é de 200 x 150 m. Não foi possível demarcar as áreas de

concentração da cerâmica, devido às folhas caídas.

Foi realizada uma coleta sistemática de superfície e um corte estratigráfico de 1,50 x 2 m, empregando níveis artificiais de 5 cm. A espessura dos refugos arqueológicos somente atingiu 10 cm. Efetuaram-se ainda três coletas assistemáticas de superfície, compreendendo fragmentos de borda e base, como também material lítico.

Este abrangia fragmentos de machado, polidores, afiadores, quebracocos e batedores (?). Dois tembetás de corpo curto foram encontrados nos trabalhos de lavração, sendo um deles doado e ficando o outro nas mãos do proprietário.

Obtiveram-se ainda informações sobre achados na área do sítio, de prováveis fusos e de um cachimbo.

GO-CA-03

O sítio localiza-se no paralelo 17° 30' de latitude sul e 48° 10' de longitude oeste de Greenwich, no município de Ipameri. (Ver mapa p. 66).

Está na margem esquerda do córrego da Mata, afluente do rio Corumbá, sobre o topo de pequena elevação aplanada, ao sopé da escarpa da chapa-da, que apresenta uma altitude de mais de 900 m.

O solo é latossolo, a formação geológica pertence ao grupo Araxá, Pré-Cambriano.

No local havia uma pequena mancha de mata, separada da mata do rio Corumbá, e que é indicador de fertilidade e umidade, utilizada hoje para a implantação de lavouras e em outra época para a instalação do sítio GO-CA-03 com duas aldeias, uma da fase Itaberaí e a outra semelhante à fase Mossâmedes, mas que não encaixa na seriação desta. Na parte mais baixa do terreno, junto ao córrego, existe um depósito de argila, usada hoje por uma olaria e que proporcionaria matéria prima para os grupos ceramistas pré-históricos.

A paisagem da região é importante para entender o sítio. No vale do Corumbá existe um corredor de mata, onde foi localizado outro sítio da fase Mossâmedes; tudo indica que esses matos eram domínio do grupo Mossâmedes. O chapadão, que forma as áreas intermediárias entre os rios, é de encostas pouco inclinadas, criando uma morfologia de suave movimento. Todo esse chapadão, até onde a vista alcança, é coberto de cerrado, só havendo, perto dos ribeirões, pequenas galerias de mata, insuficiente para o estabelecimento de populações horticultoras indígenas; nos divisores de água

e nas encostas, além da falta de solo adequado, haveria falta de água para tais estabelecimentos. Até os dias atuais só existem lavouras nas áreas de mata assinaladas, sendo todo o resto usado para criação extensiva de gado. Em tempos pré-históricos as populações horticultoras teriam as matas do Corumbá ou esta mancha isolada para se estabelecerem.

O sítio encontra-se parcialmente coberto de mata original, parcialmente cultivado com mandioca e arroz.

Apresenta claramente duas ocupações: o sítio Itaberaí, na parte mais elevada da colina, medindo uns 200 x 150 m; e o outro sítio, semelhante a Mossâmedes, recobrendo parcialmente o anterior e ocupando a parte mais baixa da mesma esplanada, tendo uma área grande não definida por causa da cobertura vegetal.

A agricultura atual, destruiu os estratos, encontrando-se os cacos na superfície. No sítio Itaberaí se percebem concentrações bem marcadas de cacos, assinalando os locais onde quebraram os grandes vasilhames; na proximidade dos mesmos se encontram fragmentos de vasilhames menores. Devido à grande destruição é difícil apresentar um croqui da distribuição dos materiais.

A pequena quantidade de cacos e sua distribuição muito localizada parecem indicar uma só ocupação.

Não se percebe nenhuma aculturação entre a aldeia da fase Itaberai e a da semelhante à fase Mossâmedes, ou uma combinação de habitações, que poderia indicar uma aldeia com dois componentes étnicos ou culturais. Tudo indica que se trata de mera coincidência local, sem contemporaneidade.

2.2.3. O material cerâmico

O material cerâmico da fase, proveniente de apenas dois sítios, apresenta diferenças consideráveis, cujo significado ainda desconhecemos e que nos levaram a descrições parcialmente independentes.

No sítio GO-NI-31 foi realizada uma coleta sistemática e 1 corte com 2 níveis férteis, fornecendo um total de 736 fragmentos; além disso 3 coletas assistemáticas com um total de 76 fragmentos.

A cerâmica foi separada pelos seus tipos de antiplástico em areia grossa com caco moído, areia média e alguns cacos intrusivos com cariapé B.

No sítio GO-CA-03 foram realizados 4 coletas sistemáticas com um total de 930 fragmentos. Todo o seu antiplástico é caco moído, com o que dis-

crepa totalmente do sítio anterior.

A validade da separação segundo estes critérios só pode ser testada na medida em que se obtém mais amostras de outros sítios com esta cerâmica. Provavelmente a separação do caco moído dará bons resultados; no sítio GO-NI-31, não o fizemos por estar presente em somente algumas das amostras e ser de difícil separação.

2.2.3.1. Descrição geral da cerâmica

Cerâmica com areia grossa (GO-NI-31)

I. Pasta:

1. Manufatura: acordelada, largura dos roletes predominantemente entre 1,5 e 2,5 cm.

2. Antiplástico diagnóstico: areia com grãos abaixo de 1 mm e com presença de grãos angulosos de quartzo e/ou feldspato de 2 a 4 mm, excepcionalmente de 6 mm; cacos moídos de 1 a 3 mm, que têm como antiplástico areia fina e mica, cor cinza, às vezes levemente amarelada. A densidade dos dois componentes de antiplástico em geral não é muito alta. Enquanto os grãos de areia e de feldspato são bem visíveis na superfície a olho nu, os fragmentos de cerâmica moída somente se tor-

nam visíveis com emprego de uma lupa estereoscópica.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina, partículas pretas brilhosas, nódulos ferruginosos, redondos, esparsos restos de vegetais carbonizados.

3. Textura: geralmente uniforme, compacta e às vezes levemente laminada. Fratura irregular, acompanhando somente em poucos casos a junção dos roletes; áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: varia de preto a cinza média.

5. Queima: oxidante incompleta. A espessura oxidada varia de 0,5 a 5 mm, predominando uma espessura de 0,5 a 1 mm. Somente em poucos fragmentos observa-se uma oxidação completa. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala da Mohs.

II. Superfície:

1. Cor da parede interna: predomina uma coloração de marrom claro, em alguns fragmentos cor cinza ou levemente alaranjada; cor da parede externa: em geral igual à da interna, predominando uma coloração marrom clara, nos fragmentos erodidos cinza média. Em poucos fragmentos há manchas de cocção.

2. Tratamento: alisamento regular. Em poucos fragmentos presença de faixas de alisamento na superfície externa com uma largura de 4 a 5 mm, paralelas à borda.

Cerâmica com areia média (GO-NI-31)

I. Pasta:

1. Manufatura: acordelada; a largura dos roletes varia de 1,5 a 2,5 cm.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina e grãos angulosos de quartzo de 0,5 a 1 mm, alcançando excepcionalmente dois mm. Em parte dos fragmentos presença de caco moído com as mesmas características do antiplástico anteriormente descrito. A densidade do antiplástico em geral é baixa. Os grãos de quartzo em geral visíveis a olho nu em ambas as superfícies, principalmente nas superfícies erodidas, enquanto que o caco moído somente é reconhecível com emprego de lupa estereoscópica. Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina, poucas partículas pretas brilhosas, pequenos nódulos ferruginosos redondos.

3. Textura: geralmente uniforme, compacta e às vezes levemente laminada. Fratura irregular, acompanhando so-

mente em poucos casos a junção dos roletes, áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: varia de preto a cinza média, em raros casos de oxidação completa chega a ser marrom claro.

5. Queima: oxidante incompleta. A espessura da parte oxidada varia de 0,5 a 8 mm, predominando uma espessura de 0,5 a 1 mm. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II. Superfície:

1. Cor da parede interna: predomina uma coloração marrom clara, em alguns fragmentos cor cinza ou levemente alaranjada; cor da parede externa geralmente igual à da interna. Predomina uma coloração marrom clara; nos fragmentos erodidos cinza média.

2. Tratamento: alisamento regular; em poucos fragmentos presença de faixas de alisamento na superfície externa com uma largura de 4 a 5 mm, não paralelos à borda.

Cerâmica com cariapé B

(GO-NI-31)

Trata-se ao todo de dois fragmentos cerâmicos, que podem ser considerados como cerâmica intrusiva, provavelmente da fase Mossâmedes.

I. Pasta:

1. Manufatura: provavelmente acordelada.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé B, tendo os fragmentos um comprimento de até 4 mm, largura 0,5 a 1 mm. O antiplástico não é muito denso e aparece somente nas superfícies erodidas, sendo visível a olho nu. Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: pequenos nódulos ferruginosos, grãos angulosos de quartzo até 0,5 mm, mica muscovita fina.

3. Textura: não muito uniforme.

Fratura irregular, áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza escura.

5. Queima: oxidante incompleta. A espessura da parte oxidada varia de 2 a 8 mm na superfície externa; na superfície interna é menor, sendo que às vezes o núcleo está formando a própria parede interna. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 2,5 na escala de Mohs.

II. Superfície:

1. Cor da parede interna: cinza escura; cor da parede externa: marrom claro.

2. Tratamento: alisamento regular.

Cerâmica com caco moído (GO-CA-03)

I. Pasta:

1. Manufatura: acordelada.

2. Antiplástico diagnóstico: cacos triturados de cerâmica, com dimensões variadas, desde pequenos fragmentos de menos de 1 mm, até grandes fragmentos de 2 a 4 mm, dispostos de diversas maneiras nas pastas. Apresentam cores diferentes, desde o cinza escuro, o cinza claro até o esbranquiçado. A maior freqüência é dos cacos esbranquiçados. Os cacos aparecem na superfície dos fragmentos e, mais freqüentemente, nas fraturas. O antiplástico é muito denso.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: poucos grãos de quartzo até 2 mm, pouco feldspato, sendo mais freqüentes os clastos de 1 mm, concreções ferruginosas, pequenas fibras vegetais.

3. Textura: uniforme, porém, devido à densidade do antiplástico, parece irregular. A tendência geral das fraturas é acompanhar os roletes.

4. Cor do núcleo: cinza escuro em quase todos os cacos; só não nos completamente oxidados.

5. Queima: oxidante incompleta. A grande maioria dos ca-

cos são mal oxidados, apresentando a parede externa um pouco mais oxidada, até 3 mm de espessura; a parede interna pode ser totalmente escura ou apresentar no máximo uma espessura avermelhada de 2 mm. Pouquíssimos fragmentos são totalmente oxidados.

6. Dureza: ?

II. Superfície:

1. Cor da parede: grande parte é amarelada, tendente para o avermelhado. Existe um alaranjado bem forte, que parece um engobo; pode aparecer interna ou externamente ou em ambas as superfícies.

2. Tratamento: alisamento interno e externo.

2.2.3.2. A comparação das amostras cerâmicas

A tabela anexa (1) mostra a distribuição dos antiplásticos e da decoração nas amostras sistemáticas dos dois sítios. No GO-NI-31 os antiplásticos são predominantemente areia, embora com adição de cacos moídos; no GO-CA-03 são totalmente de cacos moídos, embora com adição de alguns elementos minerais. Na decoração do GO-NI-31 todos os fragmentos das coletas sistemáticas são simples, havendo entretanto fragmentos corrugados nas coletas assistemáticas, porque

os mesmos foram buscados cuidadosamente no sítio inteiro. Na decoração do GO-CA-03 temos além do simples uma porcentagem bastante alta de banho laranja e a presença, em todas as amostras, de corrugados simples. Essas observações mostram que ainda temos uma visão muito incompleta da fase e que os dois únicos sítios conhecidos parecem culturalmente distantes entre si.

2.2.3.3. A classificação das bordas e bases (quadro 2)

Classificaram-se ao todo 164 bordas de coletas sistemáticas, assistemáticas e de um corte.

As formas 1 a 6 correspondem a vasilhames com tratamento de superfície simples, ou com banho laranja. As formas de 7 a 10 correspondem a vasilhames com uma faixa de unglado simples na borda, eventualmente de faixas semelhantes em todo o corpo.

Apesar de os dois sítios apresentarem antiplásticos consideravelmente diferentes, as formas são marcadamente uniformes.

Todas as bases encontradas são pequenas e redondas, com diâmetros que variam de 6 a 10 cm (Tipo A). Em alguns casos estas bases redondas são levemente côncavas na parte cen-

tral ou também levemente achatadas.

2.2.3.4. Outros materiais cerâmicos

Não foi encontrado nenhum outro material cerâmico, porém obteve-se a notícia de que já foi achado no GO-NI-31 um tipo de fuso e um cachimbo provavelmente de cerâmica.

2.2.4. O material lítico (quadro 3)

O material lítico apareceu com uma certa abundância no sítio GO-NI-31, ao passo que no GO-CA-03 está quase ausente. Os polidores em canaleta e os tembetás em T lembram os grupos Tupiguarani.

2.2.5. Considerações finais

A cerâmica dos sítios em questão, que se encontram atualmente ainda isolados, não pode ser englobada na tradição Uru, nem na tradição Tupiguarani, já estabelecidas para a área.

Ela apresenta semelhanças com o material da fase Mossâmedes, tradição Aratu, mas não pode ser incluída nesta fase. Como a tradição Sapucaí também usa banho vermelho e antiplástico de caco moído, estamos atribuindo a fase Itaberaí a esta tradição do substrato

horticultor do Centro e Nordeste do Brasil.

Caco moído como antiplástico, banho laranja ou vermelho, bordas dobradas e corrugado simples também lembram a tradição Tupiguarani (além de tembetás em T e afiadores em canaleta), razão por que, a princípio, tínhamos estipulado que fase Itaberáí poderia ser uma fusão de Tupiguarani com Mossâmedes (Schmitz e outros, 1974).

Atualmente pensamos que é mais provável ela pertencer à tradição Sapucaí, pelas características indicadas e a proximidade com Minas Gerais, onde se encontra a mencionada tradição e representaria a sua expansão mais ocidental. Cada um dos sítios se encontra num nicho isolado, afastado dos ou-

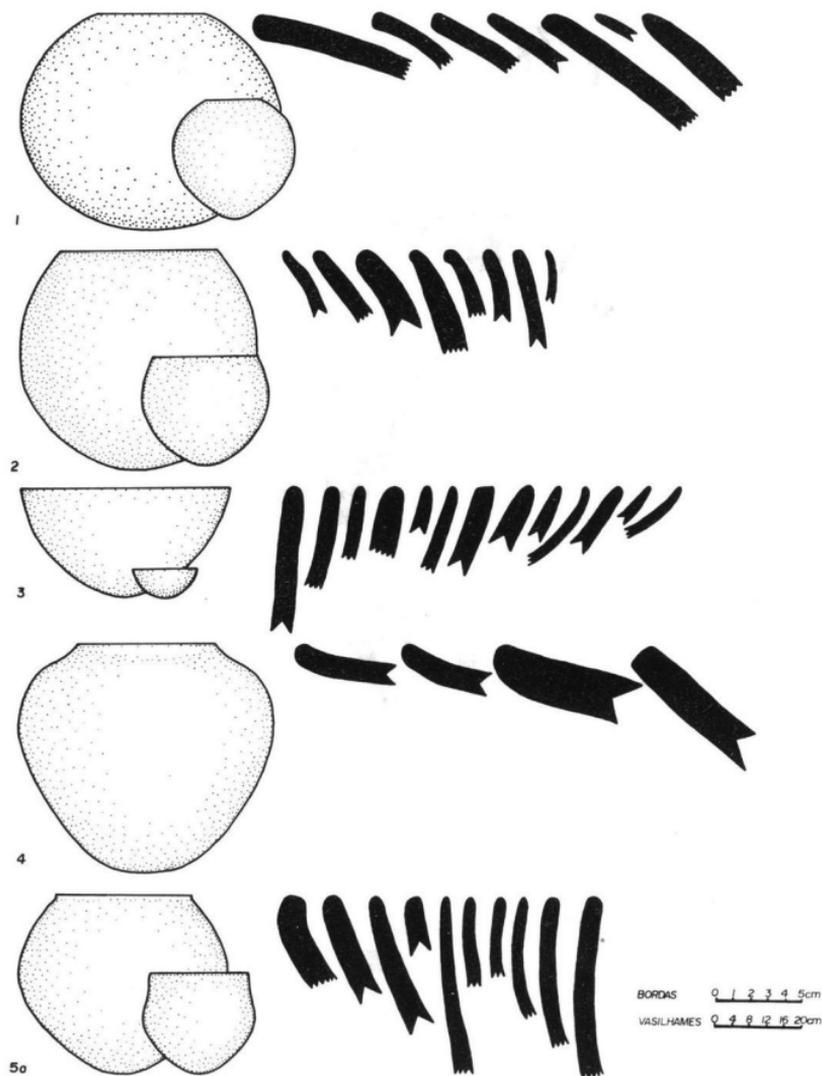
tros sítios da mesma área, que são da fase Mossâmedes.

A posição cronológica dos dois sítios, um em relação com o outro, não pode ser determinada, mas parece bastante diferente, especialmente pela marcada diferença no antiplástico.

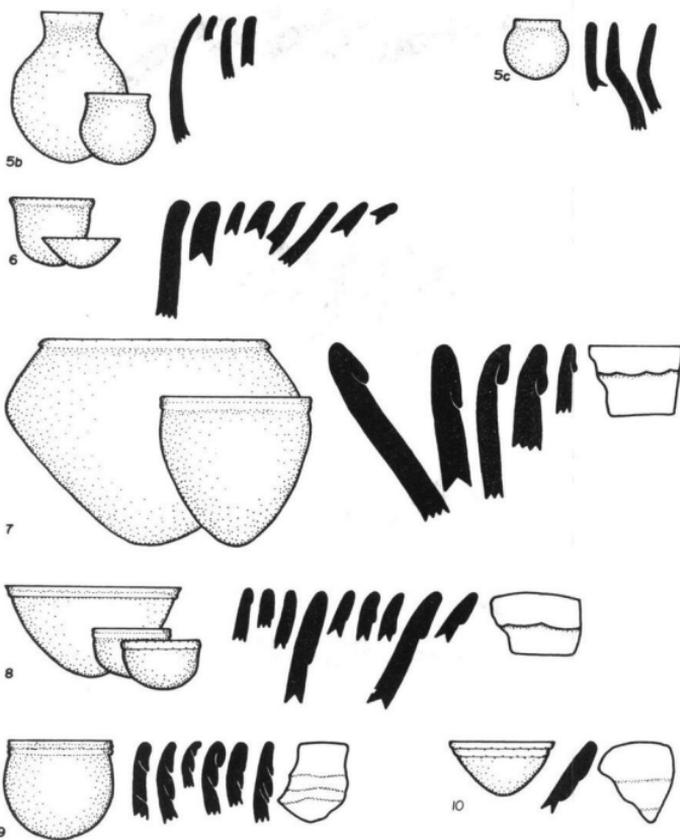
A posição cronológica da fase apresenta os mesmos problemas. No sítio GO-NI-31 existem poucos cacos intrusivos com cariapé B, provavelmente da fase Mossâmedes, em cuja área se encontra. Mas a fase Mossâmedes usa cariapé B durante um longo período, o que nos impede de estabelecer uma data mais precisa.

Ficam por enquanto os dois sítios esperando que se descubram novos assentamentos e a sua posição no tempo e no espaço.

FASE ITABERAÍ



Formas dos vasilhames da fase Itaberai



BASES



ANTIPLÁSTICO MINERAL

CACO MOÍDO



BORDAS 0 1 2 3 4 5cm

VASILHAMES 0 4 8 12 16 20cm

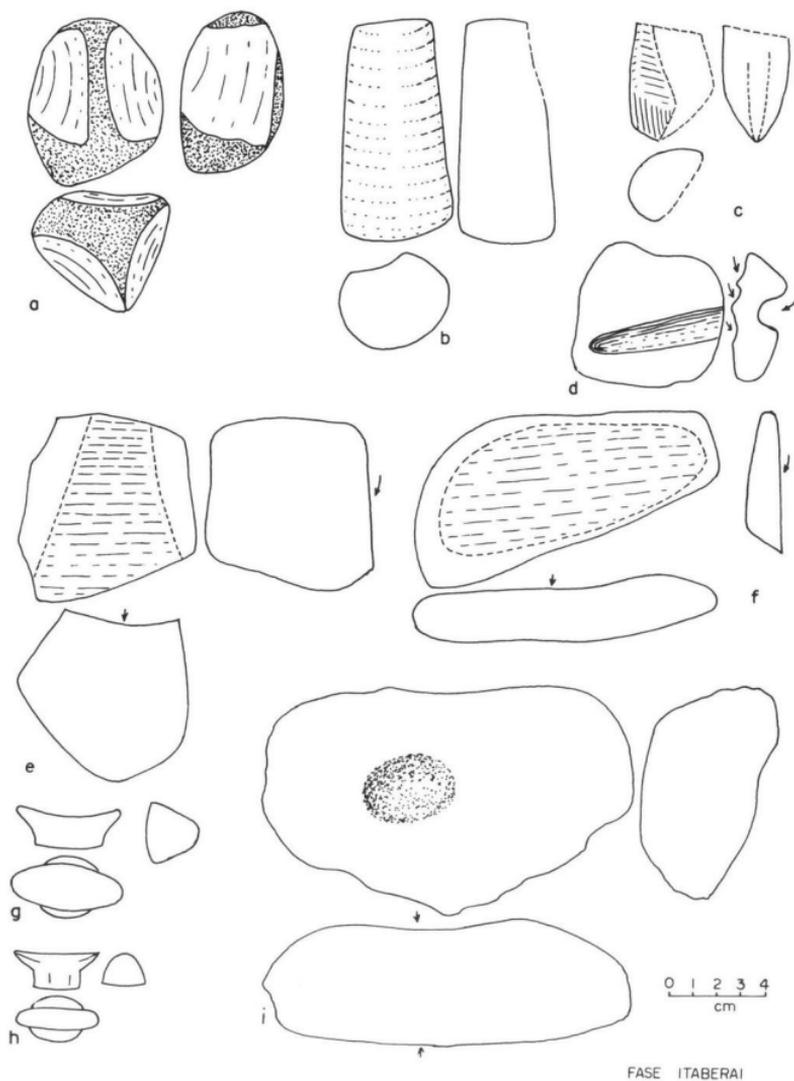
1. FASE ITABERAÍ: Comparação por Antiplástico e Tratamento de Superfície

Sítios	Nº do Catálogo	Antiplástico				Decoração				TOTAL				
		Areia Grossa		Areia Média		Cariapê B		Cacos moído			Simples	Banho Jaranja		Corrugados
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%			Nº	%	
GO-CA-03	362	-		-		331	100	242	73,11	82	24,77	7	2,11	331
GO-CA-03	361	-		-		242	100	212	87,60	27	11,16	3	1,24	242
GO-CA-03	323	-		+		172	100	163	94,70	-		9	5,30	163
GO-CA-03	322	-		-		194	100	182	93,81	-		12	6,19	194
GO-NI-31	630n.1	239	73,31	87	26,69	?		326	100	-		-		326
GO-NI-31	48c.8	144	59,26	98	40,33	1	0,41	243	100	-		-		243
GO-NI-31	631n.2	92	55,09	74	44,31	1	0,60	167	100	-		-		167
GO-NI-31	c. assist.												19	

+ Havia material da fase Uru misturado na amostra: 2 cacos de areia média, 35 cacos com cariapê, que foi fácil separar.

2. FASE ITAPERAI: Quadro das Formas

Forma	Contorno		Restrição		Forma corpo			Pontos		Ângulos Tang. vert. ext. Tang. vert. int.	Bordas Simples Corrug. simples	Base arr.	Abertura cm	Lábio		Espess. parede cm	Antiplástico	
	Simples Inletido	Complexo	Ausente	Presente	Ovoide	Esteroide	Elipsoidal	Cilindrico	Cônico					Term. base	Inflexão		Term. base	Term. boca
1	x		x		x	x		1	1	180-135°	x	x	6-40	x	v	0,6-1,4	x	x
2	x		x		x	x		1	1	135-90°	x	x	10-50	x	x	0,5-1,9	x	x
3	x		x		x		1			90-45°	x	x	6-52	v	v	0,6-1,5	x	x
4		x		x	x		1	1	1	180-135°	x	x	16-80	x	x	1,3-2,7	x	x
5		x		x	x		1	1	1	135-90°	x	x	10-46	x	x	0,6-1,6	x	x
6		x		x	x		1	1		90-45°	x	x	8-44	v	v	0,6-1,5	x	x
7	x	v	x	v	x	x	1	v	1	135-90°		x	48-50	x	v	0,7-1,5	x	x
8	x	v	x		x		1	v		90-45°		x	14-46	x	x	0,7-1,1	x	x
9		x		x	x		1	1	1	135-90°		x	14-24	x	v	0,6-0,8	x	x
10		x		x	x		1	1		90-45°		x	26	x	x	0,8	x	x



Fase Itaberai: material lítico.
 a — percutor de seixo
 b — mão de pilão
 c — fragmento de lâmina de machado polido

d — polidor em canaleta
 e, f — polidores
 g, h — tembetás com corpo curto
 i — quebra-coco

3. FASE ITABERAÍ: Material Lítico

Sítio	GO-NI-31 GO-CA-03	Percutor de seixo	1	
		Quebra-coco	2	
		Polidor simples	3	
		Polidor em canal	1	
		Frag. de lam. de ma chado picoteado	2	
		Frag. de talão picoteado	3	
		Frag. de talão semi-polido	2	
		Pilão	2	
		Frag. de lam. de ma chado polido	1	
		Mão de pilão	1	
		Tembeta	2	
		TOTAL	19	1

2.3. TRADIÇÃO URU

A tradição cerâmica Uru foi definida em 1974 (Schmitz, Wüst, Barbosa, Basile Becker) e foi retomada em várias publicações posteriores (Schmitz, Barbosa, Wüst, ed., 1976; Schmitz, 1976/7; Schmitz, Barbosa, Wüst, Moehlecke, 1980).

Denomina uma tradição ceramista de grupos horticultores das bacias do Tocantins e Araguaia. Os vasilhames são simples (com poucas exceções, quando apresentam banho vermelho ou pequenas unguiações ou entalhes nos lábios ou bordas), são predominantemente feitos com antiplástico de cariapé A e entre as formas há muitos pratos e tigelas de base plana, tradicionalmente atribuídos à transformação da mandioca tóxica em alimento humano.

Pertencem à tradição ceramista Uru as seguintes fases: a Aruanã, sobre o rio Araguaia e o baixo rio Vermelho; a Itapira-puã, sobre o rio Vermelho; a Jaupaci, sobre o rio Claro; a Uru, sobre o rio Uru; a Uruaçu, sobre afluentes da margem esquerda do rio das Almas. De várias delas já se deram informações nas publicações acima mencionadas, porém aqui se fará uma descrição completa e atualizada.

2.3.1. Fase Aruanã

2.3.1.1. Ambiente e ocupação

Os sítios cerâmicos da fase Aruanã localizam-se na micro-região conhecida como Rio Vermelho, situada na vertente direita do alto Araguaia, onde se destaca como rio de maior porte, o rio Vermelho. A área em geral é drenada em intervalos muito grandes se a compararmos com áreas mais ao sul ou ao leste, onde a rede de drenagem é muito mais densa.

Situam-se entre os 51° 10' e 51° 15' de longitude oeste de Greenwich e 15° e 15° 18' de latitude sul, todos no município de Britânia.

A região tem uma altitude média que varia de 200 a 500 m. O relevo é pouco acidentado, apresentando-se o terreno quase plano, com inclinação em direção ao rio Araguaia.

Geologicamente é quaternária, constituída de areias, cascalhos e argilas incoerentes. A bacia do Araguaia, em geral, é de formação recente, onde os depósitos aluviais repousam diretamente sobre o embasamento. (Sant'Anna, 1966:II-2). Geomorfologicamente são planícies. Os solos são aluviais.

Predomina ao longo dos cursos de água a floresta estacional subcaducifolia tropical pluvial e no restante da região, a

floresta estacional subcaducifólia tropical xeromorfa (cerradão). (Lima, 1966: II-11)

São poucas as notícias que se tem sobre a ocupação da micro-região. Documentos históricos apontam a existência dos Karajá sobre o Araguaia até a foz do Rio Vermelho. (Ni-muendajú, 1946).

Os Karajá são mencionados pela primeira vez no relato da expedição do bandeirante paulista Antonio Pires Campos, que por volta de 1684 percorre a região à procura das minas dos "Martírios".

A partir da segunda metade do século XVIII há tentativas, por parte do governo de Goiás, de procurar uma convivência pacífica com estes índios, atraindo-os para os aldeamentos.

Segundo Ehrenreich (1891), os Karajá estão subdivididos em Karayahi, Xambioá e Java-hê. Originalmente os Xambioá habitavam a parte ocidental da ilha do Bananal, os Java-hê a região oriental, e os Karayahi o sul da ilha e os afluentes do rio Araguaia ao sul desta.

Atualmente encontramos um grupo Karajá que habita em quatro casas enfileiradas no final norte da cidade de Aruanã, às margens do Araguaia. Segundo informações deste grupo, seus antepassados mora-

vam nas margens do rio Vermelho, mas já em 1914 haviam-se estabelecido às margens do Araguaia. (Wüst, 1975).

Encontrou-se também um sítio arqueológico a pouca distância do atual local ocupado pelos índios Karajá, que foi por eles abandonado a cerca de 50 anos, apresentando os artefatos cerâmicos grande semelhança com os encontrados nos sítios ao longo do baixo rio Vermelho.

A ocupação branca vem sendo feita desde meados do século passado. Os sítios arqueológicos da fase Aruanã encontram-se em uma área considerada de fraca densidade demográfica, com 1 a 2,5 habitantes por Km² e a região ainda é bastante isolada, sendo mal servida pelos meios de comunicação.

A pouca fertilidade dos solos, aliada a grandes extensões de cerrado, facilita o seu aproveitamento pela pecuária. A população dedica-se geralmente ao extrativismo vegetal e à pecuária extensiva, realizada em grandes latifúndios. (Duarte, 1966:III-1). A pouca drenagem favorece a existência das grandes propriedades.

Na população pecuária contava-se, em 1970, com bovinos e suínos.

A produção agrícola do município baseia-se em arroz, feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, algodão, bananas, batata e abacaxi.

A população urbana acusava no censo de 1970 o total de 1.151 e a rural 1.086 habitantes, perfazendo um total de 2.237 habitantes.

O município tem ligação pelo Ramal 28 com a Rodovia GO-04, distando 361 Km de Goiânia e 568 Km de Brasília.

2.3.1.2. Os sítios da fase Aruanã

Até agora os 8 sítios desta fase restringem-se ao município de Britânia. Encontram-se sobre o baixo rio Vermelho.

A metade dos sítios está situada à margem dos lagos e os demais sobre córregos perenes. A distância para a água é pequena, o terreno levemente inclinado, ou plano. A proximidade a lagos distingue esta fase de todas as demais que foram estudadas até agora.

O solo é arenoso ou arenoso-argiloso, prestando-se para cultivos rápidos, mas não repetidos. A vegetação típica é a mata tropical, ou a transição do cerradão para a mata.

Os sítios aparecem com a instalação de lavouras transitórias ou pastos. É provável que não tenhamos captado a mor-

fologia integral de nenhum sítio, devido à que a vegetação cobre a maior parte das áreas. As medidas indicadas na descrição dos sítios e o número de concentrações dos artefatos são, por isso mesmo, relativos. Várias vezes ocorrem cacos na borda do lago ou córrego, em barrancos erodidos, mas sempre temos também concentrações mais afastadas, na suave encosta. Num caso temos um sítio com pequenas concentrações alinhadas, perto de um lago. Mas no total, não existem ainda dados definitivos quanto à morfologia dos sítios. Os mais antigos, enquanto há informações, se parecem com os mais recentes da fase Itapirapuã e se apresentam como aldeias concentradas; geograficamente são os mais próximos dessa fase.

Os estratos estão em parte conservados: o material arqueológico forma um débil horizonte de cacos e grânulos de carvão, que pode atingir 15 cm de espessura. Isso nos permitiu realizar 3 cortes estratigráficos, que proporcionaram duas datas de C14, uma para o fim do século 12 e uma para meados do século 13. As duas estão levemente invertidas com relação à seriação das amostras dos sítios, mas dão uma localização temporal suficiente para esse trabalho inicial. Acredita-

mos que a fase se estenda até a conquista europeia da área.

Como exemplos, descrevemos os sítios GO-JU-20, GO-JU-17, GO-JU-19, GO-JU-23 e GO-JU-24.

GO-JU-20

Localiza-se junto ao lago dos Portugueses, abrangendo 340 m de cacos dispersos à beira da água, provenientes provavelmente da erosão do barranco e 5 concentrações pequenas sobre o mesmo barranco. Destas, a concentração 2, que é a mais típica, mede 3,20 m de diâmetro e tem cacos acumulados que formam uma camada bastante espessa. As demais concentrações do barranco não puderam ser delimitadas com precisão porque estavam parcialmente cobertas por pasto. Com isso também não foi possível definir a morfologia do sítio. Na proximidade existe um mato de bacuris que parece ser resultado da ocupação pré-histórica.

GO-JU-17

O sítio encontra-se ao longo de uma área pantanosa do córrego Boa Vista, numa extensão de aproximadamente 2 Km e, na encosta da chapada, em afloramentos esparsos, onde a vegetação foi removida e o solo erodido.

Na concentração 2 foi realizado um corte estratigráfico com a dimensão de 2,5 x 2,5 m até uma profundidade de 40 cm. Do corte foram retirados inicialmente 20 cm arqueologicamente estéreis e depois feitos dois níveis de 10 cm cada um, constando como nível 1 e 2.

As camadas geológicas são as seguintes: na superfície, com uma espessura de 10 a 15 cm, o solo é arenoso, cinzento, muito duro na época da seca; daí para baixo é arenoso, pardo-amarelado, mais fofo. Os cacos são mais densos numa profundidade de 25 cm, havendo poucos em profundidade maior. O horizonte dos cacos estava marcado por grande quantidade de grânulos de carvão.

A data conseguida para o começo da ocupação, no nível 2 (30 a 40 cm de profundidade) é de 760 ± 75 anos AP, ou AD 1190 (SI-2773).

GO-JU-19

O sítio, que dista aproximadamente 200 m do lago Santa Luzia, foi encontrado num trecho desmatado com trator de esteira; mede aproximadamente 30 m de largura e 360 m de extensão. Provavelmente o sítio continua no mato, então ainda não tocado.

Na trilha do trator foram delimitadas 8 concentrações pequenas, medindo 108, 56, 28, 25, 17,5 m, ? m², dispostas linearmente e, em parte do sítio, em fila dupla. A uma distância de 230 m, na proximidade da casa da fazenda há outra concentração aparentemente isolada.

No núcleo 8 se fez um corte de 180 x 210 cm, com profundidade de apenas 10 cm, removendo o material em 2 níveis artificiais de 5 cm.

As camadas arqueológicas são arenosas: na parte superior a coloração é cinza, na parte inferior é amarelada clara.

O material arqueológico apresenta-se nucleado, sendo muito abundante.

GO-JU-23

Sítio localizado na proximidade do córrego do Engano. Embora o material seja encontrado em grande abundância, não foi possível definir concentrações. Encontrou-se apenas uma área grande, com cacos esparsos, cobrindo mais que 120 x 200 m. É possível que se trate de um sítio com longo período de ocupação ou com reocupações, uma vez que houve espessura suficiente de estratos para se fazer um corte estratigráfico, medindo 2,30 x 1,90

m, que foi aprofundado até 27 cm.

O nível de 0-12 cm tem cor cinzenta, sedimento arenoso, um pouco compactado devido à seca. Corresponde à espessura atingida pelo arado. Contém regular quantidade de cacos.

O segundo nível, de 12-17 cm, é arenoso, cinza alaranjado, um pouco menos compactado. Boa incidência de cacos.

O terceiro nível, de 17 a 22 cm, é arenoso, alaranjado, bastante fofo. Boa incidência de cacos. presença de um fogão com muito carvão, que ofereceu uma data de 690 ± 70 anos AP, ou AD 1260 (SI-2772).

O quarto nível, de 22 a 27 cm, é arenoso, mais alaranjado, fofo, com fogões e muito carvão. Pouca incidência de cacos.

GO-JU-24

Sítio localizado à beira do córrego Eldorado. O material cerâmico encontrado neste sítio é bastante abundante, embora não permita um corte estratigráfico porque as camadas já foram perturbadas.

A área do sítio está coberta por um mandiocal e nela conseguiu-se definir 7 concentrações bem delimitadas. Seis desses núcleos possuem um diâmetro de 5 m e um apresen-

ta o diâmetro de 20 m. Este último encontra-se numa das extremidades do conjunto, aposta ao córrego Eldorado.

2.3.1.3. A cerâmica

Nos oito sítios arqueológicos da fase Aruanã recolheram-se ao todo 4511 cacos, distribuídos em 19 coletas sistemáticas (4082 cacos) e 9 coletas assistemáticas (429 cacos).

Esta cerâmica foi separada em apenas duas variedades de antiplástico, ou seja, cariapé A e cariapé B', que parecem apresentar popularidades úteis para o estabelecimento de uma cronologia, como se pode ver na seriação, mais adiante.

2.3.1.3.1. Descrição da cerâmica

Cerâmica com cariapé A

I. Pasta.

1. Manufatura: acordelada. A base do vasilhame é formada por um placa redonda, sobre a qual se constroem as paredes do vasilhame: nas bases sem pedestal, as extremidades dessa placa são puxadas para cima e sobre esta borda se encaixa o primeiro rolete, que é alisado de tal forma que raramente se vêem irregularidades; nas bases com pedestal,

as extremidades da placa ficam salientes e próxima à beirada da mesma se assenta o primeiro rolete para a formação do corpo do vasilhame. Os roletes do corpo podem ter até 4 cm de largura e se sobrepõem de tal maneira, encaixando-se uns nos outros que o perfil da parede muitas vezes dá a impressão de uma parede dupla, ou da justaposição de placas. No alto da borda geralmente existe um rolete de acabamento. Ver fig. p. 120.

2. Antiplástico diagnóstico: fibra silicificada de uma variedade de cariapé (A). Esta fibra, calcinada, ora se apresenta bem triturada, misturando-se bem com a pasta, ora apresenta-se sob forma de pacotes não desfeitos de fibras. Geralmente é densa. O que distingue este antiplástico de outro (B) é a presença de pequenas partículas silicosas submicroscópicas (1-3 mm), cilíndricas, brilhosas, de coloração leitosa, cinza, preta, algumas vezes com nós, como se formassem gomos. Essas partículas aparecem em pequena quantidade, mas o suficiente para serem como elemento diagnóstico; são mais visíveis na superfície do que dentro da parede.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: pequenos grãos de quartzo (de

1 a 2 mm, excepcionalmente 4 mm), de cor leitosa, rosada ou transparente; concreções ferruginosas (1 a 3 mm), hematita (1 mm) em pequena quantidade, feldspato bastante decomposto em grande quantidade; restos vegetais carbonizados (1 a 3 mm).

3. Textura: bastante uniforme, apesar de considerável quantidade de grãos de quartzo, hematita, concreções ferruginosas; poroso, com grande quantidade de vazios de diversos tamanhos, provenientes da evaporação dos materiais orgânicos e da contração da argila. Mais frouxa na medida em que se aproxima do topo da seriação.

Fratura: bastante irregular, angulosa; poucas vezes a fratura acompanha os roletes, que estão bem fechados.

4. Cor do núcleo: cinza escuro ou claro, às vezes esbranquiçado; raramente marrom avermelhado bem claro.

5. Queima: oxidante, com manchas de cocção. Geralmente incompleta, alguns cacos totalmente oxidados, outros pouco queimados. A espessura da parte bem oxidada na parede externa vai de 1 a 7 mm, na interna de 0 a 5 mm. Persistem restos vegetais carbonizados, indicando que o calor da queima não era muito grande.

6. Dureza: predominante 3; esporadicamente 2 (Escala de Mohs).

II. Superfície.

1. Cor: cinza claro a escuro e marrom bem claro. A cor da superfície interna e externa geralmente é igual; a superfície externa pode ser mais clara que a interna devido à oxidação diferente, ou ao uso.

2. Tratamento: ambas as superfícies apresentam-se regularmente alisadas. As superfícies externas das bases planas costumam trazer impressões irregulares de trançados ou tecidos.

Cerâmica com cariapé B'

I. Pasta.

1. Manufatura: como cariapé A.

2. Antiplástico diagnóstico: distingue-se do cariapé A pela ausência das partículas cilíndricas de coloração leitosa, cinza ou preta. As fibras de cariapé apresentam-se ora em pacotes ainda não desfeitos, alcançando um tamanho máximo de 4 mm de comprimento e 3 mm de largura; ora desmembradas. Predominam as fibras claras, embora também apareçam em cor cinza clara ou escura. Em alguns casos o cariapé é tão denso que dá a impressão de

madeira aglomerada. Este cariapé apresenta diferenças com o B, que aparece em outras fases, razão por que o denominamos B'.

3. Textura: como A.

Fratura: bastante irregular, porém menos angulosa que A.

4. Cor do núcleo: como A.

5. Queima: como A.

6. Dureza: como A.

II. Superfície:

1. Cor: como A.

2. Tratamento: como A.

2.3.1.3.2. A seriação por antiplástico

A seriação do material cerâmico das coletas sistemáticas por antiplástico está registrada na tabela 2 e no gráfico.

A seriação foi armada a partir dos três cortes estratigráficos, realizados nos sítios GO-JU-17, GO-JU-19 e GO-JU-23. Neles se constatou que as camadas mais profundas apresentam maior presença de cariapé B' e as camadas mais próximas da superfície apresentam maior presença de cariapé A.

Usando esta constatação como indicador, tentou-se a seriação das amostras, tendo na base o cariapé B' mais abundante e no topo o cariapé A. O

sítio mais antigo é então o GO-JU-24, com 81,14% de cariapé B' e apenas 18,86% de cariapé A; o sítio mais recente será o GO-JU-20 com 70,21% de cariapé A e 29,79% de cariapé B'. Como se trata de apenas dois antiplásticos, os demais elementos se encaixam perfeitamente na seriação, não demonstrando nenhuma interrupção brusca. Temos duas datas de C-14 para a fase, A.D. 1.260 \pm 70, no sítio GO-JU-23 e A.D. 1.190 \pm 75, no sítio GO-JU-17, ambas na metade inferior da seriação, indicando que a fase deve ter começado no século XI ou XII de nossa era, ou antes.

As duas datas estão levemente invertidas com relação à nossa seqüência cronológica relativa, mas acreditamos mais em nossa seriação do que na pequena inversão que as datas representam, especialmente se as consideramos com a margem de erro, quando esta inversão praticamente desaparece.

É muito provável que a fase termine em índios recentes, como os Karajá, que atualmente vivem na proximidade de Aruanã. Inclusive, quando seríamos o material proveniente de uma sua aldeia, abandonada a uns 50 anos, ele caiu no topo de nossa seriação, sem destoar nem com relação a an-

tiplástico, nem forma, nem outros elementos. (Wüst, 1975)

2.3.1.3.3. As formas dos vasilhames

Para evitar longas descrições das formas, todas reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, usamos um quadro (3) com todas as informações e onde facilmente se podem ver os indicadores usados para separar uma da outra.

Este quadro vem completado com uma tabela da distribuição das bordas e bases por sítios (4) e de uma tabela das modificações nos vasilhames também por sítios (5).

As bases são caracterizadas da seguinte maneira:

- B — base suavemente arredondada, vasilhame sem ponto final na base. Ângulo da inclinação da parede maior que 45° .
- C — base arredondada, recipientes sem ponto final na base. Ângulo de inclinação da parede menor que 45° .
- D — base plana com pequeno pedestal. Ângulo de inclinação da parede menor que 45° .
- E — base plana com pequeno pedestal. Ângulo de incli-

nação da parede maior que 45° .

Nos sítios mais antigos se concentram todas as bases arredondadas, ao passo que as bases com pedestal crescem nos sítios mais recentes.

Quase todas as bases começam a ser feitas em cariapé B', crescendo depois as de cariapé A, acompanhando naturalmente a tendência geral do antiplástico.

As modificações nos vasilhames de cerâmica são as seguintes:

- Entalhes na borda sob a forma de pequenos recortes no lábio ou um pouco abaixo dele.
- Apêndices em forma de asas, com inserção única aderida, de tipo liso e posição horizontal. Neles medimos o ângulo dos recortes que apresentam, podendo assim classificá-los entre 0° e 157° .
- Apêndices em forma de bastão, com inserção única aderida ou repuxada, raramente rebitados, maciços e horizontais. Foram subdivididos em bastões propriamente ditos e em botão.
- Apliques em forma de faixa, como se fossem um eventual reforço.
- Apliques em forma de tiras, com inserção única aderida

e posição vertical. Foram classificados de acordo com a forma e comprimento das tiras em alongadas e redondas; as alongadas em grandes (3,5 — 4 cm), médias (2 — 3,5 cm), pequenas (1 — 2 cm).

Observando na tabela a distribuição desses elementos pelos sítios, notamos um predomínio dos apliques nos sítios mais antigos, diminuindo em direção aos mais novos até praticamente desaparecerem. Nos apêndices a tendência parece ser exatamente a inversa, sendo raros no começo e crescendo entre os sítios recentes. Os entalhes nas bordas aparecem apenas nos sítios médios.

O antiplástico em que são feitos estes elementos acompanham a tendência geral do antiplástico.

2.3.1.3.4. Comparação da cerâmica da fase Aruanã com a cerâmica dos Karajá de Aruanã

Se compararmos a cerâmica analisada na fase Aruanã e a cerâmica Karajá de Aruanã, descrita por Wüst (1975:94 ss), facilmente podemos chegar à conclusão de que se trata da mesma cerâmica ou ao menos de uma muito parecida. Isto se observa de modo especial com

relação à cerâmica do sítio arqueológico GO-JU-41, de Patrimônio do Aruanã, que é descrita no mesmo trabalho.

A semelhança está no mesmo antiplástico, na técnica de confecção e nas formas.

As formas funcionais, classificadas pelos Karajá, são quatro: o "boeti", que corresponde ao cântaro da forma 25, o "bacé", correspondente ao prato, representado em nosso material pelas formas 6, 12, 14, 15, 21, 22, 23 e 24; o "watiwi", representado em nosso material pelas formas 10, 11, 16, 17, 18, 19a, 19b, 19c, 20a, 20b; e um vasilhame aproximadamente globular, que corresponde às formas 1, 2 e 3. Segundo informações desses mesmos índios, o "boeti" serve para guardar água; o "bacé", um grande prato, serve para fazer beijú; o "watiwi", para cozinhar e guardar comida; o recipiente de forma globular também serve para cozinhar.

2.3.1.3.5. "Suportes de panela"

Em quase todos os sítios aparecem "suportes de panela", geralmente em forma de sino e maciços. Podem ser lisos ou apresentar impressões não definidas. A maior parte aparece em fragmentos, não permitin-

do uma boa visão da possível variedade de formas.

2.3.1.4. Material lítico

O material lítico é pouco e pouco característico.

O talhador bifacial tem o gume grosso, formado pela retirada de várias lascas em ambas as faces. Cor cinza, material quartzito (?). Mede 6,1 cm de largura por 9,2 cm de comprimento.

Poucas lascas de debitagem, espalhadas.

A lâmina de machado polida com garganta picoteada é grossa e de forma trapezoidal, cor cinza, material diabásico. Mede 4,8 cm de largura e 7,5 cm de comprimento.

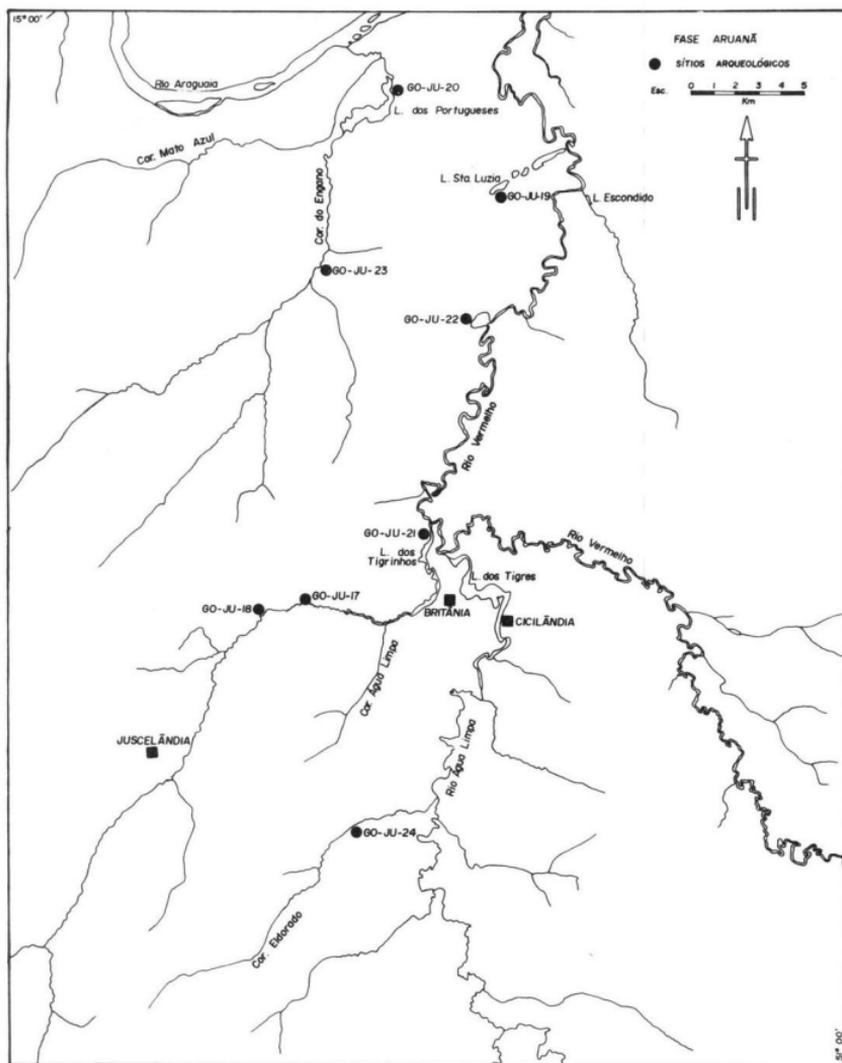
O fragmento de talão picoteado, aparentemente de machado, é de cor cinza clara, material diorito. Mede 6 cm de largura e 4,6 cm de comprimento.

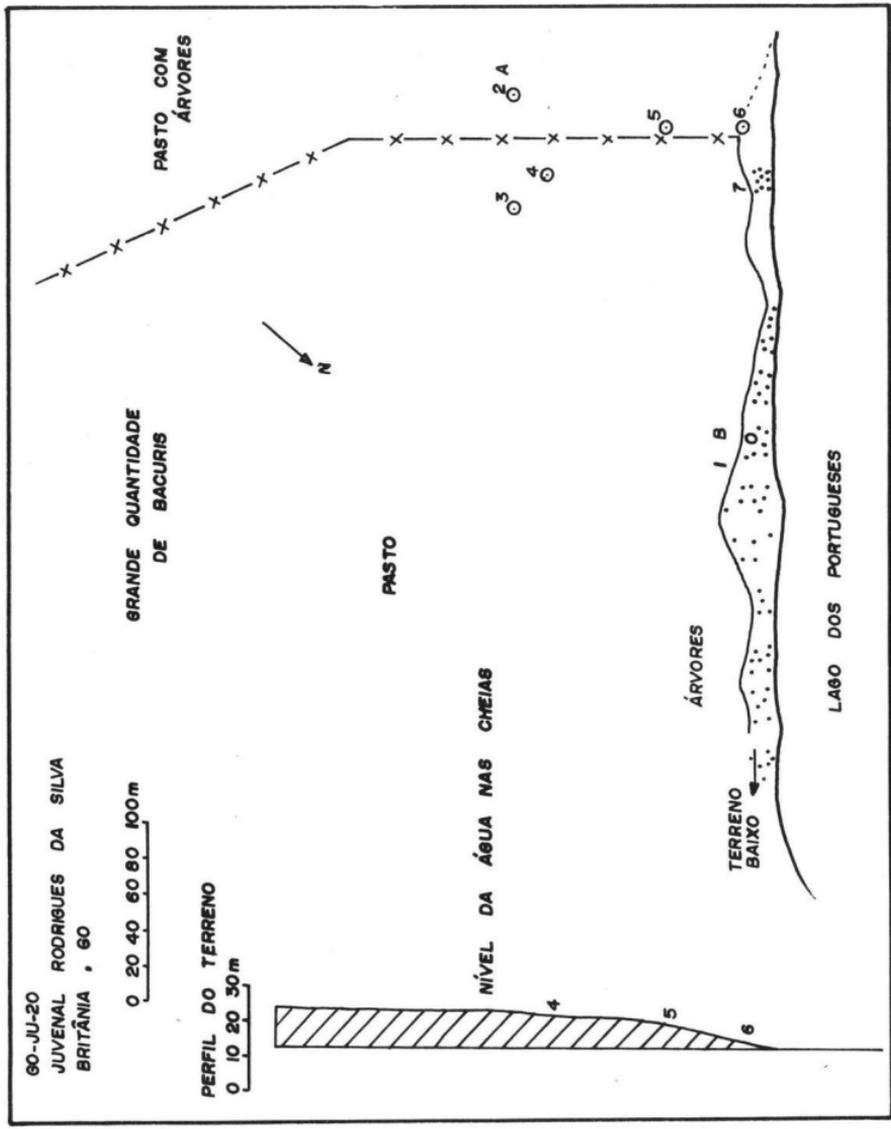
O percutor de seixo, com as extremidades desgastadas e lisas, é marrom-claro, material quartzito (?). Mede 3,2 cm de largura e 5 cm de comprimento.

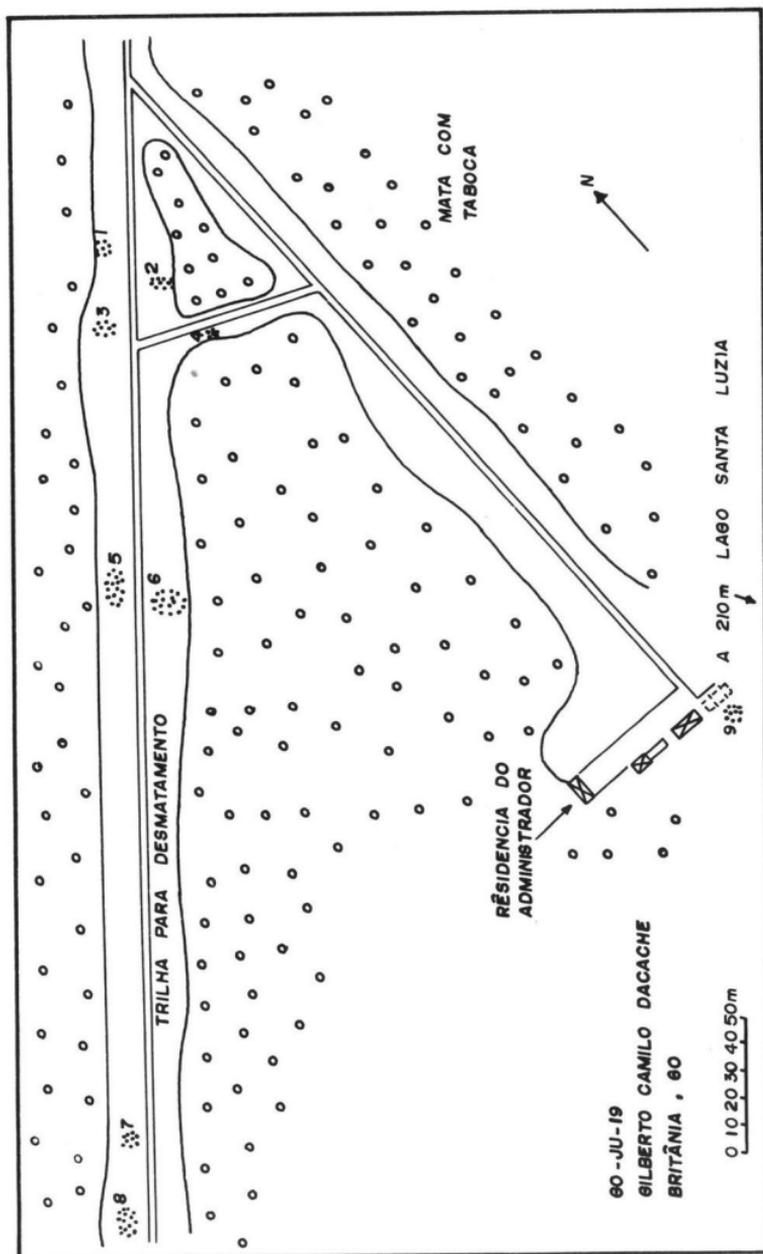
Os dois núcleos são pequenos.

Resina

No sítio GO-JU-17 e no GO-JU-24 foram encontrados pedaços de resina de cor amarela clara.







2. FASE ARUANÃ: Seriação do Antiplástico

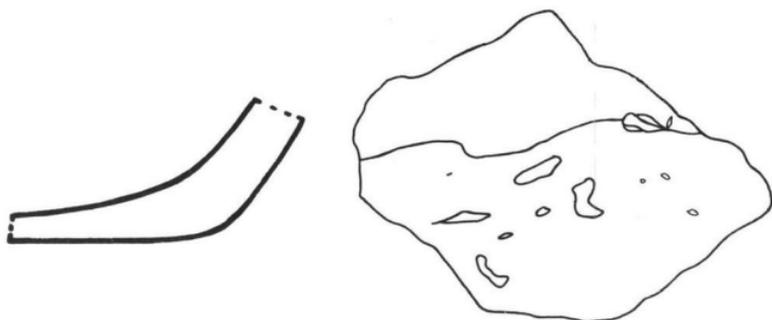
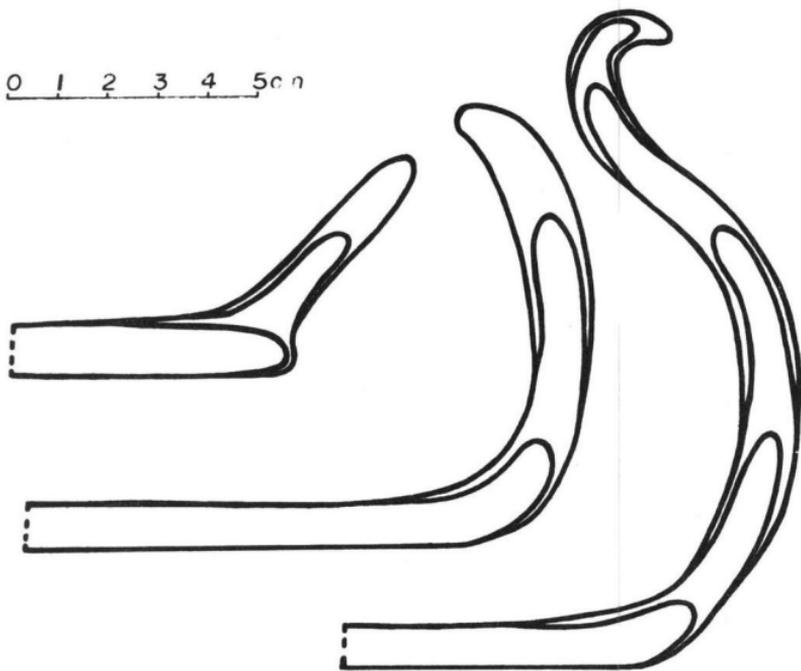
Sítios	Nº Cat.	Cariapé A		Cariapé B		TOTAL
		Nº	%	Nº	%	
G0-JU-20	81	205	70,21	87	29,79	292
G0-JU-20	390	239	66,95	118	33,05	357
G0-JU-18	79	87	55,06	71	44,34	158
G0-JU-19	80	138	53,49	120	46,51	258
G0-JU-19	386 N.1	377	52,36	343	47,64	720
G0-JU-17	76	170	51,05	163	48,95	333
G0-JU-19	387 N.2	109	42,75	146	57,25	255
G0-JU-17	383	43	42,16	59	57,84	102
G0-JU-23	393 N.1	30	38,46	48	61,54	78
G0-JU-17	77-77aN.1.2	40	31,25	88	68,75	128
G0-JU-23	394 N.2	43	29,66	102	70,34	145
G0-JU-17	381	123	28,28	312	71,72	435
G0-JU-24	82	47	27,17	126	72,83	173
G0-JU-23	397	67	27,02	181	72,98	248
G0-JU-23	395/6N.3.4	37	24,83	112	75,17	149
G0-JU-21	392	34	19,32	142	80,68	176
G0-JU-24	398	33	18,86	142	81,14	175
TOTAL						4.082

SERIAÇÃO POR ANTIPLÁSTICO		FASE ARUANÃ	
SÍTIOS	Nº CAT.	CARIAPE' A	CARIAPE' B
60-JU-20	81	_____	_____
60-JU-20	390	_____	_____
60-JU-18	79	_____	_____
60-JU-19	80	_____	_____
60-JU-19	366	_____	_____
60-JU-17	76	_____	_____
60-JU-19	387	_____	_____
60-JU-17	383	_____	_____
60-JU-23	393	_____	_____
60-JU-17	7777a	_____	_____
60-JU-23	394	_____	_____
60-JU-17	381	_____	_____
60-JU-24	82	_____	_____
60-JU-23	397	_____	_____
60-JU-23	395/6	_____	_____
60-JU-21	392	_____	_____
60-JU-24	398	_____	_____

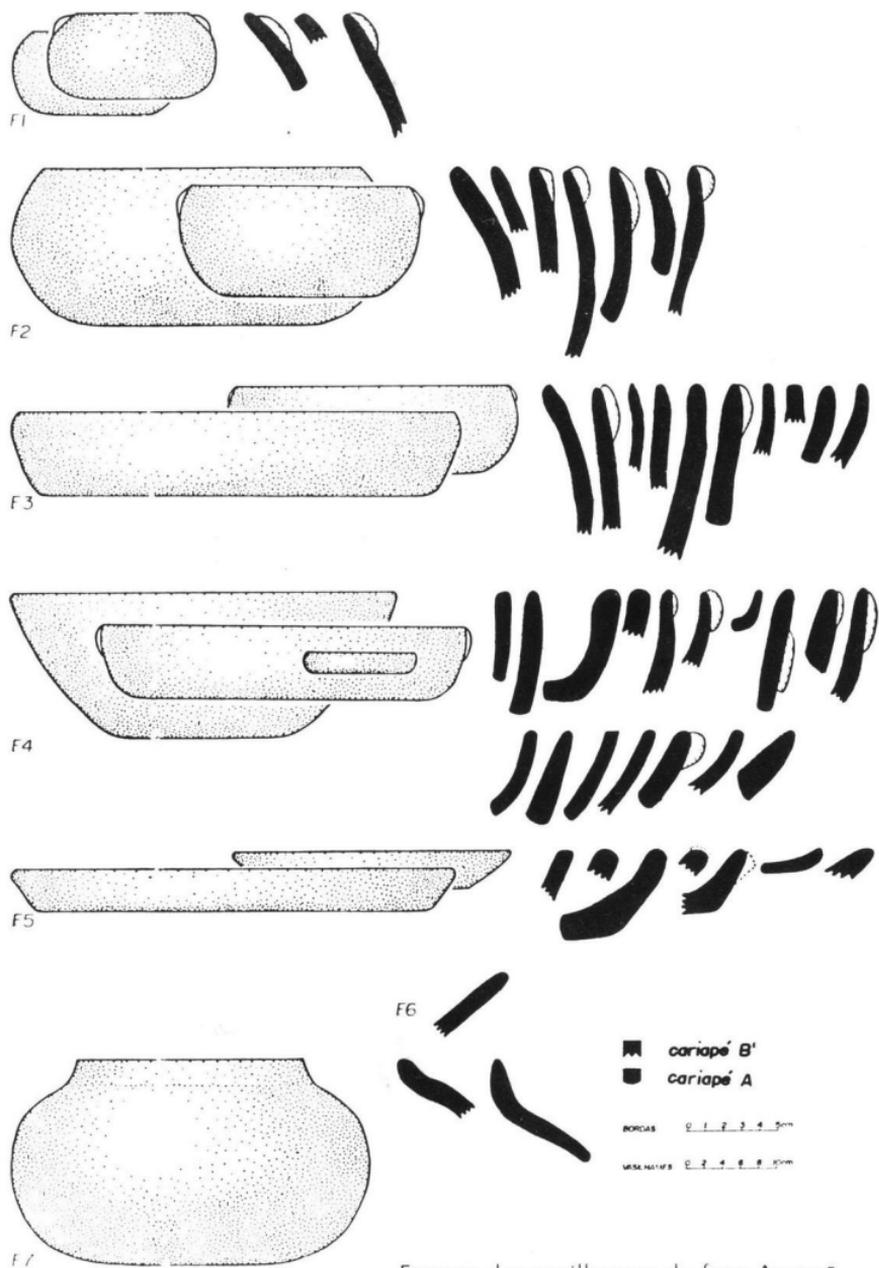
0 10 20 30 40 50%



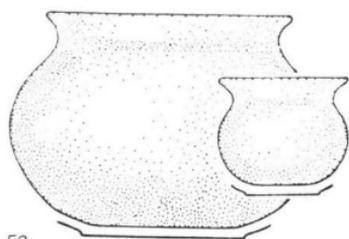
0 1 2 3 4 5 cm



Fase Aruanã: detalhes da construção do vasilhame



Formas dos vasilhames da fase Aruanã

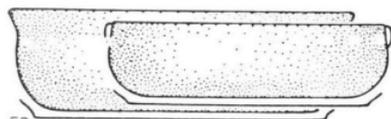


F8

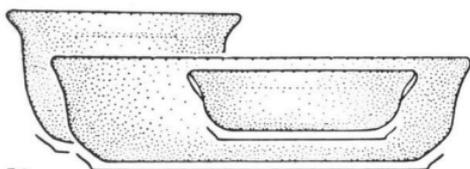


BORCAS 0 1 2 3 4 5cm

MUSEUMS 0 2 4 6 8 10cm



F9



F10



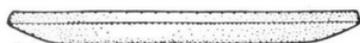
F11



F12



F13

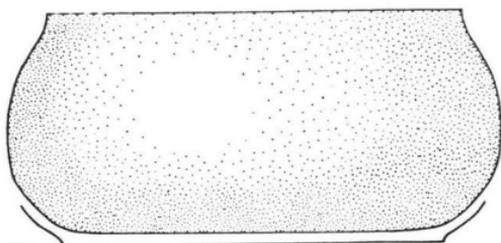


F14



F15





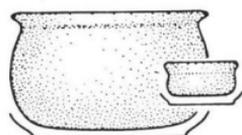
F16



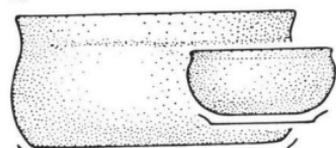
BONDAS C 1 2 3 4 5cm

WIDE NAMES
MULT. Gals. Grc C 2 4 6 8 10cm

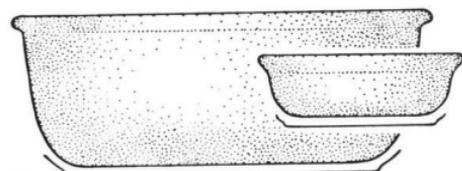
WIDE NAMES
16. Grc C 4 8 12 16 20cm



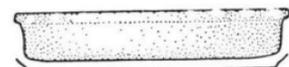
F17



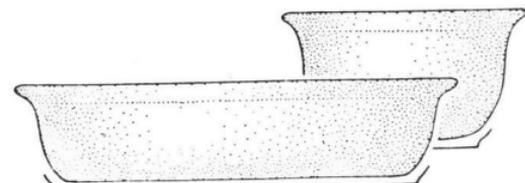
F18



F19a

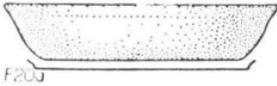


F19b



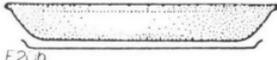
F19c





F20a

ימקמזמזמזמזמזמז



F20b

זמז

BORGAS 0 1 2 3 4 5cm

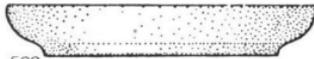
WATE-NAMES 0 2 4 6 8 10cm
20a-21, 22, 23, 24

WATE-NAMES 0 4 8 12 16 20cm
21a, 25



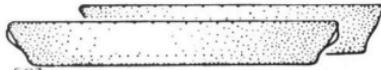
F21

מ



F22

ממממממ



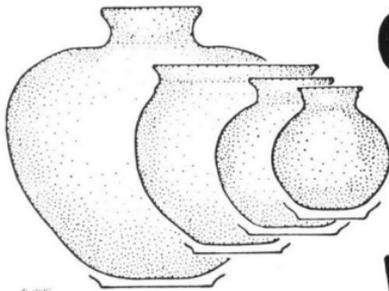
F23

ממממממממ



F24

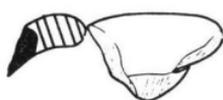
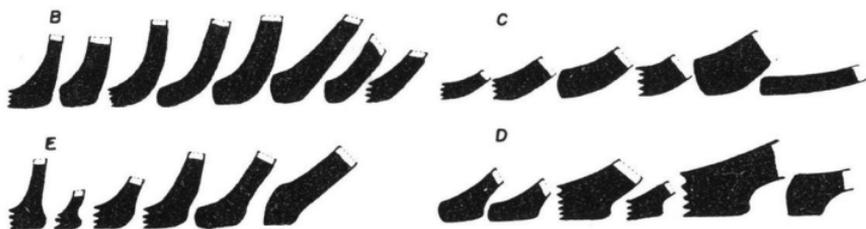
ממממממ



F25

ממממממ

ממממממ



0°-22°



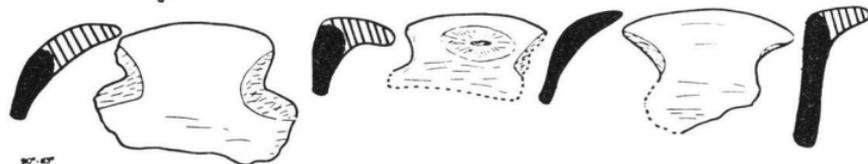
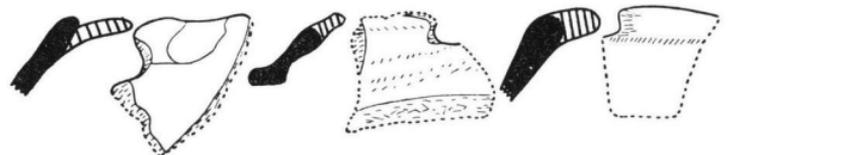
22°-45°



45°-62°



62°-90°



90°-107°



107°-135°

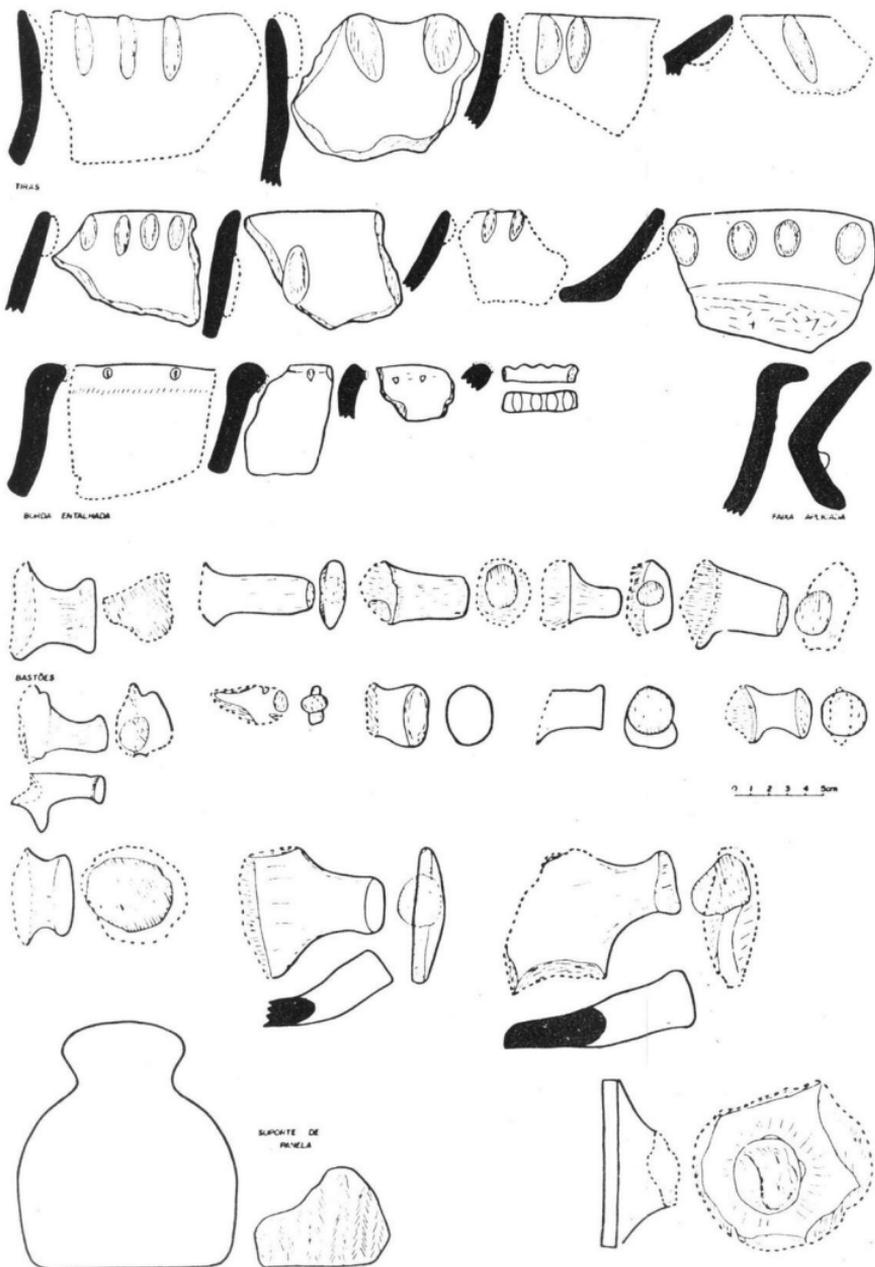
135°-162°



NÃO CLASSIFICADO

0 1 2 3 4 5 cm

Fase Aruanã: bases e asas



Fase Aruanã: decoração dos vasilhames; "suportes de panela"

1. FASE ARIAM: Características dos Sítios

Sítio	Município	Bacia	Margem	Dist. córrego ou lago em m.	Dist. em m terreno	Solo ou sedim.	Vegetação arredores	Vegetação sítio	Anos de cultivo sucessivos	Área em m.	Nº núcleos	Extratores com/dest. da cm.	Espessura em cm	Coleta sist.	Corte em cm	Datação
G0-JI-20	Britânia	Araguaiá	Dir.	3.000	Margem	Decl. suave	Matá	Pasto	não	340 x 148 (+)	7	x x	10 - 15	2		
G0-JI-18	Britânia	Verme lho	Eq.	8.500	Verme lho	Decl. suave	Matá	Pasto		168 x ?	não defin.	x x	10	1		
G0-JI-19	Britânia	Verme lho	Eq.	3.500	L.S. Luzia	Plano	Matá	Lavou- ra	1	360 x ?	9	x x	10	2	18/02/10	
G0-JI-17	Britânia	Verme lho	Eq.	5.000	C. Iba Sorte	Decl. suave	Matá	Pasto	não	650 x ?	não defin.	x	10	3	25/02/70	7(6 + 75 (51-2773))
G0-JI-25	Britânia	Verme lho	Eq.	9.000	C. Engano	Plano	Matá	Pasto	x	140 x 200(+)	não defin.	x	30	1	22/01/90	600 ± 70 (51-2772)
G0-JI-21	Britânia	Verme lho	Eq.	200	L. Tigrinhos	Plano	Matá	Lavou- ra	não	30 x 134(+)	não defin.	x		1		
G0-JI-22	Britânia	Verme lho	Eq.	100	Lago s/nome	Decl. suave	Matá	Lavou- ra		?	não defin.			1		
G0-JI-24	Britânia	Verme lho	Eq.	17.000	C. Eldorado	Plano	Matá	Lavou- ra	3	300 x 125(+)	7	x	20 - 30	2		

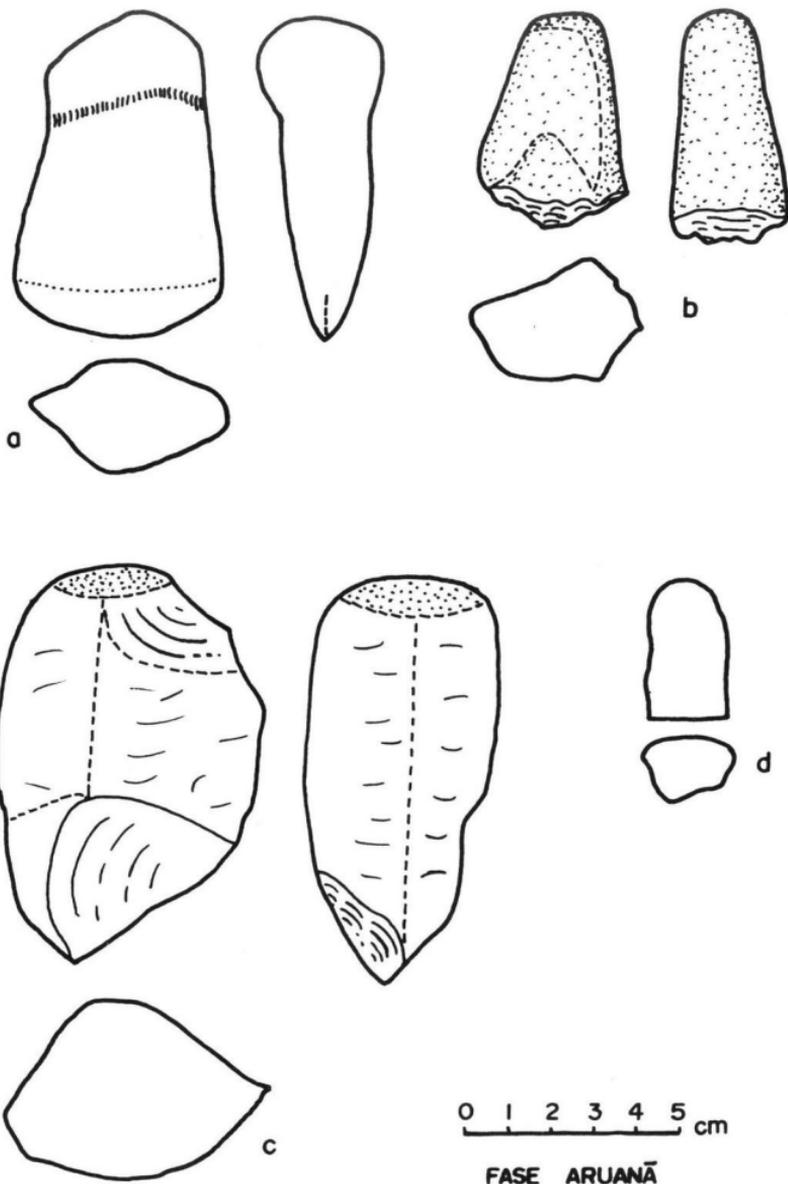
! = tamanho completo

4. FASE ANUAL: Bónas e Baas por Sftios: coletas sistemáticas

Sftios	F O R M A S																												U. A. S. N.									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19A	19B	19C	20A	20B	21	22	23	24	25	TOTAL	B	C	D	E	TOTAL				
	Sftios																																		TOTAL			
GO-JI-20	1	1	3	8	2			1	1	4	2		2	2	2	1	5	4			5		x	1	6	1	5	3	3	20	83	9	6	6	10	31		
GO-JI-18					1						1					3	1											4	2	1	1	14	2	1			5	
GO-JI-19	1	2	6	10				1	9	14	1	2	1	1	3	19	17	52	4		1	10	1		1	3	4	17	8	11	9	35	243	57	17	15	59	138
GO-JI-17	4	5	5	3	1			2	2	8	3	2			1	5	2	2		5	1			1			16	9	12	2	5	91	9	7	7	24	47	
GO-JI-23		5	7	1				1	1	1	5		1	1		1	1	7		1	4						3	2	5	1	5	52	11	4	8	18	51	
GO-JI-21	1	2	1								2	1											1				1		5		5	14	5	1	3	7	14	
GO-JI-24	1	2	3	8	2			1	2	11	2	1					2	4			1	2	1		2	1		5	3	4	1	59	11	2	11	10	34	

5. FASE ARUANÃ

Sítios	a) Modificações no vasilhame												b) Outros materiais					
	Entalhes na borda	Apêndices											Apêndices		Tiras re-dondas	Suporte de panela		
		Asa																
		0 - 23º	23 - 45º	45 - 67º	67 - 90º	90 - 113º	113 - 135º	135 - 157º	N. clas.	Bastão	Botão	Faixas	Grandes	Médias			Pequenas	
G0-JU-20			3	4		1	2	5										2
G0-JU-18		3		1														1
G0-JU-19	2			3			3	14	1	7	1							3
G0-JU-17	1	3	2	2				4		1	1	2	2	1	1			5
G0-JU-23						1		1							4	2		1
G0-JU-21							1	1							1	2		1
G0-JU-24		x	1					5	1	1	4	6	3					-



Fase Aruanã: material lítico. a. machado polido com garganta, b. seixo com as extremidades trituradas, c. talhador-percutor, d. resina amarela.

6. FASE ARUANÃ: Material Lítico

Sítios	Mat. não modif.	Mat. lascado			Mat. picoteado ou alisado	
	Percutor de seixo	Lasca de debitage	Talhador bifacial	Núcleo	Lâm. machado c/garg.	Frag. talão picoteado
G0-JU-20	1					
G0-JU-18						
G0-JU-19						
G0-JU-17		2	1	2	1	1
G0-JU-23						
G0-JU-21						
G0-JU-22						
G0-JU-24		1				

2.3.2. Fase Itapirapuã

2.3.2.1. Ambiente e ocupação

Os 7 sítios cerâmicos da fase Itapirapuã localizam-se na micro-região do rio Vermelho, situada na vertente direita do Alto Araguaia, onde se destaca o rio Vermelho e seu afluente, o rio Palmeiras. Esta área é relativamente bem drenada, se a compararmos com a da fase Aruanã, onde os cursos de água são realmente escassos.

Situam-se entre os 50° 30' e 51° 20' de longitude oeste de Greenwich e 15° 35' e 15° 55' de latitude sul, nos municípios de Itapirapuã e Jussara.

A altitude média desta região varia entre 500 e 800 m, sendo composta por degraus intermediários e serras periféricas, que se elevam mais nas médias vertentes. Fazem parte dos contrafortes da Serra das Divisões ou Santa Marta e Serra Dourada.

Geologicamente a região é de formação arqueológica (Pré-Cambriano), com predomínio de formações granito-gnáissicas (San'Ana, 1966:II-2), geomorfologicamente é uma zona ondulada. Os solos do local dos sítios são predominantemente latossolos.

Os solos prestam-se a algum cultivo, mas predomina a cria-

ção extensiva do gado. Nas partes altas e menos irrigadas aparece o cerrado, ao passo que em alguns pontos mais baixos temos mata. No cerrado e no cerradão a coleta de frutos poderia ser muito rendosa, especialmente no período da chuva. Proteínas animais podiam ser conseguidas com a caça dos animais do cerrado e do mato, ou através da pesca no rio, especialmente no período da seca, quando os peixes sobem os afluentes do Araguaia.

Populações indígenas circulavam até recentemente na região. Segundo informações do proprietário da fazenda, onde se localiza o sítio GO-JU-16, por volta de 1930, quando ele aí se fixou, a área era ocupada por Borôro e Karajá, que costumavam rodear as casas, imitando os animais domésticos, como o porco, a galinha, o cachorro. Não atacavam os moradores, mas os trabalhadores do fio telegráfico, que passava na região, eram constantemente hostilizados.

A colonização branca dessa área ocorreu durante a 2ª fase da colonização do Brasil, de 1870 a 1930 (Magnanini, 1966:III-6). A densidade demográfica ainda é baixa, de 1 a 10 habitantes por Km² e exerce suas atividades na agropecuária, em estabelecimentos

com extensão de 100 a 250 ha, criando bovinos e suínos e plantando arroz, feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, algodão, laranja, banana, fumo, batata e abacaxi.

Segundo censo de 1970, a população de Itapirapuã era de 12.888 habitantes, distribuídos entre 4.233 urbanos e 8.655 rurais; Jussara tinha 21.142 habitantes, dos quais 7.689 urbanos e 13.453 rurais. Itapirapuã dista 226 Km de Goiânia e Jussara 248 Km.

2.3.2.2. Descrição dos sítios

No quadro acima (1) vêem-se as características principais de cada um dos sítios.

Os sítios estão concentrados nos municípios de Itapirapuã e Jussara, na margem esquerda do curso médio do rio Vermelho ou sobre o seu afluente, o rio Água Limpa. Nenhum deles está sobre a margem desses rios, mas próximos de córregos permanentes, dos quais distam de 70 a 335 m. Estão colocados em chapadas, geralmente aproveitando o declive suave em direção ao córrego, em altitudes ao redor da cota dos 500 m.

A vegetação original parece ter sido uma combinação entre mata, cerradão e cerrado, predominando os últimos, dos quais restam testemunhos per-

to dos sítios, que agora são encontrados em lavouras ou pastos.

Às vezes conseguimos delimitar toda a extensão do que parece ter sido a aldeia, dando-nos diversas concentrações de cacos de cerâmica, provavelmente reunidas ao redor de um espaço vazio. Essas aldeias não são grandes.

Geralmente os estratos arqueológicos estão destruídos, encontrando-se o material na superfície. Num único sítio, de estratos conservados, fizemos um corte.

Não temos nenhuma data de C14.

Ilustramos os sítios com a descrição dos seguintes: GO-JU-07, GO-JU-15, GO-JU-16.

GO-JU-07

As manchas deste sítio localizam-se próximas ao córrego Guerobal numa área de 145 x 160 (+) m de extensão, sobre uma pequena chapada. Encontram-se cinco núcleos, medindo 1800, 464, 390, 288 e 136 m², dispostos ao redor de um espaço vazio em forma de uma ferradura.

No núcleo 2 fez-se um corte estratigráfico, com 2 x 2,90 m. A superfície apresenta-se aí bastante removida pelo arado. A partir de 10 cm de profundi-

dade encontrou-se uma camada compacta, que o arado não havia removido; fizemos a escavação em níveis artificiais de 10 cm.

1ª camada: com aproximadamente 10 cm de espessura, constituída de solo fofo removido pelo trator, de cor cinza-alaranjada, com grande quantidade de restos vegetais (ramos e raízes secas). Material arqueológico: cacos cerâmicos arrancados pelo trator.

2ª camada: com aproximadamente 10 cm, constituída de laterita compacta, de cor alaranjada, com pequenas e médias raízes e ainda uma pequena palmeira (tucum) aflorando. Material arqueológico: fragmentos cerâmicos que se agrupam na parte central do corte, rareando para a periferia. Os fragmentos correspondem provavelmente a poucos recipientes e mostram, na maioria das vezes, a superfície interna voltada para cima.

A amostra do núcleo grande encontra-se no topo da seriação, ao passo que as outras se localizam na parte inferior e média.

GO-JU-15

As manchas deste sítio localizam-se na proximidade do córrego Anta Morta, numa área de 165 x 175 m, numa sua

ve encosta. Apesar das hervas que dificultavam a delimitação, demarcaram-se sete concentrações, com os seguintes tamanhos: 2250, 1120, 750, 675, 640, 510, 330 m², dispostas em forma de ferradura, com uma concentração no espaço interno.

Também aqui a amostra do núcleo grande encontra-se no topo da seriação, ao passo que a outra amostra se localiza na parte inferior.

GO-JU-16

Este sítio de 145 x 115 m, localiza-se numa chapada baixa na proximidade do córrego da Serra. Compõe-se de uma área com cacos esparsos e dentro dela cinco núcleos dispostos em forma de ferradura, e que têm os seguintes tamanhos: 378, 272, 256, 221, 110 m². Os cacos maiores haviam sido acumulados pelo fazendeiro ao pé de uma árvore, com o intento de limpar a lavoura.

Este morador nos contou que ainda em 1930 índios Karajá e Borôro freqüentavam o local da fazenda.

2.3.2.3. A cerâmica

Nos sítios arqueológicos da fase Itapirapuã recolheram-se 3.200 cacos, distribuídos em 14 coletas, sistemáticas, com

2.604 cacos e 15 coletas não sistemáticas, com 596 cacos.

Esta cerâmica foi separada em apenas duas variedades de antiplásticos, ou seja, o cariapé A e a areia, que parecem apresentar popularidades úteis para o estabelecimento de uma cronologia, como se pode ver na seriação, mais adiante.

2.3.2.3.1. Descrição geral da cerâmica **Cerâmica com cariapé A**

I — Pasta

1. Manufatura: acordelada. Observa-se, nitidamente, o emprego de roletes, na maioria dos cacos. Os fragmentos de base apresentam um massa mais compacta. Nos fragmentos de bordas, nota-se um rolete de acabamento. Devido à justaposição dos roletes, muitas vezes, tem-se a impressão de a parede ser formada por placas.

2. Antiplástico diagnóstico: fibra silicificada de uma variedade de cariapé (A), bastante triturada, aparecendo ora bem misturada à pasta, ora sob a forma de feixes de fibras alinhadas; acompanhando essas fibras vem outras, sob a forma de pequenas partículas silicosas, de coloração branca, leitosa, cinzenta, preta ou transpa-

rente, roliças como pequenos bastões com gomos, brilhosas, medindo de 1 a 4 mm de comprimento; são visíveis a olho nu. A densidade desse cariapé na pasta é bastante alta, sendo possível observá-lo tanto nas duas faces, como na fratura da parede.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico são grãos de quartzo em pequena quantidade, alcançando até 3 mm, de cor leitosa, rosada, ou translúcidos; restos vegetais carbonizados em tamanhos até 2 mm; concreções ferruginosas, variando entre 1 e 2 mm; hematita em pouca quantidade e bastante decomposta.

3. Textura: relativamente uniforme. A pasta apresenta-se porosa, com grande quantidade de pequenos vazios.

Fratura: irregular, acompanhando poucas vezes os roletes; angulosa e áspera ao tato, apesar de relativamente erodida.

4. Cor do núcleo: entre cinza claro e escuro, às vezes esbranquiçada, evidenciando queima incompleta. Raros cacos apresentam o núcleo alaranjado, mostrando cozimento completo.

5. Queima: oxidante, com manchas de cocção. Pode ser considerada regular na maioria dos cacos. Encontramos alguns

cacos, onde a parte oxidada cobre toda a espessura da parede. Encontram-se também cacos mal oxidados, onde a parte mal oxidada cobre toda a espessura da parede. Na maioria dos cacos aparecem as paredes interna e externa, ou só a externa, bem oxidada e o núcleo mal oxidado. A espessura da parte oxidada na parede interna varia entre 0 e 10 mm. A pasta está apenas parcialmente fundida, persistindo restos vegetais carbonizados.

6. Dureza: 2,5 (Escala de Mohs).

II — Superfície

1. Cor: na superfície interna e externa apresenta-se geralmente igual, sendo que uma ligeira diferença pode ser atribuída à queima ou ao prolongado uso. A tonalidade das superfícies varia entre cinza claro e escuro e marrom bem claro, predominando este último.

2. Tratamento: ambas as superfícies apresentam-se alisadas regularmente. As superfícies externas de quase todas as bases planas, no entanto, não apresentam este alisamento, dando a impressão de terem sido colocadas, no momento da confecção, sobre tecidos ou trançados dobrados, uma vez que a superfície é bastante irregular.

Cerâmica com areia

I — Pasta

1. Manufatura: acordelada. Observa-se com bastante nitidez o emprego de roletes na maioria dos cacos. Nas bordas pode-se observar um rolete de acabamento.

2. Antiplástico diagnóstico: grãos de quartzo com tamanhos não superiores a 3 mm, bem triturados e misturados na pasta, aparecendo ocasionalmente na superfície.

Outros elementos que podem ter servido de antiplástico: mica muscovita fina em pequena quantidade, chegando a alcançar até 1 mm; grãos de quartzo em grande quantidade atingindo entre menos de 1 mm até 3 mm, de cor leitosa, rosada ou transparentes; concreções ferruginosas de até 1 mm; restos vegetais, como cariapé B (raramente) com tamanhos variando entre menos de 1 mm e 2 mm, e restos vegetais carbonizados, que atingem até 2 mm.

3. Textura: uniforme; os grãos de quartzo, sendo pequenos, favorecem uma textura mais homogênea. A textura é bastante compacta, raras vezes porosa.

Fratuza: irregular e áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: varia entre cinza claro e escuro, às vezes esbranquiçado e marrom médio e claro. Predomina o cinza escuro e o marrom claro.

5. Cozimento: oxidante com manchas de cocção. A qualidade do cozimento é regular. Alguns cacos estão totalmente oxidados, sendo a parte oxidada igual à espessura da parede. Outros estão razoavelmente oxidados, atingindo a parte externa de 0 a 6 mm e a parte interna de 0 a 5 mm. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 (Escala de Mohs).

II — Superfície

1. Cor: na superfície interna e externa apresenta-se geralmente igual, variando entre cinza claro e escuro e marrom avermelhado.

2. Tanto a superfície interna, como a externa, apresentam-se alisadas, porém de forma irregular, em alguns casos.

2.3.2.3.2. A seriação por antiplástico

A seriação do material cerâmico das coletas sistemáticas por antiplástico está registrada na tabela 2 e no gráfico.

Como não podíamos dispor de cortes estratigráficos, nem datações de C14 para orientar

a seriação, por se tratar exclusivamente de material superficial, tomamos como base as tendências observadas nas demais fases, próximas, da tradição Uru, onde a areia sempre aparece na parte inferior, desaparecendo gradativamente em direção ao topo da seriação. Em se tratando de apenas dois antiplásticos, a seriação ficou muito simples, mas aceitável, devido a uma tendência generalizada na tradição Uru inteira. O sítio mais antigo é GO-JU-09, com 23,53% de areia e 76,47% de cariapé A e o sítio mais recente parece ser o GO-JU-08, com 100% de cariapé A. Não sabemos quando começa e quando termina a fase.

2.3.2.3.3. As formas da cerâmica

Para evitar longas descrições das formas, todas reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, usamos um quadro (3) com todas as informações e onde facilmente se podem ver os indicadores usados para separar uma da outra.

Este quadro vem completado com uma tabela (4) da distribuição das bordas e bases por sítios e de uma tabela (5) das modificações nos vasilhames também por sítios.

O grande quadro está organizado da seguinte maneira:

na primeira coluna o número correspondente às formas reconstituídas; como se usou um esquema único para as formas da fase Itapirapuã e da Aruanã, que são muito parecidas, algumas formas do todo estão faltando na fase ora em estudo. Nas quatro colunas seguintes se dá a descrição geral da forma segundo o esquema de A. Shepard, indicando se o contorno é simples, infletido ou complexo; se o vasilhame é restringido, não restringido e, neste caso, se restringido dependente ou independente; depois a forma básica do corpo; depois os pontos. Na quinta coluna indicamos o ângulo do corpo com relação à linha horizontal que passa pela boca do vasilhame; na sexta, se a borda é reforçada ou não-reforçada: este é um elemento muito importante na classificação da cerâmica da área, como se pode ver pelo quadro; na sétima, a forma da base, que mais adiante será rapidamente explicada; na oitava a abertura da boca; na nona, a forma do lábio; na décima, a espessura da parede da borda; depois uma série de informações sobre a existência de modificações no vasilhame, incluindo aqui o tratamento da superfície, sempre que o mesmo não seja simples alisamento: aqui podem aparecer perfurações,

incisões, banhos, diversas variedades de apêndices, e apliques; depois há uma coluna sobre a presença das formas nos sítios, segundo a tabela anexa; finalmente o antiplástico usado na confecção das bordas usadas para a classificação das formas.

As bases são caracterizadas da seguinte forma:

- B — base suavemente aplanada, vasilhame sem ponto final na base. Ângulo de inclinação da parede junto da base maior que 45° .
- C — base aplanada, vasilhames sem ponto final na base. Ângulo da inclinação da parede menor que 45° .
- D — base plana com pequeno pedestal. Ângulo de inclinação da parede menor que 45° .
- E — base plana com pequeno pedestal. Ângulo de inclinação da parede maior que 45° .

As bases estão bastante uniformemente distribuídas nos sítios. Nota-se apenas uma leve concentração de bases aplanadas nos sítios mais antigos e um crescimento das bases com pedestal nos sítios mais recentes.

Em termos de antiplástico só há uma base (B) em antiplástico areia.

As modificações nos vasilhames de cerâmica são as seguintes:

- Entalhes na borda sob a forma de pequenos recortes pouco abaixo do lábio.
- Furos junto da borda, sem função definida.
- Apêndices em forma de asas, com inserção aderida, de tipo liso e posição horizontal. Nelas medimos o ângulo do recorte que apresentam, podendo classificá-lo entre 90° e 157°. — Também um apêndice em forma de asa, com acabamento ondulado, dando a impressão de ser de uma peça zoomorfa, como aparecem no Xingu.
- Apêndices em forma de bastão, com inserção única aderida ou repuxada, raramente rebitados, tipo maciço e posição horizontal. Os apêndices em forma de bastão foram subdivididos em bastões com suporte e bastões sem suporte.

— Apêndices em forma de alça, provavelmente com a mesma função que os apêndices em forma de asas.

— Apliques em forma de faixa.

Sendo o número muito pequeno seria difícil perceber qualquer tendência cronológica nos mesmos.

2.3.2.4. Material lítico

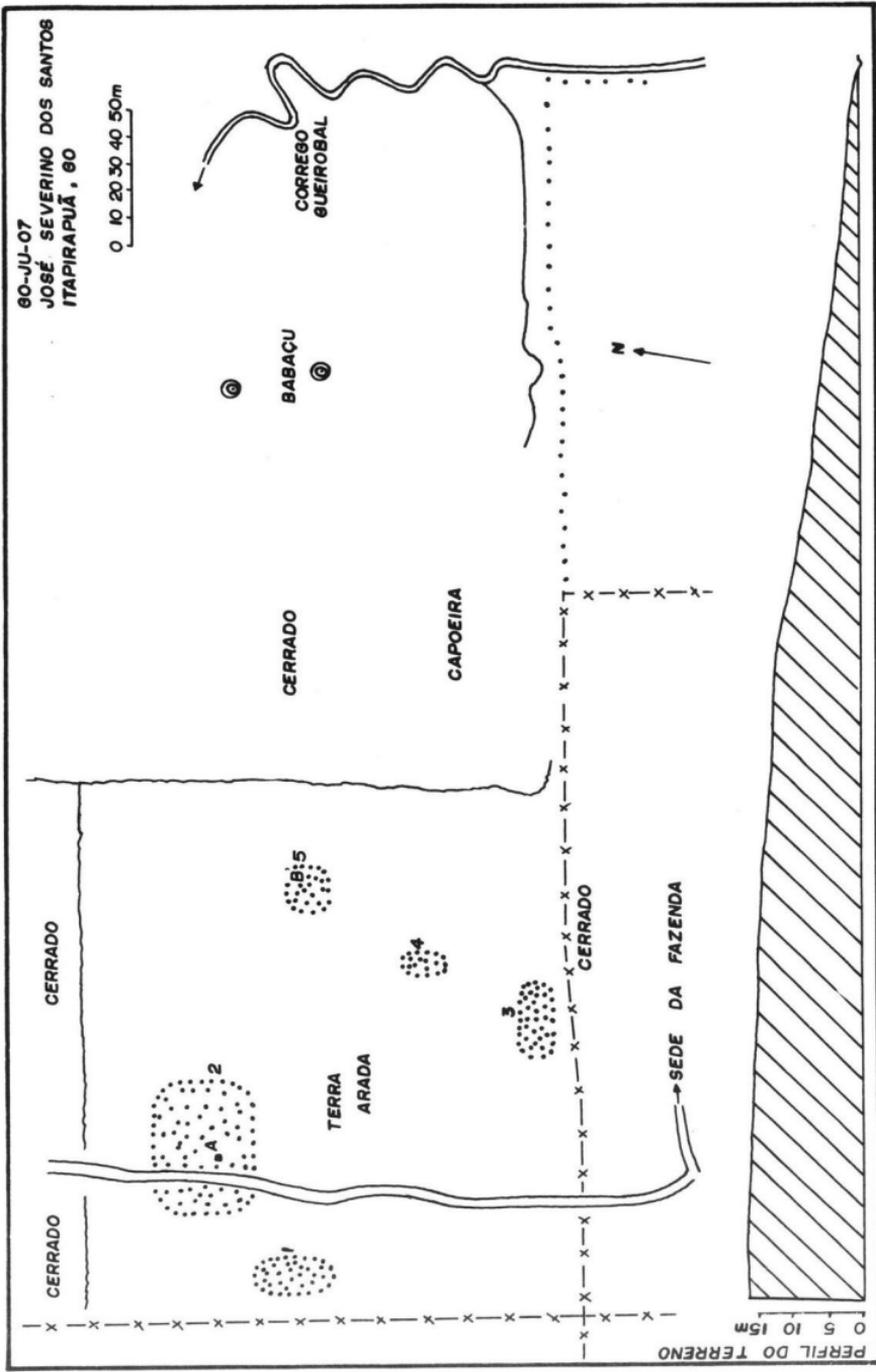
O material lítico é pouco e pouco diagnóstico. Predomina nos sítios do meio da seriação cronológica.

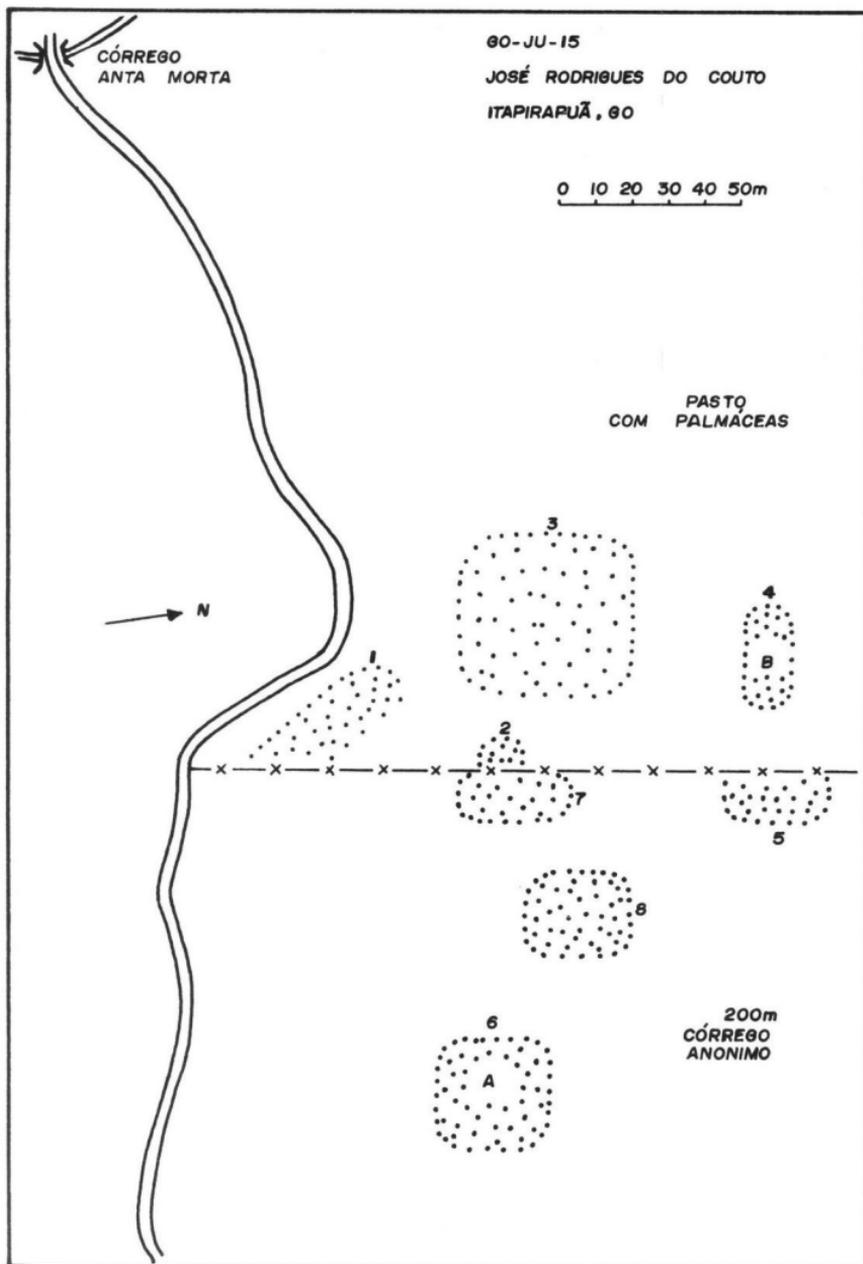
Materiais sem modificações intencionais são percutores de seixo e "quebra-cocos". Num dos sítios aparecem algumas lascas de debitage em calcedônia. O material picoteado está representado por um percutor preparado para encabamento e um prato. O material polido se constitui de lâminas de machado ou seus fragmentos.

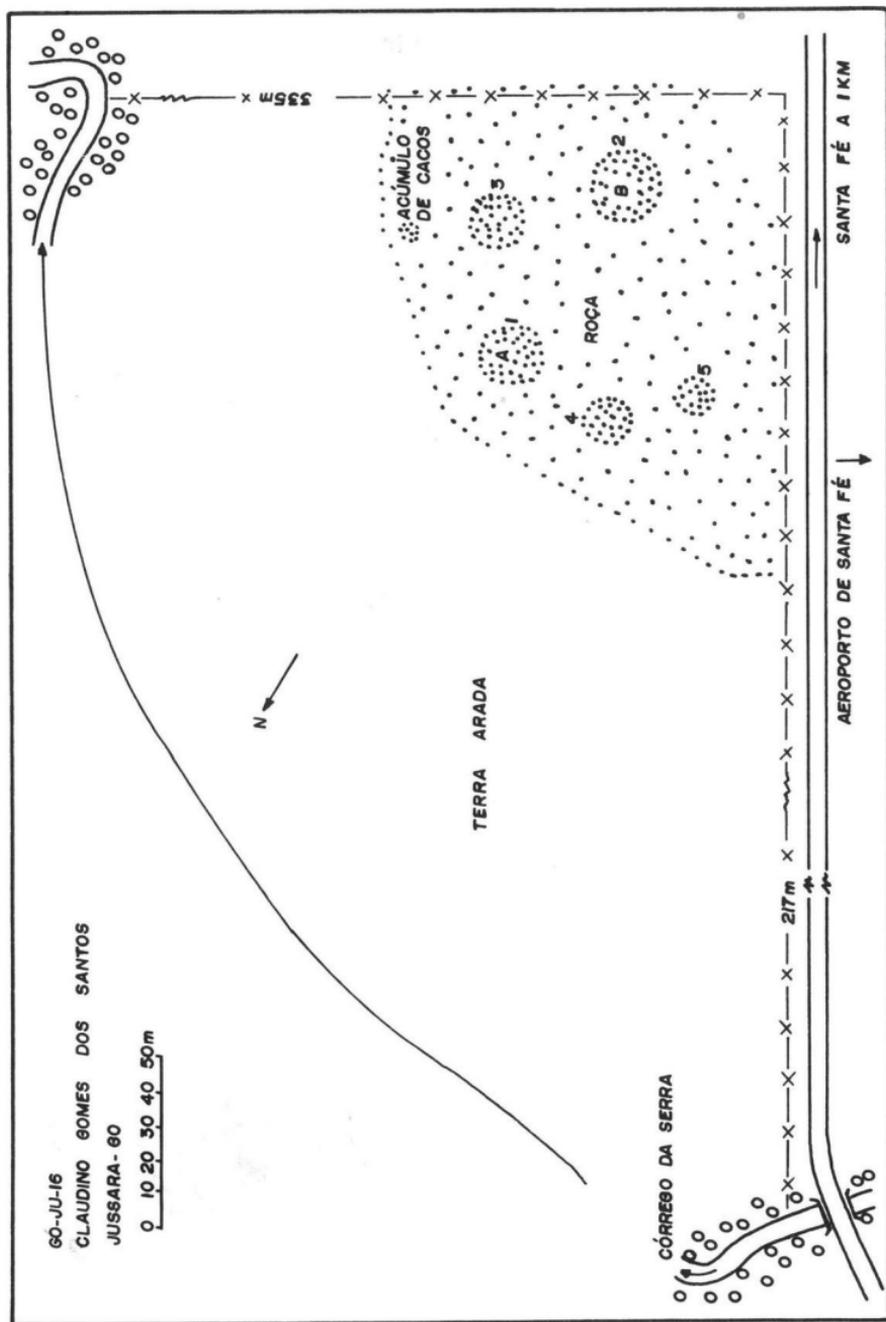
1. PASE ITAPIRAPUÁ: Características dos Sítios

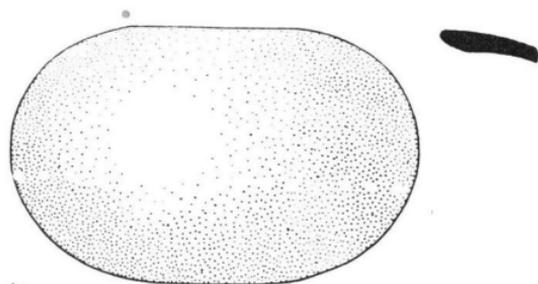
Sítio	Município	Rio maior	Margem	Dist. em m.	Córego	Dist. em m	Horfol. terreno	Vegetação arredora	Vegetação sítio	Anos de cultivo	Área em m	Nº de núcleos	Estratos/dec.	Espessura camada	Coleta sistem.	Cortas em cm
60-JI-07	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	12,500	Gueirobal	290	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	1	145 x 160 (+)	5	x	10	1	200x220
60-JI-08	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	12,500	Gueirobal			Cerrado	Lavoura	4	?	não defin.	x		1	
60-JI-09	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	4,500	Barreirão	70	Decl. suave	Matá	Lavoura	x	135 x 15 (+)	2	x		1	
60-JI-13	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	2,000	Macacos	300	Decl. suave	Cerradão	Pasto	x	210 x 235 (+)	2	x		2	
60-JI-14	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	10,000	Palmeira	300	Decl. suave	Cerradão	Pasto	x	265 x 70 (+)	5	x		2	
60-JI-15	Itapirapuã	Vermelho	Eq.	17,000	Anta Moria	150	Decl. suave	Cerrado	Pasto	não	165(+)+175 !	7	x		2	
60-JI-16	Jussara	Vermelho	Eq.	39,000	Da Serra	335	Plano	Cerradão	Lavoura	5	145 x 115 !	5	x		2	
60-JI-12	Jussara	Vermelho	Eq.	49,000	Palmeira	?	Plano	Cerradão	Pasto	x	?		x		1	

+ = tamanhos incompletos
! = tamanhos completos



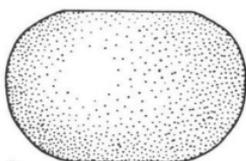






1a

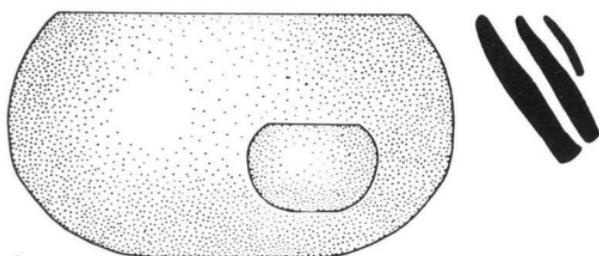
BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm



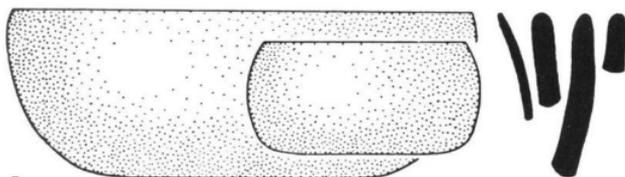
1b


 cariapé
 A

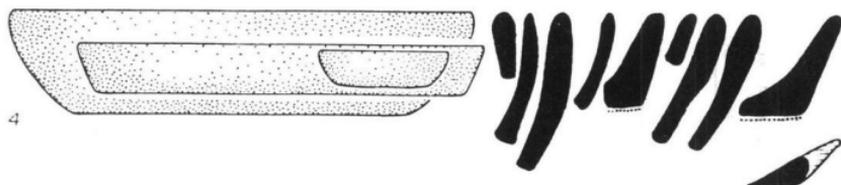

 arua



2

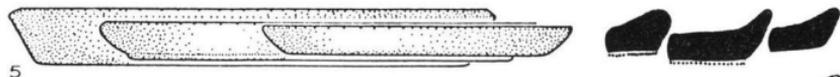


3

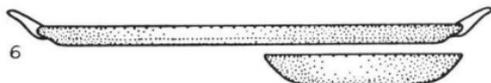


4

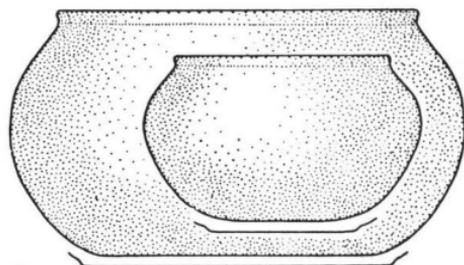
Formas dos vasilhames da fase Itapirapuã



5



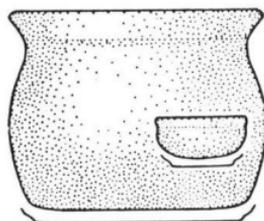
6



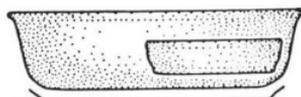
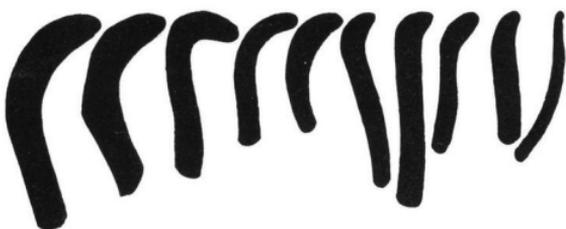
8



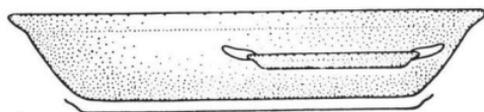
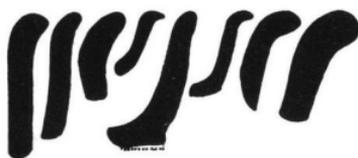
BONDAS	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
WIDE NAMES 5.6, 8, 9	0	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
WIDE NAMES 9, 10	0	4	8	12	16	20	24	28	32	36	40



9

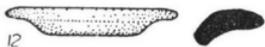


10

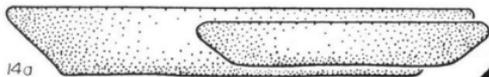


11

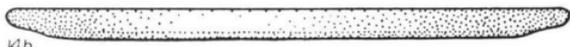




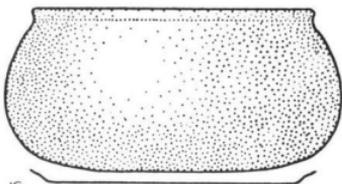
12



14a



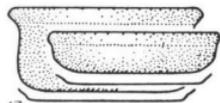
14b



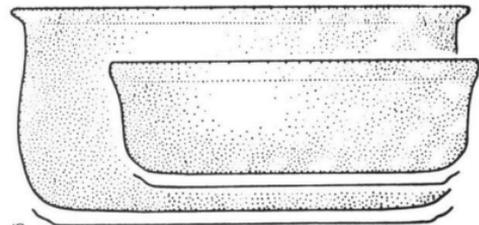
16



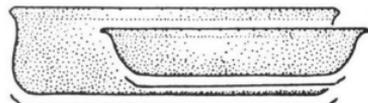
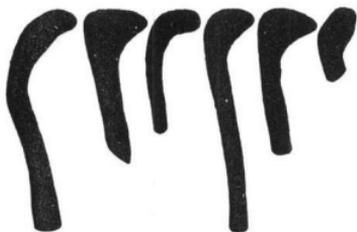
BORDAS	0	1	2	3	4	5cm
VASE,NAMES 12,14,17,18	0	2	4	6	8	10cm
VASE,NAMES 16,19	0	4	8	12	16	20cm



17

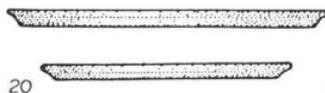


18

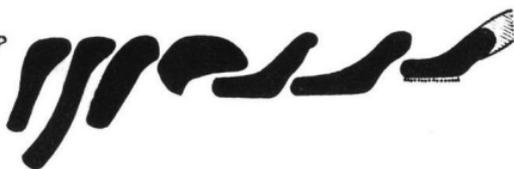


19





20



21



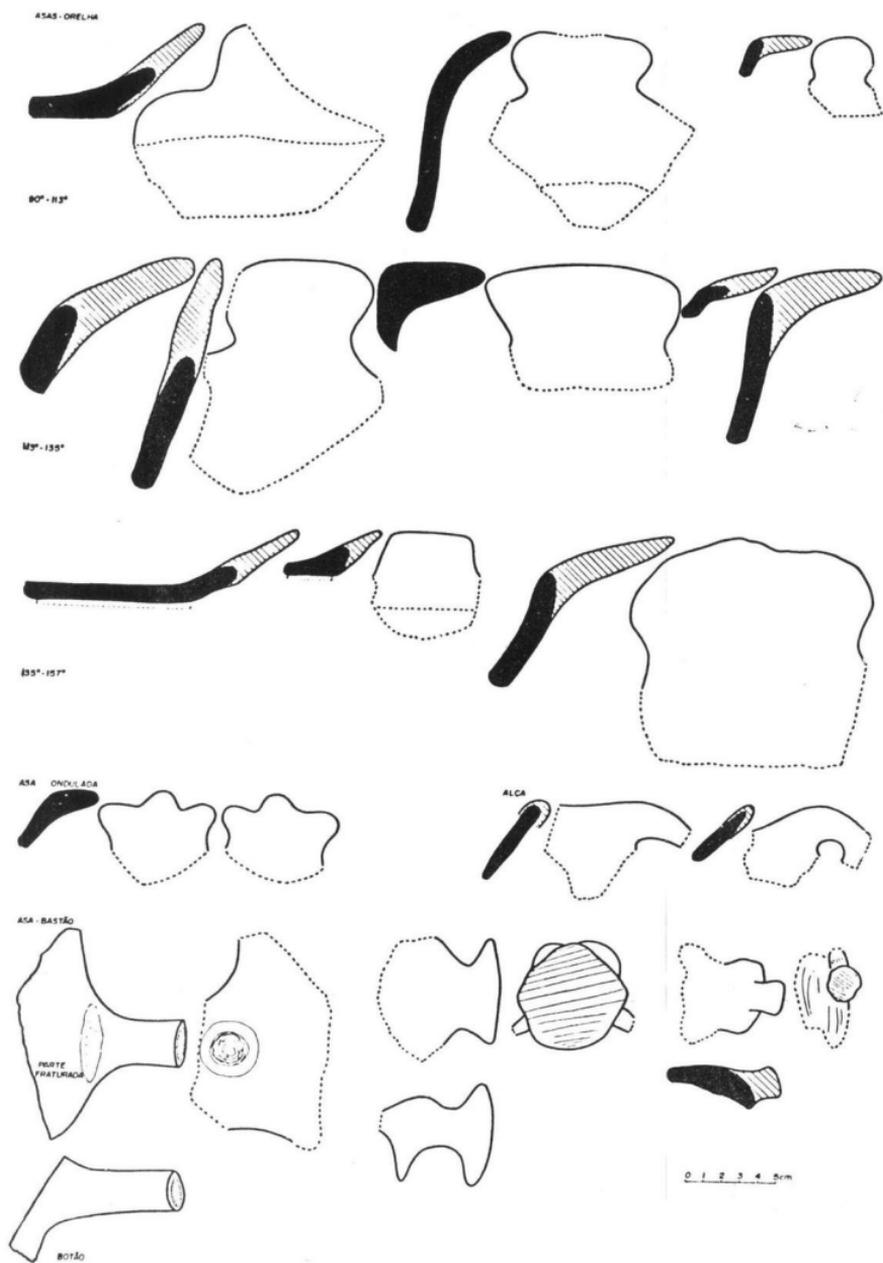
25



BONDAS E BASES C I E 3 4 5cm
 -ABLAHAF - 21 C F 4 5 5 5cm
 -WILHAFS - 20-28 2 4 5 5 19 25cm

BASES





Fase Itapirapuã: apêndices

2. FASE ITAPIRAPUÁ: Seriação do Antiplástico

Sítio	Nº Cat.	Cariapé A		Areia		TOTAL
		Nº	%	Nº	%	
G0-JU-08	66	8	100,00			8
G0-JU-16	379	284	100,00			284
G0-JU-07	60	144	100,00			144
G0-JU-15	377	288	100,00			288
G0-JU-16	73	341	99,42	2	0,58	343
G0-JU-13	374	250	100,00			250
G0-JU-07	62	89	100,00			89
G0-JU-13	67	219	100,00			219
G0-JU-07	65	234	100,00			234
G0-JU-07	370	158	98,75	2	1,25	160
G0-JU-14	376	169	94,41	10	5,59	179
G0-JU-15	72	152	93,83	10	6,17	162
G0-JU-14	70	177	91,71	16	8,29	193
G0-JU-09	372	39	76,47	12	23,53	51
TOTAL						2.604

SERIAÇÃO POR ANTIPLÁSTICO POR AMOSTRAS		FASE ITAPIRAPUÃ		
sítios	Nº Cot.	CARIAPE' A	AREIA	
60-JU-08	66			
60-JU-16	379			
60-JU-07	60			
60-JU-15	377			
60-JU-16	73			
60-JU-13	374			
60-JU-07	62			
60-JU-13	67			
60-JU-07	65			
60-JU-07	370			
60-JU-14	376			
60-JU-15	72			
60-JU-14	70			
60-JU-09	372			

0 10 20 30 40 50%

3. FASE TRAFEGAR: Quadro das Formas

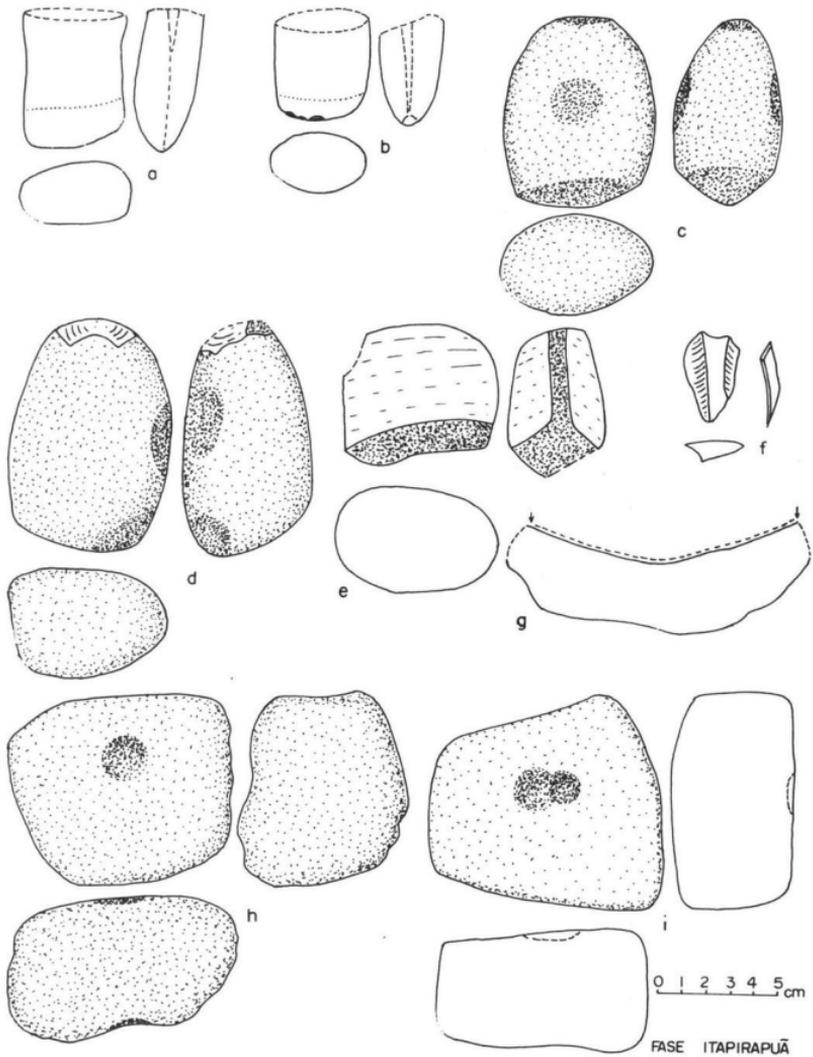
Forma	Contorno	Ilustração	Forma corpo	Notas	Angulos	Bordas	Insua	Aberturas	Lábio	Esquema	Perfur.	Inicia.	Rebuo	Apêndices	Aplicase	Posição na	Antiplástico
	Simplex	Complexo	Presente	Forma	Forma	Forma	A B C D E F G H	cm	Arredondado	cm	antes	em	Asa	Bastão	Havito	seriação	(col.assist.)
1 a	X	X	X	1	1	1	X X	12 - 16	X	V	0,9					meio e alta	+
1 b	X	X	X	1	1	1	X X	12 - 76	X	V	1,0-1,7					n. de perfuração	100(1)
2	X	X	X	1	1	1	X X	6 - 40	X	V	0,5-1,4					alto	100
3	X	X	X	1	1	1	X X	22 - 52	X	V	0,5-1,4					baixo, alto	100
4	X	X	X	1	1	1	X X	10 - 76	X	V	0,5-2,2			X		toda	100
5	X	X	X	1	1	1	X X	12 - 56	X	V	0,4-5,4			X		meio e alto	100
6 a	X	X	X	1	1	1	X X	20 - 40	X	V	0,8-1,6			X		meio e alto	100
6 b	X	X	X	1	1	1	X X	24 - 46	X	V	0,8-1,7			X		meio e alto	+
8	X	X	X	1	1	1	X X	18 - 82	X	V	0,7-1,9			X		toda	100
9	X	X	X	1	1	1	X X	10 - 82	X	V	0,7-1,8			X		toda	100
10	X	X	X	1	1	1	X X	14 - 68	X	V	0,6-2,1			X		toda	100
11	X	X	X	1	1	1	X X	18	X	V	0,9			X		alto	100
12	X	X	X	1	1	1	X X	20 - 54	X	V	0,9-1,4			X		meio, alto	100
14 a	X	X	X	1	1	1	X X	60	X	V	1,3			X		alto	+
14 b	X	X	X	1	1	1	X X	26 - 62	X	V	0,6-1,3			X		alto	+
16	X	X	X	1	1	1	X X	18 - 28	X	V	0,6-1,3			X		meio e alto	100
17	X	X	X	1	1	1	X X	30 - 88	X	V	0,7-2,4			X		meio e alto	100
18	X	X	X	1	1	1	X X	14 - 88	X	V	0,7-2,9			X		toda	100
19	X	X	X	1	1	1	X X	18 - 74	X	V	0,6-2,0			X		predom. alto	100
20	X	X	X	1	1	1	X X	24 - 82	X	V	0,7-1,6			X		predom. alto	100
21	X	X	X	1	1	1	X X	10 - 72	X	V	0,5-2,4			X		toda	100
25	X	X	X	1	1	1	X X		X	V						faixas	+
																	+
																	presença de cole-
																	tas assimétricas

4. FASE ITAPIRAPUÁ: Bordas e Bases por Sítios

Sítios	FORMAS														BASES											
	1a	1b	2	3	4	5	6a	8	9	10	11	12	14a	14b	16	17	18	19	20	21	25	TOTAL	B	C	D	E
GO-JU-08			1	1	11	5	1	x	5	2	x	1	2	x	5	6	9	3	2	8	62	14	10	12	16	52
GO-JU-16				1	1	2	4	x	7	4	2		x		1	17	17	6	1	5	68	7	6	9	6	28
GO-JU-07	x	x			4	2x		x	1	2	1				2	4	4	x	2	18	2	4	1	8	15	
GO-JU-13					3	3	1	x	4	4	2	2	2		x	1	3		x	21	3	8	1	6	18	
GO-JU-15					1	3	1		4	3	1				1	4	1	4	1	4	24	2	1	8	3	14
GO-JU-14					2	2			2	1							1	1		5	11	1	2	1	4	
GO-JU-09																										

Os números indicam as quantidades presentes nas coletas sistemáticas.

0 x indica presença em coletas assistemáticas.



Fase Itaipirapuã: material lítico.
 a, b — fragmentos de lâmina de machado
 c, d — percutor de seixo
 e — percutor picoteado

f — lasca de debitagem
 g — prato de pedra-sabão
 h — percutor de seixo com duas depressões
 i — quebra-coco

0 1 2 3 4 5 cm
 FASE ITAPIRAPUÃ

2.3.3. Fase Uru

2.3.3.1. Ambiente e ocupação

Os 13 sítios cerâmicos da fase Uru localizam-se na micro-região do Mato Grosso de Goiás, em ambas as margens do rio Uru, formador do rio das Almas, da bacia do Tocantins.

Situam-se entre os meridianos de 49° 40' e 49° 50' de longitude oeste de Greenwich e os paralelos de 15° 25' e 16° de latitude sul, nos municípios de Itaberaí, Heitoraí, Uruana e Carmo do Rio Verde.

Nos municípios de Itaberaí e Heitoraí o terreno é pouco acidentado ao longo do rio, formando chapadas recortadas por muitos pequenos cursos de água. A altura da sede do município de Heitoraí é de 770 m, porém alguns sítios estão em altitudes maiores. Nos municípios de Uruana e Carmo do Rio Verde a área dos sítios é menos acidentada e a altura dos municípios oscila ao redor de 600 m.

Geologicamente a região é de formação arqueozóica (Pré-Cambriano), com formações granito-gnáissicas. Geomorfologicamente são terrenos pediplanados. Os solos são latossolos ou brunizem avermelhados.

Nos municípios de Heitoraí e Itaberaí a agricultura é mais desenvolvida por causa da

grande fertilidade do solo. Os produtos mais importantes são o arroz, o milho, o feijão; antigamente plantava-se muito café. Além da agricultura também a pecuária está bem desenvolvida.

2.3.3.2. Os sítios

Os sítios da fase Uru estão localizados ao longo do rio Uru, nos municípios de Heitoraí, Itaberaí, Carmo do Rio Verde e Uruana, em terrenos suavemente ondulados, de amplos horizontes e muito férteis. Nos terrenos mais movimentados, que os circundam, provavelmente se encontram sítios da fase Mossâmedes.

Nenhum dos sítios está ligado diretamente ao rio, mas a córregos perenes, dos quais distam de 60 a 500 m, excepcionalmente mais, encontrando-se normalmente em declives suaves, raramente em terrenos planos.

O solo provém da decomposição de gnaisses e granitos.

A vegetação original era a mata, mas nos pontos altos provavelmente se encontrava cerrado ou cerradão.

Esta foi uma das primeiras áreas mecanizadas e os sítios quase todos se encontram em lavouras, onde se planta milho, arroz, feijão e outros vegetais. Os materiais estão na su-

perfície e os estratos arqueológicos destruídos, com raras exceções, onde alcançam de 10 a 30 cm de espessura.

Os sítios são bastante grandes. As concentrações de material apresentam geralmente diferentes núcleos com disposição semelhante ao GO-NI-26, quando grandes, isto é grandes núcleos alinhados, dispostos transversalmente ao alinhamento; às vezes não se conseguem distinguir os diversos núcleos e se nos apresentam como no GO-NI-36, quando pequenos. Os sítios maiores do primeiro tipo estão sobre elevações amplas, ao passo que os do segundo tipo estão em terrenos mais acidentados.

As datas que temos, indicam uma evolução tardia da fase, sendo a data mais antiga do século XIII de nossa era. Tomando em consideração a cerâmica, a fase pareceria uma evolução da fase Mossâmedes, sendo contemporânea da Mossâmedes II. Mas a forma dos sítios é completamente diferente, indicando que o processo de colonização da área e de influências tecnológicas não é tão fácil como à primeira vista parecia. Acreditamos que a fase Uru chegou até a Conquista europeia, porque nenhum outro tipo de sítio se encontra na área a não ser o Mossâmedes,

que aparentemente é mais antigo.

Ilustramos com os sítios GO-NI-26, GO-NI-29, GO-NI-28, GO-NI-36, GO-NI-35.

GO-NI-26

O sítio localiza-se 2 Km a sudoeste de Heitorai, em terreno levemente inclinado para leste, onde, a 200 m, temos o córrego Olaria; a 250 m para o noroeste temos, além disso, o córrego Laranjeira.

A vegetação original era mata.

O sítio havia sido arado 4 vezes, com trator, mas ainda se viam claramente as concentrações de material, registradas no croqui. Está formado por 4 concentrações cerâmicas grandes, que variam de 1.980 m² a 3.900 m² e que estão dispostas em forma linear, mas transversais ao alinhamento. Em direção sudoeste encontram-se ainda, na parte mais alta do terreno, 4 pequenas concentrações também alinhadas no mesmo sentido, variando de 64 a 240 m².

Foram realizadas duas coletas sistemáticas em concentrações diferentes, que na seriação se encontram na metade da altura. Na coleta assistemática em todo o sítio se reuniram um prato de micaxisto, dois

machados polidos, duas pedras com depressões e lascas.

GO-NI-29

O sítio está localizado a 22 Km de Heitorai, em direção nordeste, em terreno plano, distante uns 500 m do córrego Seco.

A vegetação original era mata.

O terreno havia sido arado duas vezes e as concentrações de cerâmica eram bem nítidas. A forma da aldeia ficou incompleta porque uma parte estava revestida de pasto, onde apenas se percebia o material. Fizemos duas coletas sistemáticas e coleta assistemática de outros elementos, aparecendo dois pequenos "crivos" de cerâmica. Junto ao córrego havia aparecido um prato raso de pedra sabão, que o morador nos deu.

No pasto, onde os estratos pareciam mais conservados, fizemos um corte de 100 x 150 cm, onde apareceu cerâmica e carvão apenas nos 10 cm superficiais.

Na seriação, as amostras estão bem no alto.

GO-NI-36

O sítio localiza-se a 4 Km de Uruana, na encosta de uma chapada, que cai abruptamen-

te para o córrego Inhumá, que dista 300 m.

A vegetação antiga era mata.

O local é cultivado há muitos anos. Só foi possível delimitar a área geral, já não havendo condições de separar as concentrações de material dentro dela. Foram realizadas duas coletas sistemáticas, que, na seriação, estão colocadas no meio. Também se fez uma coleta de outros materiais.

GO-NI-35

O sítio localiza-se a 9 Km de Uruana, numa chapada levemente inclinada para o oeste, onde está o córrego Grande, distante 100 m.

A vegetação antiga era mata.

O local é cultivado desde vários anos com trator, podendo-se registrar ali somente a área de dispersão geral dos cacos. Ali se fez uma coleta sistemática. Na mata encostada existem locais de estratos conservados, onde fizemos um corte de 150 x 150 cm, retirando o material em dois níveis artificiais de 15 cm cada um. Em ambos os níveis apareceu bastante cerâmica. Na seriação as três amostras estão na parte baixa.

A data conseguida é de 530 ± 90 AP, ou A.D. 1420

(SI-2765), que é perfeitamente aceitável.

GO-NI-28

O sítio localiza-se a uns 3 Km de Heitorá, num declive amplo e suave, voltado para oeste, onde está o córrego João Heitor, distante 300 m.

A vegetação original era mata.

Uma parte do sítio estava arada pela primeira vez e se viam bem as concentrações de cerâmica, com uma disposição semelhante à de GO-NI-26; aí fizemos uma coleta sistemática. Na outra parte do sítio era pasto e apenas afloravam alguns cacos; aí fizemos um corte de 200 x 170 cm, em dois níveis artificiais de 15 cm cada um. No nível 1 havia pouca cerâmica; no nível 2 muita. Na seriação as 3 amostras estão colocadas na base.

A data conseguida é de 680 \pm 90 AP ou A.D. 1270 (SI-2766), que é perfeitamente aceitável.

2.3.3.3. A cerâmica

Nos 13 sítios arqueológicos da fase Uru recolheram-se 5494 cacos, distribuídos em 29 coletas sistemáticas. Além disso fizeram-se numerosas coletas assistemáticas.

A cerâmica foi separada em 4 variedades de antiplástico, ou seja, o cariapé A, o cariapé

B, a areia média e a areia grossa, que apresentam popularidades úteis para o estabelecimento de uma cronologia, como se pode ver na seriação mais adiante. Inicialmente havíamos separado ainda areia fina e mica, mas posteriormente juntamos esses fragmentos aos de areia média, por serem difíceis de separar e apresentarem popularidades não muito definidas.

2.3.3.3.1. Descrição geral da cerâmica Cerâmica com cariapé A

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada, provavelmente com técnica de anéis; a largura do rolete varia de 2 a 6,5 cm, predominando uma largura de 3 a 6,5 cm. A construção da base provavelmente é modelada, observando-se às vezes duas camadas superpostas de argila. A construção da borda se fez por desdobramento do extremo da parede ou por colocação de um novo rolete. Em alguns fragmentos observam-se fissuras na secção transversal das paredes, dando aspecto de uma parede dupla ou tripla. Alguns pratos grandes parecem ter sido fabricados sem a técnica de roletes, empregando a

técnica de modelagem a partir de uma massa uniforme que constitui a base.

2. Antiplástico diagnóstico: é composto de cariapé A, que para fins meramente descritivos podemos decompor em dois elementos: fibras vegetais silicosas, de cor cinza claro a cinza escuro, com um comprimento de 0,5 a 2 mm, freqüentemente bem trituradas; a densidade varia de pouco denso a denso, mas dificilmente pode ser observada a olho nu. O outro elemento apresenta-se sob a forma de corpos cilíndricos com segmentos curtos; essas partículas são brilhosas, de cor branca ou às vezes preta, tendo um comprimento de 0,5 a 3 mm, excepcionalmente 4 mm, sendo o seu diâmetro médio de 0,2 mm; a densidade varia de pouco denso a denso e em parte dos fragmentos de cerâmica podem ser reconhecidas na superfície tanto interna quanto externa a olho nu, mas em geral se exige o emprego de uma lupa estereoscópica, com aumento de ao menos 30 vezes.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: grãos angulosos de quartzo em geral não muito abundantes, de 0,5 a 2 mm, excepcionalmente até 3 mm; grãos de feldspato que aparecem abundantes ou não, com um tama-

nho que varia em geral de 1 a 4 mm, predominando uma granulção de 2 mm; mica muscovita, com densidade fraca ou média e em geral menor que 0,5 mm; nódulos ferruginosos em geral arredondados de 0,5 a 3 mm, pouco densos; poucos restos vegetais carbonizados de 1 a 3 mm; pequenas partículas pretas com boa clivagem de 1 a 2 mm, raras, provavelmente biotita; a presença de bolotas de barro de coloração diferente da apresentada pela pasta pode indicar um mau amassamento e eventualmente o emprego de duas argilas diferentes.

3. Textura: relativamente uniforme, levemente porosa, às vezes de aspecto laminar. A fratura, na maior parte dos fragmentos, é irregular, mas em alguns casos se dá ao longo do rolete. Ao tato suave ou levemente áspera.

4. Cor do núcleo: predominam as cores cinza claro, cinza escuro e preto; menos freqüentes são as cores de ocre, cor esbranquiçada ou cor de tijolo nos fragmentos com uma queima maior.

5. Queima: geralmente oxidante incompleta; em aproximadamente 20% oxidação completa. Às vezes observam-se algumas manchas de cocção principalmente na superfície

externa. A espessura da camada oxidada varia na parede interna de menos de 0,5 a 4 mm, predominando uma espessura de menos de 0,5 a 1 mm, e às vezes a parede interna está formada pelo próprio núcleo. A espessura da camada oxidada varia na parede externa de 0,5 a 7 mm, excepcionalmente até 1 cm; predomina uma espessura de 0,5 a 2 mm. Em geral a espessura da camada oxidada é mais espessa na superfície externa do que na interna. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: varia de 2 a 2,5 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: predominam as cores cinza escuro, cinza claro, menos frequentes são as cores marrom, cor de tijolo ou a cor esbranquiçada; da parede externa: predominam as tonalidades de cinza claro e marrom claro; menos frequentes são a cor de tijolo, a esbranquiçada e a marrom. Em geral a parede interna é mais escura do que a externa, mas em parte dos fragmentos a cor de ambas as superfícies é igual.

2. Tratamento: alisamento regular, em alguns fragmentos alisamento bom. Às vezes observam-se estrias de alisa-

mento muito finas, paralelas entre si, ou faixas de alisamento de até 4 mm de largura. Na superfície interna notam-se às vezes fortes sinais de desgaste em forma de pequenas depressões circulares. Em grande parte das bases planas registram-se impressões provenientes de dobras e de nós de tecelagem ou trançado, porém o acentuado grau de erosão não permite uma análise mais detalhada.

Cerâmica com cariapé B

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; a largura dos roletes varia de 3 a 6,5 cm; um negativo de um rolete perto da base mostra uma técnica de encaixe por um instrumento, deixando impressões redondas ou ovóides em distâncias regulares. A base parece ser modelada na maior parte desses fragmentos. Frequentemente aparecem no corte transversal da parede 2 camadas de argila, dando a impressão de uma parede dupla.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé B. Os feixes de fibras vegetais silicificadas alcançam um comprimento de 2 a 6 mm e uma largura de 0,5 a 4 mm. O antiplástico varia de pouco a muito denso e em geral é bem visível a olho nu em ambas as superfícies.

Outros materiais que podem ter sido utilizados como antiplástico: grãos de quartzo; nos maiores que 1 mm com aspecto anguloso; o tamanho varia de 0,5 a 3 mm, predominando uma granulação de 1 mm; grãos angulosos de feldspato, porém não presentes em todos os fragmentos, alcançando 1 a 4 mm; mica muscovita fina, esparsa, alcançando excepcionalmente 1 mm; nódulos ferruginosos raros e não presentes em todos os fragmentos; têm um tamanho de 1 a 2 mm e excepcionalmente 4 mm; pequenas partículas (provavelmente biotita), pouco abundantes; raros restos vegetais carbonizados; na parte mais alta da seção aparecem freqüentes bolotas de barro com outra coloração que podem atingir até 1 cm, provenientes do mau amassamento da argila, ou do emprego de duas argilas diferentes.

3. Textura: em geral não muito uniforme devido à distribuição irregular tanto das partículas de antiplástico como das impurezas. É porosa, devido às freqüentes bolhas de ar que podem alcançar até 5 mm de comprimento. Em alguns fragmentos início de laminação.

A fratura é irregular, acompanhando em alguns casos os roletes; ao tato é levemente áspera.

4. Cor do núcleo: predominam as tonalidades de cinza claro, cinza escuro e preto; menos freqüentes são as cores marrom, ocre, esbranquiçada e a cor de tijolo.

5. Queima: oxidação incompleta; em poucos fragmentos oxidação completa. Em geral o núcleo é bem visível entre as camadas oxidadas, mas às vezes o próprio núcleo forma a parede interna. A espessura da parede oxidada varia na superfície interna de menos de 0,5 a 3 mm, predominando uma espessura de menos de 0,5 a 1 mm. Na parede externa a espessura da camada oxidada varia de menos de 0,5 a 7 e excepcionalmente até 1 cm; predomina uma espessura entre 0,5 e 2 mm. Em alguns fragmentos aparecem manchas de cocção na superfície interna ou externa.

A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: varia de 2,5 a 3 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: cinza claro, cinza escuro, preto, ocre e, em menor proporção, esbranquiçada ou cor de tijolo; da parede externa: cinza claro, cinza escuro, ocre, marrom e, menos freqüentemente, cor de tijolo ou esbranquiçado.

Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, sendo que em parte dos fragmentos a superfície interna apresenta-se mais escura.

2. Tratamento: alisamento regular, às vezes bom.

Cerâmica com areia média

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; a largura dos roletes varia de 1,2 a 4 cm; a base pode ser modelada ou construída com roletes largos. No corte transversal da parede às vezes aparecem duas camadas de argila dando a impressão de parede dupla.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina e densa, acompanhada de grãos angulosos de quartzo e/ou feldspato de 0,5 a 3 mm, predominando um tamanho de 0,5 a 1 mm. O antiplástico é bem visível em ambas as superfícies.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina em geral menor que 0,5 mm e pouco densa; nódulos ferruginosos de 1 a 3 mm, não abundantes; pequenas partículas pretas pouco abundantes, provavelmente de origem animal.

3. Textura: bastante uniforme, compacta e, às vezes, com aspecto laminar; raramente

aparecem pequenas bolhas de ar.

A fratura ao longo dos roletes é mais freqüente do que nos antiplásticos de cariapé A e B; mas em grande parte dos fragmentos é irregular; ao tato é áspera.

4. Cor do núcleo: predominam as tonalidades de cinza escuro e claro, preto e marrom; menos freqüentes são as cores esbranquiçadas ou a cor de tijolo.

5. Queima: oxidação incompleta: somente em poucos fragmentos a oxidação é completa; em geral o núcleo é bem visível entre ambas as superfícies oxidadas, mas às vezes o próprio núcleo chega a formar a superfície interna. A espessura oxidada na parede interna varia de menos de 0,5 a 1 mm; na parede externa varia de menos de 0,5 a 2 mm, alcançando excepcionalmente 9 mm em fragmentos com boa oxidação, ou em fragmentos de base. Em geral a parte oxidada é mais espessa na superfície externa, mas há fragmentos em que a parte oxidada é mais espessa na parede interna. Em alguns fragmentos observam-se manchas de cocção principalmente na superfície externa.

A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: marrom escuro, preto e cor de tijolo; menos freqüentemente cinza claro e ocre; da parede externa: marrom, cinza escuro e cor de tijolo; menos freqüente cor cinza claro e ocre. Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, mas há fragmentos onde a superfície interna é mais escura.

2. Tratamento: alisamento regular a bom; em alguns fragmentos temos a presença de faixas de alisamento de 1 a 8 mm, às vezes em ambas as superfícies, porém predomina uma largura de 1 a 4 mm.

Cerâmica com areia grossa

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada, base provavelmente moldada; a largura dos roletes varia de 2 a 4 cm e excepcionalmente alcança 7 cm; no corte transversal da parede observam-se às vezes 2 a 3 camadas de argila, dando a impressão de uma parede dupla ou tripla, separadas por uma leve fissura.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina e grãos angulosos de quartzo e/ou feldspato que variam de 1 mm a 1 cm; predomina uma granulação de 2 a 5 mm; o antiplástico apresenta-se com uma densidade média

e em geral é bem visível a olho nu em ambas as superfícies.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina, pouco abundante; partículas pretas brilhosas e com boa clivagem, pouco abundantes, provavelmente biotita; raros restos vegetais carbonizados; raramente nódulos ferruginosos com uma granulação média de 1 mm, excepcionalmente alcançando 1 cm.

3. Textura: não muito uniforme; compacta e freqüentemente laminada; presença de pequenas bolhas de ar; o aspecto da cerâmica é bastante grosseiro. A fratura é irregular e acompanha raramente os roletes; é áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza claro, cinza escuro e tonalidades de marrom; predomina o cinza escuro; raras vezes apresenta cor de tijolo ou ocre; em vários casos o núcleo chega a formar a parede interna.

5. Queima: oxidação em geral incompleta; poucos fragmentos apresentam oxidação completa. A espessura da camada oxidada varia na parede interna de menos de 0,5 mm a 2 mm, predominando uma espessura de 1 mm.

A espessura da camada oxidada varia na parede externa de menos de 0,5 a 1,2 cm, predominando uma espessura de

0,5 a 2 mm; em geral a camada oxidada na parede externa é mais espessa do que na interna.

A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna: marrom, cor de tijolo, preto, cinza escuro e, menos freqüentemente, ocre claro; predominam as tonalidades de marrom e cor de tijolo; da parede externa: marrom, cor de tijolo e ocre; menos freqüentemente cinza escuro. Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, mas em alguns casos a superfície interna é mais escura do que a externa.

2. Tratamento: alisamento regular a tosco; em alguns fragmentos a superfície interna apresenta alisamento bom. No meio e alto da seriação observam-se faixas de alisamento com uma largura de aproximadamente 5 mm.

2.3.3.3.2. A seriação da cerâmica da fase Uru

Os elementos usados como diagnósticos são cariapé A, cariapé B, areia média, areia grossa, junto com a observação do banho vermelho. A seriação foi estabelecida baseada na

estratigrafia e em duas datas de C14.

Na metade inferior da seriação predominam os antiplásticos minerais e cariapé B, acompanhados de algumas formas persistentes da fase Mossâmedes. Na metade superior o cariapé A substitui os anteriores. Na transição temos um recrudescimento passageiro do antiplástico mineral. O banho vermelho aparece a partir da metade da seriação, estando ausente nos sítios mais recentes.

Em dois sítios a seriação manifestou fortes discrepâncias de material em núcleos diferentes da mesma ocupação, que apresenta todos os indícios de ser única: no GO-NI-21 uma das amostras está na metade da Mossâmedes II, a outra amostra está na parte superior da Uru; uma terceira parece ser uma média dos elementos das mencionadas concentrações. No GO-NI-34 uma das amostras se encaixa perfeitamente na parte alta da seriação, ao passo que a outra é muito diferente e não se encaixa de nenhuma forma. Os dois sítios que apresentam essa peculiaridade estão bem próximos na seriação. Essas diferenças corresponderiam a áreas de atividades diferentes? Ou podem ser duas populações vivendo na mesma aldeia?

Existem duas datas para o início de nossa seriação: uma do século XIII, outra do começo do século XV. Elas precisam uma explicação: estes sítios parecem ser a evolução a partir da fase Mossâmedes I, que existe aí anteriormente; parece que lentamente a Mossâmedes I, na fronteira, sob o impacto da tradição Uru, do lado do Araguaia, vai-se transformar nesta fase Uru; os primeiros sítios da nova fase Uru ainda apresentam elementos Mossâmedes, que aos poucos vão desaparecendo na metade superior da seriação.

Pensamos que os sítios do ponto mais alto da nossa seriação já devem ser do tempo da Conquista europeia, embora não tenhamos encontrado nenhum material, a não ser talvez o cachimbo do GO-NI-25.

2.3.3.3.3. As formas dos vasilhames

Para evitar longas descrições das formas, todas reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, usamos um quadro (3) com todas as informações e onde facilmente se podem ver os indicadores usados para separar uma da outra.

Este quadro vem complementado com uma tabela (4) da distribuição das bordas e bases por sítios e de uma tabe-

la (5) das modificações nos vasilhames, também por sítios.

As bases são caracterizadas da seguinte forma:

- A — base pequena redonda, às vezes levemente aplanada ou côncava;
- B — base aplanada, sem ponto final; ângulo de inclinação da parede maior que 45°;
- C — base aplanada sem ponto final; ângulo de inclinação menor que 45°;
- C' — base plana, com ponto final; não há distinção de ângulo;
- D — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede menor que 45°;
- E — base plana com pequeno pedestal; ângulo de inclinação da parede maior que 45°;
- F — base plana, não muito espessa, com pedestal, prolongando a sua extremidade bastante além da continuação normal da parede;
- G — base plana em forma de um pedestal espesso;
- H — base anular com maior ou menor altura.

As bases A,B,C, talvez também C' são mais comuns na metade inferior da seriação; D,E,G, se desenvolvem mais tarde; F, H, aparecem mais no meio.

Sendo a cerâmica simples, observamos quaisquer pequenas modificações no tratamento da superfície ou na forma do vasilhame. São as seguintes: banho vermelho, que só ocorre no meio da seriação; incisão com unha na borda ou lábio, entalhado na borda ou lábio, que aparecem quase em toda a seriação; entalhado na base só aparece num sítio na metade inferior da seriação; furo na borda e furo na base aparecem raramente, na metade superior da seriação.

Apêndices sob a forma de asa, bastão ou pequeno apêndice interno aparecem raramente na parte inferior e mediana; aplique em tira e aplique triangular aparecem um cada um na metade inferior da seriação.

2.3.3.3.4. Outros materiais cerâmicos

Com maior abundância aparecem rodela de fusos, ao redor da metade da seriação. Foram classificadas da seguinte maneira:

- 1 — caracteriza-se por haver sido feito a partir de um fragmento de parede de vasilhame, não apresentando uma forma muito regular;
- 2 — é produzido especialmente, como uma rodela pouco espessa;
- 3 — é produzida do mesmo modo, mas é mais espessa;
- 4 — é produzida com a forma de um pequeno sino de barro, com perfuração vertical.

Carimbos cilíndricos aparecem na metade superior da seriação. Parecem pequenos rolos de massa, em cuja parte mais grossa se acham gravadas matrizes, que produzem impressões geométricas, variadas.

Num dos sítios teria sido encontrado um cachimbo, mas não sabemos como seria.

2.3.3.4. Material lítico

O material lítico foi dividido em 4 grupos: material usado sem modificação intencional; material lascado; material picoteado ou alisado; material polido. Na categoria material não modificado intencionalmente temos o percutor de seixo e o polidor; na categoria material lascado temos o talhador com uma ou duas pontas, o raspador de seixo, a lasca de debitage, a lasca utilizada; na categoria material picoteado ou alisado temos o percutor picoteado, o machado, o martelo, o pilão e o prato; todos esses artefatos aparecem em pequena quantidade e estão concentrados no meio da seriação, não existindo nem no fim, com

exceção do prato que aparece exclusivamente no sítio mais recente. Na categoria material polido temos lâminas de machado simples, ou com garganta, lâmina de machado semilunar e fragmentos dos mesmos; este material não aparece nos sítios mais antigos, mas

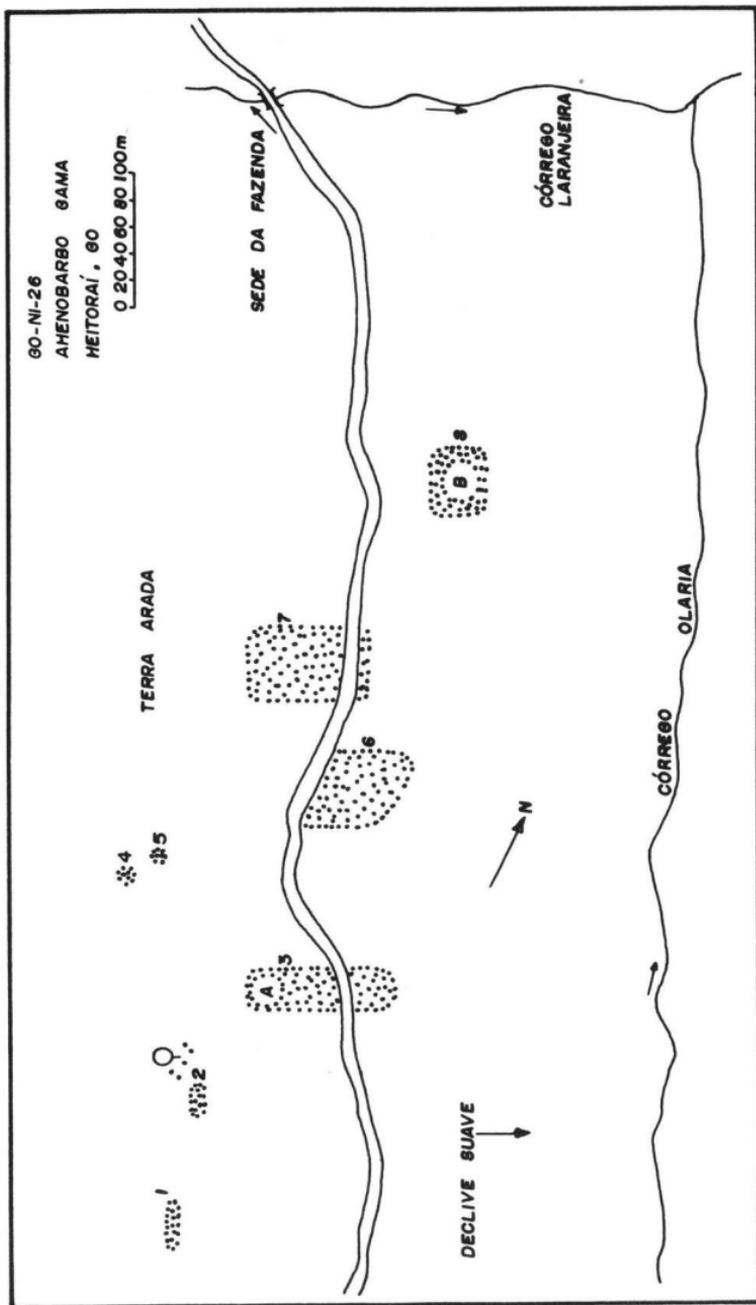
principalmente no meio, rareando novamente em direção ao topo.

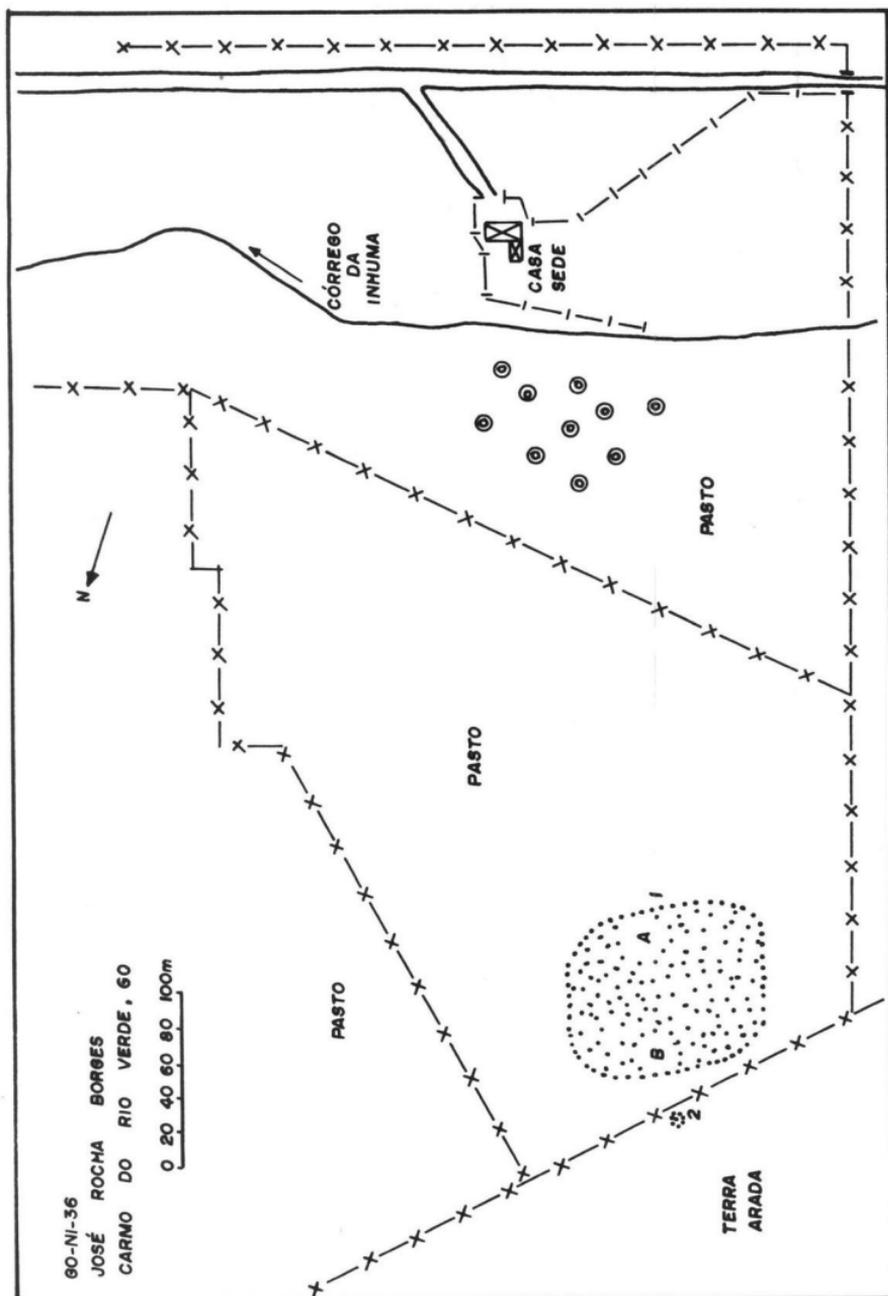
Na tabela pode-se ver a sua distribuição por sítios. Os sítios GO-NI-27 e GO-NI-30 não foram seriados por falta de material suficiente.

1. FASE URU: Características dos Sítios

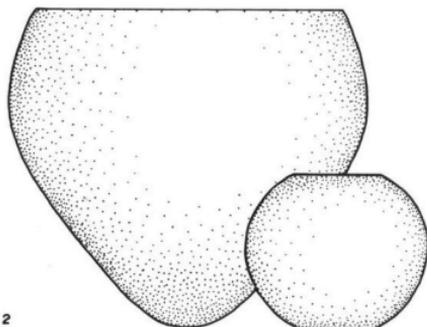
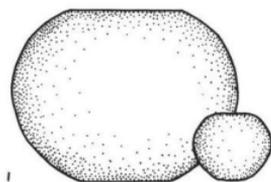
Sítio	Município	Rua	Especif.	Dist. em m.	Córrego	Diã. em m	Horfol. terreno	Vegetação arredores	Vegetação sítio	Anos de cultivo n.º/m²/ha.	Área em m	Nº de mtoles	Estratos com/dent. canoá	Exposum canoá	Coletas sist.	Cortes em cm	Datação
GO-NI-29	Heitorai	Uru/Al-mas	m. dir.	3.000	Seco	200	Plano	Mata	Lavoura	2	400 x 250(+)	7	x	10	3	100x150	
GO-NI-25	Heitorai	Uru/Al-mas	m. dir.	1.500	Café	500	Decl. suave	Mata/cerrado	Lavoura	4	290 x 180(+)	6	x		2		
GO-NI-21	Heitorai	Uru/Al-mas	m. dir.	5.000	Seco	125	Decl. suave	Mata	Lavoura	10	210 x 110(+)	3	x		2		
GO-NI-33	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	2.000	Inhumna	60	Decl. suave	Mata	Lavoura	5	67 x 70(+)	não defin.	x		1		
GO-NI-34	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	1.500	Tiririca	450	Plano	Mata	Lavoura	x	270 x 350(+)	3	x		3		
GO-NI-38	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	4.000	Grande	200	Decl. suave	Mata	Lavoura	x	110 x 192(+)	não defin.	x		2		
GO-NI-26	Heitorai	Uru/Al-mas	m. dir.	500	Olaría Laranjeira	150	Decl. suave	Mata	Lavoura	4	600 x 260 †	8	x		2		
GO-NI-36	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	3.500	Inhumna	300	Plano	Mata	Lavoura, pasto	x	120 x 105 †	2	x		2		
GO-NI-32	Itaberai	Uru/Al-mas	m. dir.	7.500	Palmital	200	Decl. suave	Mata	Lavoura	x	250 x 125(+)	muitos	x		4		
GO-NI-40	Ururuau	Uru/Al-mas	m. dir.	3.000	Bebedor	300	Decl. suave	Mata	Lavoura	x	180 x 120 †	não defin.	x		2		
GO-NI-35	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	5.000	Grande	100	Plano	Mata	Lavoura, mata	x	200 x 150(+)	não defin.	x	30	3	150x150 (SI-2765)	350 ± 90 (SI-2765)
GO-NI-28	Heitorai	Uru/Al-mas	m. dir.	2.500	João Heitor	300	Decl. suave	Mata	Pasto	x	320 x 200(+)	6	x	30	3	170x210 (SI-2766)	680 ± 90 (SI-2766)
GO-NI-37	Carmo do Rio Verde	Uru/Al-mas	m. eq.	4.500	Inhumna	800	Plano	Mata	Pasto, lavoura	1	100 x 270 †	2	x	20	2		

† = tamanho incompleto
‡ = tamanho completo





FASE URU



BORDAS 0 1 2 3 4 5 cm

VASILHAMES 0 2 4 6 8 10 cm

FORMA 2 0 4 8 12 16 20 cm

CONVENÇÕES PARA OS ANTIPLÁSTICOS



CARIAPÉ
A



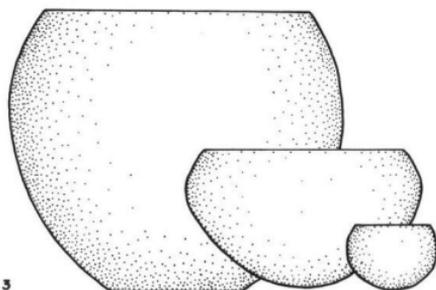
CARIAPÉ
B



AREIA
MEDIA

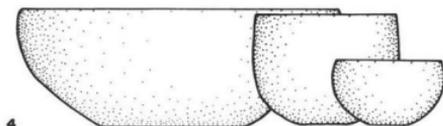


AREIA
GROSSA

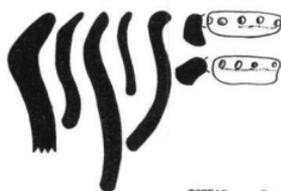
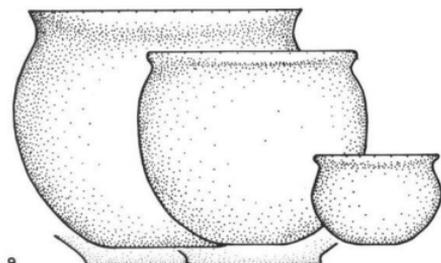
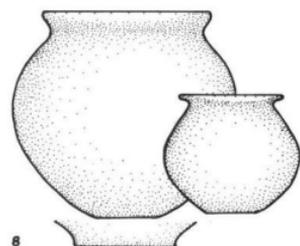
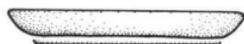
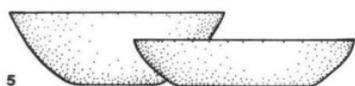


BANHO VERMELHO

IMPRESSÕES TECIDO

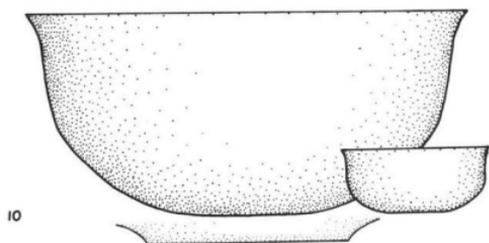


Formas dos vasilhames da fase Uru

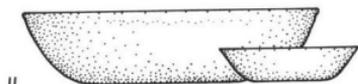


BORDAS 0 1 2 3 4 5cm

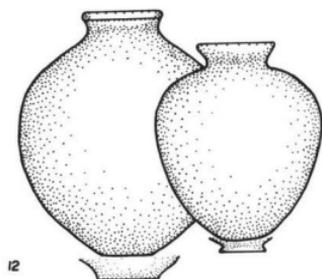
VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm



כישור

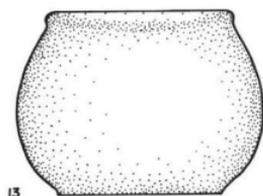


כישור

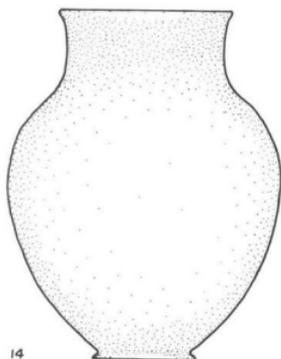


זמזמין

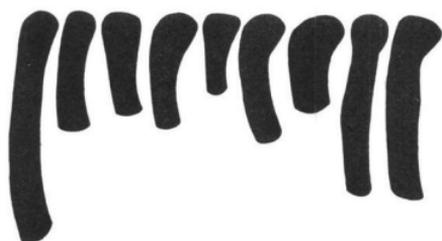
BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASIJ-NAME'S 0 2 4 6 8 10cm
 FORMAS12et3 0 4 8 12 16 20cm



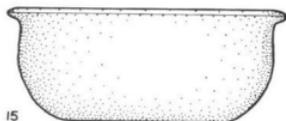
זמזמין



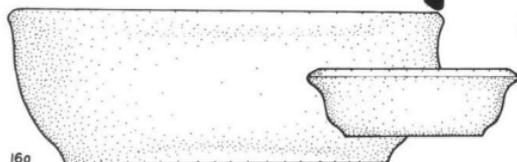
14



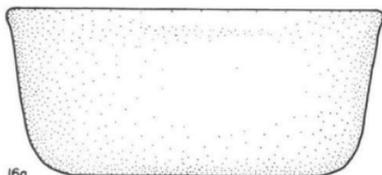
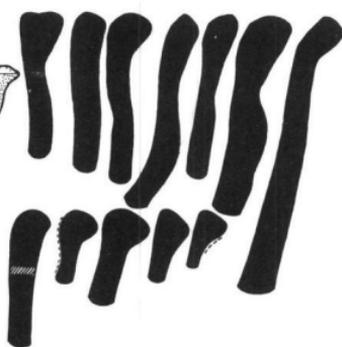
BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm
 FORMA 14 0 4 8 12 16 20cm



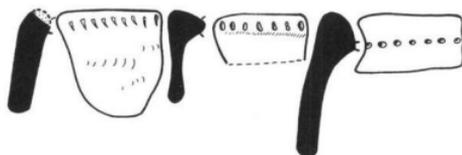
15

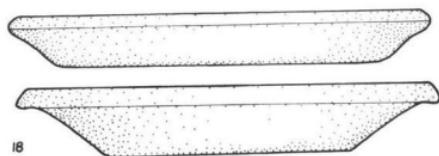
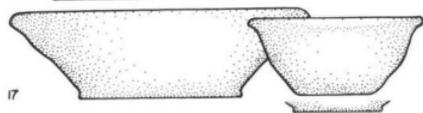
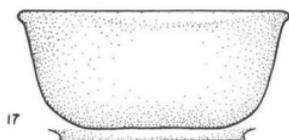
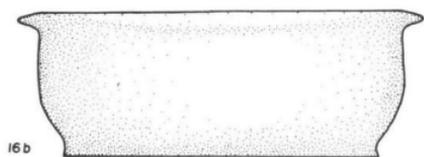


16a

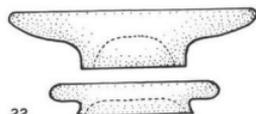
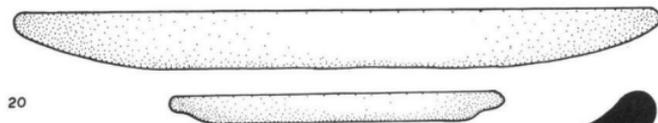


16b





0 1 2 3 4 5cm
VASILHAMES Q 2 4 6 8 10cm



BASES URU

B



C



D



E



F



G



BASES 0 1 2 3 4 5cm

H



Bases da fase Uru

FASE URU



Fase Uru: a, b, c. carimbos cilíndricos, d. pequeno apêndice interno, e. faixa aplicada, f, g. bases perfuradas, h. rodela de fuso do tipo 1, i. rodela de fuso do tipo 2, j, l. rodela de fuso do tipo 4, m. rodela de fuso do tipo 3, n, o. apêndice em forma de pequena asa, p, q. apêndice em forma de bastão, r. aplique triangular.

2. FASE URU: Seriação do Antiplástico

Sítio	Nº Cat.	Cariapé A		Cariapé B		Areia Média		Areia Grossa		Total	AM + AGR.		Banho Verm.	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%
GO-NI-29	25	94	100,00	-	-	-	-	-	-	94	-	-	-	-
GO-NI-29	23	109	100,00	-	-	-	-	-	-	109	-	-	-	-
GO-NI-25	644	152	97,44	3	1,92	-	-	1	0,64	156	1	0,64	-	-
GO-NI-29	650	111	99,11	-	-	-	-	1	0,89	112	1	0,89	-	-
GO-NI-25	17	110	99,10	-	-	1	0,90	-	-	111	1	0,90	-	-
GO-NI-21	10	120	99,17	-	-	1	0,83	-	-	121	1	0,83	2	1,65
GO-NI-33	653	127	93,38	1	0,73	5	3,68	3	2,21	136	6	4,42	9	6,62
GO-NI-34	29(b)	130	89,66	-	-	15	10,34	-	-	145	15	10,34	1	0,70
GO-NI-38	662	103	88,79	-	-	13	11,21	-	-	116	13	11,21	7	6,05
GO-NI-38	33	156	87,64	1	0,56	21	11,80	-	-	178	21	11,80	4	2,25
GO-NI-26	645	150	85,23	6	3,41	17	9,66	3	1,70	176	20	11,36	7	3,98
GO-NI-36	31	194	76,98	-	-	49	19,44	9	3,57	252	58	23,01	14	5,56
GO-NI-36	659	211	72,51	3	1,03	73	25,09	4	1,37	291	77	26,46	11	3,78
GO-NI-34	29(c)	101	66,89	9	5,96	23	15,23	18	11,92	151	41	27,15	-	-
GO-NI-26	20	76	55,07	2	1,45	37	26,81	23	16,67	138	60	43,48	-	-
GO-NI-32	49	42	40,78	3	2,91	38	36,89	20	19,42	103	58	56,31	-	-
GO-NI-40	29(a)	99	38,98	9	3,54	40	15,75	106	41,73	254	146	57,48	-	-
GO-NI-37	661	57	26,76	1	0,47	30	14,08	125	58,69	213	155	72,78	-	-
GO-NI-37	32	52	23,21	-	-	55	24,55	117	52,23	224	172	76,79	-	-
GO-NI-32	D	232	34,58	50	7,45	307	45,75	82	12,22	671	389	57,97	-	-
GO-NI-32	C	95	27,07	75	21,37	107	30,48	74	21,08	351	181	51,57	-	-
GO-NI-32	633	77	44,25	38	21,84	36	20,69	23	13,22	174	59	33,94	-	-
GO-NI-40	665	53	36,30	50	34,25	13	8,90	30	20,55	146	43	29,45	-	-
GO-NI-35	30	49	28,66	80	46,78	33	19,30	9	5,26	171	42	24,56	-	-
GO-NI-35	656	51	31,68	83	51,55	27	16,77	-	-	161	27	16,77	-	-
GO-NI-35	657	49	24,75	106	53,53	41	20,71	2	1,01	198	43	21,72	-	-
GO-NI-28	647	9	15,00	41	68,33	10	16,67	-	-	60	10	16,67	-	-
GO-NI-28	22	42	14,69	204	71,32	20	6,99	20	6,99	286	40	13,99	-	-
GO-NI-28	648	16	8,16	165	84,18	15	7,65	-	-	196	15	7,65	-	-
TOTAL										5.494				

3. BASE DEB: Quadro das Formas

Forma	Simples	Como	Influido	Completo	Assente	Presente	Mesturado	Ovalado	Fundep.	Forma corpo	Cilindrico	Cônico	Ternaboa	Inflixo	Tang.vertil.int.	Tang.vertil.ext.	Incl. no anta-lho	Bordo	Aplicar	Posição na seriação	Antiplástico (col.íst.)	CA	CI	A	AU
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
8	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
9	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
10	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
11	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
12	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
13	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
14	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
15	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
16 a	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
16 b	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
17	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
18	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
19	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
20	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
21	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
22	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

+ presença de cole-
tas assistenciais

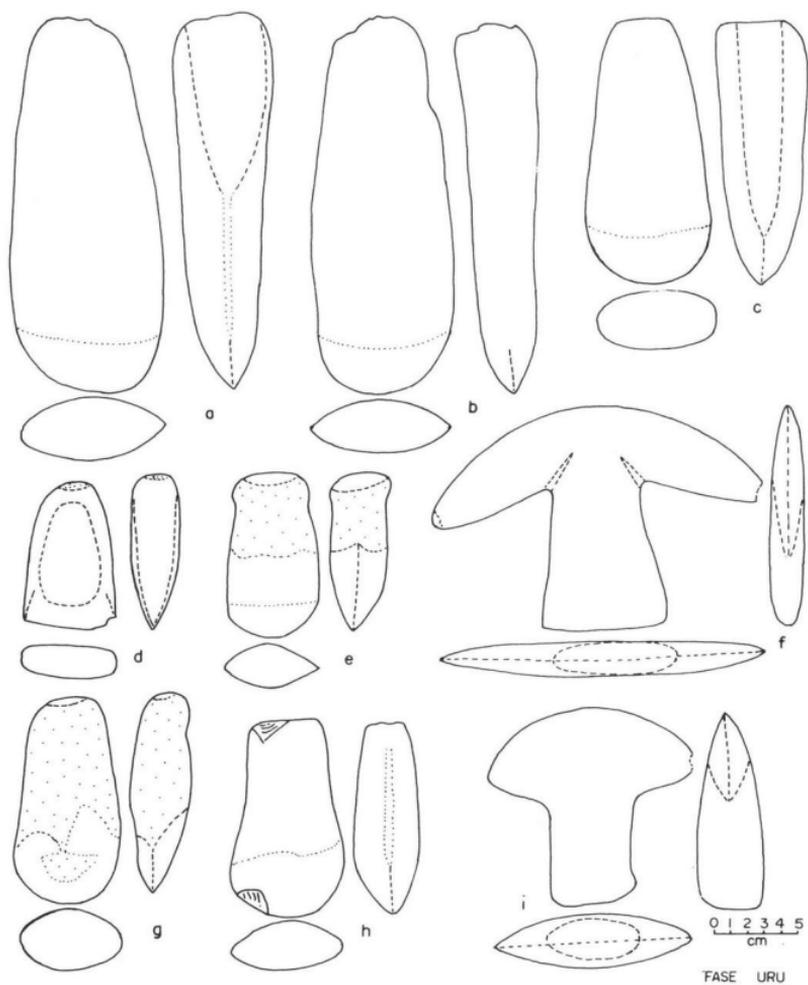
4. FASE ÚR: Bases e Bases por Sítios

1) por sítios (coluna estrutural da estrutura)

Sítios	FORMAS													BASES										Bases 1.º e 2.º																
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16a	17	18	19	20	21	22	Bases mod. e.a.s. indif.	B. s. indif.	TOTAL	A	B	C	C'	D	E	F	G	H	TOTAL	H	10	12a		
00s-N1-29	-	-	-	-	2	1	7	-	-	-	-	-	14	-	14	-	4	-	1	1	1	1	1	1	7	54	-	10	1	8	13	8	-	1	-	-	-	41	-	-
00s-N1-25	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2	5	-	17	-	2	1	1	-	-	-	-	1	33	-	3	2	3	6	7	-	1	-	-	-	21	-	-
00s-N1-21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	6	-	21	-	2	1	1	-	-	-	4	23	-	-	-	2	-	2	1	-	1	-	-	6	-	-
00s-N1-33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	6	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	-	1	-	1	4	3	-	-	-	-	9	-	-
00s-N1-34	-	-	-	-	1	2	4	-	-	-	-	-	2	1	-	9	-	4	-	-	-	-	-	-	1	36	-	-	1	3	-	6	5	-	-	-	-	15	-	-
00s-N1-34a	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	-	1	1	1	4	1	-	-	-	7	30	-	-	4	1	-	5	-	-	-	-	10	-	-	
00s-N1-26	3	1	-	1	3	4	3	2	3	1	2	2	-	-	4	-	7	1	1	-	1	2	2	3	5	50	2	2	5	-	8	1	-	-	-	-	18	-	-	
00s-N1-36	-	-	-	-	-	6	3	1	2	1	1	4	-	-	16	-	5	1	-	-	-	-	1	2	3	5	51	-	1	4	-	8	9	2	-	-	-	24	-	-
00s-N1-32	14	1	9	8	31	7	1	3	11	6	25	5	-	-	3	6	1	5	-	3	-	1	-	2	1	142	9	7	11	2	11	-	1	-	-	-	41	-	1	
00s-N1-40	-	-	-	-	3	2	-	-	3	-	4	1	-	-	2	10	-	4	-	-	-	-	-	-	2	37	2	2	3	3	-	4	3	-	-	-	-	13	-	-
00s-N1-37	-	-	-	-	6	1	16	8	1	1	1	2	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	1	53	-	-	2	2	1	-	1	-	-	-	-	-	6	-	-
00s-N1-28	21	-	6	1	16	8	1	1	1	1	2	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	4	74	3	4	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	1	1
00s-N1-37	-	-	-	-	1	1	-	3	1	-	7	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	2	3	26	1	2	1	-	2	-	-	-	-	-	-	6	1	-

2) por sítios (coluna anatómica)

00s-N1-29	-	-	-	-	6	1	5	-	2	-	-	-	3	-	6	-	4	2	-	3	6	1	2	2	1	4	64	-	4	9	-	6	3	-	2	-	-	24	-	-	
00s-N1-25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	8	-	-	-	-	-	-	-	1	3	3	-	-	1	2	1	-	1	-	-	-	5	-	-	
00s-N1-33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	4	-	-	
00s-N1-34	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3	-	1	-	22	-	3	1	2	9	5	1	-	-	-	-	23	-	-	
00s-N1-26	-	-	-	-	3	2	1	-	1	-	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	
00s-N1-36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	3	-	1	-	-	-	1	17	-	-	-	1	1	5	-	-	-	-	-	-	10	-	-	
00s-N1-32	-	-	-	-	-	3	2	-	1	-	2	1	-	1	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-	14	-	-	-	-	-	1	1	5	-	-	-	-	-	-	-	-
00s-N1-40	-	-	-	-	1	2	-	1	-	-	2	-	-	-	10	-	2	1	-	-	-	-	-	-	19	-	-	-	2	-	-	1	3	-	-	-	-	7	-	-	
00s-N1-35	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-
00s-N1-28	-	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	-	-	2	-	-	1	3	-	-	-	-	-	6	1	-

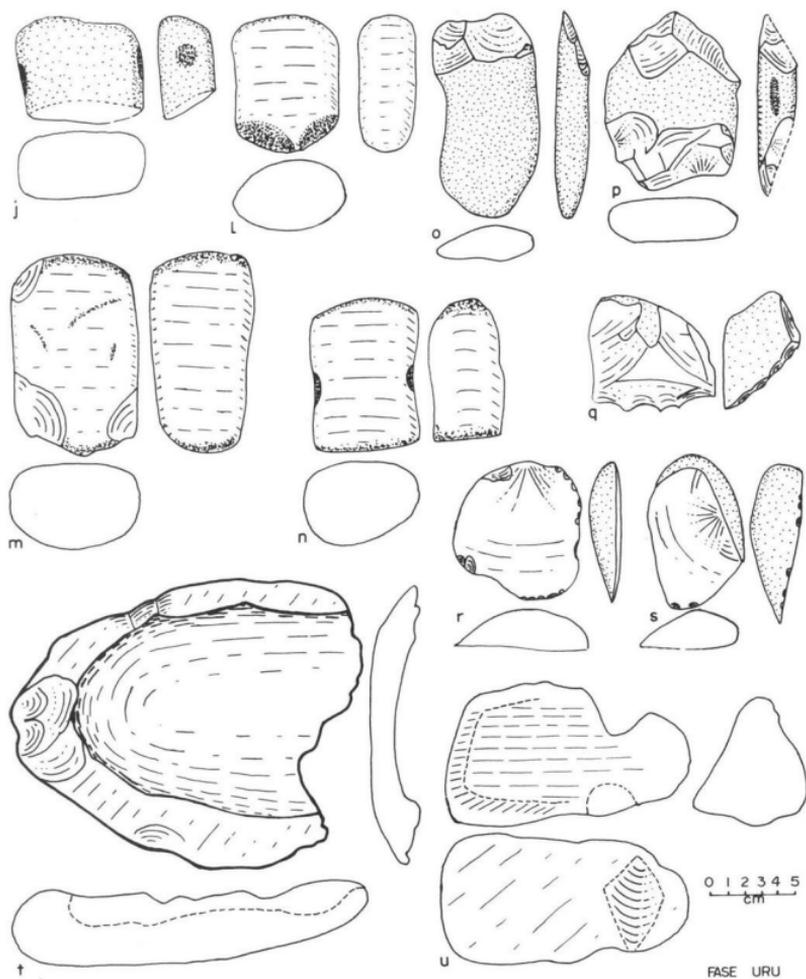


Fase Uru: material lítico.

a, b, c, d, e — lâminas de machado polido com gume biselado

f, g — lâminas sem machado com garganta

h, i — lâminas de machado semilunar



Fase Uru: material lítico.

- j — percutor de seixo
 l — percutor picoteado
 m — percutor picoteado
 n — martelo
 o — talhador unifacial

- p — talhador unifacial com duas pontas
 q — raspador de seixo
 r, s — lascas utilizadas
 t — fragmento de prato de pedrasabão
 u — polidor

2.3.4. Fase Jaupaci

2.3.4.1. Ambiente e ocupação

Os sítios cerâmicos da fase Jaupaci estão localizados entre os paralelos de 16° e 16° 20' de latitude sul e 50° 40' e 51° 25' de longitude oeste de Greenwich, na região que abrange os municípios de Jaupaci, Fazenda Nova e Montes Claros de Goiás; no curso médio do rio Claro afluente do Araguaia.

Situam-se sobre uma parte do corredor de serras, formado pelas serras do Caiapó e Santa Marta ou das Divisões, que alcançam até o Paranaíba e se expandem para o norte, com a denominação de Serra Dourada, em direção ao Alto Tocantins.

A fase situa-se nos contrafortes da Serra do Caiapó, que atinge ali a altitude de 500 a 800 m.

Geologicamente é Pré-Cambriano. Geomorfologicamente são terrenos ondulados na proximidade de escarpas. Os solos são latossolos.

A vegetação se compõe de cerrado, cerradão e pequenas partes de mata. As áreas de floresta estão sendo desmatadas, tornando-as campo de pastagem ou lavouras.

Atualmente, na região, é desenvolvida a criação de gado e a agricultura. Quanto ao setor

agrícola, cultiva-se de maneira extensiva principalmente arroz, feijão, milho, banana, mamona e amendoim. A lavoura é basicamente arroteira e predomina então a aração mecanizada. Temos registro de ocupação branca efetiva desde inícios do século XIX (1826-1880).

2.3.4.2. Os sítios (quadro 1)

Os 13 sítios da fase Jaupaci estão concentrados nos municípios de Jaupaci, Fazenda Nova e Montes Claros de Goiás, no curso médio do rio Claro, em terrenos movimentados ao longo da Serra Dourada e outras serras, geralmente mais perto do rio que os da fase Mossâmedes da mesma área. Entretanto dois sítios estão relativamente próximos ao rio (600 e 700 m); os sítios costumam estar em declives suaves próximos a um córrego de água perene, do qual distam de 45 a 500 m. Estão parcialmente na micro-região do Mato Grosso de Goiás e parcialmente na do Alto Araguaia Goiano.

Os solos provém da decomposição de gnaisses e granitos em fazenda Nova e Jaupaci e arenitos em Montes Claros de Goiás.

A vegetação antiga deveria ser uma combinação de matas de galeria, cerradão e cerrado, com predomínio do último. Hoje se encontra predominantemente

mente cerrado e cerradão em Jaupaci e Fazenda Nova, e cerrado com mata em Montes Claros de Goiás. Os sítios encontram-se hoje predominantemente em lavouras, mas também em pastos e no cerrado, o que tem dificultado em extremo a captação da morfologia dos sítios. Quando os cacos aparecem nos trilheiros de gado do pasto ou do cerrado, tem-se apenas uma vaga idéia do tamanho da área e da distribuição do material. Alguns sítios são grandes, outros médios, outros claramente pequenos, mas os dados ainda são insuficientes.

Na maior parte dos sítios os estratos estão destruídos; quando conservados, têm provavelmente entre 10 e 20 cm de espessura.

Não se fez nenhum corte, nem existe datação de C14.

Num dos sítios iniciais da fase (GO-JU-47) existe contato com Tupiguarani (fase Iporá). Na fase Mossâmedes, na mesma área, esses contatos caem ao redor do século IX-X de nossa era, mas o contato não é necessariamente sincrônico.

A fase parece ser paralela e contemporânea da Uru, da qual se distingue por alguns elementos. Supomos que ambas tenham chegado até o tempo da conquista européia.

Para ilustrar, descrevemos três sítios: GO-JU-34, GO-JU-35, GO-JU-33.

GO-JU-34

O sítio encontra-se a 5 Km de Jaupaci, numa chapada com suave declive para o córrego Guarda Mor, distante 300 m. Está voltado para leste e sul.

A vegetação anterior era cerrado.

O sítio foi arado com trator, que destruiu as camadas, mas na superfície havia muitos cacos, reunidos em certos pontos, dispostos ao longo de um espaço alongado. As concentrações de cerâmica registradas tinham as seguintes dimensões: 2.400, 2.300, 2.300, 840, 720 m². Não chegamos a representar a forma completa da aldeia.

Foram realizados 2 coletas sistemáticas e uma assistemática. Além de cerâmica aparecem abundantes lascas e núcleos.

O sítio é o mais recente da seriação.

GO-JU-35

Na chapada baixa, em frente ao sítio anterior, distando do córrego Guarda Mor 120 m. Está voltado para o leste e o norte.

A vegetação anterior era cerrado.

O sítio foi destruído pelo cultivo, sendo atualmente um bananal e uma lavoura extremamente suja. Existem partes com estratos conservados. Só foi possível marcar aproximadamente os limites do sítio.

Foram realizadas duas coletas sistemáticas. Numa delas apareceu um carimbo cilíndrico. O material lítico é composto de lascas e uma espécie de martelo. Foi-nos dada uma rodelinha de fuso em pedra-sabão.

A posição das amostras na seriação é na parte inferior.

GO-JU-33

O sítio está localizado uns 6 Km de Israelândia, num declive acentuado para o córrego Vermelho e consiste hoje de um pequeno número de cacos superficiais. Tudo indica não se tratar de uma aldeia, mas de um acampamento.

A vegetação antiga era cerrado.

O sítio está sendo cultivado há muitos anos.

Nele foi feita uma coleta total, que está colocada aproximadamente no meio da seriação.

2.3.4.3. A cerâmica

Nos 13 sítios arqueológicos da fase Jaupaci recolheram-se 4.896 cacos da fase Jaupaci, mais 72 cacos da fase Iporá,

tradição Tupiguarani, distribuídos em 22 amostras sistemáticas; além disso foram feitas coletas não sistemáticas, que não computamos aqui.

Esta cerâmica foi separada em quatro variedades de antiplásticos ou seja, cariapé A, cariapé B, areia média e areia grossa, que apresentam popularidades úteis para o estabelecimento de uma cronologia, como se pode ver na seriação, mais adiante. Anteriormente havíamos separado também areia fina, depois juntada com areia média.

2.3.4.3.1. Descrição geral da cerâmica Cerâmica com cariapé A

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; os roletes são pouco visíveis nas fraturas. Alguns fragmentos aparentam ser compostos por placas, devido a uma fissura no meio da parede, que dá a impressão de ser dupla. Os fragmentos de base são feitos de uma massa compacta. Presume-se que a manufatura é acordelada, pois apresenta, no final da borda, um rolete de acabamento que constitui a própria borda.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé A, isto é uma fibra vegetal composta de dois ele-

mentos: fibras vegetais silicosas, de cor cinza claro a cinza escuro e células maiores, sob a forma de corpos cilíndricos com segmentos curtos (gomos), de cor branca, cinzenta, negra ou translúcida ou variegada, com tamanhos que variam de 0,5 a 3 mm. Aparecem tanto na superfície quanto nas fraturas, podendo ser vistas a olho nu; o primeiro elemento é muito mais denso que o segundo, mas juntos são geralmente bastante densos na pasta.

Outros elementos que podem ter sido usados como antiplástico: feldspato em pouca quantidade, muito raro; grãos de quartzo em pequeno número, raras vezes alcançando 4 mm; concreções ferruginosas bastantes freqüentes; restos vegetais carbonizados — carvão aparece em grande quantidade atingindo excepcionalmente 9 mm; areia.

3. Textura: não muito uniforme, devido ao aparecimento de grãos de quartzo e concreções ferruginosas na sua pasta. Além desses elementos, a textura não é uniforme por causa de grande quantidade de bolhas de ar de diversos tamanhos; as bolhas de ar tornam a pasta porosa, além de alguns fragmentos tomarem aspecto laminar.

A fratura é irregular apesar de, em alguns casos, acompa-

nhar os roletes. É áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza escuro e cinza claro, marrom e esbranquiçado. Predomina o esbranquiçado.

5. Queima: oxidante incompleta, com manchas de cocção. Na maioria dos fragmentos a qualidade da queima é regular, havendo porém cacos bem oxidados em que a superfície oxidada atinge a espessura de toda a parede. Nos cacos mal oxidados o núcleo atinge a superfície interna. Nos demais a espessura da superfície externa oxidada, que varia de 1 a 6 mm, é sempre mais espessa que a superfície interna, atingindo no máximo 3 mm. A pasta está parcialmente fundida.

Dureza: 2,5 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor: na maioria dos fragmentos a cor das superfícies é igual, sendo a diferença atribuída especialmente à queima, que, oxidando mais a parede externa, torna esta mais clara que a superfície interna. As superfícies apresentam as cores: avermelhado, marrom médio e claro, e esbranquiçado. Predomina o marrom claro.

2. Tratamento da superfície: podem-se notar em alguns casos, tanto na superfície interna,

como na externa, estrias de alisamento. A superfície externa das bases planas não foi alisada, mostrando impressão de tecidos ou trançados. O alisamento costuma ser regular, mas em alguns fragmentos é bom. Um fragmento de base possui como acabamento da superfície interna uma fina camada de argila, bem alisada.

Cerâmica com cariapé B

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; em algumas fraturas está visível o negativo dos roletes.

2. Antiplástico dignóstico: cariapé B, isto é, pacotes de fibras vegetais silicificadas, de cor branca, cinza claro e escuro, cujo tamanho pode atingir 6 mm de comprimento e 3 mm de largura, mas cujos tamanhos predominantes são 1 a 2 mm. Os pacotes não estão dispostos no sentido dos roletes. Apresenta-se bastante denso, aparecendo também nas superfícies. Outros elementos que podem ter sido usados como antiplástico: concreções ferruginosas, atingindo no máximo 2 mm; mica muscovita de pequenas dimensões, atingindo 0,5 mm; nódulos ferruginosos, que além de pequenas partículas de 0,5 mm podem atingir 4 a 6 mm; grãos de quartzo de coloração leitosa,

rosada ou transparente, com tamanhos de 0,5 a 4 mm; restos vegetais carbonizados, alcançando até 3 mm; areia.

3. Textura: a maioria dos cacos apresenta textura uniforme, porém aparecem às vezes grandes grãos de quartzo. Apresenta-se porosa, devido à quantidade de bolhas de ar. A fratura é irregular, porém em alguns fragmentos acompanha o rolete. É suave ao tato.

4. Cor do núcleo: varia do cinza escuro ao cinza claro. Aparece também o marrom claro, tendendo para o esbranquiçado.

5. Queima: oxidante incompleta, com manchas de cocção. É bastante irregular, porque encontramos tanto fragmentos bem oxidados, onde a fibra quase desaparece devido à evaporação na queima, quanto fragmentos que apresentam somente uma parte da camada interna e externa oxidada. A parte oxidada da camada externa varia de 1 a 4 mm e a da camada interna varia de 0 a 1,5 mm. A pasta apresenta-se parcialmente fundida.

6. Dureza: 2 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor: na maioria dos fragmentos as cores das superfícies interna e externa não são

iguais, sendo a superfície interna geralmente mais escura: cinza claro — nos fragmentos mais bem oxidados: avermelhado. A parte externa apresenta-se mais clara: cinza e marrom claro e esbranquiçado.

2. Tratamento: o alisamento das superfícies externa e interna é regular. Os fragmentos possuem superfícies internas melhor alisadas que as externas. O aparente mau alisamento se deve principalmente à erosão dos fragmentos, o aparecimento de grãos de quartzo na superfície e espaços vazios. Em alguns casos parece que foi acrescentada uma camada fina para obtenção de um melhor alisamento.

Cerâmica com areia média

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; os roletes são pouco visíveis, mas algumas fraturas acompanham os roletes. Às vezes a parede se apresenta na secção transversal com fissuras, como se fosse dupla.

2. Antiplástico diagnóstico: grãos esparsos de quartzo, porém em proporção não tão grande e densa como na areia grossa. Areia fina densa, sendo que os grãos de quartzo são mais esparsos, a granulação é mais miúda. Aparecem na superfície e nas fraturas.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: nódulos ferruginosos, apresentando um tamanho de 1 mm, excepcionalmente 4 mm; mica muscovita em quantidade razoável, porém em dimensões reduzidas, não atingindo mais que 1 mm; restos vegetais carbonizados de 0,5 a 5 mm; num caso 1 cm; restos vegetais muito esparsos de cariapé A ou B; feldspato é bastante freqüente.

3. Textura: não é muito uniforme, apresentando grãos de quartzo na pasta. Compacta, em alguns casos laminada. A fratura é irregular, acompanhando os roletes somente algumas vezes. É áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza escuro e claro, marrom médio e claro, avermelhado. Predomina o cinza e o marrom.

5. Queima: oxidante incompleta, com manchas de cocção. A qualidade é regular. A espessura oxidada da superfície interna varia de 0,5 mm até 2 mm excepcionalmente; predomina 1 mm de espessura. A parede externa geralmente está mais oxidada, variando a espessura de 0,5 a 4 mm; predomina a de 2 mm de espessura. A pasta está parcialmente fundida.

Dureza: 3 a 3,5 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna e externa: cinza, marrom claro e avermelhado. Os fragmentos que possuem mica em quantidade visível a olho nu, apresentam uma cor mais avermelhada. As superfícies apresentam cor igual, sem predominância de uma sobre outra.

2. Tratamento da parede externa e interna: alisamento regular ou irregular.

Cerâmica com areia grossa

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; os roletes são bem visíveis nas fraturas, onde se notam os positivos e negativos dos mesmos.

2. Antiplástico diagnóstico: feldspato caulinizado em grande quantidade, com tamanhos que variam de 1,5 a 2 mm; predominando os da ordem de 1 mm; mica muscovita, em tamanho reduzido, chegando raramente a 1 mm; minúsculas concreções ferruginosas sob a forma de bolotas não muito frequentes, variando de menos de 1,5 a 2 mm; restos de cariapé A ou B; restos vegetais carbonizados, com tamanhos de menos de 1 mm até 4 mm, excepcionalmente até 7 mm.

3. Textura: na maior parte dos cacos é uniforme; alguns

não apresentam a mesma regularidade devido à aglomeração de grãos de quartzo. Compacta, mas em alguns casos laminar. A fratura é regular; fraturas redondas acompanhando os roletes. É áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: negro, cinza escuro e claro, marrom claro e médio; a predominância é do marrom médio e cinza escuro.

5. Queima: oxidante incompleta, com manchas de cocção. A queima é mediana. As paredes interna e externa atingem uma média de 1 mm. Nos vasos bem oxidados a parede interna chega até 1 cm. O núcleo dos fragmentos mal oxidados chega até a parede interna. A pasta está parcialmente fundida, apresentando pequenas bolhas de ar.

6. Dureza: entre 3 e 3,5 na escala de Mohs.

II. Superfície

1. Cor da parede interna e externa: cinza, avermelhado e marrom claro e médio. As superfícies apresentam cor igual.

2. Tratamento da parede externa e interna: alisamento regular. A base plana de um prato tem marcas de impressão de tecido ou trançado.

2.3.4.3.2. A seriação da cerâmica da fase Jaupaci (quadro 2, gráfico)

A amostragem parece suficiente. Os elementos usados como diagnósticos para o estabelecimento da seriação são o cariapé A, o cariapé B, a areia média e a areia grossa.

Não existe apoio estratigráfico para a seqüência, que foi organizada na base das outras seriações que têm cronologia absoluta e na expansão observada de certas tecnologias.

Na metade inferior da seriação temos a persistência do antiplástico mineral e do cariapé B, com algumas formas da fase Mossâmedes. A partir da metade os mesmos antiplásticos e as formas são substituídos por cariapé A e formas Uru.

Na primeira parte temos um sítio (GO-JU-47), com bastantes elementos Tupiguarani intrusivos. Na seriação apresenta algumas diferenças com relação aos outros sítios. Se tomássemos por base as intrusões da Mossâmedes, este fato poderia nos indicar uma cronologia aproximada, ao redor do século IX, mas não temos muita certeza disso. Na fase Uru, paralela à Jaupaci, o predomínio do cariapé A sobre o B parece ter-se dado num período bastante recente, talvez no século XV. Como as duas fases são parale-

las é possível que o fenômeno aqui se tenha dado numa data parecida, provavelmente um pouco antes.

Pensamos que a fase chegou até os séculos XVII-XVIII, porque na área não existem outros sítios com exceção dos da fase Mossâmedes I, que são anteriores e da fase Iporá, tradição Tupiguarani, que são contemporâneos.

2.3.4.3.3. As formas dos vasilhames

Para evitar longas descrições das formas, reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, usamos um quadro (3) com todas as informações e onde facilmente se podem ver os indicadores usados para separar uma da outra.

Este quadro vem completado com uma tabela (4) da distribuição das bordas e bases por sítios e de uma tabela (5) das modificações nos vasilhames também por sítios.

As bases são caracterizadas da seguinte forma:

- A — base pequena redonda, as vezes levemente aplanada ou côncava;
- B — base suavemente aplanada, sem ponto final; ângulo da inclinação da parede maior que 45°;
- C — base aplanada sem ponto

- final; ângulo de inclinação menor que 45°;
- C — base plana, com ponto final; não há distinção de ângulo;
- D — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede menor que 45°;
- E — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede maior que 45°;
- F — base plana, não muito espessa, com pedestal, prolongando a sua extremidade bastante além da continuação normal da parede;

As bases A ocorrem exclusivamente na parte baixa da seriação; F aproximadamente no meio; C em toda ela; as demais ocorrem em toda ela, menos nos sítios mais antigos.

Entre as modificações no vasilhame notamos dois casos de pintura: um com vermelho interno, outro com vermelho/preto interno, ambos no mesmo sítio, que se encontra na parte baixa da seriação; temos roletes expostos também só duas vezes, uma vez na parte baixa, outra na parte alta; uma borda perfurada, no meio da seriação; bordas acasteladas na parte baixa

(também aparece na fase Mosâmêdes).

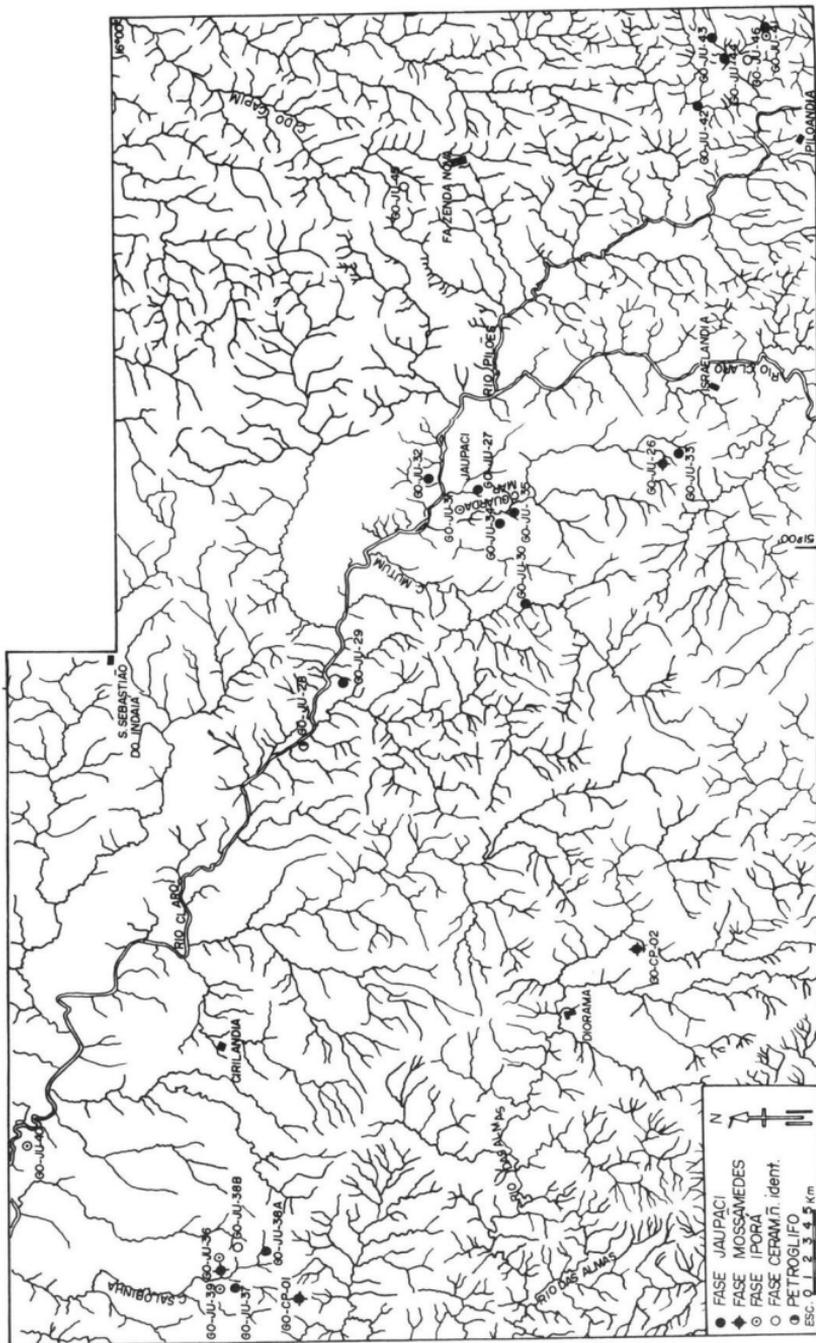
Entre os apêndices temos diversas variedades de asas, que aparecem em quase toda a altura da seriação; e uma alça, na parte alta da mesma.

2.3.4.3.4. Outros materiais cerâmicos

Só temos a registrar um carimbo cilíndrico, na parte baixa da seriação.

2.3.4.4. Material lítico (quadro 6)

O material lítico é escasso, como nas demais fases da região. Na categoria de material usado sem transformação intencional temos 1 percutor de seixo e dois quebra-cocos. Na categoria material lascado encontramos lascas de debitage em quartzo, quartzito e calcidônia, lascas utilizadas, raspadores laterais, furadores, núcleos. Na categoria material picoteado ou alisado aparecem o martelo, o pilão, o fuso. Na categoria material polido há registros de fragmentos de lâminas de machado. Devido ao pequeno número de exemplares é difícil dizer alguma coisa sobre a distribuição do material no tempo.

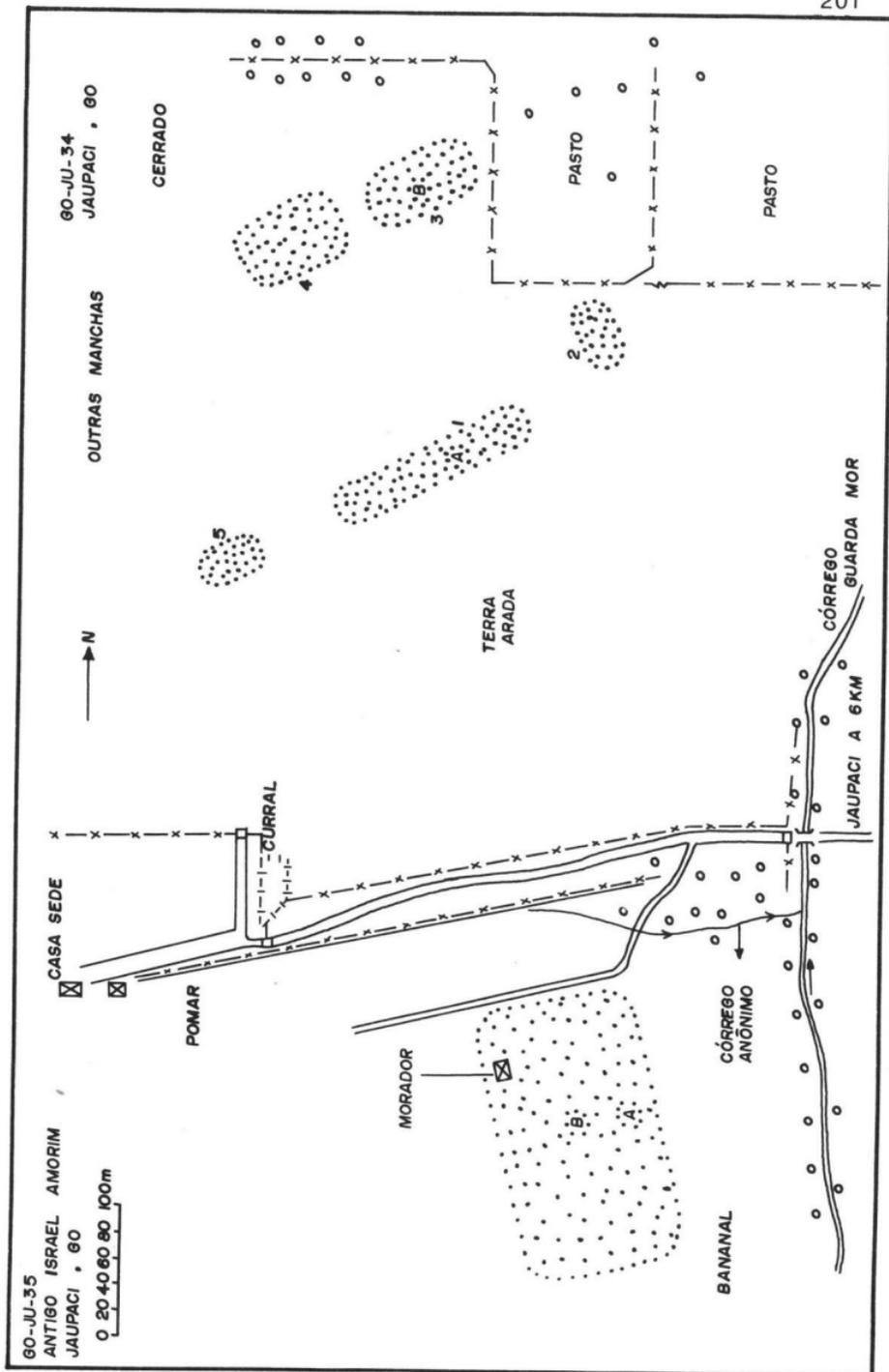


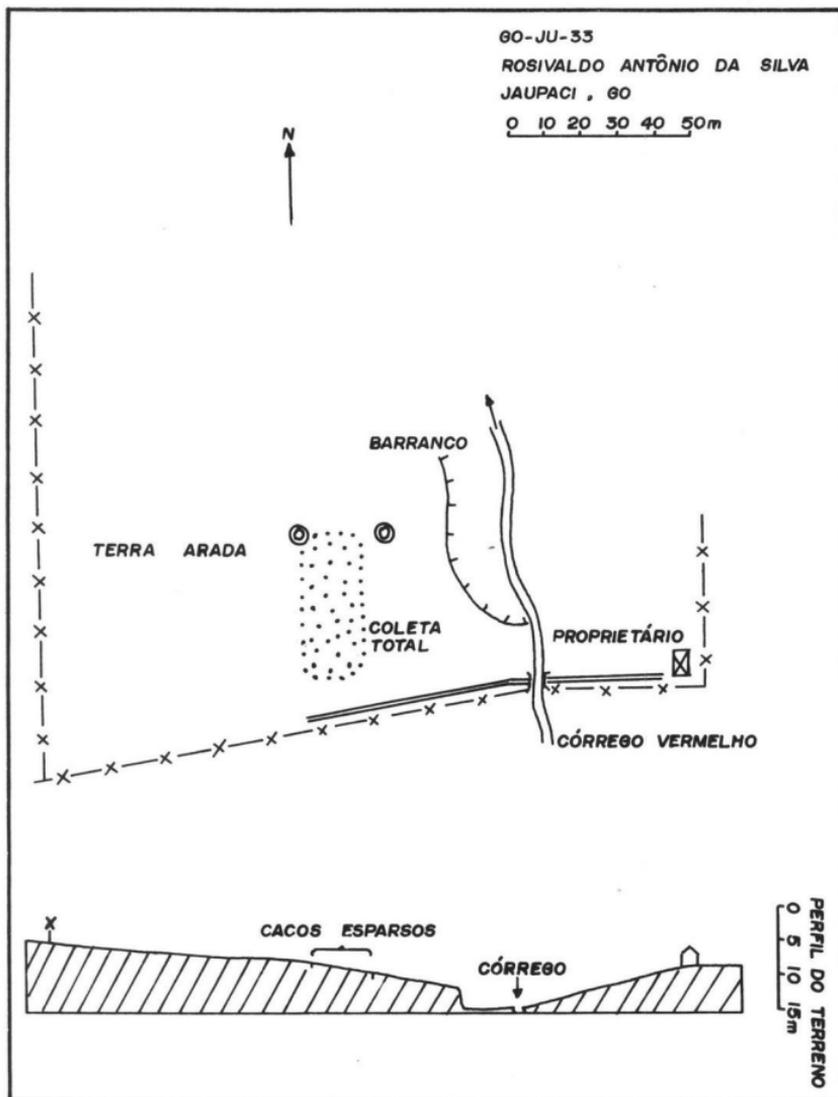
1. FASE JAUPACI: Características dos Sítios

Sítio	Município	Bacia	Especif.	Dist. em m	Córrego	Dim. em m	Norfol. terreno	Vegetação arredores	Vegetação sítio	Anos de cultivo D.n.m.c./m.c.	Área em m	Nº de núcleos	Estratos cons./dest. canada	Espec. canada	Coletas sistem.
60-JU-34	Jaupaci	Claro	m. esq.	3,700	Guarda Mor	500	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	x	360 x 240 !	5	x		2
60-JU-32	Jaupaci	Claro	m. dir.	600	Anônimo	?	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	x	200 x 240(+)	não definido	x	10	2
60-JU-29	Jaupaci	Claro	m. esq.	700	Dois Irmãos	250	Plano	Cerrado	Cerrado	x	140 x 280(+)	não definido	x		2
60-JU-27	Jaupaci	Claro	m. esq.	2,000	Taperao	360	Plano	Cerrado	Cerrado	x	460 x 320 !	não definido	x	10	2
60-JU-30	Jaupaci	Claro	m. esq.	7,500	Matum	220	Decl. suave	Cerrado	Busto	não	70 x ? (+)	não definido	x	20	1
60-JU-37	Montes Claros	Claro	m. esq.	13,000	Salobinha	320	Decl. suave	Cerrado	Cerrado	não	200(+)	não definido	x	10	1
60-JU-38a	Montes Claros	Claro	m. esq.	18,000	Salobinha	60	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	x	72 x 64(+)	1	x		1
60-JU-33	Jaupaci	Claro	m. esq.	4,500	Vermelho	45	Decl. forte	Cerrado	Lavoura	x	17 x 41 !	1	x		1
60-JU-43	Fazenda Nova	Claro	Piões	7,000	Balança	200	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	sim	40 x 10(+)	2	x		1
60-JU-42	Fazenda Nova	Claro	Piões	7,000	Pitudo	170	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	sim	160 x 190 !	não definido	x		3
60-JU-35	Jaupaci	Claro	m. esq.	4,000	Guarda Mor	120	Decl. suave	Cerrado	Bananal	x	210 x 160 !	não definido	x	15	2
60-JU-47	Fazenda Nova	Claro	Piões	5,000	Anônimo	50	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	sim	82 x 40(+)	2	x		2
60-JU-44	Fazenda Nova	Claro	m. esq.	18,000	Vassoura	120	Decl. suave	Cerrado	Lavoura	sim	100 x 50(+)	2	x		2

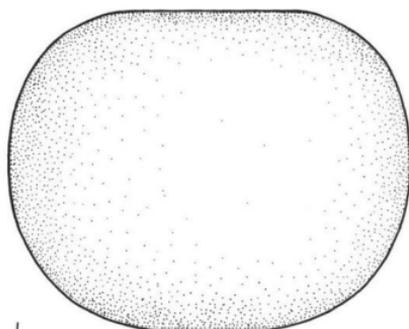
+ = tamanho incompleto

! = tamanho completo





FASE JAUPACI



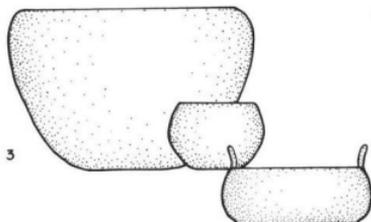
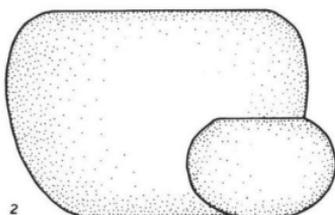
BORDAS	0	1	2	3	4	5	cm
VASILHAMES	0	2	4	6	8	10	cm
FORMA 3	0	4	8	12	16	20	cm

CONVENÇÕES PARA OS ANTIPLÁSTICOS

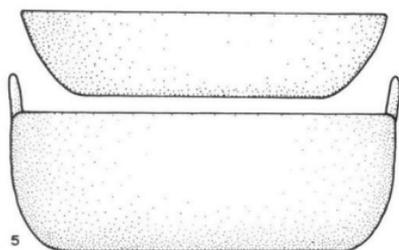


CARIAPÉ A CARIAPÉ B AREIA MEDA AREIA GROSSA

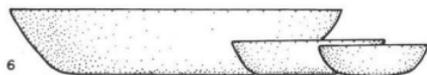
▬ BANHO VERMELHO
 ▬ IMPRESSÕES TECIDO



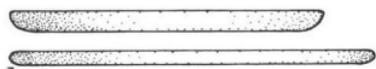
Formas dos vasilhames da fase Jaupaci



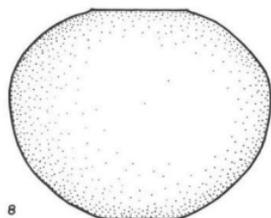
5



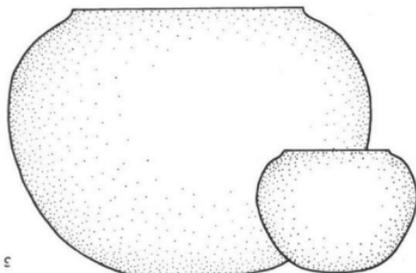
6



7



8

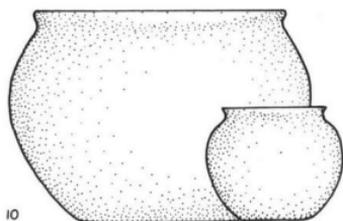


9

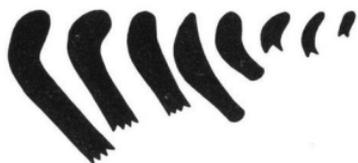


BORDAS	0	1	2	3	4	5	cm
VASILHAMES	0	2	4	6	8	10	cm
FORMA Be9	0	4	8	12	16	20	cm

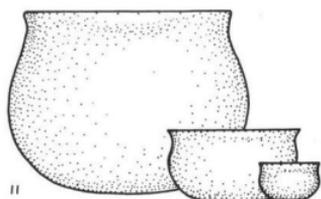




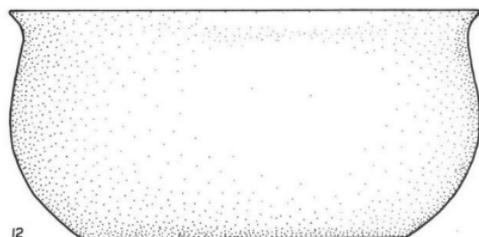
10



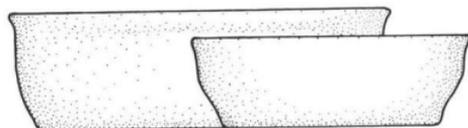
BORDAS Q 1 2 3 4 5 cm
 VASILHAMES Q 2 4 6 8 10 cm
 FORMAS Ide II Q 4 8 12 16 20 cm



11

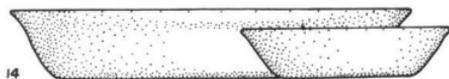


12



13

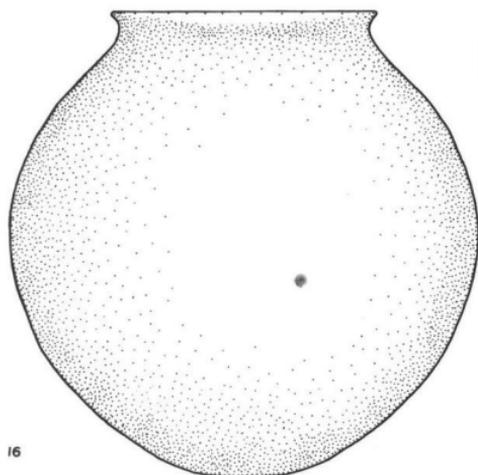




14



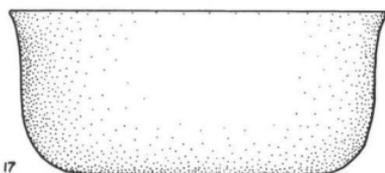
15



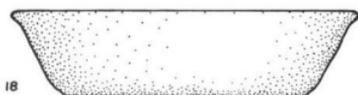
16



BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm

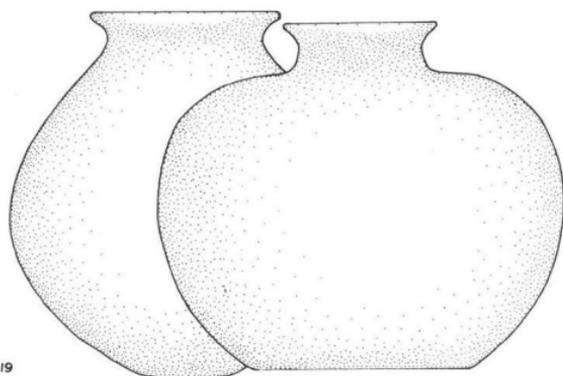


17



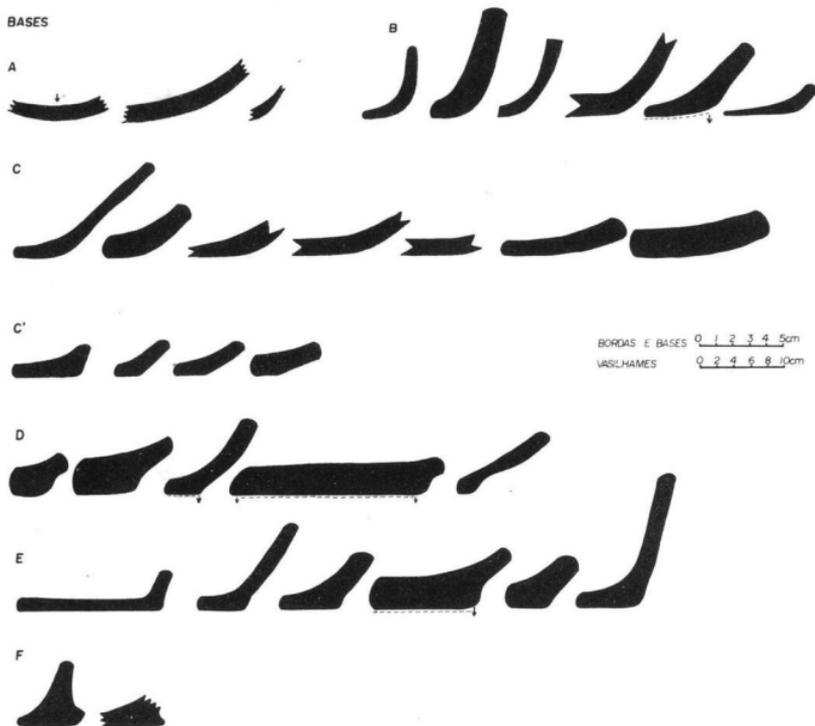
18





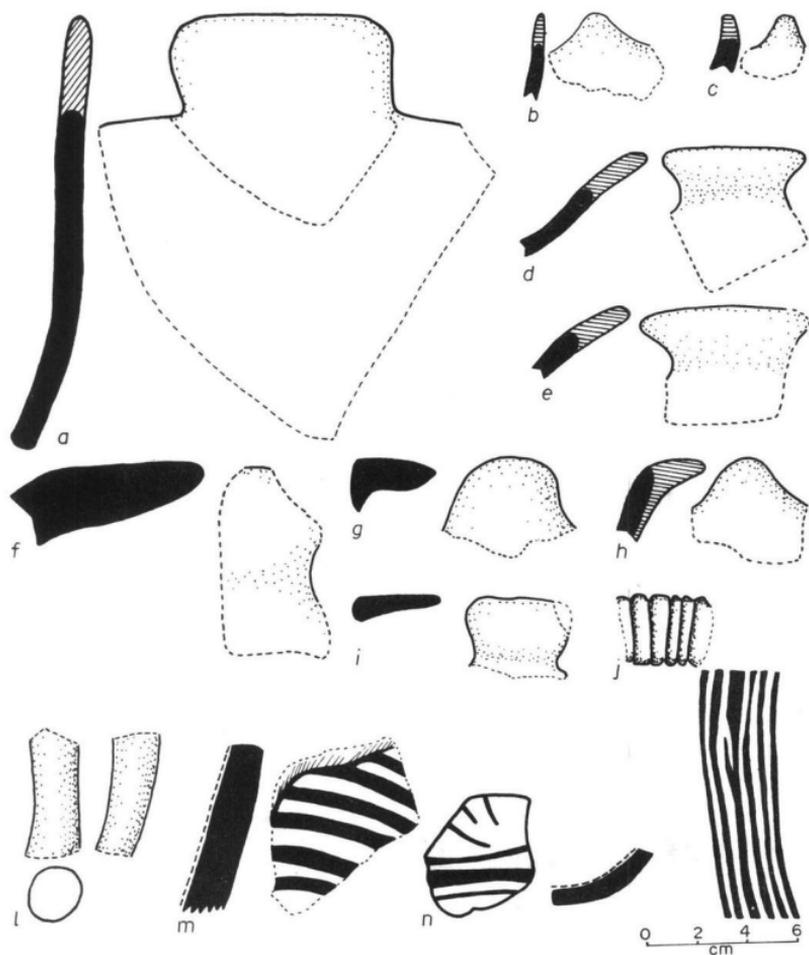
19

BASES



BORDAS E BASES 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm

FASE JAUPACI



Fase Jaupaci: a. asa vertical grande, b, c. borda acastelada, d, e, g, h, i. asas horizontais pequenas, f. asa horizontal grande, j. carimbo cilíndrico, l. alça, m, n. fragmentos cerâmicos com faixas de pintura preta interna.

2. FASE JAUFACI: Setação dos Antiplásticos

Sítios	Nº Cat.	Cariapé A		Cariapé B		Área Média		Área Grossa		TOTAL		Cariapé A+B		AM + AGR.		B. Vermelho		Tupiguarani intrusivo	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
60-JU-34	413	216	100,00	-	-	-	-	-	-	216	100,00	-	-	-	-	-	-	-	
60-JU-34	89	230	97,46	6	2,54	-	-	-	-	236	100,00	-	-	-	-	-	-	-	
60-JU-32	410	160	100,00	-	-	-	-	-	-	160	100,00	-	-	-	-	-	-	-	
60-JU-32	88	318	99,69	1	0,31	-	-	-	-	319	100,00	-	-	-	-	-	-	-	
60-JU-29	404	227	97,42	6	2,58	-	-	-	-	233	100,00	-	-	-	-	-	-	-	
60-JU-29	85	126	91,97	7	5,11	4	2,92	-	-	137	133	97,08	4	2,92	-	-	-	-	
60-JU-27	403	495	95,36	10	1,93	11	2,12	2	0,39	518	505	97,49	13	2,51	-	-	-	-	
60-JU-27	84	220	93,62	13	5,53	2	0,85	-	-	235	233	99,15	2	0,85	-	-	-	-	
60-JU-30	406	203	93,98	13	6,02	-	-	-	-	216	216	100,00	-	-	-	-	-	-	
60-JU-37	420	233	93,20	16	6,40	1	0,40	-	-	250	249	99,60	1	0,40	-	-	-	-	
60-JU-38a	421	223	84,47	-	-	21	7,95	20	7,58	264	223	84,47	41	15,53	-	-	-	-	
60-JU-33	412	50	55,56	27	30,00	13	14,44	-	-	90	77	85,56	13	14,44	-	-	-	-	
60-JU-43	357	35	47,95	25	34,25	3	4,11	10	13,70	73	60	82,19	13	17,81	-	-	-	-	
60-JU-42	354	107	27,02	156	39,39	102	25,76	31	7,83	396	263	66,41	133	33,59	5	1,26	-	-	
60-JU-42	355	50	16,23	193	62,66	38	12,34	27	8,77	308	243	78,90	65	21,10	-	-	-	-	
60-JU-42	356	34	13,13	185	71,43	31	11,97	9	3,47	259	219	84,56	40	15,44	-	-	-	-	
60-JU-35	90	19	9,13	112	53,85	53	25,48	24	11,54	208	131	62,98	77	37,02	2	0,96	-	-	
60-JU-47	353	13	11,02	33	27,97	52	44,07	20	16,95	118	46	38,98	72	61,02	-	-	-	-	
60-JU-35	415	13	6,05	115	53,49	51	23,72	36	16,74	215	128	59,53	87	40,47	-	-	-	-	
60-JU-44	359	2	3,27	33	58,93	4	7,14	17	30,36	56	35	62,50	21	37,50	-	-	-	-	
60-JU-47	352	3	5,45	37	67,27	10	18,18	5	9,09	55	40	72,73	15	27,27	-	-	-	-	
60-JU-44	358	7	2,10	222	66,47	56	16,77	49	14,67	334	229	68,56	105	31,44	-	-	-	-	
TOTAL																			4,968

OBS: Os fragmentos com pintura já estão somados aos respectivos antiplásticos.

SÍTIOS	Nº CAT.	SERIAÇÃO DOS ANTIPLÁSTICOS - FASE				ANT. MINERAL
		CARIAPÉ A	CARIAPÉ B	AREIA MÉDIA	AREIA GROSSA	
60-JU-34	412	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-34	69	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-32	410	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-32	88	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-29	404	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-29	85	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-27	403	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-27	84	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-30	406	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-37	420	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-36g	421	_____	-	_____	_____	_____
60-JU-33	412	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-43	357	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-42	354	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-42	355	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-42	356	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-35	90	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-47	353	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-35	415	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-44	359	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-47	352	_____	_____	_____	_____	_____
60-JU-44	358	_____	_____	_____	_____	_____

0 10 20 30 40 50%

4. FASE JAUPACI: Bordas e Ruas por Sítios

1) Por sítios (coletas sistemáticas da seriação)

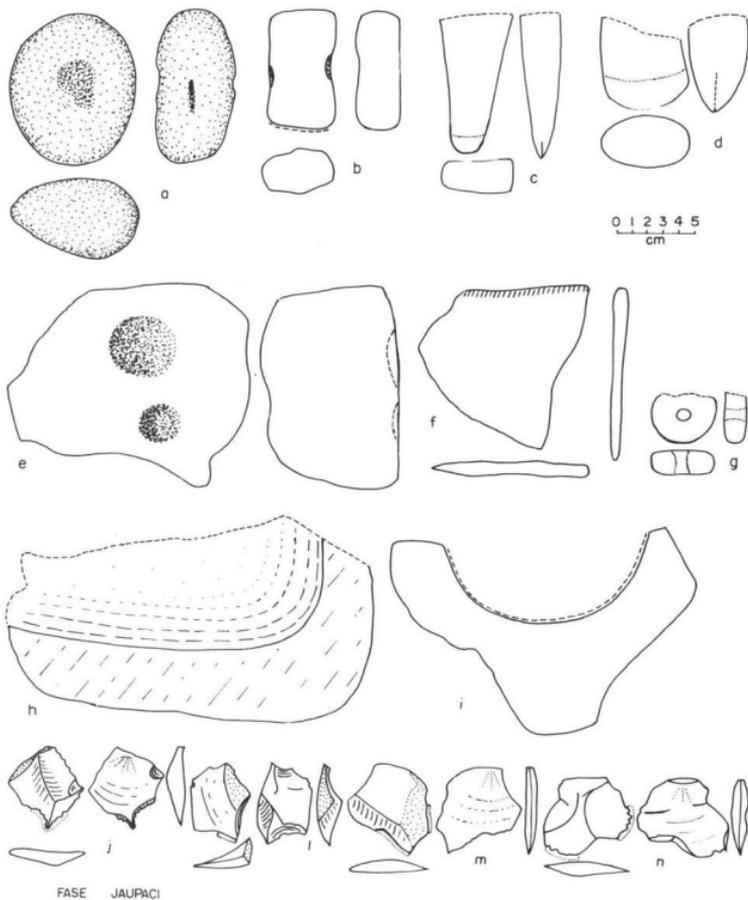
Sítio	F O R M A S														J A U P A C I						TOTAL	N. clasif. por sítio	N. clasif. por borda	N. clasif. por ref.	TOTAL	A	B	C	C'	D	E	F	N. clas.	TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19															
																				TOTAL														
60-JI-34	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	3	1	6	1	1	-	-	3	2	4	2	27	-	8	5	1	5	2	-	2	23			
60-JI-32	-	-	-	3	2	-	-	-	-	-	1	3	3	3	-	-	-	-	-	-	6	18	-	3	3	4	2	6	-	1	19			
60-JI-29	-	-	2	-	1	3	-	-	-	-	-	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	3	2	1	1	-	-	1	8			
60-JI-27	-	-	1	2	5	2	-	-	-	-	-	4	2	4	-	-	-	-	-	-	11	31	-	-	7	1	5	2	-	-	15			
60-JI-30	1	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	18	-	-	-	-	-	12	6	-	-	18			
60-JI-37	-	-	-	-	2	1	1	-	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	-	2	2	10	-	1	1	1	1	1	-	3	7			
60-JI-38A	-	-	-	-	-	1	5	-	-	-	8	2	4	-	1	-	-	-	-	4	4	27	-	5	2	2	2	4	1	-	16			
60-JI-33	-	-	1	-	2	7	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	3	3	-	-	-	-	-	6			
60-JI-43	-	1	-	2	1	1	1	-	-	1	1	-	1	-	1	-	3	-	-	-	-	12	-	1	1	-	-	-	-	-	1			
60-JI-42	-	3	4	4	25	4	1	-	2	8	17	1	16	2	1	5	5	-	-	1	1	99	3	9	10	-	10	5	1	3	41			
60-JI-35	-	-	1	4	7	1	-	-	-	2	6	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25	1	-	2	-	-	-	-	-	3			
60-JI-47	-	-	5	1	7	1	-	-	-	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	1	19	-	-	-	-	-	-	-	-	1			
60-JI-44	-	2	4	2	9	4	-	1	-	-	-	1	-	4	-	-	-	-	-	-	-	27	-	-	3	-	-	-	-	-	3			

2) Por sítios (coletas assistemáticas)

60-JI-34	-	2	2	-	7	1	-	-	-	1	9	-	13	6	5	-	-	-	2	4	4	52	-	5	2	3	4	4	-	2	20	
60-JI-32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	2	2	-	-	-	-	4	1	11	-	2	-	-	-	1	-	-	3	
60-JI-27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	-	-	-	2	6	6	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
60-JI-37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
60-JI-38A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2
60-JI-35	-	1	1	2	1	-	-	-	-	1	4	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	16	1	-	-	-	-	1	-	-	2	

5. FASE JAUPACI

Sítios	a) Modificações no vasilhame									b) Outros materiais cerâmicos		
	Verm. int.	Verm./preto int.	Moleté exposto	Furo borda	Borda acastelada	Apêndices					Carimbo cilíndrico	
						Asa vert.grande	Asa vert.pequena	Asa horiz.grande	Asa horiz.pequena	Alça		Não classif.
GO-JU-34						1	2					
GO-JU-32			1						2	1		
GO-JU-29							1					
GO-JU-27								1				
GO-JU-30								1				
GO-JU-38 A				1								
GO-JU-33									1			
GO-JU-43												
GO-JU-42	1	2	1		5				2			
GO-JU-35										1		1
GO-JU-47					2							
GO-JU-44					1							



Fase Jaupaci: material lítico.

- a — percutor de seixo
 b — martelo
 c, d — machado polido com gume biselado
 e — quebra-coco
 f — fragmento de lâmina
 g — fragmento de rodela de fuso
 h — fragmento de pilão com quebra-coco na base
 i — fragmento de pilão
 j, l — furador lascado
 m, n — raspador lateral

2.3.5. Fase Uruaçu

2.3.5.1. Ambiente e ocupação

Os 9 sítios cerâmicos da fase Uruaçu localizam-se na micro-região de Mato Grosso de Goiás, na margem esquerda do rio das Almas, formador do Tocantins.

Situam-se entre os meridianos de 49° 25' e 49° 30' de longitude oeste de Greenwich e os paralelos de 14° 35' e 15° de latitude sul, nos municípios de Hidrolina e Itapaci.

O terreno, especialmente no município de Hidrolina, é bastante acidentado, pois os sítios se encontram nos vales estreitos da serra Passa Três. Toda a região, mesmo no tempo da seca é bastante drenada por pequenos córregos. A altitude dos sítios vai de 670 a 850 m.

Geologicamente a região é de formação arqueozóica (Pré-cambriano), com formações granito-gnáissicas. Geomorfologicamente são terrenos ondulados. Os solos são latossolos ou cambrisolos. Os solos nas pequenas várzeas parecem férteis, ao passo que nas encostas dos morros e serras são pobres.

A vegetação típica da região é o cerrado, mas encontram-se também matas ciliares e um tipo de mata secundária nas encostas. Em alguns lugares da

serra existem manchas de mata tropical.

A economia atual baseia-se mais na criação do que na agricultura, mas planta-se milho, arroz, feijão com técnicas ainda predominantemente tradicionais.

2.3.5.2. Os sítios da fase Uruaçu

Todos os sítios desta fase estão localizados na bacia do rio das Almas, no município de Hidrolina e de Itapaci. Estão longe do rio, mas perto de córregos perenes, dos quais distam apenas de 5 a 80 m. Geralmente estão em vales muito estreitos, onde são obrigados a manter-se perto da água, porque as encostas são íngremes, sendo o ambiente geral de serra. Junto aos córregos existem pequenas várzeas, nas quais se podem localizar sítios, mas onde não cabem integralmente, sendo obrigados a subir a encosta.

O solo é proveniente da decomposição de granitos e gnaisses.

A vegetação antiga ao longo dos córregos era uma mata de galeria, mais ou menos larga, de acordo com o local; nas encostas e morros é cerrado.

Hoje o lugar dos sítios é ocupado por pequenas lavouras, ao passo que as encostas servem para a criação extensiva

de animais, excepcionalmente para pequenas lavouras.

As áreas ocupadas são geralmente muito pequenas, aglomeradas, sem possibilidade de distinguir concentrações de material, medindo de 3.000 a 20.000 m². Quase sempre os estratos foram destruídos. Além de sítios em campo aberto existe material num pequeno abrigo.

Não temos datas de C14. Pensamos que a fase é paralela na sua parte final e contemporânea à Uru, à Jaupaci e à Mossâmedes II; mas a parte inicial provavelmente é mais antiga, podendo ser paralela com a fase Mossâmedes I.

Ilustramos os sítios com GO-NI-51, GO-NI-49, GO-NI-47.

GO-NI-51

O sítio dista de Hidrolina 10 a 11 Km, encontrando-se num vale estreito da serra Passa Três, à margem do córrego Tapirão, do qual dista 72 m. Na mesma distância está também o córrego Alírio, afluente do anterior. Está parcialmente na pequena várzea, que alaga nas cheias, e parcialmente em terreno bastante inclinado, para o sudeste.

A vegetação original era uma estreita mata de galeria ao longo do córrego, sendo o resto cerrado.

A estreita várzea é cultivada com plantas de subsistência, ao passo que as encostas servem para criação extensiva.

Os cacos estão na superfície e sugerem concentrações, que, entretanto, foi impossível delimitar. Foram realizadas 2 coletas sistemáticas e uma assistemática, na qual se reuniram, em diversas partes do sítio, pedaços de machados, pedras com covinhas, batedores, pilõesinhos. Informou o proprietário que teria sido encontrado um cachimbo moldado e um prato de micaxisto.

Na seriação o sítio é o mais novo.

GO-NI-47

O sítio dista de Hidrolina 7 Km, encontrando-se num vale estreito da serra Passa Três, à margem do córrego da Pedra, do qual dista entre 20 e 40 m. Está numa pequena várzea, muito estreita, levemente inclinada e fechada pelo declive dos morros.

A vegetação original era uma estreita mata de galeria ao longo do córrego, sendo o resto cerrado.

A estreita várzea é cultivada com plantas de subsistência, ao passo que a encosta serve para criação extensiva.

Os cacos estão na superfície e sugerem concentrações que,

entretanto, é impossível delimitar. Foram realizadas 2 coletas sistemáticas. Também se fizeram coletas assistemáticas em todo o sítio, do que resultaram lâminas de machados, rodela de fusos em cerâmica e pedra, pedras com depressões. Não foi possível fazer corte porque não havia estratos conservados.

Na seriação o sítio cai no meio.

GO-NI-49

Abrigo em bloco de micaxisto junto ao córrego do Meio, na proximidade de Urualina, município de Hidrolina. O córrego, profundamente encaixado, tem 150 cm de largura no tempo da seca. O bloco do abrigo está no ponto mais baixo do relevo (770 m), cercado por morros cujo topo está a 890 m. Todo o terreno dos arredores é profundamente escavado por nascentes e córregos, sendo muito rico em água.

A vegetação antiga era mato nas partes mais baixas, junto aos córregos; cerrado nas partes altas e cerradão na transição.

O abrigo, possivelmente de formação pleistocênica, sofreu muitos desmoronamentos de blocos do teto e da plataforma em períodos mais recentes, que estão caídos na frente, im-

pedindo uma escavação sistemática. Mede 30 x 14 m.

É constituído hoje de uma aba superior, que forma o abrigo como tal, e de uma pequena aba inferior, quase toda desmoronada, que forma um pequeno abrigo interno. Sobre a aba inferior se forma um pequeno patamar com algum sedimento, no qual se fez um corte experimental em 1973, com a coleta de carvão ligado a material da fase Paranaíba, dando uma data de 10.750 ± 300 AP, ou 8.800 a.C. (SI-2769) (Barbosa, Schmitz, Miranda, 1976/7). Na mesma oportunidade se fez uma coleta sistemática superficial de cerâmica em toda a extensão do abrigo. Em 1977 se fez novo corte estratigráfico sobre o patamar para confirmar o material antigo (corte II: 200 x 250 cm) e se fez um corte no meio dos blocos caídos no piso inferior do abrigo (corte I: 150 x 180 cm) e uma nova coleta sistemática superficial.

O material do corte 1 e da coleta superficial da segunda visita está na parte baixa da seriação, ao passo que a outra está na sua metade superior.

2.3.5.3. A cerâmica

Nos 9 sítios arqueológicos da fase Uruaçu recolheram-se 3.179 cacos, distribuídos em amostras sistemáticas; além disso foram feitas coletas assis-

temáticas, que não computamos aqui.

Essa cerâmica foi separada em quatro variedades de antiplásticos ou seja, cariapé A, cariapé B, areia média e areia grossa.

2.3.5.3.1. Descrição geral da cerâmica Cerâmica com cariapé A

I — Pasta

1. Manufatura: acordelada; às vezes os roletes estão mal fechados um contra o outro.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé A, que para fins de visualização separamos em dois elementos: o primeiro são feixes de células vegetais calcinadas, submicroscópicas; o outro é composto de pequenos bastonetes roliços com gomos, brancos ou escuros, com reflexo de marfim, submicroscópicos. Geralmente o antiplástico é denso, ocupando mais de 30% da pasta. Quando bem moído é visível só com lupa binocular, quando menos moído, aparece como feixes ou pacotes de células, que podem chegar a 5 mm. Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: pequenos grãos de quartzo cristalino, esbranquiçado ou esverdeado, com dimensão média de 1 mm;

biotita; mica muscovita muito pequena; pequenos grãos amarronzados, provavelmente óxidos de ferro.

3. Textura: uniforme. Pasta porosa. A fratura, na maior parte dos casos, é irregular; todavia se pode notar em alguns casos, não raros, que acompanha os roletes. É suave ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza escuro, cinza claro, mais raramente alaranjado. A espessura da parede, que está oxidada, varia de menos de 0,5 a 3 mm; as bases são mais oxidadas.

5. Queima: oxidante incompleta. Mediana. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da superfície externa: na maior parte das vezes, marrom alaranjado, raramente cinza; da parede interna, aproximadamente a mesma, com pequena variação para mais e para menos.

2. Tratamento: em ambas as faces as paredes estão alisadas, com acabamento regular.

Cerâmica com cariapé B

1. Pasta

1. Manufatura: acordelada; a largura dos roletes varia de 3

a 6,5 cm; a base parece ser modelada na maior parte desses fragmentos. Frequentemente aparecem no corte transversal da parede 2 camadas de argila, dando a impressão de uma parede dupla.

2. Antiplástico diagnóstico: cariapé B. Os feixes de fibras vegetais silicificadas alcançam um comprimento de 2 a 6 mm e uma largura de 0,5 a 4 mm. O antiplástico varia de pouco a muito denso e em geral é bem visível a olho nu em ambas as superfícies.

Outros materiais que podem ter sido utilizados como antiplástico: grãos de quartzo, nos maiores que 1 mm com aspecto anguloso; o tamanho varia de 0,5 a 3 mm; grãos angulosos de feldspato, porém não presentes em todos os fragmentos, alcançando de 1 a 4 mm; mica muscovita fina, esparsa, alcançando excepcionalmente 1 mm; nódulos ferruginosos raros e não presentes em todos os fragmentos; raros restos vegetais carbonizados.

3. Textura: em geral não muito uniforme, devido à distribuição irregular tanto das partículas de antiplástico como das impurezas. É porosa, devido às freqüentes bolhas de ar que podem alcançar até 5 mm de comprimento. Em alguns fragmentos início de laminação.

A fratura é irregular, acompanhando em alguns casos os roletes; ao tato é levemente áspera.

4. Cor do núcleo: predominam as tonalidades de cinza claro, cinza escuro e preto; menos freqüentes são as cores marrom, ocre, esbranquiçada e a cor de tijolo.

5. Queima: oxidação incompleta; em poucos fragmentos oxidação completa. Em geral o núcleo é bem visível entre as camadas oxidadas, mas às vezes o próprio núcleo forma a parede interna. A espessura da parede oxidada varia na superfície interna de menos de 0,5 a 3 mm, predominando uma espessura de menos de 0,5 a 1 mm. Na parede externa a espessura da camada oxidada varia de menos de 0,5 a 7 mm e excepcionalmente até 1 cm; predomina uma espessura entre 0,5 e 2 mm. Em alguns fragmentos aparecem manchas de cocção na superfície interna ou externa. A pasta está parcialmente fundida.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: cinza claro, cinza escuro, preto, ocre e, em menor proporção, esbranquiçada ou cor de tijolo; da parede externa: cinza claro, cinza escuro, ocre, marrom e, menos freqüentemente, cor de tijolo ou esbranquiçado.

Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, sendo que em parte dos fragmentos a superfície interna apresenta-se mais escura.

2. Tratamento: alisamento regular, às vezes bom.

Cerâmica com areia média

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada; a largura dos roletes varia de 1,2 a 4 cm; a base pode ser moldada ou construída com roletes largos. No corte transversal da parede às vezes aparecem duas camadas de argila, dando a impressão de parede dupla.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina e densa, acompanhada de grãos angulosos de quartzo e/ou feldspato de 0,5 a 3 mm, predominando um tamanho de 0,5 a 1 mm. O antiplástico é visível em ambas as superfícies. Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina em geral menor que 0,5 mm e pouco densa; nódulos ferruginosos de 1 a 3 mm, não abundantes; pequenas partículas pretas pouco abundantes, provavelmente biotita; raros restos vegetais carbonizados de 1 a 2 mm.

3. Textura: bastante uniforme, compacta e, às vezes, com aspecto laminar; raramente

aparecem pequenas bolhas de ar.

A fratura ao longo dos roletes é mais freqüente do que nos antiplásticos de cariapé A e B; mas em grande parte dos fragmentos é irregular; ao tato é áspera.

4. Cor do núcleo: predominam as tonalidades de cinza escuro e claro, preto e marrom; menos freqüentes são as cores esbranquiçadas ou a cor de tijolo.

5. Queima: oxidação incompleta; somente em poucos fragmentos a oxidação é completa; em geral o núcleo é bem visível entre ambas as superfícies oxidadas, mas às vezes o próprio núcleo chega a formar a superfície interna. A espessura da parte oxidada na parede interna varia de menos de 0,5 a 1 mm; na parede externa varia de menos de 0,5 a 2 mm, alcançando excepcionalmente 9 mm em fragmentos com boa oxidação, ou em fragmentos de base. Em geral a parte oxidada é mais espessa na superfície externa, mas há fragmentos em que a parte oxidada é mais espessa na superfície interna. Em alguns fragmentos observam-se manchas de cocção, principalmente na superfície externa. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: marrom, cinza escuro, preto e cor de tijolo; menos freqüentemente cinza claro e ocre; da parede externa: marrom, cinza escuro e cor de tijolo, menos freqüente cor cinza claro e ocre. Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, mas há fragmentos onde a superfície interna é mais escura.

2. Tratamento: alisamento regular a bom; em alguns fragmentos temos a presença de faixas de alisamento de 1 a 8 mm, às vezes em ambas as superfícies, porém predomina uma largura de 1 a 4 mm.

Cerâmica com areia grossa

I. Pasta

1. Manufatura: acordelada, base provavelmente moldada; a largura dos roletes varia de 2 a 4 cm e excepcionalmente alcança 7 cm; no corte transversal da parede observam-se às vezes 2 a 3 camadas de argila, dando a impressão de uma parede dupla ou tripla, separadas por uma leve fissura.

2. Antiplástico diagnóstico: areia fina e grãos angulosos de quartzo e/ou feldspato, que variam de 1 mm a 1 cm; predomina uma granulação de 2 a 5 mm; o antiplástico apresenta-se com uma densidade média

e em geral é bem visível a olho nu em ambas as superfícies.

Outros materiais que podem ter sido usados como antiplástico: mica muscovita fina, pouco abundante; partículas pretas brilhosas e com boa clivagem, pouco abundantes, provavelmente biotita; raros restos vegetais carbonizados; raramente nódulos ferruginosos com uma granulação média de 1 mm, excepcionalmente alcançando 1 cm.

3. Textura: não muito uniforme; compacta e freqüentemente laminada; presença de pequenas bolhas de ar; o aspecto da cerâmica é bastante grosseiro. A fratura é irregular e acompanha raramente os roletes; é áspera ao tato.

4. Cor do núcleo: cinza claro, cinza escuro e tonalidades de marrom; predomina o cinza escuro; raras vezes apresenta cor de tijolo ou ocre; em vários casos o núcleo chega a formar a parede interna.

5. Queima: oxidação em geral incompleta; poucos fragmentos apresentam oxidação completa. A espessura da camada oxidada varia na parede interna de menos de 0,5 mm a 2 mm, predominando uma espessura de 1 mm. A espessura da camada oxidada varia na parede externa de menos de 0,5 a 1,2 cm, predominando uma espessura de 0,5 a 2 mm;

em geral a camada oxidada na parede externa é mais espessa do que na interna. A pasta está parcialmente fundida.

6. Dureza: 3 na escala de Mohs.

II — Superfície

1. Cor da parede interna: marrom, cor de tijolo, preto, cinza escuro e, menos freqüentemente, ocre claro; predominam as tonalidades de marrom e cor de tijolo; da parede externa: marrom, cor de tijolo e ocre; menos freqüentemente cinza escuro. Em geral a cor de ambas as superfícies é igual, mas em alguns casos a superfície interna é mais escura do que a externa.

2. Tratamento: alisamento regular a toco; em alguns fragmentos a superfície interna apresenta alisamento bom. No meio e alto da seriação observam-se faixas de alisamento com uma largura de aproximadamente 5 mm.

2.3.5.3.2. A seriação da cerâmica da fase Uruaçu

A amostragem da fase ainda é pequena e a seriação ainda é precária.

Os elementos usados como diagnósticos são os mesmos das fases Jaupaci e Uru, isto é, os antiplásticos cariapé A, cariapé B, areia média e areia

grossa, acrescidos da observação do banho vermelho. A seriação foi organizada a partir da observação das tendências das fases acima mencionadas.

Os antiplásticos minerais predominam no começo, sendo substituídos paulatinamente pelos vegetais, onde se nota forte crescimento do cariapé A. O cariapé B tem distribuição irregular, aparecendo mais em alguns sítios e menos em outros.

O banho vermelho, interno, externo ou em ambas as faces cresce em direção ao meio e decresce outra vez. Marca esta fase muito mais que as outras, onde sua presença é menos definida.

Não temos datas para a seriação. Pensamos que a fase vai até a Conquista branca, mas não sabemos quando começou.

2.3.5.3.3. As formas dos vasilhames

As descrições das formas, todas reconstituídas a partir de fragmentos de bordas e bases, estão no quadro (3) anexo.

O quadro vem completado com uma tabela (4) da distribuição das bordas e bases por sítios e de uma tabela (5) das modificações nos vasilhames, também por sítios.

As bases são caracterizadas da seguinte forma:

- A — base pequena redonda, às vezes levemente aplanada ou côncava;
- B — base suavemente aplanada, sem ponto final; ângulo da inclinação da parede maior que 45° ;
- C — base aplanada sem ponto final; ângulo de inclinação menor que 45° ;
- D — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede menor que 45° ;
- E — base plana com pequeno pedestal; ângulo da parede maior que 45° ;
- G — base plana em forma de um pedestal espesso;
- H — base anular com maior ou menor altura.

Como a amostragem é bastante pequena e a própria seleção da fase ainda insegura, por enquanto se pode dizer pouco sobre a distribuição das bases no tempo.

Entre as modificações do vasilhame notamos uma certa frequência de banho vermelho, que pode ser interno, externo ou em ambas as superfícies; o mais freqüente é o banho externo, que se encontra em quase todos os sítios.

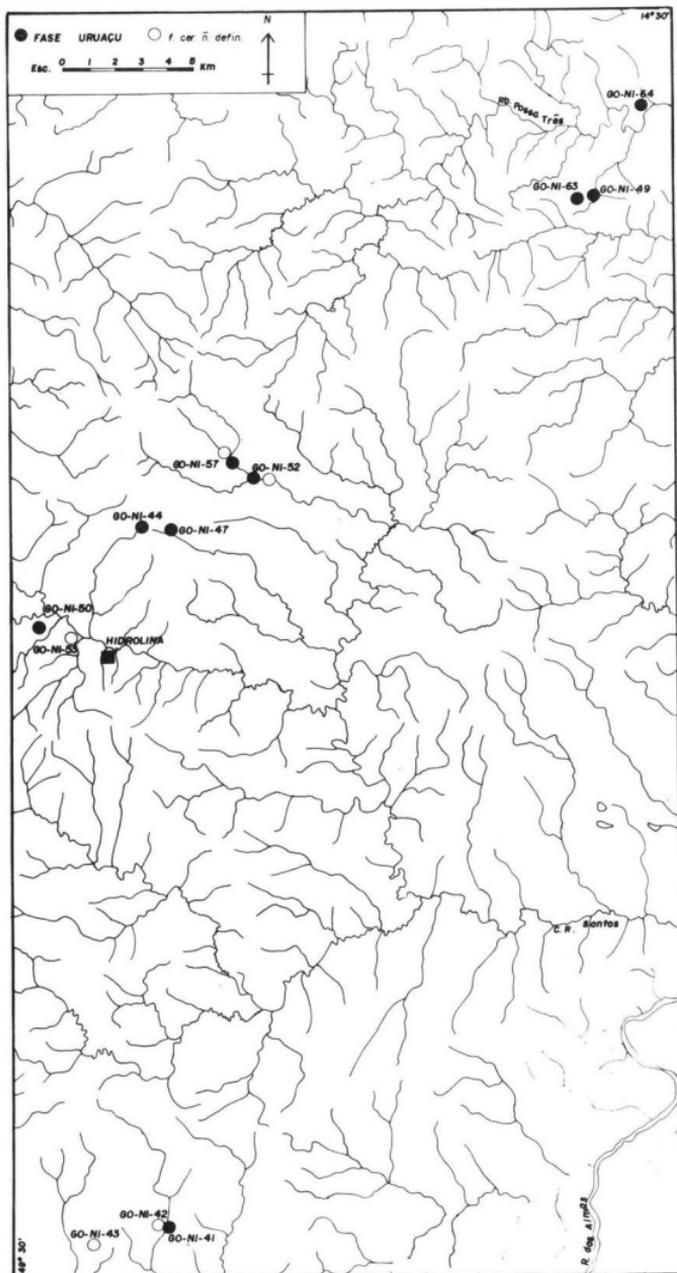
Há uma asa (pequena), um aplique mamilonar, um entalhado na borda ou lábio, um inciso com unhas na borda ou lábio, dois cacos com furos na base (crivo), três cacos com furos na borda.

Outros materiais cerâmicos

Foi encontrado um carimbo cilíndrico, uma rodela de fuso e houve informação de um cachimbo moldado.

2.3.5.4. Material lítico

O material lítico também aqui não é abundante. Na categoria de material utilizado sem modificação intencional temos o percutor de seixo, o quebra-coco e o polidor. Na categoria material lascado temos uma lasca utilizada. Na categoria material picoteado ou alisado aparecem o alisador, o percutor picoteado, o machado, o pilão, fragmentos de pedra-sabão perfurados, a rodela de fuso de pedra. Na categoria pedra polida se registraram fragmentos de lâminas de machado e duas mãos de pilão.

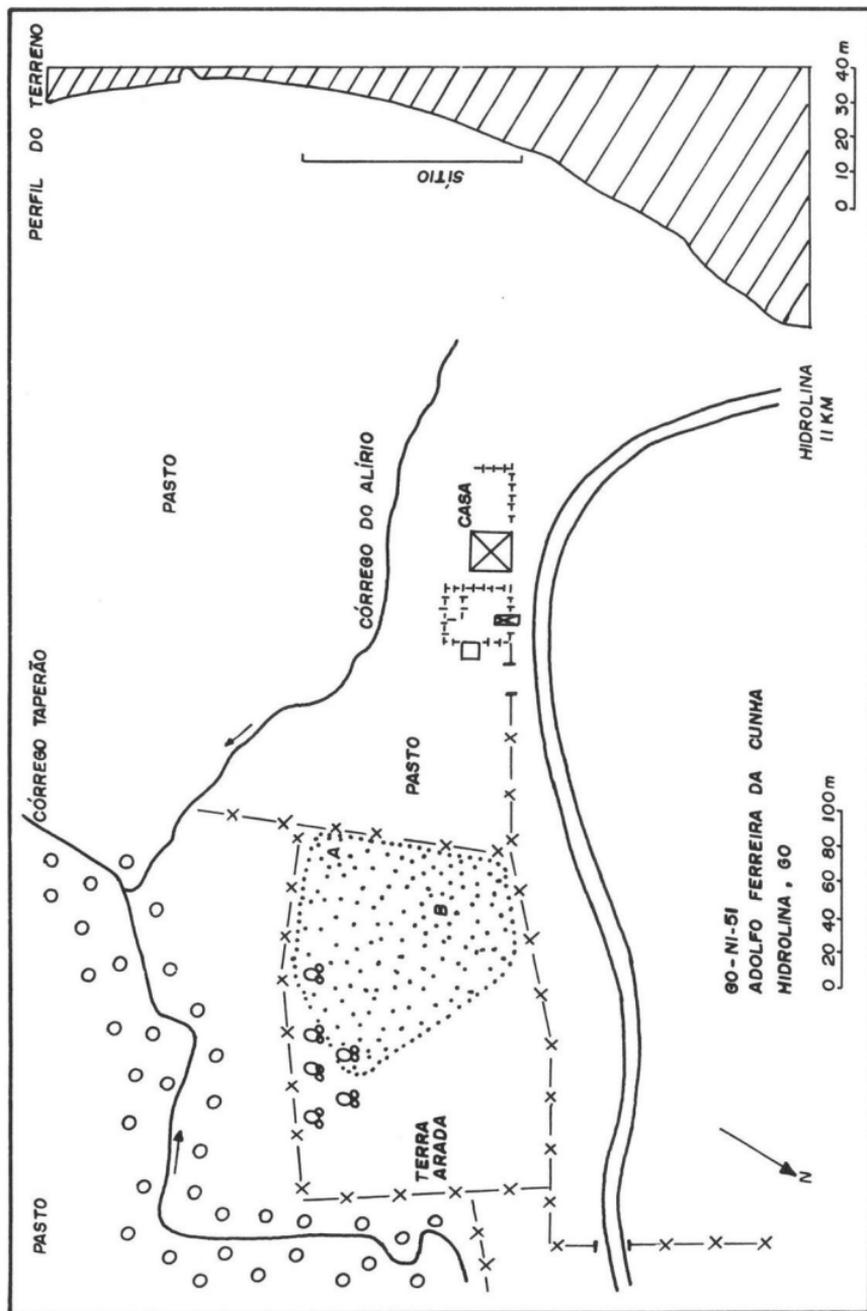


1. FASE URIAQU: Características dos Sítios

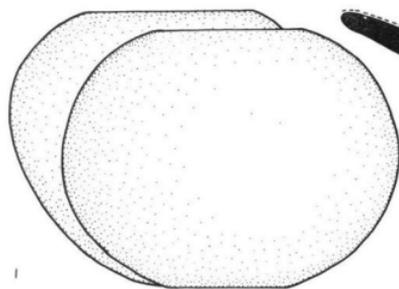
Sítio	Município	Bacia	Especif.	Dist. em m.	Córrego	Dist. em m.	Morfol. terreno em m.	Vegetação arredores	Vegetação sítio	Anos de cultivo p. meq/mc.	Área em m	Nº de mtelos	Estratos cons/dest.	Espessura camada	Coletas sist.	Corres em cm.
GO-NI-51	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Taperao	72	Decl. suave	Mata	Lavoura	x	120 x 120 !	não defin.	x		2	
GO-NI-44	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Pedra	80	Decl. accent.	Mata	Pasto	x	30 x 40 (-)	2	x	10-15	1	150x150
GO-NI-49	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Meio	5	Abrigo	Cerrado		não	14 x 30 !		x	30	2	150x180 200x250
GO-NI-50	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Sto. Antônio dos Angicos	5	Plano	Mata	Pomar/ pasto	x	150 x 150 (-)	não defin.	x		2	
GO-NI-64	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Anônimo	10	Decl. suave	Mata	Lavoura	x	65 x 110 !	não defin.	x		2	
GO-NI-47	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Pedra	40	Plano	Mata	Lavoura	x	200 x 100 !	não defin.	x		2	
GO-NI-52	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Taperao	50	Decl. accent.	Mata e cerrado	Lavoura	2	100 x 120 !	1	x		1	
GO-NI-65	Hidroliana	Almas	m. esq.	30.000	Nascente	80	Plano	Cerrado	Lavoura	x	?	não defin.	x		2	
GO-NI-41	Itapaci	Patricy/Almas	m. esq.	6.000	Pedras	70	Decl. suave	Cerrado e cerrado	Lavoura	1	48 x 60 !	1	x		1	

+ = tamanho

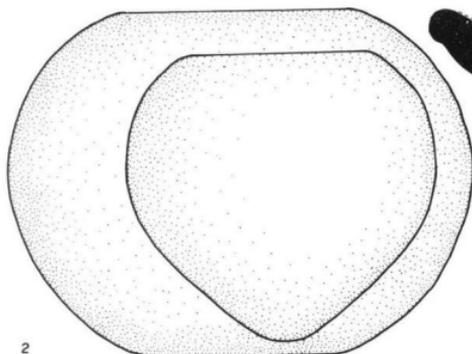
! = tamanho completo



FASE URUAÇÚ



1

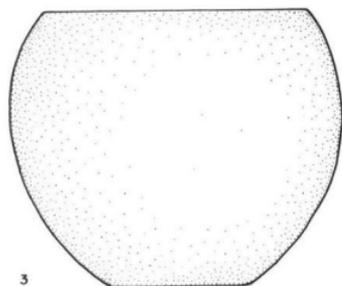


2



BORDAS 0 1 2 3 4 5cm

VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm



3



4



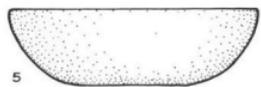
CONVENÇÕES PARA OS ANTIPLÁSTICOS



CARIAPÉ A CARIAPÉ B AREIA MÉDIA AREIA GROSSA

[] BANHO VERMELHO

Formas dos vasilhames da fase Uruaçú



5



6a



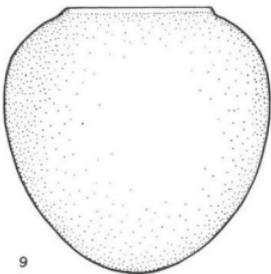
6b



7a



7b

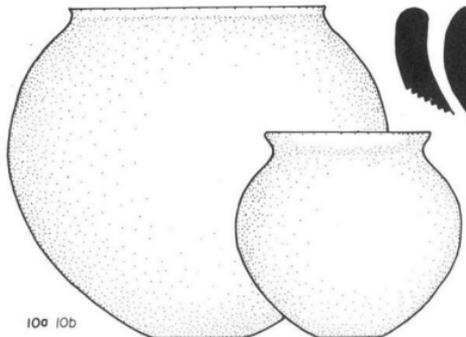


9



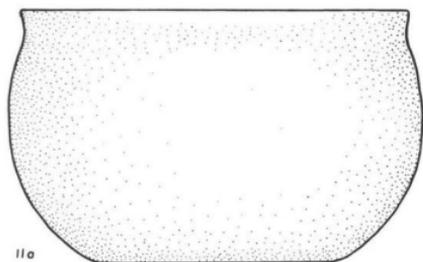
8

BORDAS	0	1	2	3	4	5	cm
VASILHAMES	0	2	4	6	8	10	cm
FORMAS 8 e 9a	0	4	8	12	16	20	cm

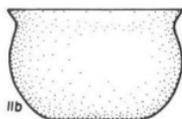
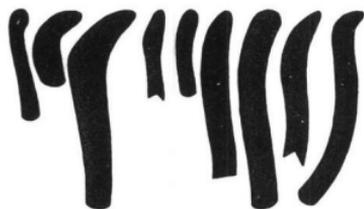


10a 10b

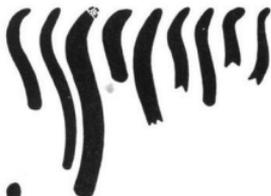




11a



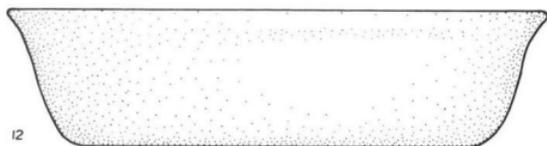
11b



11c



BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm



12

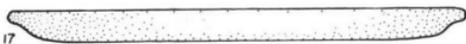
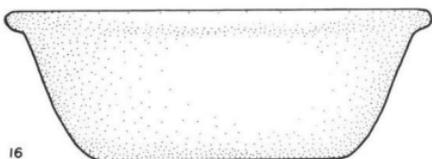
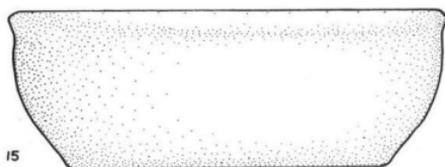
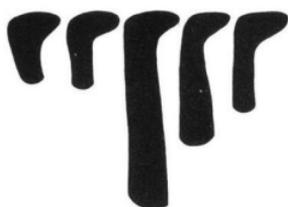


13

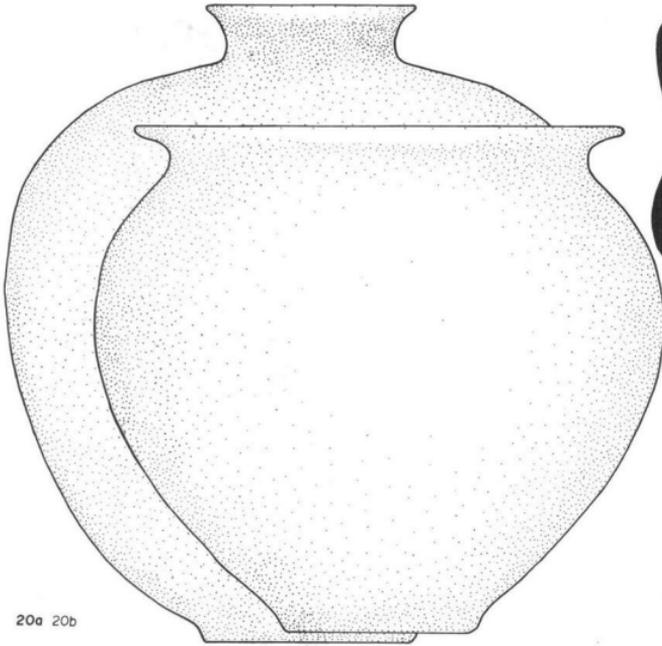


14a





BORDAS 0 1 2 3 4 5cm
 VASILHAMES 0 2 4 6 8 10cm

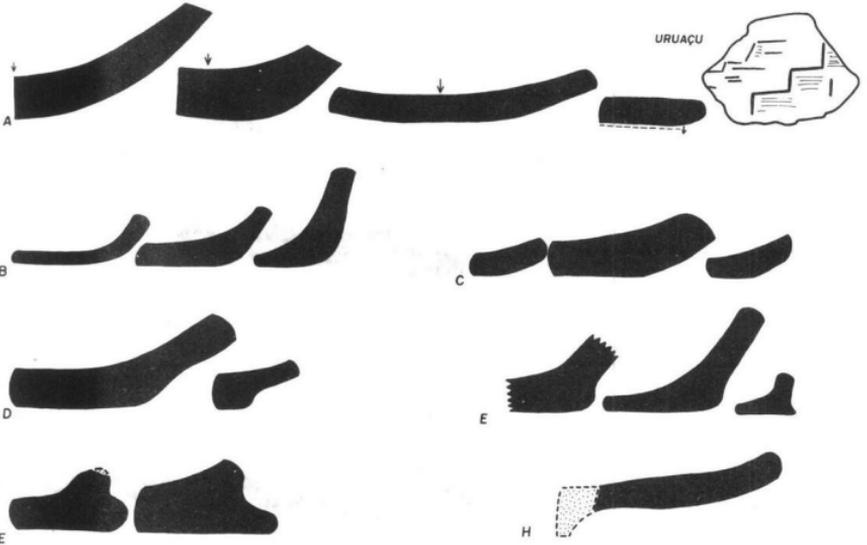


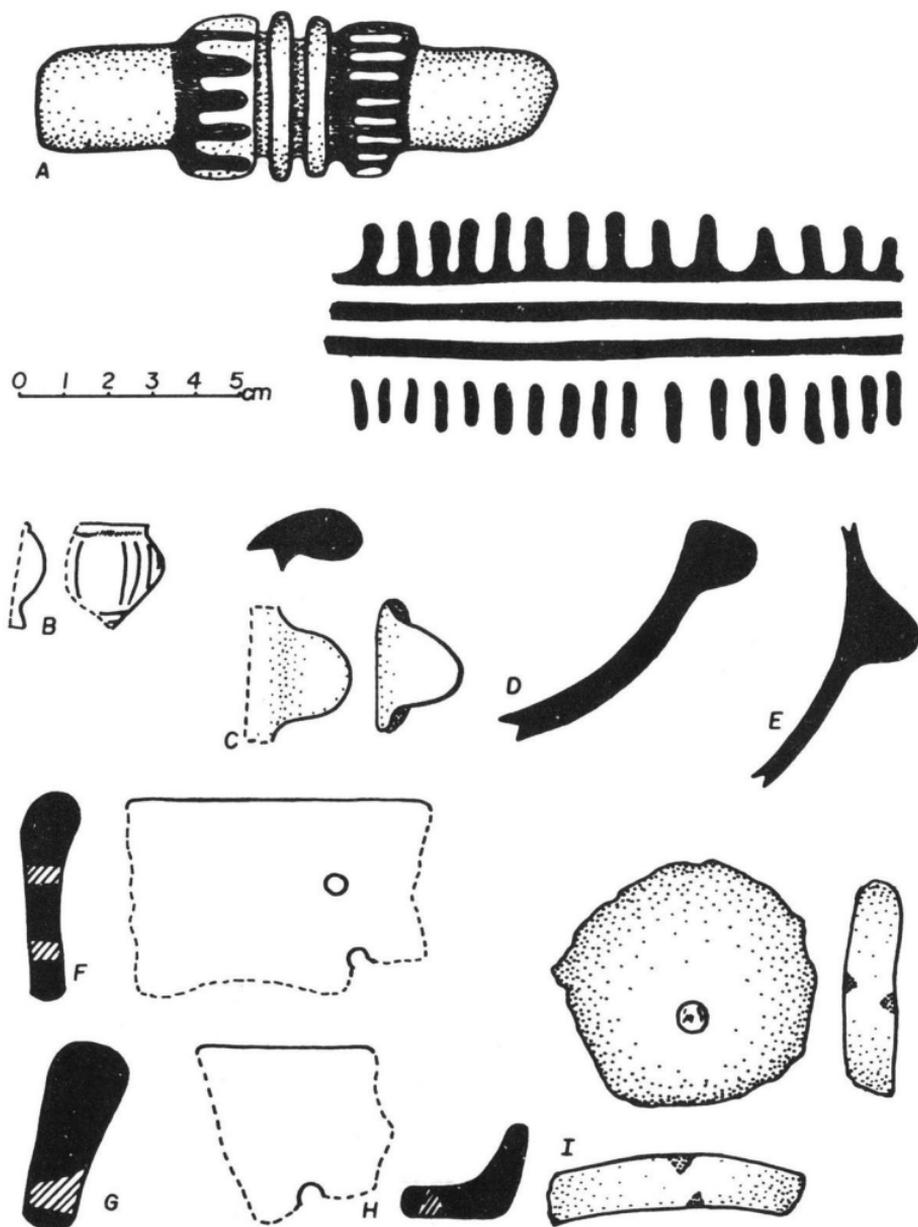
20a 20b

BORDAS 0 1 2 3 4 5 cm

VASILHAMES 0 2 4 6 8 10 cm

BASES





Fase Uruaçú: a. carimbo cilíndrico, b. cachimbo moldado, c. pequena asa, d, e. apliques mamilonares, f, g. bordas perfuradas, h. base perfurada, i. rodela de fuso.

2. FASE URUQUÇU: Setação do Antiplástico

Sítios	Nº Cat.	Cariapé A		Cariapé B		Área Média		Área Grossa		TOTAL		Cariapé A+B		AM + AGR.		Banho Verm. +		
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
GO-NI-51	671	174	100,00	-	-	-	-	-	-	174	100,00	-	-	-	-	3	1,72	
GO-NI-51	43	239	71,13	4	1,19	54	16,07	39	11,61	336	72,32	93	27,68	9	2,68			
GO-NI-44	37	111	51,15	18	8,29	9	4,15	79	36,41	217	59,45	88	40,55	12	5,53			
GO-NI-44	36	17	42,50	2	5,00	6	15,00	15	37,50	40	47,50	21	52,50	5	12,50			
GO-NI-44	35	27	38,03	3	4,23	13	18,31	28	39,44	71	42,25	41	57,75	10	14,08			
GO-NI-49	669	48	42,11	17	14,91	45	39,47	4	3,51	114	57,02	49	42,98	10	8,77			
GO-NI-50	670	90	48,13	2	1,07	95	50,80	-	-	187	49,20	95	50,80	55	29,41			
GO-NI-64	368	70	44,87	-	-	85	54,49	1	0,64	156	44,87	86	55,13	34	21,79			
GO-NI-50	41	79	42,70	-	-	91	49,19	15	8,11	185	42,70	106	57,30	51	27,57			
GO-NI-64	369	66	51,16	-	-	42	32,56	21	16,28	129	51,16	63	48,84	47	36,43			
GO-NI-47	667	109	22,24	138	28,16	184	37,55	59	12,04	490	50,41	243	49,59	142	28,98			
GO-NI-47	39	21	13,21	43	27,04	39	24,53	56	35,22	159	40,25	95	59,75	23	14,47			
GO-NI-52	675	24	22,43	3	2,80	15	14,02	65	60,75	107	25,23	80	74,77	47	43,93			
GO-NI-49	Cl 1 e Sup.	46	18,11	10	3,94	174	68,50	24	9,45	254	22,05	198	77,95	19	7,48			
GO-NI-63	365	2	0,95	-	-	148	70,14	61	28,91	211	0,95	209	99,05	30	14,22			
GO-NI-63	366	-	-	-	-	59	44,03	75	55,97	134	-	134	100,00	15	11,19			
GO-NI-41	666 b	28	13,02	182	84,65	5	2,33	-	-	215	97,67	5	2,33	67	31,16			
TOTAL																		
+ Encontra-se com todos os antiplásticos																		
3.179																		

SÉRIÇÃO	DOS ANTIPLÁSTICOS		FASE	URUAÇÚ		0 10 20 30 40 50%	
	CARIAPE' A	CARIAPE' B		AREIA MÉDIA	AREIA GROSSA	ANT. MINERAL	B. VERN.
60-NI-51	671						
60-NI-51	43						
60-NI-44	37						
60-NI-44	36						
60-NI-44	35						
60-NI-49	669						
60-NI-50	670						
60-NI-64	368						
60-NI-50	41						
60-NI-64	369						
60-NI-47	667						
60-NI-47	39						
60-NI-52	673						
60-NI-6R	Clomp.						
60-NI-63	365						
60-NI-63	366						
60-NI-41	666b						

3. FASE ÚNICA: Quadro da Cerâmica

Forma	Contorno	Neurônio	Forma corpo	Fontes	Ângulos	Bordas	Usas	Abertura	Abredado	Esassa. parede cm	Perfur.	Incl. em abas e base	Banho	Apêndices	Aplicaç	Posição na asseção	Antipolítico (col. sist.)	
	Infletido	Aureate	Elipse	Form. base	Tang. vert. ext.	Reforgada	A B C' D' E' F G H	cm	Apilado	cm				Asa				
	Simplex	Preente	Cilindrico	Form. boca	Tang. vert. int.	Reforgada								Baso				
1	X	X	X	1	1	X	X X X	6 - 44	X V	0,6-2,1			X			meio, inf., toda, irreg.	3333 - 4444 2222	
2	X	X	X	1	1	X	X X X	10 - 58	X V	0,7-2,6			X			toda, irreg.	1667 1111 8889 3333	
3	X	X	X	1	1	X	X X X	8 - 64	X V	0,4-2,1			X			profund. med. toda, irreg.	2222 2965 4074 741	
4	X	X	X	1	1	X	X V X	8 - 46	X V	0,4-1,5		no labio	X			toda, irreg.	4445 3105 1724 690	
5	X	X	X	1	1	X	X V X	8 - 42	X V	0,4-1,6	na base		X			toda, irreg.	3030 1818 2929 1212	
6 a	X	X	X	1	1	X	X X X	6 - 52	X V	0,4-1,2			X			meio, pouco	X X X - -	
6 b	X	X	X	1	1	X	X X X	26	X V	1,0-1,1			X			meio, pouco	6667 3333 - -	
7 a	X	X	X	1	1	X	X X X	6 - 32	X V	0,5-1,1			X			meio, pouco	X - - 100 -	
7 b	X	X	X	1	1	X	X X X	?	X	2,0			X			meio, pouco	X - - 100 -	
8	X	X	X	1	1	X	X X X	?	-				X			base, pouco	- - 2857 1429 2714	
9	X	X	X	1	1	X	X X X	20 - 80	X	0,7-1,5			X			meio, inf., irreg.	4000 - 4000 2000	
10 a	X	X	X	1	1	X	X X X	24 - 86	X	1,1-2,0			X			toda, crese	X X X 526 2568 3128	
10 b	X	X	X	1	1	X	X X X	12 - 34	X	0,5-0,8			X			toda, irreg.	2729 - 6552 690	
11 a	X	X	X	1	1	X	X X X	24 - 86	X V	0,7-1,9			X			alto, pouco	X 5789 526 2632 1073	
11 b	X	X	X	1	1	X	X V V	10 - 30	X	0,4-1,1			X			irreg.-pouco	6667 - 3333 -	
11 c	X	X	X	1	1	X	X V V	10 - 30	X	0,7			X			meio, alto,	100 - - -	
12	X	X	X	1	1	X	X V V	20	X	0,4-1,7			X			toda, irreg.	X 100 - - -	
13	X	X	X	1	1	X	X V V	14 - 64	X V	0,6-1,8		na borda	X			meio, alto,	100 - - -	
14 a	X	X	X	1	1	X	X X X	22 - 54	X X	1,0-1,9			X			toda, irreg.	X 100 - - -	
14 b	X	X	X	1	1	X	X X X	28 - 80	X X	0,7-1,5			X			meio, alto,	100 - - -	
15	X	X	X	1	1	X	X X X	26 - 68	X X	0,6-1,5		na borda	X			alto, pouco	100 - - -	
16	X	X	X	1	1	X	X X X	32 - 66	X X	1,3			X			meio, alto,	100 - - -	
17	X	X	X	1	1	X	X X X	52	X X	1,3			X			meio, pouco	100 - - -	
18 a	X	X	X	1	1	X	X V V	32 - 38	X X	1,3-2,0			X			meio, pouco	X - - -	
18 b	X	X	X	1	1	X	X X X	36	X X	1,4			X			alto, pouco	7500 2500 - -	
19	X	X	X	1	1	X	X X X	26 - 32	X X	1,0-2,0			X			meio, alto,	6667 - - 3333	
20	X	X	X	1	1	X	X X X	16 - 32	X X	1,0-2,4			X			meio, alto,	6667 - - 3333	

4. FASE ÚNICA: Joradas e Baas por Sítios

1) Por sítios (coleta sistêmica da serração)

Sítios	FORMAS														MANS					TOTAL																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																														
	1	2	3	4	5	6a	6b	7a	7b	8	9	10a	10b	11a	11b	11c	12	13	14a		14b	15	16	17	18a	18b	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019	1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027	1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035	1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043	1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051	1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059	1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067	1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075	1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083	1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091	1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099	1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107	1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115	1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123	1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131	1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139	1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147	1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155	1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163	1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171	1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179	1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187	1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195	1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203	1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211	1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219	1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227	1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235	1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243	1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251	1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259	1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267	1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275	1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283	1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291	1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299	1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307	1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315	1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323	1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331	1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339	1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347	1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355	1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363	1364	1365	1366	1367	1368	1369	1370	1371	1372	1373	1374	1375	1376	1377	1378	1379	1380	1381	1382	1383	1384	1385	1386	1387	1388	1389	1390	1391	1392	1393	1394	1395	1396	1397	1398	1399	1400	1401	1402	1403	1404	1405	1406	1407	1408	1409	1410	1411	1412	1413	1414	1415	1416	1417	1418	1419	1420	1421	1422	1423	1424	1425	1426	1427	1428	1429	1430	1431	1432	1433	1434	1435	1436	1437	1438	1439	1440	1441	1442	1443	1444	1445	1446	1447	1448	1449	1450	1451	1452	1453	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	1462	1463	1464	1465	1466



FASE URUAÇU

Fase Uruaçú: material lítico.

a — machado picoteado

b, c — percutor de seixo

d — fragmento de machado polido

e — fragmento de lâmina

f — polidor

g — percutor picoteado

h — alisador

i — fragmento de pedra sabão perfurado

j — quebra-coco

k — lasca com sinais de uso

m, n — mão de pilão

o — alisador pequeno

p — fragmento de rodela de fuso

q — pilão

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1. AS FORMAS DA CERÂMICA E A ALIMENTAÇÃO

José Proenza Brochado, partindo da hipótese de que deve haver correlação entre o sub-sistema da alimentação, tomado como variável independente, e formado pelas plantas cultivadas e as formas de consumi-las e o sub-sistema de tecnologia, tomado como variável dependente, e formado pela tecnologia utilizada para preparar os alimentos vegetais e o equipamento necessário para o seu funcionamento, estabeleceu a seguinte tese: As principais plantas cultivadas, a importância destas plantas na alimentação e as formas sob as quais são consumidas, se correlacionam com a morfologia do vasilhame de cerâmica usado para a sua preparação. Dessa tese extraiu os seguintes corolários: 1. A presença de vasilhame de cerâmica apresentando determinadas características morfológicas, se relaciona com as principais plantas cultivadas, a importância relativa destas na alimentação e as formas sob as quais são consumidas. 2. A adoção ou abandono de vasilhame de cerâmica apresentando determinadas características morfológicas, indicaria a adoção ou o abandono do cultivo de determinadas plantas e/ou mudanças na importância destas na alimentação e nas formas sob as quais são consumidas. (Brochado, 1977:45).

Para encontrar essa relação Brochado estudou 553 grupos tribais de cultivadores da floresta, que possuem mandioca e usou a seguinte classificação dos vasilhames, apoiando-se nos dados existentes: panela, tigela, jarro, prato ou assador. Esses tipos, na prática, não são nada fáceis de aplicar.

Panela é um recipiente, cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo; algumas vezes a abertura superior é mais ou menos constrita. São utilizadas geralmente para cozer alimentos por meio da sua fervura em água.

Tigela é um recipiente, cuja altura é igual ou menor do que o diâmetro máximo, usualmente não é restringida e o diâmetro maior se encontra na abertura superior.

Jarro é um recipiente, cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo do bojo e que apresenta constrição na porção superior, formando gargalo. É utilizado geralmente para armazenar líquidos.

Prato ou assador é um recipiente, cuja altura é muito menor do que o diâmetro, com base plana ou muito aplanada. As paredes ou bordas destes recipientes apresentam, portanto, sempre pouca altura, mas podem variar desde muito baixas até apenas vestigiais ou mesmo serem inexistentes, e se observa, tanto nos exemplares arqueológicos, como nos etnográficos, que a distribuição das proporções entre as dimensões horizontais e verticais é praticamente contínua, desde os que poderiam ser descritos como alguidares rasos ou tigelas de base plana, até os pratos e os discos sem borda. (Brochado, 1977:71 s).

Em termos gerais, nas tentativas de reconstrução arqueológica, é claro que as inferências feitas através da analogia etnográfica a respeito dos comportamentos pretéritos, só seriam válidas no caso em que vigorassem, na cultura arqueológica, as mesmas condições que se verificam nas situações etnográficas; portanto surge uma interrogação a respeito de desde quando existiriam estas situações.

Na projeção dos dados etnográficos para o passado, é claro que, quanto mais recente for um contexto arqueológico, maior será a probabilidade de que a situação fosse a mesma descrita etnograficamente e mais facilmente se poderiam descartar as influências decorrentes da passagem do tempo, como a aculturação e a evolução interna, que modificariam estas situações. Pelo contrário, quanto mais antigo o contexto arqueológico, menor seria a probabilidade de que as condições fossem as mesmas atuais e maior importância terá o problema de quando se originariam as técnicas e os artefatos atualmente usados e desde quando são cultivadas as plantas alimentícias e suas diferentes variedades, como no caso da mandioca.

São conhecidas as discussões a respeito destes problemas de origem, que incluem a antiguidade do cultivo da mandioca e o seu uso na alimentação, a anterioridade do cultivo da mandioca doce ou amarga, problema que, por sua vez se relaciona ao da antiguidade do uso de determinado equipamento, como o ralador, o tipiti e os pratos de cerâmica para secar farinha e assar o beiju, encarados como tendo sido usados unicamente em conexão

com o processo de preparação de alimentos derivados da mandioca amarga. A este respeito ainda, não se deve confundir a época e o lugar de origem do cultivo da mandioca, com a época e o lugar da invenção da tecnologia para processar a mandioca amarga, já que esta pode ser reconhecida pela presença do equipamento necessário para livrá-la dos glucosídeos cianogênicos, enquanto que o consumo da mandioca doce não exige nenhum equipamento especial que possa ser reconhecido arqueologicamente. (Brochado, 1977:72 s).

A cada forma específica de consumo da mandioca — incluindo a importância desta na alimentação e as variedades a partir das quais são produzidos os alimentos — corresponde, em geral, o emprego de uma única e determinada combinação de vasilhame. Por exemplo, quando a farinha, o beiju e bebida alcoólica são produzidas a partir de variedades tóxicas e não tóxicas, com predominância do cultivo das primeiras, o vasilhame utilizado compreende, quase sempre, panelas, jarros e assadores com e sem bordas ... e, raramente, panelas e assadores planos; quando, no entanto, predomina o cultivo das variedades não-tóxicas, o beiju raramente é consumido e o vasilhame compreende somente panelas e jarros; mas, se, nas mesmas condições, a base da alimentação é mais o milho do que a mandioca são citadas panelas, tigelas e jarros. Porém se se utilizam somente as variedades não-tóxicas, são empregadas mais comumente tigelas, jarros e assadores mais profundos e menos panelas e assadores mais rasos; por outro lado, se se utilizam somente as variedades tóxicas e à combinação clássica se adiciona ainda o mingau, se usam tigelas, jarros e assadores com bordas. (Brochado, 1977:75).

Analisando as relações encontradas, Brochado pensa que existem relações padronizadas, mensuráveis, entre a morfologia de todo o conjunto das vasilhas cerâmicas usadas por cada grupo, e determinadas características de sua alimentação. Existe, portanto, a possibilidade de utilizar como indicadores destas características, não só a presença dos assadores e jarros, mas todo o conjunto das diversas classes de vasilhas recuperadas arqueologicamente. Desta maneira, na forma da tese estabelecida..., identificando a existência de determinadas classes de vasilhas num contexto arqueológico, acreditamos ser possível reconstruir, não só a existência da mandioca e o seu consumo sob uma forma ou outra, mas (1) quais as principais plantas cultivadas e, no caso da mandioca,

quais as variedades cultivadas, (2) a importância relativa destas plantas na alimentação e (3) as formas de consumo da mandioca e, até certo ponto, sua importância na dieta do grupo. (Brochado, 1977:77).

Aplicando o esquema de Brochado à cerâmica das fases por nós estudadas, temos os seguintes resultados:

Na fase Aruanã podemos classificar como panelas as formas 1, 2, 7, 8, 16, 17, 18; como tigelas as formas 3, 4, 9, 10, 11, 13, 19a, 19c, 20a; como jarro a forma 25; como prato, as formas 5, 12, 14, 15, 19b, 20b, 21, 22, 23, 24. Temos um grande número de tigelas e de pratos, embora também haja panelas e jarros. Segundo o esquema proposto "quando num contexto arqueológico as vasilhas recuperadas forem classificadas morfologicamente como panelas, jarros e assadores, ou como tigelas, jarros e assadores ... se pode inferir, através da analogia etnográfica, com praticamente 100% de probabilidade, que a mandioca constituía, sozinha a base da alimentação do grupo, do ponto de vista da obtenção de amido. Existiria de 90% a 94% de probabilidade de que a mandioca tivesse sido consumida sob a forma clássica, farinha, beiju e bebida alcoólica; contra apenas 10% de que tivesse sido consumida unicamente como beiju e apenas 4,6% unicamente como bebida alcoólica". No caso em que predominassem as tigelas, como na fase Aruanã, existiria 66% de probabilidade de que, além da farinha, do beiju e da bebida alcoólica, tivesse sido também consumido o mingau e o conjunto fosse produzido, quase que unicamente, a partir das variedades tóxicas da mandioca. Restaria 24% de probabilidade de que não fosse consumido o mingau e tivessem sido cultivadas unicamente as variedades não-tóxicas. (Brochado, 1977:77s). Essas características se parecem com as do Karajá de Aruanã, que podem ser os continuadores e descendentes dos portadores da fase Aruanã.

A fase Itapirapuã parece encaixar-se dentro do mesmo esquema geral, mas com diferenças quando descemos ao particular. Podemos classificar como panelas as formas 1a, 1b, 2, 3, 8, 9, 16, 17, 18; como tigelas as formas 4, 10, 11, 19; como jarro a 25; como pratos as 5, 6, 11, 12, 14a, 14b, 20, 21. Segundo o esquema, quando num contexto arqueológico as vasilhas recuperadas forem classificadas morfologicamente como panelas, jarros, assadores..., como preponderantemente acontece aqui, existiria 94,5% de probabilidade de que tivessem sido cultivadas tanto as variedades tó-

xicas, como as não-tóxicas da mandioca, com clara ênfase no cultivo das primeiras.

A fase Mossâmedes apresenta, com relação às anteriores, diferenças consideráveis. Como panelas podem ser consideradas as formas 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12; como tigelas as formas 5, 6, 13, 14; como jarros 1, 2, 8, 9, 10, 11; como prato só a 7, com pouquíssimos exemplares. Segundo o esquema, "quando o vasilhame compreender panelas, tigelas e jarros... existiria 77% de probabilidade que a mandioca tivesse ainda sido a base da alimentação, quase que sempre acompanhada (92%) de milho (e bananas, depois do contato com o branco). Restariam 21% de probabilidade que o milho (e/ou bananas) é que tivessem sido a base da alimentação, em vez da mandioca... A mandioca, em todos os casos, teria sido usada apenas para preparar bebidas alcoólicas a partir das variedades não tóxicas (77%). Restariam pequenas probabilidades de que a mandioca tivesse sido usada apenas para produzir farinha, a partir das variedades tóxicas e não tóxicas (10%) ou que tivesse sido consumida como farinha, beiju e bebida, com o beiju raramente usado e o conjunto produzido a partir das variedades tóxicas e não-tóxicas, com ênfase na última.

A fase Itaberá cai ainda mais claramente dentro deste esquema. Panelas podem ser consideradas as formas 1, 2, 5a, 5b, 5c, 6, 9; tigelas 3, 6, 8, 10; Jarros 4, 5b, 7. Não há pratos.

As outras três fases parecem conter nas suas formas elementos das fases Mossâmedes mais Itapirapuã ou Uru e não se encaixam nos tipos encontrados por Brochado. Sob diversos outros aspectos elas também parecem intermediárias ou "mestiças": na base da seriação há aspectos Mossâmedes mais marcados, ao passo que no topo da seriação os elementos são mais Itapirapuã ou Uru.

Na fase Jaupaci podem ser consideradas panelas as formas 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 12; tigelas as formas 4, 5, 6, 13, 14, 17, 18; jarros 16 e 19; pratos 7, 15.

Na fase Uru podem ser consideradas panelas 1, 2, 3, 4, 8, 9, 13; tigelas 5, 6, 10, 11, 15, 16a, 17, 18; jarros 2, 8, 12, 14; pratos 7, 19, 20, 21, 22.

Finalmente, na fase Uruaçú panelas podem ser as formas 1, 2, 3, 11, 14a, 14b; tigelas 4, 5, 6a, 7a, 12, 13, 15, 16; jarros 9, 10, 20; pratos 6b, 7b, 17, 18b, 19.

Na utilização desse esquema a diferença das formas nos daria mais acentuadamente a diferença entre as fases, especialmente a Mossâmedes da tradição Aratu e a Itaberaí, da Sapucaí, que não tem pratos, ou somente poucos, contra as da tradição Uru, que têm pratos. Acentuaría a diferença nas fases da mesma tradição Uru, separando a Aruanã da Itapirapuã e essas duas das outras três.

O grupo Tupiguarani, que entra na área, e cuja cerâmica foi descrita anteriormente (Fensterseifer e Schmitz, 1975:14 ss), tem predominantemente tigelas, pratos e jarros e reduzidíssimo número de panelas, o que o encaixa no mesmo esquema da fase Aruanã.

Os resultados conseguidos com a aplicação do esquema de Brochado dão naturalmente apenas grandes resultados estatísticos, não respostas concretas para casos particulares.

3.2. SÍNTESE DAS TRADIÇÕES E FASES: COMPARAÇÕES

3.2.1. Os materiais (ver quadros 1 e 2)

A fase Mossâmedes, tradição Aratu.

A fase Mossâmedes caracteriza-se, quanto ao antiplástico, por usar elementos minerais e cariapé B, raramente, e em pequena escala, cariapé A. Quanto às formas, por vasilhames grandes e piriformes.

Analisando o quadro de formas da fase Mossâmedes distinguimos claramente conjuntos de bordas inexistentes na tradição Uru. Os conjuntos de bordas típicas constituem, em sua grande maioria, os vasilhames piriformes, de bases arredondadas, com impressões de folhas nas bases. Os vasilhames podem ser de contorno simples ou infletido, predominando os primeiros. Para estes conjuntos de bordas foram criados os modelos de formas 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11.

Nesta fase encontramos um pequeno prato (forma 7), não registrado nas fases da tradição Uru e, ainda, vasilhames construídos de partes da parede central e base do que convencionamos chamar de "forma dupla" (nº 15). A "forma dupla" tem muitos representantes na fase Mossâmedes, ocorrendo um caso isolado na fase Uruaçu, da tradição Uru e um caso no sítio GO-CA-03.

Outro modelo de forma que parece ser bem típico da Mossâmedes, apesar de ser pouco representativo numericamente, é o 12 b, ou seja, uma forma globular com o ponto de inflexão afastado da borda, sendo a borda reta desde o lábio até o ponto de inflexão.

Quanto às modificações nos vasilhames, as mais freqüentes e características em termos de decoração são o rolete dobrado ou exposto na borda, aparecendo tanto no lado interno como no externo e uma ou duas linhas incisas internas ou externas.

Nas amostras recolhidas computamos somente 2 fragmentos de borda e ombro com incisão de unha.

Os detalhes de decoração cerâmica que aparentam ser exclusividade da Mossâmedes são as linhas incisas internas ou externas e os raros ombros. A borda acastelada também é um elemento muito característico desta fase, não obstante estar bem representada na fase Jaupaci, da tradição Uru, nos seus sítios mais antigos, onde outros elementos Mossâmedes também estão presentes.

Aparecem três fragmentos de base perfurados e três fragmentos de borda com perfuração.

Os apêndices são pouco representativos na fase. Encontramos três tipos diferentes de asas, os quais são exemplares únicos desta categoria, dois botões e uma alça. Temos um único apêndice de forma mamilonar.

O banho vermelho é pouco representado, pois encontramos somente três fragmentos com banho vermelho interno.

Quanto aos outros materiais cerâmicos, existe uma quantidade apreciável de fusos, os quais foram classificados em 4 variedades distintas: a primeira caracteriza-se por ser confeccionada a partir de um fragmento de parede de vasilhame, não apresentando uma forma regular; o segundo é um fuso de pouca espessura; o terceiro é muito espesso; o quarto tem forma de sino, quando visto de lado. — Além de fusos temos três fragmentos de carimbos cilíndricos.

Quanto ao material lítico, encontramos na fase Mossâmedes material não transformado, mas usado, como percutores de seixo, quebra-cocos e polidores em canaleta em pequena quantidade; material lascado, sob a forma de lascas de debitagem de calcedônia e quartzo e raspadores laterais; em maior abundância material picoteado, ou semi-polido ou polido: o picoteado ou

semi-polido pode ser percutor, alisador, machado, martelo, prato, pilão e mão de pilão; o polido pode ser lâmina de machado regular com ou sem garganta, ou lâmina de machado semi-lunar; entre os adornos polidos temos dois tembetás, um de corpo médio e outro de corpo longo.

A fase Itaberaí, tradição Sapucaí

A fase Itaberaí caracteriza-se quanto ao antiplástico por usar caco moído e elementos minerais. Quanto às formas apresenta muitas semelhanças com a fase Mossâmedes.

Como acabamento de superfície, além de alisamento, apresenta banho laranja e como decoração, corrugado simples junto à borda ou reforço externo.

Todos os demais elementos, considerados como modificações do vasilhame, como entalhes, perfurações, apêndices, apliques, estão ausentes. Também estão ausentes outros artefatos produzidos em cerâmica, como fusos, carimbos cilíndricos etc.

No material lítico estão presentes o percutor de seico, o quebra-coco, o polidor, o polidor-em-canaleta, o pilão, fragmentos de machado picoteado e polido, a mão-de-pilão, o tembetá. Estes elementos, quando não são elementos comuns às três tradições, coincidem com elementos exclusivos da fase Mossâmedes, como o alisador em canaleta e o tembetá.

Não só a fase Itaberaí está no limite oriental da distribuição espacial da fase Mossâmedes, mas também compartilha com ela uma série de elementos na cerâmica e no lítico.

A tradição Uru

A tradição Uru caracteriza-se, quanto ao antiplástico, pelo cariape A, B, e B', usando em pequena escala antiplástico mineral; este, inexistente na fase Aruanã e pouco representado na Itapirapuã, não está relacionado às formas típicas da tradição Uru, mas às formas da Mossâmedes. Quanto às formas, a tradição Uru se caracteriza pelo predomínio de vasilhames mais rasos, como tigelas e pratos.

O elemento mais característico da tradição Uru são as tigelas e pratos de contorno infletido e borda reforçada, com bases planas ou em pedestal. Para os conjuntos de bordas exclusivos desta tradição foram criados os modelos de formas 13, 14, 15, 16,

17, 18, 19, 20, 21 da fase Uru. — Além desses vasilhames típicos temos, ainda o modelo da forma 12, que são os cântaros ou jarros, com contorno infletido, podendo ter borda não reforçada ou reforçada. — Outro modelo que aparenta ser único (inclusive só aparece nas fases Uru e Uruaçu) é a forma 22.

Quanto às modificações no vasilhame, em termos de decoração, temos um grande número de fragmentos com banho vermelho nas fases Uruaçu e Uru. — Pintura só encontramos na fase Jaupaci, onde temos listas pretas sobre superfície interna natural, e vermelho.

Um elemento característico é o entalhado na borda reforçada em todas as fases da tradição Uru, com exceção da fase Jaupaci. — Na fase Uru temos um fragmento entalhado junto da base. — O inciso com unha na borda aparece nas fases Uru e Uruaçu.

Na fase Jaupaci, aparentemente mais próxima da Mossâmedes, encontramos alguns fragmentos de borda com rolete dobrado ou exposto interno.

Todas as fases, com exceção da Aruanã, tem bordas perfuradas e as fases Uru e Uruaçu têm também bases perfuradas.

Os apêndices aparecem em todas as fases, porém estão melhor caracterizadas na Itapirapuã e Aruanã: asas aparecem em todas, alças na Itapirapuã e na Jaupaci, bastões na Aruanã, Itapirapuã e Uru, botões na Aruanã, apêndices na Uruaçu, na fase Uru também um pequeno apêndice interno.

Os apliques em faixas encontram-se na Aruanã, na Itapirapuã e na Uru, ao passo que as tiras só existem na Aruanã.

Quanto aos outros materiais cerâmicos, temos rodela de fusos nas fases Uruaçu e Uru: na Uruaçu a rodela é feita a partir de um fragmento de parede; na Uru temos fusos confeccionados em fragmentos de parede e outros confeccionados ex-professo, uns de pouca espessura, outros mais espessos e alguns campaniformes.

Carimbos cilíndricos são encontrados nas fases Jaupaci (1), Uruaçu (1) e Uru (3).

Cachimbos moldados foram encontrados na fase Uru e na Uruaçu.

Finalmente na fase Aruanã aparece um elemento exclusivo, o suporte de panela em cerâmica.

A comparação desses elementos entre si e com os da fase Mossâmedes, como se pode ver na tabela, mostra um quadro com-

plexo, reunindo as diferentes fases de formas variadas: fica muito claro que há elementos comuns entre as fases Jaupaci, Uru, Uruaçu e Mossâmedes, que devem estar ligadas a um estrato cultural; e elementos compartilhados de formas variadas por fases da tradição Uru, ou das fases da tradição Uru com a fase Mossâmedes.

Embora não todas as fases da tradição Uru compartilhem os mesmos elementos líticos, se faz uma primeira tentativa de observação dos elementos presentes em oposição aos da fase Mossâmedes.

Parece haver bastantes elementos comuns à fase Mossâmedes e à tradição Uru: entre os materiais usados sem transformação, o percutor de seixo, o quebra-coco, o polidor; entre os materiais lascados, o raspador lateral; entre os picoteados, o percutor, o alisador, a lâmina de machado, o martelo, os pratos, o pilão; entre os polidos, a lâmina de machado com gume biselado, a lâmina de machado com garganta, a lâmina de machado semi-lunar. As duas tradições parecem compartilhar elementos líticos básicos e característicos de grupos horticultores.

Elementos líticos que só existem na tradição Uru e não na fase Mossâmedes são o polidor (bloco não transformado), talhadores unifaciais ou bifaciais, raspadores de seixo, furadores, rodela de fuso.

Elementos líticos que só existem na fase Mossâmedes são polidores em canaleta, mão-de-pilão picoteada, tembetá de corpo médio e longo.

Estas pequenas diferenças no material lítico não permitem confirmar no momento um sistema de abastecimento diferente entre os portadores da fase Mossâmedes e a tradição Uru.

3.2.2. Os sítios (ver quadro 3)

Comparando os dados relativos aos sítios notamos que eles são muito semelhantes e as diferenças são ainda pouco marcadas.

Algumas fases estão em áreas exclusivas delas, como a Aruanã, a Itapirapuã, a Uruaçu, a Mossâmedes II. Outras fases ocupam áreas simultânea ou sucessivamente: assim partes da periferia da Mossâmedes I, depois são ocupadas pela fase Uru, a fase Jaupaci e a Iporá (tradição Tupiguarani).

Olhando a implantação dos sítios no seu ambiente, nota-se que só alguns sítios da fase Aruanã estão realmente perto de cur-

sos de água maiores, concretamente junto de lagos de barragem. Os demais sítios estão afastados de cursos de água maiores, mesmo quando no quadro estão indicados como próximos da rede principal de drenagem; é que a drenagem principal é constituída aí por rios muito pequenos, formadores dos rios principais. O abastecimento de água em todas as fases, excluídos os mencionados sítios de Aruanã, é feito em córregos perenes, pouco distantes da aldeia.

O terreno sobre o qual está a aldeia, na fase Uruaçu, podem ser as pequenas várzeas dos córregos; geralmente os sítios estão implantados em chapadas ou morros baixos e amplos, encontrando-se com mais freqüência em suaves encostas próximas dos cursos de água; às vezes no plano da chapada ou no topo levemente arredondado de morros; muito raramente em terrenos mais acidentados, tratando-se neste caso de pequenos acampamentos; também deve ser considerado acompanhamento a ocupação de um abrigo na fase Uruaçu.

A vegetação dos locais dos sítios geralmente é uma combinação de mata (ciliar ou mais extensa), cerradão e cerrado. As fases Aruanã e Uru estão em áreas de matas mais fechadas, mas isto não parece ser importante em si para separá-las das outras fases.

Também não parece decisiva a cota altimétrica, embora em termos gerais as fases da tradição Uru (excluída a fase Uruaçu, que está no alto da serra) e da fase Iporá, tradição Tupiguarani, estejam normalmente em cotas altimétricas mais baixas, na proximidade dos rios; ao passo que a fase Mossâmedes e a fase Itaberaí se encontram em cotas mais altas na encosta baixa das serras.

Onde realmente se percebem diferenças mais claras é na disposição das concentrações de cerâmica, indicadoras da forma da aldeia. Novamente a fase Aruanã é bem característica com uma disposição linear, que poderia ser dupla, de pequenas moradias na proximidade de lagos. A Uru também parece ter uma disposição linear, mas de moradias grandes dispostas transversalmente ao alinhamento. As fases Itapirapuã, Jaupaci, Mossâmedes e Itaberaí parecem apresentar aldeias dispostas ao redor de espaços vazios que podem ser em ferradura, circulares ou elípticas. A forma das aldeias Tupiguarani, por serem poucos os sítios, não ficou esclarecida.

O tamanho do sítio sozinho dificilmente nos dá uma idéia da população reunida porque as moradias podem estar mais ou

menos próximas. Mesmo assim, comparando as fases, temos algumas que parecem ter aldeias maiores que outras como a Mossâmedes, especialmente no seu primeiro momento (1); as aldeias menores em tamanho certamente estão na Uruaçu. Na fase Iporá, que parece ter pouca estabilidade na área temos apenas algumas aldeias autônomas, tratando-se em vários outros casos de pequenos núcleos encostados em sítios da fase Mossâmedes ou Jaupaci.

A espessura das camadas arqueológicas, que vai de 10 a 30 cm, está indicando uma duração pequena.

Pelo tamanho dos sítios, a implantação no terreno, a quantidade de material arqueológico e a espessura das camadas podemos dizer que aparentemente a maior parte dos sítios das diversas fases são aldeias destinadas a uma certa permanência; alguns sítios são provavelmente de acampamentos com breve duração e população pequena, que poderiam estar destinadas a atividades especiais.

As 7 datas de C14 nos dão um apoio razoável para a cronologia das fases, mas há necessidade de estimativas para termos uma idéia mais completa do movimento colonizador da área. Nossa estimativa é que as diferentes fases, excluídas talvez a Itaberai e a Iporá, com informações ainda inseguras, tenham chegado até a conquista branca dos respectivos territórios; esta conquista se deu a partir do século XVII, mas em algumas áreas só foi completada no século XX, restando em pontos isolados indígenas, prováveis descendentes de alguma das fases estudadas, como a Aruanã que pode ter descendentes nos Karajá de Aruanã. — Mais difícil é a estimativa do começo das respectivas fases. Acreditamos que a mais antiga na área seja a Mossâmedes, da tradição Aratu, que, embora perdendo na periferia algum terreno para a Uru, mantém até o fim com exclusividade uma grande parcela do território, especialmente as bordas baixas das serras; o seu começo pode recuar ao século II, ou talvez ainda mais. Outra fase antiga parece a Itapirapuã, que poderia ser responsável pelo movimento de expansão da tradição Uru sobre territórios antes ocupados pela Mossâmedes. A seguinte talvez seja a tentativa da fase Iporá de colonizar a área ao longo do rio Claro, embora sem muito êxito. Todas as demais fases parecem afirmar-se no território ao redor do século X: a Uru e a Jaupaci ocupam territórios anteriormente pertencentes à Mossâmedes I, que termina ao redor do século X; ao redor deste tempo se afirma também a Aruanã. — Ainda temos pouco

apoio para o estabelecimento da fase Uruaçu, que na sua parte mais antiga é parecida com a Mossâmedes e depois se torna caracteristicamente da tradição Uru. — Também ainda estamos sem nenhum apoio cronológico para a fase Itaberaí, que pensamos ser recente, mas sem nenhuma segurança.

Como se vê, a classificação feita pela cerâmica e a separação em tradições tecnológicas diferentes não é correspondida, na mesma escala pelas características dos sítios. A fase Mossâmedes, da tradição Aratu, parece ter uma forma bastante definida da aldeia, circular ou elíptica, ao redor de um espaço vazio. Mas as fases da tradição Uru apresentam morfologias aparentemente discordantes, sendo uma para a fase Aruanã, outra para a Uru, outras para a Itapirapuã, a Jaupaci e a Uruaçu.

Isto provavelmente está indicando que o fato de compartilharem alguns elementos comuns, não quer dizer que constituam uma sociedade e cultura uniforme.

3. Comparação dos Sítios das Diversas Fazas

Faça	Município	Bacia Fluvial	Dist. p/ o sítio principal em km	Dist. p/ o sítio principal + proc. em m	Varões	Planô (emp.)	Alto do sítio	Vegetação do arredores	Criação alim. da vaca	Hierarquia das construções	Tamanho das edificações em m	Epoca da casa arqueol. em cu	Idade de CIA	Cronologia estimada
Amaz. t. Urú	Britânia	F. Araguá F. Vermelho	0,1 - 17	0 - 210	X	X	X	X	200x500 m	liniar (?) dupla (?)	size maior 650x160	10 - 30	A.D.190C 75 A.D.190C 70 (muito da construção)	séc. X - XX
Itapirapá, t. Urú	Itapirapá Jussara	F. Vermelho	2 - 49	70 - 335	X	X	X	X	± 440 m	em forma de 1x	565 x 7 375 x 7	10 - 20	mais antigas até séc. XVIII	
Urú, t. Urú	Botensf Carro do Rio Verde Cruzeiro Urmas	F. Urú	0,5 - 7,5	60 - 800	X	X	X	X	610x800	liniar, com construções transversais	600 x 260 470 x 100 270 x 100 120 x 105	10 - 30	A.D.190C 90 A.D.1970 90 (muito da construção)	séc. XI - XVIII
Uruga, t. Urú	Hidrolim Itapei	F. Almas F. S. Patrício	6 - 30	5 - 80	X	X	X	X	670x450	em forma de liniar	265 x 105 120 x 120 120 x 110 110 x 95 110 x 95	10 - 30		? - séc. XVIII
Jaquei, t. Urú	Jaquei Sociedade Clara Jatarda, Nova	F. Claro	0,6 - 18	45 - 530	X	X	X	X	320x450	áreas cont. em oval com pátio	460 x 320 360 x 240 360 x 240 190 x 160 41 x 17	10 - 20		séc. XI - XVIII
Sociedades t. Aratu	Aratus Sociedades Botensf Goiatuba Itaperai	F. Turvo F. Claro F. dos Bois F. Urú F. Mel-Vente F. Securi	0,12 - 5	100 - 530	X	X	X	X	600x800	circular com pátio	400 x 300(+) 140 x 120 140 x 120	15 - ?	A.D. 990C 75 (muito da construção)	séc. X - XVIII
Sociedades t. Aratu	Jaquei t. Aratu	F. Claro F. dos Bois F. Almas	0,5 - 12	70 - 700	X	X	X	X	600x800	circular em elíptico com pátio	400 x 360 300 x 150 150 x 50 (em tip.)	10 - 30	A.D. 810 ± 80 A.D. 880 ± 105 (muito da construção)	séc. II - X
Itabensf, t. Sapucaí	Itabensf Itaperai	divisor de águas F. Corumbá F. Claro	21 - ?	300 - 330	X	X	X	X	600x900	circular (?) mão direita	200 x 150 310 x 260 100 x 100 70 x 40	10 - ?		sem dados
Itaperai, t. Sapucaí (Fonstaterfer Itaperai t., 1977)	Jaquei Sociedade Clara Parada, Nova Sociedades	F. Claro	0,5 - 20	90 - 300	X	X	X	X	320x600			20 - 30		séc. II - XV

3.3. RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA CULTURAL

Os caçadores pré-cerâmicos estão representados na área só pela fase Paranaíba, no extremo norte do território estudado, onde se encontra o sítio-abrigo GO-NI-49, datado em 10.750 anos A.P. e sítios superficiais estudados pela UFGO. Até agora não se encontraram sítios pré-cerâmicos mais recentes, para cuja localização se necessitam provavelmente técnicas diferentes das que nós usamos nesta primeira aproximação. Mas na periferia, tanto na bacia do rio Caiapó, como na do Verdinho, temos assentamentos, nos abrigos, de grupos pré-cerâmicos, tanto da fase Paranaíba como da fase Serranópolis (Schmitz, 1980a), que provavelmente preenche o espaço entre os caçadores antigos da fase Paranaíba e os horticultores aqui estudados.

Se a fase Paranaíba está ligada a um grande horizonte do começo do Holoceno, que se estende pelo Nordeste (Schmitz, 1980 b; Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981b), a fase Mossâmedes ainda não tem muito definidos os seus parentescos (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981 a e b).

Os primeiros grupos ceramistas, horticultores, da área pesquisada, são os da fase Mossâmedes, do grande bloco Aratu/Sapucaí (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981 c), que ocuparam o centro e nordeste do país. Estes grupos estavam mais densamente assentados numa faixa da borda do divisor de águas entre o Amazonas e o Paraná, que se estende de leste a oeste, do Paranaíba ao Araguaia, entre os paralelos de 16 e 17° de latitude sul. Os sítios estão em terrenos ondulados, intensamente irrigados, da borda baixa das serras. A vegetação, onde os sítios parecem ocorrer com maior densidade, é a mata tropical do chamado "Mato Grosso de Goiás", mas numa grande extensão da área os sítios estão próximos a mata de galeria entre o cerrado ou cerrado. Os assentamentos se encontram sobre encostas suaves, na proximidade de córregos de águas perenes e não na proximidade de rios; o que parece indicar não terem sido canoeiros; as aldeias podiam alcançar 400 m de diâmetro, quando grandes; ou não passar de 140 m de diâmetro, quando pequenas. O povoamento é aglomerado, não disperso. Sempre que se puderam perceber suficientes indícios das habitações, o conjunto das moradias apresenta uma disposição circular ou elíptica ao redor de um espaço vazio. Não se tem notícias de acampamentos em abrigos, que são extremamente raros na região. Ainda não temos condições de distinguir com

precisão o que seriam aldeias propriamente ditas e acampamentos ocasionais.

O grupo parece ter sido um típico horticultor estabelecido dentro, ou na beira, da mata, mas geralmente também na proximidade dos ricos cerrados que poderiam oferecer quantidades grandes de vegetais naturais durante certas épocas do ano, especialmente durante o período das chuvas. As proteínas necessárias, na falta de animais domésticos, deveriam ser procuradas nos cerrados, matos e rios.

A cerâmica, que forma os resquícios preservados mais abundantes, é composta de tigelas, de panelas para cozinhar e de jarros para guardar e preparar líquidos ou sólidos. É simples e sem decoração, como a dos grupos horticultores de Minas Gerais e Bahia, pertencentes às mesmas tradições. Entre os modelos reconstituídos existe uma forma dupla (dois pequenos recipientes ligados), que pode ser usado como um dos indicadores da fase. É diferente da cerâmica produzida pelos grupos horticultores mais ocidentais e mais setentrionais do estado, que se encaixam na tradição amazônica e que, no seu contexto, inclui um número considerável de pratos.

Entre os artefatos líticos encontrados dentro, ou nos arredores, dos sítios destacam-se, por sua abundância, os machados polidos e semi-polidos, geralmente de formas simples, mas também com uma forma semi-lunar característica, de difusão maior no planalto brasileiro e que chega até o Rio Grande do Sul. Característicos são também pilões e pratos de pedra-sabão.

Ainda não sabemos quando teriam povoado a área, nem como e onde se teriam originado. O momento que a datação radiocarbônica fixou já é o começo do século IX de nossa era. Para o mesmo momento também são as datas mais antigas de Minas Gerais e da Bahia. É bem claro que o grupo é muito mais antigo: ao menos em Goiás antecede ao momento datado um povoamento já longo, cobrindo toda a área antes assinalada. Desse modo devemos recuar o começo da colonização ao menos mais alguns séculos, chegando provavelmente ao começo de nossa era.

O fim da fase deve ter começado com a conquista branca da área, no ciclo do ouro, no século XVII, e terminado com a colonização através do estabelecimento de fazendas de criação e cultivo em período ainda posterior. É provável que a população, deculturada devido a pressões brancas e indígenas, corresponda aos tão

temidos Kayapó do Sul, que são assinalados para a região nos mapas do século XVIII e XIX, como veremos mais adiante.

Este horticultor pré-histórico, que partilha do sistema de abastecimento característico do Centro e Nordeste, com uma combinação de recursos, onde a mandioca tóxica parece não ser importante, ou mesmo inexistente, enfrenta na sua história o avanço de grupos limítrofes, que dão grande importância a essa planta e à utilização de suas raízes. O primeiro grupo, que atinge a periferia do seu território, vem da bacia do Araguaia e deixa a sua influência marcada, no quadro tecnológico da fase Mossâmedes, pela substituição progressiva do antiplástico mineral por um antiplástico vegetal, conhecido como cariapé. Se essas influências provêm de um contato pacífico ou conflituoso, futuras pesquisas vão dizer. Esse contato se deu bastante antes do século IX, sendo prematuro dizer quanto. Na realidade quase toda a área do Araguaia e a do Tocantins está ocupada por horticultores com tradições mais acentuadamente amazônicas, sobressaindo na proximidade os grupos da fase Aruanã e Itapirapuã, que poderiam ter proporcionado os elementos e contatos para esta transformação.

Um pouco antes do século IX aparecem na área os horticultores Tupiguarani que, aparentemente, tiveram pouco êxito, pois deixaram poucos sítios na bacia do rio Claro, talvez também em outros locais sobre o Paranaíba. Em duas aldeias fronteiriças do grupo Mossâmedes parecem ter sido incorporadas famílias Tupiguarani, mas em definitivo eles não exercem influências sobre o desenvolvimento tecnológico do grupo Mossâmedes.

No começo do século IX os horticultores do grupo Mossâmedes original sofrem modificações consideráveis na sua tecnologia e talvez no abastecimento, devido às influências que vem do lado do Araguaia. Os grupos Mossâmedes, que estão mais para o ocidente (rios Claro e Uru) assumem progressivamente tecnologia do tipo amazônico, representada especialmente na utilização de uma variedade de cariapé (A) e em formas de cerâmica ligadas ao processamento da mandioca tóxica. Assim surgem as fase Jaupaci e Uru, que são classificadas na tradição Uru. Sobre a margem esquerda do rio Corumbá há um sítio com formas Uru e Mossâmedes, mas com antiplásticos da última, que ainda está sem classificação. O grupo Mossâmedes estabelecido mais para o sul, na bacia do Caiapó, aparentemente sofre as modificações características do resto da Mossâmedes: a intensificação do uso de cariapé B,

outra variedade que o dos grupos do Araguaia. Se também houve mudanças em outros aspectos da tecnologia não sabemos. Percebe-se claramente que neste período do grupo Mossâmedes (II), que mantém as suas tradições originais, estas parecem ter sido reafirmadas e o território original defendido contra o avanço dos demais grupos Mossâmedes transformados, dos Uru originais, dos Tupiguarani e dos Itaberai.

Este grupo Mossâmedes e os que têm substrato Mossâmedes apresentam outras características em comum, diferentes das características dos grupos puros da tradição Uru. Lembramos aqui apenas os carimbos cilíndricos existentes na fase Mossâmedes (II), nas fases Jaupaci, Uru e Uruaçu, mas totalmente ausentes nas fases Aruanã e Itapirapuã.

A fase Jaupaci, aparentemente do antigo substrato da Mossâmedes (I), incorpora mais rapidamente os elementos tecnológicos da tradição amazônica, provavelmente devido à proximidade desses grupos representados pela fase Itapirapuã, muito próxima. A intensificação dessa transformação deve ter-se dado após o século IX. As suas aldeias já se encontram mais perto do rio (Claro), mas não sobre o mesmo, ao passo que as aldeias Mossâmedes do mesmo local estão mais longe, nos contrafortes das serras. Também numa aldeia dessa fase temos, aparentemente, a incorporação de elementos Tupiguarani, cujas aldeias continuam dispersas na bacia do rio Claro até o século XV ou talvez mais.

A fase Uru, aparentemente também nascida do substrato da Mossâmedes (I), teria uma modificação mais complexa. Ela assume a tecnologia da mandioca tóxica, mas, enquanto na fase Jaupaci se reconhece a morfologia original da aldeia Mossâmedes (circular ou elíptica), na fase Uru temos uma aldeia de morfologia completamente diferente (alinhada, com as casas transversais ao alinhamento). Também acontece com certa freqüência que, na mesma aldeia, temos a presença da tecnologia antiga e da nova, que podem estar em locais (casas) separados do mesmo estabelecimento ou justaposta no mesmo local (na mesma casa). Ainda está completamente obscuro o que está por trás desses fenômenos, por exemplo se se trata de uma população Mossâmedes em modificação tecnológica, se se trata da mistura de dois grupos (Mossâmedes e Uru), ou se se trata de um grupo Uru aculturado na fronteira com a Mossâmedes. A influência amazônica poderia chegar pela bacia do rio Vermelho. Os sítios estão em terrenos não muito afastados do rio Uru, mas nunca sobre o mesmo.

Sobre o grupo da fase Uruaçú temos ainda dados insuficientes. Está assentado dentro de uma área de cerrado com mata de galeria, na serra, ocupando aldeias pequenas em vales estreitos de córregos. É possível que se trate de uma área complementar dentro de um território, que poderia abranger áreas baixas do vale do rio das Almas ou do Araguaia. O fato de existir cerâmica em abrigos pode sugerir que se poderia tratar de sítios de ocupação estacional. Do mesmo jeito o fato de colocar as aldeias nos pequenos espaços de várzeas, normalmente reservadas para a plantação.

O início da fase parece estar dentro de um substrato semelhante ao Mossâmedes, embora não da fase deste nome, assumindo depois os elementos tecnológicos da tradição amazônica.

Essas influências amazônicas sobre um substrato ou começo Aratu ou Sapucaí se restringe por enquanto ao estado de Goiás, não tendo sido registrada pelos arqueólogos em Minas Gerais ou na Bahia. Poderia ser considerada então um fenômeno de fronteira entre as duas grandes tradições agrícolas (do planalto e da Amazônia). Mas como as áreas ainda são fracamente pesquisadas, esta impressão pode ser modificada com o tempo.

Na área do Centro-Sul de Goiás, existem duas fases que não parecem estar ligadas ao substrato Mossâmedes, mas desde o começo são marcadamente amazônicas: a Itapirapuã e a Aruanã. Apesar de as duas fases apresentarem entre si muitos elementos semelhantes, especialmente na tecnologia manifestada na cerâmica, em outros elementos apresentam diferenças marcadas, como na localização do sítio, nas suas dimensões e em artefatos. Como essas duas fases conhecidas são diferentes entre si, é provável que haja outras fases na grande extensão intocada do Araguaia e do Tocantins; de uma forma ou outra poderiam ter influenciado na área em estudo e poderiam então explicar as diferenças observadas na fronteira, com relação ao substrato Mossâmedes dos terrenos ondulados da borda das serras, onde incorpora elementos reconhecidos como amazônicos.

A Itapirapuã, que parece a mais antiga dessas duas fases, é por sua vez a mais próxima aos terrenos ocupados pelo grupo Mossâmedes. Com isso ela poderia ser o motor de transformação que age sobre o substrato Mossâmedes (I) e o transforma, por um lado, em fase Jaupaci e Uru e, por outro, em Mossâmedes II. Parece tratar-se de horticultores com aldeias médias a pequenas, aparentemente em forma de ferradura, colocadas em chapadas ou decli-

A fase Itaberaí é periférica ao território da Mossâmedes, estando representada por apenas dois sítios, no limite nordeste do mesmo. O fato de a mesma não aparecer em direção ao Araguaia nos faz pensar que a sua área de origem deve ser Minas Gerais ou Bahia, o que é confirmado por algumas características da cerâmica, semelhantes às dos horticultores da tradição Sapucaí, que dominam o território meridional de Minas Gerais, especialmente o uso de caco moído como antiplástico. Também no oeste da Bahia, no município de Correntina, encontramos forte utilização de caco moído, o que parece confirmar que as relações da Itaberaí estão para o leste. Não temos outras informações para a história deste grupo.

Na área temos ainda a tentativa de estabelecimento de grupos Tupiguarani, ao longo e na proximidade do rio Claro, afluente do Araguaia (Fensterseifer e Schmitz, 1975), onde antes do século IX estão em contato com o grupo da fase Mossâmedes e um pouco mais tarde com a fase Jaupaci. Também na bacia do Paranaíba aparecem sítios Tupiguarani, dentro ou na proximidade do território da Mossâmedes (Andreatta, 1977). Apesar de o Tupiguarani não ter tido muito sucesso na área, ele permanece ao menos até o século XIV-XV.

Resumindo, podemos dizer que, na periferia da área ocupada pela fase Mossâmedes, houve tentativas mais ou menos bem sucedidas de ocupação por outros grupos: os da fase Itaberaí, do leste; os Tupiguarani do sul, ao longo do Paranaíba e do oeste, ao longo do rio Claro; os da tradição Uru, do norte e oeste, do Araguaia e do Tocantins; estes últimos foram os que, aparentemente, tiveram maior influência, transformando inclusive populações da fronteira.

Saindo da área central de nosso relato, um pouco mais para o sul, na bacia do Caiapó e na bacia do rio Verdinho, está presente um outro grupo de cultivadores, a fase Jataí, tradição Una. A tradição Una, existente também nos estados de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo (Dias, 1969a, b, c, 1976/7; Dias e Carvalho, 1980; Perota, 1971; Brochado e outros, 1969; Schmitz, Barbosa, Ribeiro, ed., 1981a), está ligada aqui a acampamentos de grupos horticultores em abrigos, que possuem cerâmica de pequeno tamanho, predominantemente fabricada com antiplástico mineral. Os horticultores da fase Jataí plantavam milho, feijão, amendoim, cucurbitáceas. Até hoje não se encontraram outros tipos de assen-

tamentos, mas apenas os seus acampamentos nos abrigos, não se sabendo se realmente os teriam.

Sítios da fase Jataí aparecem nos abrigos formados nas escarpas da bacia do Caiapó; em locais mais próximos aos córregos e ao rio temos aí sítios da fase Mossâmedes. Acreditamos que o grupo da tradição Una tenha abandonado o terreno quando entraram os horticultores Mossâmedes.

Ainda mais para o sul, em abrigos do rio Verdinho, onde a Mossâmedes não chegou, a tradição Una, como fase Jataí, aparece desde A.D. 950; o Tupiguarani também se estabelece aí no seu avanço para o norte. Provavelmente a tradição Una está ligada à exploração de um ambiente diferente do ambiente das tradições Tupiguarani, Aratu e Uru, no estado de Goiás, pois se encontra numa faixa onde o cerrado predomina sobre a mata. A tradição Una era, até há pouco tempo, a tradição cerâmica mais antiga do planalto, alcançando, em Minas Gerais, a data de A.D. 110. Recentemente apareceram, ligadas à tradição Una (fase Unai), em Minas Gerais, datas muito mais antigas: mais ou menos 1.800 a 1.900 a.C. (Dias, in Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981c), com o que ela se candidata a ser uma das raízes dos grupos horticultores do planalto. Também recentemente apareceu uma datação igualmente antiga no centro de Goiás para elementos provavelmente do substrato da tradição Aratu, fase Pindorama (Schmitz, Barbosa, Miranda, MS), que também deve estar ligada ao desenvolvimento dos cultivos no planalto.

Se captamos esses cultivadores na área do Centro-Sul apenas em tempos relativamente recentes, já então perfeitamente estruturados, não quer dizer que essas culturas se estejam formando nesse momento tardio, ou que nesse momento elas cheguem ao local, através de migrações de outros locais. Tomando em consideração as datas antigas para cerâmica do substrato Aratu e Una por um lado, que remontam a mais de 1.900 a.C. e por outro lado o achado de milho em diversas grutas e abrigos de Minas Gerais com datas ainda mais recuadas, pode-se admitir que o sistema agrícola do planalto brasileiro deve ter-se desenvolvido em períodos bastante mais antigos do que pensávamos. São populações estabelecidas em áreas predominantemente de cerrados com galerias ou manchas mais ou menos grandes de matas. Ainda não foi verificado em que proporções essas populações complementariam, nas diversas etapas do seu desenvolvimento o cultivo de

suas roças com a exploração dos recursos naturais do cerrado e do mato.

Todos esses grupos ocupam espaços, onde se conseguem manter com bastante estabilidade e que certamente estão ligados à exploração de determinados ambientes ecológicos: a fase Jataí mais próxima das grandes alturas, ocupando abrigos formados pela erosão dos arenitos na área mais meridional de nossa área de pesquisa; o grupo Mossâmedes ocupando a borda baixa das serras; a tradição Uru colonizando as terras mais baixas a partir do Araguaia ou do Uru/Almas; o Tupiguarani explorando também os vales dos rios maiores, tanto os afluentes do Araguaia, como os do Paranaíba. Na área de nossa pesquisa os grupos se encontram, podendo-se observar então os fenômenos de fronteira, que já estivemos comentando.

Por que existe aí uma fronteira estável, que aparentemente durou muito tempo? Praticamente ainda não sabemos nada sobre isso. É provável que cada um dos grupos horticultores tenha conseguido uma adaptação ecológica efetiva no seu ambiente e desenvolvido sistemas de defesa, e com isso ele tenha tido vantagens sobre todos os outros grupos que o tentem expulsar. A criação dessas adaptações ecológicas provavelmente é um fato histórico, ligado às populações que estavam no lugar ou que aí chegaram primeiro. A entrada de outros grupos se faz geralmente em pequenos trechos de fronteira não efetivamente ocupados, ou em trechos que apresentam ambiente favorável para a cultura do povo que está chegando. Essa população advéncia pode ser incorporada, parcialmente, pelos moradores mais antigos (relação Mossâmedes-Tupiguarani), ou fazer contatos eficientes com a nova população, absorvendo-a ou transformando-a (relações Uru-Mossâmedes). Mas tudo indica que o sistema agrícola dos diversos grupos tenha tido valores equivalentes, o que não daria vantagens muito grandes a nenhum deles, com relação aos outros, sendo então decisivas as vantagens conseguidas com adaptações ecológicas regionais bem sucedidas sobre eventuais vantagens tecnológicas dos grupos vizinhos. Isso não impede que determinados elementos, provavelmente devido à sua maior eficiência ou utilidade, se espalhem, como por exemplo o cariapé, que substitui completamente o antiplástico mineral na fase Mossâmedes e na tradição Uru, ao passo que o caco moído se afirma na tradição Tupiguarani e na fase Itaberá da tradição Sapucaí.

3.4. AS FASES ARQUEOLÓGICAS E OS GRUPOS ETNO-HISTÓRICOS

Quando comparamos os limites espaciais das fases arqueológicas com a distribuição dos grupos etnográficos dos séculos XVIII e XIX, ressaltam certas coincidências que desejamos comentar.

Fase Mossâmedes e Kayapó do Sul

O território atribuído aos Kayapó do Sul coincide, até nos detalhes, com a ocorrência de sítios da fase Mossâmedes, tradição Aratu. Para isso podemos usar tanto as informações compendiadas por C. Loukotka (1968), como por Nimuendajú (1942, 1946).

Os Kayapó do Sul estão localizados, segundo eles: sobre a margem direita do rio Corumbá, sobre o rio Meia Ponte e o rio Turvo, afluente do Paranaíba; ao sul do rio Vermelho (no mapa, sobre o rio Caiapó e mais para o sul), na bacia do Araguaia. Eles não estão indicados para os demais afluentes do Araguaia, do Claro para o norte, nem para os outros afluentes do rio Paranaíba, do Turvo para o sul, nem do Corumbá para o norte, nem sobre o Uru/Almas ou Tocantins.

A maior parte da área indicada foi por nós pesquisada, obtendo amostras dos grupos ceramistas e dos pré-cerâmicos. Há sítios da fase Mossâmedes sobre alguns dos afluentes do Paranaíba, como se pode ver no mapa da distribuição das fases e sítios. A área dos demais afluentes também foi percorrida, mas sem continuarmos encontrando o mesmo grupo. Pelo contrário, sobre os rios Claro e Verdinho, registramos sítios da tradição Tupiguarani a céu aberto e sítios da tradição Una nos abrigos. — Sítios da fase Mossâmedes aparecem novamente sobre a parte alta do rio Uru, sobre o rio Fartura, afluente da margem direita do rio Claro e sobre a margem esquerda deste último, bem como na bacia do rio Caiapó.

Tanto a coincidência positiva, da presença dos sítios da fase Mossâmedes na área atribuída etno-historicamente aos Kayapó do Sul, como a negativa, da ausência de sítios desta fase em áreas para as quais não há notícias desta tribo, nos leva à suposição, até qualquer comprovação em contrário, de que os Kayapó do Sul podem ser descendentes do que nós arqueologicamente, identificamos como fase Mossâmedes.

Há outras coincidências entre o material arqueológico e o etno-histórico. A aldeia dos Kayapó do Sul é descrita como circu-

lar, ao redor de um espaço vazio. (Lowie, in Steward, 1946). Alguns dos croquis de sítios da fase Mossâmedes também parecem corresponder a uma deposição anular das concentrações cerâmicas, o que não ocorre com os sítios da fase Aruanã, Uru e Uruaçu, da tradição Uru. — Os cultivos registrados para os Cayapó do sul são o milho, a batata doce, o inhame, não a mandioca. A aplicação de testes estatísticos relativos à cerâmica de horticultores da Amazônia fornece um certo parâmetro que leva à suposição de que a cerâmica da fase Mossâmedes não foi empregada para preparo e transformação de mandioca amarga, ao passo que a aplicação às fases da tradição Uru indicava uma alta probabilidade de o uso e a transformação da mandioca amarga ter desempenhado um papel importante no seu sistema de subsistência. — As informações de que cultivavam e fiavam algodão em tempos recentes talvez possa ser estendida ao passado se tomarmos em consideração que desde os sítios mais antigos aparecem rodela de fuso.

Nos sítios arqueológicos ainda aparecem carimbos cilíndricos, certamente usados para pintura corporal e tembetás de pedra em forma de T, para as quais não temos informações etno-históricas.

As aldeias da fase Mossâmedes estão longe dos rios, o que parece indicar não terem sido canoeiros.

Se o território dos Kayapó do Sul corresponde ao da fase Mossâmedes, devemos poder postular que nas demais áreas indicadas como pertencentes ao território dos Kayapó do Sul deve aparecer material da fase Mossâmedes. São as seguintes: dentro de Goiás os formadores do Alto Araguaia, ao sul do rio Caiapó; no Mato Grosso do Sul, alguns afluentes da margem direita do rio Paraná; em Minas Gerais, o Triângulo Mineiro; em São Paulo, o noroeste. Para todas essas localidades ainda não temos uma pesquisa arqueológica utilizável. Para o noroeste de São Paulo sabemos que havia sítios da mesma tradição Aratu, à qual pertence a fase Mossâmedes, mas desconhecemos pormenores.

Segundo o mapa da distribuição dos grupos etno-históricos, verifica-se a presença de outros grupos Jê, que limitam ao norte com os Kayapó do Sul. Do ponto de vista lingüístico eles pertencem a um dos outros grandes ramos em que são divididos os Jê. Este limite lingüístico coincide com o limite arqueológico, baseado principalmente em elementos tecnológicos e culturais e, se a área dos Kayapó do Sul coincide com a fase Mossâmedes, da tradição Ara-

tu, a destes outros grupos coincide com espaços ocupados pela tradição Uru.

Fases Itapirapuã, Uru, Uruaçu etc coincidindo com o território Akwên-Xavante

Onde, em tempos históricos, terminam os Kayapó do Sul, em direção norte, começam grupos de Akwên-Xavante ou Akroá, que para Loukotka são das línguas Jê do leste, para Nimuendaju e Mason são Jê centrais. O que importa é que eles são do outro grande grupo Jê e não do mesmo que os Kayapó do Sul. Em outras palavras, são diferentes lingüísticamente, embora dentro da mesma grande denominação jê.

Arqueologicamente não podemos captar a diferença lingüística, mas outros indicadores, que podem mostrar que estes grupos, lingüísticamente diferentes, o são em muitos outros aspectos. Arqueologicamente notamos uma diferença marcada na cerâmica e em alguns outros elementos, reforçando exatamente a fronteira lingüística entre os grupos Jê. A maior diferença entre os dois grandes grupos Jê é que os Kayapó do Sul não são mandioqueiros, os Akwên-Xavante e Akroá são mandioqueiros.

Procurando, então, aproximar nossas fases dos grupos etno-históricos, temos como primeiro os chamados Goyá, no alto rio Vermelho, que se teriam fortificado, na luta contra o branco, na proximidade da desembocadura do rio dos Bugres (rio dos Índios), no rio Vermelho. Exatamente aí temos a quase totalidade dos sítios da fase Itapirapuã, considerada por nós a mais antiga dessa região. Segundo Loukotka, os Goyá seriam das línguas Jê do leste, portanto diferentes dos Kayapó do Sul. Efetivamente a cerâmica não tem praticamente nada em comum com a da fase Mossâmedes. As concentrações cerâmicas estão dispostas em forma de ferradura. — Quanto os Goyá, rapidamente exterminados na ocupação do território, diferiam dos Akwên-Xavante que sobreviveram na região, ou se eram idênticos, não sabemos.

Duas áreas vizinhas, a bacia do rio Claro e o alto rio Uru, antes esparsamente ocupados por sítios da fase Mossâmedes, vão ser ocupadas por aldeias nas quais cada vez é mais usada a cerâmica da tradição Uru. Nossa idéia é de que talvez tenha havido aculturação na fronteira, que poderia partir da fase Itapirapuã (ou Goyá), atingindo populações Mossâmedes (ou Kayapó do Sul), do que resultariam nossas fases arqueológicas Jaupaci e Uru.

Mais para o norte estão assinalados, em tempos históricos, os Akwên-Xavante, que teriam ameaçado seguidamente o arraial de Pilar. Nossa fase Uruaçu está dentro da área assinalada a este grupo e é da tradição Uru.

As fases Itapirapuã, Jaupaci, Uru, Uruaçu têm em comum elementos que para nós são muito diagnósticos, como formas de cerâmica e a utilização de um determinado antiplástico (cariapé A). Parecem estreitamente aparentadas entre si. O que representaria este parentesco? Mas as fases Jaupaci, Uru e Uruaçu também têm elementos comuns que as separam da Itapirapuã e as aproximam da Mossâmedes, como formas de cerâmica, carimbos cilíndricos, rodela de fusos, "crivos", banho vermelho, unglados no lábio, que mostram um outro parentesco. Percebemos então que há vários níveis diferentes de relações, que ainda somos incapazes de entender.

Sítios com cerâmica parecida, combinando antiplástico de cariapé A e formas de tradição Uru e antiplástico e formas da Mossâmedes, também se encontram em Monte do Carmo, perto de Porto Nacional, no curso médio do Tocantins. Segundo o mapa de Nimuendaju, também nesta área viveriam grupos das línguas Jê centrais, os Akroá.

Na margem esquerda do rio Corumbá, indicado como limite dos Kayapó do Sul, temos um único sítio, com elementos Mossâmedes marcados, mas também com outros elementos da tradição Uru, mas diferentes daqueles conhecidos para cada uma das fases da tradição Uru anteriormente mencionadas (Itapirapuã, Jaupaci, Uru, Uruaçu). Etno-historicamente a quê corresponderia?

Todas as fases até aqui mencionadas tem os sítios afastados dos rios como se não usassem o rio como meio de transporte, comunicação ou abastecimento.

Fase Aruanã coincidindo com a extremidade meridional dos Karajá

Sobre o Araguaia e o baixo curso do rio Vermelho existe outra fase cerâmica (Aruanã), da tradição Uru, em território atribuído aos Karajá e onde os mesmos ainda hoje têm sobreviventes. Embora a cerâmica tenha semelhanças, nas formas, com a de outras fases da tradição Uru, ela usa antiplásticos parcialmente diferentes e tem formas e decorações diferentes. Material de uma aldeia Karajá de 50 anos atrás encaixa perfeitamente no topo da seriação. As

aldeias de pequenas casas alinhadas em uma ou talvez duas filas, encontram-se freqüentemente perto de lagos, de barragem ou outros, sugerindo que sejam canoieiros, como os atuais habitantes indígenas.

Fase Iporá, tradição Tupiguarani

Aleém da tradição Uru, "mandioqueira", com suas fases Itapirapuã, Jaupaci, Uru, Uruaçu e Aruanã, temos uma outra tradição, também de cultivadores de mandioca, facilmente distinguíveis dos anteriormente mencionados, na tradição cerâmica Tupiguarani, fase Iporá. Os produtores desta cerâmica, com grande probabilidade pertencem ao tronco lingüístico Tupi, ou Tupi-Guarani. Os sítios estão perto do rio, sugerindo que sejam canoieiros. É possível que os descendentes da fase tenham chegado até a conquista branca, porque ao menos uma das datas conseguidas para a fase está colocada no século XV. Couto de Magalhães (1946:95) relata a presença de Canoieiros (do tronco lingüístico Tupi), perto do rio Claro, onde se localizam os sítios da fase Iporá.

Fase Jataí, tradição Una

Já mencionamos anteriormente horticultores da fase Jataí, da bacia do rio Caiapó e da bacia do rio Verdinho, que também não são mandioqueiros, e por suas características gerais facilmente se distinguem dos demais grupos, em parte por terem uma cerâmica bem pequena e só ocuparem abrigos. Os sítios estão longe dos rios. Devem ter chegado até a conquista branca do território, mas não sabemos ainda em que grupos históricos terão desembocado.

Fase Itaberai, tradição Sapucaí

Também já falamos dos sítios da fase Itaberai, tradição Sapucaí, com elementos semelhantes aos da fase Mossâmedes, mas também com diferenças bastante marcadas no antiplástico, na decoração, nas formas. Os sítios estão longe dos rios. Como se trata de apenas dois sítios no limite nordeste da fase Mossâmedes não podemos fazer indicações sobre seu território e seus possíveis sobreviventes históricos.

Considerações metodológicas finais.

Com estas considerações finais tentamos aproximar nossas informações arqueológicas às históricas para fechar o círculo dos conhecimentos. Se algumas de nossas comparações apresentam probabilidades bastante grandes, como a identificação dos Kayapó do Sul com a fase Mossâmedes, da tradição Aratu; a fase Iporá, da tradição Tupiguarani, com algum grupo do tronco lingüístico Tupi; a identificação da fase Aruanã com um grupo de Karajá do Sul; as especulações sobre a coincidência de várias outras fases da tradição Uru com grupos dos Akwên-Xavante são ainda provisórias, mas com boas perspectivas.

Ao fazermos essas comparações de fases e tradições arqueológicas com grupos lingüísticos, temos que estar conscientes de que as unidades comparadas não são unívocas e podem levar a erros. As fases e tradições arqueológicas são muito mais artificiais e estatísticas do que as lingüísticas, baseadas em possibilidades observadas de comunicação inter-pessoal. Mas, em ao menos alguns casos, as unidades lingüísticas, limitando possibilidades de comunicação regular, também limitam os elementos tecnológicos ou culturais, fazendo que, ao menos em alguns aspectos, tenham limites comuns. Em nossas comparações parece que conseguimos ao menos alguns resultados, na comparação de grandes grupos lingüísticos com grandes grupos de tradições tecnológico-culturais (tradições cerâmicas).

Mas quando, depois de comparados os grandes grupos lingüísticos com os grandes grupos cerâmicos, tentamos refinar a comparação, aplicando-a a grupos lingüísticos menores e a fases cerâmicas, o resultado foi menos satisfatório. Também encontramos limites menos definidos, quando, ao lado do vasilhame cerâmico, examinamos as possibilidades de separar os mesmos grupos por outras características como forma de aldeia, tamanho das casas, presença ou ausência de carimbos cilíndricos, rodela de fusos, ou instrumentos de pedra. Talvez isso seja conseqüência de se tratar, em vários casos, de grupos da mesma grande família (Jê). Outros elementos podem ser comuns, mesmo entre grandes famílias (Jê, Tupiguarani, Karajá) porque são todos horticultores do mesmo estágio de desenvolvimento, instalados no mesmo ambiente e que se intercomunicam.

Há outro elemento que é preciso tomar em consideração: os índios históricos tomados para comparação já não constituem

sociedades e culturas intactas. As populações haviam sido dizimadas pela extração de mão-de-obra para engenhos da costa e pelos conflitos com os mineradores no ciclo do ouro. Parte dos seus territórios haviam sido ocupados por populações brancas, dificultando provavelmente a reprodução integral do seu modo de vida. Talvez já se tivessem começado a criar dependências da tecnologia do colonizador. Tudo isso poderia ter modificado, mais ou menos seriamente, a cultura encontrada e descrita pelos viajantes do século XVIII e XIX, que muitas vezes a observaram superficialmente.

A confirmação das sugestões e idéias, que aqui deixamos, e o esclarecimento das questões que ficaram abertas, depende da continuação do trabalho começado, que deverá prosseguir nos próximos anos; mas exigirá, mais do que isso, novas formas e abordagens, porque os problemas de agora são diferentes daqueles, que tínhamos ao começar o programa em 1972.

4. BIBLIOGRAFIA CITADA

ALBISETTI, C; VENTURELLI, A.J.

1962 — **Enciclopédia Bororo**. Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande, Publ. nº 1.

ALENCASTRE, J.P.M.

1854 - 1865 — Annaes da Provincia de Goyaz. **Rev.Inst. e Geogr. Brasil.**, Rio de Janeiro, t. XXVII e XXVIII.

ANDREATTA, M.D.

1977 — Projeto arqueológico Anhanguera — Estado de Goiás — Missão 1976. **Rev. Mus. Paulista**, USP, São Paulo, n.s. vol. XXIV: 115-129.

BARBOSA, A.S.; SCHMITZ, P.I., MIRANDA, A.F. de

1976/7 — Um sítio paleoíndio no Médio-Norte de Goiás. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 3 e 4:21-44.

BRASIL, A. do

1961 — **Súmula da história de Goiás**. Departamento Estadual de Cultura, Goiânia.

BROCHADO, J.P.

1977 — **A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. A mandioca na Floresta Tropical**. IFCH, Porto Alegre, cad. nº 2.

BROCHADO, J.P. **et al.**

1969 — Arqueologia Brasileira em 1968. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, nº 12.

CABRERA, A.L.

1973 — **Biogeografia de América Latina**. Secretaría General de la Organización de los Estados Americanos, Washington, D.C.

CALDERÓN, Valentín

1969 — A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da

- Bahia. PRONAPA 3 (1967-68). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém n° 13:161-172.
- 1971 — Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. PRONAPA 4 (1968-69). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n° 15:163-178.
- 1974 — Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul do Estado da Bahia. PRONAPA 5 (1969-70). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n° 26:141-156.
- CAMARGO, M.N.; BENNEMA, J.; SILVA, J.X. da
 1966 — Solos. In: **Atlas Nacional do Brasil**. IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, II-5.
- CHAIM, M.M.
 1974 — **Os aldeamentos indígenas na capitania de Goiás**. Ed. Oriente, Goiânia.
- CHMYZ, Igor (coordenador) *et al.*
 1975 — Nota prévia sobre a fase Cachoeira. In: **Curso de Aperfeiçoamento em Métodos e Técnicas Arqueológicas**. Museu Antropológico UFGO, Goiânia, pp. 27-62.
- COLBACHINI, P.A.; ALBISETTI, P.C.
 1942 — **Os Bororo orientais, Orarimogodogue do Planalto Oriental do Mato Grosso**. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- CORREA, C.; SIMÕES, M.F.
 1971 — Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará). A fase Areão do litoral de Marapanim. **Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n.s., Antropologia n° 48.
- DANTAS, M.E.R.; BOTELHO, C. de C.
 1966 — Geologia. In: **Atlas Nacional do Brasil**. IBGE. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, II-2.
- DIAS, O.F.
 1969a — Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA 2 (1966-67). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n° 10:119-134.
 1969b — Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA 3 (1967-68). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n° 13:143-160.
 1969c — Fase Mucuri (Estado do Rio de Janeiro). Algumas consi-

derações. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia n° 20:113-119.

1971 — Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. PRONAPA 4 (1968-69). **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém n° 15:133-148.

1976/7 — Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, n° 3 e 4:110-132.

DIAS, O.F.; CARVALHO, E.

1980 — A pré-história da Serra Fluminense e a utilização das grutas do Estado do Rio de Janeiro. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia n° 31:43-86.

DIVERSOS

1976 — Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Mus. Arq. e Artes Popul., Paranaguá, ano I, n° 1:119-148.

DUARTE, A.C.

1966 — Densidade de População. In: **Atlas nacional do Brasil**. IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, III-1.

EHRENREICH, P.

1891 — **Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens**. Königliche Museen zu Berlin, Verlag W. Spemann, Berlin.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXXVI, Rio de Janeiro, 1958.

FENSTERSEIFER, E.; SCHMITZ, P.I.

1975 — Fase Iporá, uma fase Tupiguarani no Sudoeste de Goiás. **Anuário de Divulgação Científica**, Gab. Arq. UCG, Goiânia, ano 2, n° 2:19-70.

FORD, J.

1962 — **Método para establecer cronologías culturales**. Manuales técnicos, Unión Panamericana, Washington, D.C.

GALVÃO, M.V.

1959 — Clima. In: **Atlas do Brasil**, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, pp. 90-91.

HILBERT, P.P.

1968 — **Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas. Beiträge zur Vorgeschichte des Südamerikanischen Tieflandes**. Dietrich Reimer Verlag in Berlin.

LAMING-EMPERAIRE, A.

- 1967 — **Guia para o estudo das indústrias líticas na América do Sul.** Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba.

LIMA, B. da C.

- 1976/7 — Frutos, mamíferos, répteis, peixes, aves e abelhas melíferas do centro-sul de Goiás. Uma tentativa de sistematização dos recursos de subsistência. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 3 e 4:131-166.

LIMA, D. de A.

- 1966 — Vegetação. In: **Atlas Nacional do Brasil.** IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, II-11.

LIPKIND, W.

- 1963 — The Carajá. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians.** Smithsonian Institution, Washington, D.C., vol. III: 179-191.

LOUKOTKA, C.

- 1968 — **Classifications of South American Languages.** Latin American Center, Univ. of California, UCLA, Los Angeles.

LOWIE, R.H.

- 1946a — Northwestern and Central Gê. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians.** Smithsonian Institution, Washington, D.C. I:477-518.
- 1946b — The Bororo. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians.** Smithsonian Institution, Washington, D.C. I:419-435.
- 1946c — The Southern Cayapó. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians.** Smithsonian Institution, Washington, D.C. I:519.
- 1946d — Eastern Brazil: an introduction. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians.** Smithsonian Institution, Washington, D.C. I:381-397.

MAGALHÃES, C. de

- 1946 — **Viagem ao Araguaia.** Companhia Editora Nacional, São Paulo.

MAGNANINI, R.L. da C.

- 1966 — Colonização. In: **Atlas Nacional do Brasil.** IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, III-6.

MASON, J.A.

- 1950 — The languages of South American Indians. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians**. Smithsonian Institution, Washington, D.C., vol. VI: 157-317.

MEGGERS, B.J.

- 1954 — Environmental limitation on the development of culture. **American Anthropologist**, Menasha, v.56, n° 5, parte 1:801-824.

- 1977 — **Amazônia, a ilusão de um paraíso**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

MEGGERS, B.J., EVANS, C.

- 1970 — **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Smithsonian Institution, Washington, D.C.

MELATTI, J.C.

- 1970 — **Índios do Brasil**. Coordenada-Editora de Brasília, Brasília.

MELO, E.L., de., BREDA, J.I.

- 1972 — **Carta Arqueológica. Divisão regional para cadastramento de sítios arqueológicos do estado de Goiás**. Museu Antropológico, UFGO, Goiânia.

METRAUX, A.

- 1948 — The Guarani. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians**. Smithsonian Institution, Washington, D.C. III:69-94.

MIRANDA, A.F. de

- 1980 — Notas sobre o habitat dos horticultores do Centro-Sul de Goiás. **Pesquisas**, São Leopoldo, n° 31:165-183.

NIMER, E.

- 1966 — Elementos do clima. Regime xerotérmico. In: **Atlas Nacional do Brasil**. IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, II-6, II-7.

- 1977 — Clima. In: **Geografia do Brasil. Região Centro-Oeste**. Fundação Inst. Bras. Geogr. Estatística — IBGE, Rio de Janeiro, pp. 35-58.

NIMUENDAJU, C.

- 1942 — **The Serente**. Frederick Webb Hodge Aniversary Publication Fund. Los Angeles, vol. IV.

- 1946 — The tribes of eastern Brazil. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians**. Smithsonian Institution,

Washington, D.C., I: mapa depois da página 382.

PEREIRA JUNIOR, J.A.

1957 — Contribuição para o estudo da arqueologia do extremo norte paulista. **Rev. Inst. Hist. Geogr. São Paulo**, 54:313-357.

PEROTA, C.

1969 — A ocorrência da cerâmica de "Tradição Una" no Espírito Santo. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia n° 20:90-92.

1971 — Dados parciais sobre a arqueologia norte-espírito-santense. PRONAPA 4 (1968-69). **Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, n° 15:149-160.

1974 — Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do Espírito Santo. PRONAPA 5 (1969-70). **Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, n° 26:127-140.

POHL, J.E.

1951 — **Viagem no interior do Brasil, compreendida nos anos de 1817 a 1821**. Instituto nacional do Livro, Min. Educ. e Saúde, Rio de Janeiro.

RAMOS, A.

1949 — **Antropologia do Planalto Central. Goiás, nova fronteira humana**. Conselho de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, D.

1970 — **Os índios e a civilização**. Ed. Civilização Brasileira, S.A. Rio de Janeiro.

SANT'ANNA, E.M.

1966 — Geologia. In: **Atlas Nacional do Brasil**. IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, II-2.

SANTOS, L.B. dos; INNOCENCIO, N.R.; GUIMARAES, M.R. da S.

1977 — Vegetação. In: **Geografia do Brasil. Região Centro-Oeste**. Fundação Inst. Bras. Geogr. e Estat. — IBGE, Rio de Janeiro, 59-84.

SAINT-HILAIRE, A. de

1937 — **Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goyaz**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, T. I e II.

SCHMITZ, P.I.

1976/7 — Arqueologia de Goiás: seqüência cultural e datações de

C-14. **Anuário de Divulgação Científica.** IGPA, UCG, Goiânia, nº 3 e 4:1-20.

- 1980a — A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás. **Pesquisas**, São Leopoldo, nº 31:185-225.
- 1980b — **A evolução da cultura no Centro e Nordeste Brasileiro entre 12.000 e 4.000 anos antes do Presente.** Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S.
1980 — **Projeto Médio-Tocantins. I. Etapa. Relatório Prévio.** MS.
- SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S., RIBEIRO, M.B. (Ed.)
1981a — Temas de Arqueologia Brasileira 1: Páleo-índio. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 5, anos 1978/79/80.
- 1981b — Temas de Arqueologia Brasileira 2: Arcaico do interior. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 6, anos 1978/79/80.
- 1981c — Temas de Arqueologia Brasileira 5: Os cultivadores do Planalto e do Litoral. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 9, anos 1978/79/80.
- SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S., WÜST, I. (Ed.)
1976 — **Arqueologia de Goiás em 1976. Resultados prévios do Programa Arqueológico de Goiás, apresentados ao II Seminário Goiano de Arqueologia.** UCG, Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS, Goiânia-São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S., WÜST, I., MOEHLECKE, S.
1980 — **Arqueologia do Centro e Sul de Goiás.** Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I., MOEHLECKE, S., BARBOSA, A.S.
1979 — Sítios de petroglifos nos projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia nº 30.
- SCHMITZ, P.I., WÜST, I., BARBOSA, A.S., BASILE BECKER, I.I.
1974 — Projeto Alto Tocantins, Goiás. Comunicação Prévia. **Anuário de Divulgação Científica.** Gab. Arq. UCG, Goiânia, ano I, nº 1:1-38.
- SHEPARD, A.O.
1961 — **Ceramics for the archeologist.** Carnegie Institution of Washington, D.C.

SIMÕES, M.F.

1972 — Índice das fases arqueológicas brasileiras: 1950-1971. **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, nº 18.

1981 — Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado. **Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, n.s. Antropologia nº 78.

SOUZA, L.A. da S. e

1874 — Memória sobre o descobrimento, governo, população e causas mais notáveis da Capitania de Goyaz. In: **Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil.**, Rio de Janeiro, t. XII, 2ª ed.

TAUNAY, A. de E.

1950 — **Os primeiros anos de Goiás**. Sep. História Geral dos Bandeirantes Paulistas, t. XI, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

WAGLEY, Ch.; GALVÃO, E.

1948 — The Tapirapé. In: J.H. Steward: **Handbook of South American Indians**, Smithsonian Institution, Washington, D.C. III:167-178.

WAIBEL, Leo

1948 — A vegetação e o uso da terra no Planalto Central. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 10 (3):335-341.

WÜST, I.

1975 — A cerâmica carajá de Aruanã. **Anuário de Divulgação Científica**, Gab. Arq. UCG, Goiânia, ano 2, nº 2:94-165.

WÜST, I., SCHMITZ, P.I.

1975 — Fase Jataí, estudo preliminar. **Anuário de Divulgação Científica**, Gab. Arq. UCG, Goiânia, ano 2, nº 2:71-95.

ÍNDICE

1. Objetivos, método, histórico da pesquisa. Ambiente. Ocupação da Área.	5
1.1. O Programa Arqueológico de Goiás e a história dos projetos de pesquisa	5
1.2. O ambiente	17
1.3. Ocupação da área pelo branco e a presença de grupos indígenas em tempos históricos	30
2. Tradições e fases arqueológicas	49
2.1. Tradição Aratu	49
2.1.1. Fase Mossâmedes	49
2.2. Tradição Sapucaí	
2.2.1. Fase Itaberaí	88
2.3. Tradição Uru	102
2.3.1. Fase Aruanã	103
2.3.2. Fase Itapirapuã	133
2.3.3. Fase Uru	158
2.3.4. Fase Jaupaci	190
2.3.5. Fase Uruaçu	216
3. Considerações Gerais	241
3.1. As formas da cerâmica e a alimentação	241
3.2. Síntese das tradições e fases: comparações	246
3.3. Reconstituição da história cultural	257
3.4. As fases arqueológicas e os grupos etno-históricos	266
4. Bibliografia citada	273

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia n° 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia n° 9, 17 pp.
10. **Os Munkü, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia n° 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia n° 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia n° 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia n° 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia n° 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia n° 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia n° 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968, Antropologia n° 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia n° 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig. 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardiño (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte** — Pedro Ignácio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia n° 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia n° 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1973, Antropologia n° 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia n° 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia n° 27, 84 páginas.
28. **História dos Münkü (Iránxe)** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. — Pesquisas 1975, Antropologia n° 28, 40 páginas.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul** — Ítala Irene Basile Becker — Pesquisas 1976, Antropologia n° 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás** — Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa — Pesquisas 1979, Antropologia n° 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia n° 31, 249 pp.

32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** — Pedro Ignacio Schmitz — Pesquisas 1981, Antropologia—
n° 32, pp.